BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0295, p 1/479

195

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

LIV.- 001
PAG.- 018
REG.- 577

TÍTULO DA PEÇA: * O CASO DOS PIRILAMPINHOS *

AUTOR DA PEÇA: * STELLA LEONARDOS *

DISTRIBUIÇÃO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Serviço Gráfico do DPF — 35

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,P.2

01
AH

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092. de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 · 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 15 de Agôsto de 1968

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S., para fins de CENSURA, ~~duas~~ três cópias da peça:

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS" de Stella Leonardos

próxima apresentação da Associação de Teatro Infantil Stella Leonardos no ~~Teatro~~ Auditório Col. Imaculado Coração de Maria

com estreia marcada para o dia 1º de Setembro de 1968

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração,

Djalma Bittencourt
Superintendente

D.P.F. - DELEGACIA REGIONAL - GB
CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 7383
DATA 15/08/1968
ASSINATURA

SOC. BRASILEIRA AUTORES TEATRAIS
SBAT
15 AGO 68
RIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245/1P.3

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 4

TEATRO PARA CRIANÇAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p.5

STELLA LEONARDOS

TEATRO PARA CRIANÇAS

2ª EDIÇÃO

EDITÔRA LETRAS E ARTES
1967

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0243, p.6

Desenho de capa
PAULO SOLON RIBEIRO

1967

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguêsa, total ou parcial, pela
EDITÔRA LETRAS E ARTES LTDA.
Rua do Livramento, 75 - Tel.: 43-4320 - Rio de Janeiro, GB,
que se reserva a propriedade sôbre esta edição.

IMPRESSO NOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
PRINTED IN THE UNITED STATES OF BRAZIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, P.2

ÍNDICE

O Caso dos Pirilampinhos 7

Prólogo 11
1.º Ato 15
Entreato 35
2.º Ato 39

O Consertador de Brinquedos 57

Prólogo 61
1.º Ato 66
2.º Ato 85

A Coelhinha Confeiteira 103

1.º Ato 107
2.º Ato 121

Carneirinho de Belém 137

Prólogo 141
1.º Ato 143
Entreato 158
2.º Ato 160

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 8

O CASO DOS PIRILAMPINHOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.9

O CASO DOS PIRILAMPINHOS

Premiado no Concurso Anual de Teatro Infantil da antiga Prefeitura do Distrito Federal, em 1957.

Feérie num Prólogo, 2 Atos e Entreato

PERSONAGENS:

Dr. Pirilampo
Pirilampinha
A Aurora
O Saci
A Quaresmeira
O Ipê
A Paineira
O Guarabu
A Iara
O Curupira
O Boitatá
O Sol
O Mormaço
A voz do Bem-te-vi

O personagem que faz o Sol poderá fazer o Mormaço.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.10

PRÓLOGO

(Cada pirilampo entra por um lado do palco, diante da cortina descida, na ponta dos pés, segurando uma lanterna verde. Olham para os lados, procurando alguma coisa. De repente tropeçam).

DR. PIRILAMPO

(Vestindo malha preta, colete verde. Às costas, um par de asas. À cabeça, uma cartola).

— Oh!

PIRILAMPINHA

(Vestindo malha preta, colete verde, saia de tarlatana preta. Às costas, um par de asas. À cabeça, um chapéuzinho prêto).

— Que susto!

DR. PIRILAMPO

(Tirando a cartola, galante)

— Ah, é você, Pirilampinha?

PIRILAMPINHA

— Boa-noite, Dr. Pirilampo.

DR. PIRILAMPO

(Encantado)

— Bom-dia!

PIRILAMPINHA

— Mas, professor, é Boa-noite. Boa-noite!

DR. PIRILAMPO

— Eu disse Bom-dia? Que distração! Foi um lapso de memória. Você é culpada, minha aluna. Sua beleza me enlouquece. De tôdas as pirilampinhas vôce é o "brôto" mais bonito!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 p.11

PIRILAMPINHA

(Envergonhada, balançando a lanterna)

— O senhor me encabula, Dr. Pirilampo. Como é que posso acreditar? O senhor, um sabe-tudo e eu uma cabeça-ôca?

DR. PIRILAMPO

— Mas você é uma gracinha! Inteligência, sapiência e pirilampiência tenho de sobra para nós dois. (Impetuoso) Diga que está louquinha por mim! Que você perdeu a cabeça.

PIRILAMPINHA

(Apalpando o pescoço)

— Ah, não posso! Perder a cabeça, não. Gosto muito da minha cabeça e não sou nada distraída.

DR. PIRILAMPO

(Triste)

— Então você não gosta de mim? Nem um bocadinho? De que vale minha pirilampiência?

PIRILAMPINHA

(Encabulada)

— Gosto, sim. Um bocadinho. O senhor não está contente?

DR. PIRILAMPO

(Desconsolado)

— Você me quer um bocadinho e eu queria que você me quizesse um bocadão.

PIRILAMPINHA

— De que tamanho?

DR. PIRILAMPO

(Pensativo)

— Do tamanho... de uma caixa de sapato. Daquela caixa de sapato furadinha onde o menino queria me guardar.

PIRILAMPINHA

(Assustada)

— Que menino? Onde está o menino? Não quero ficar prêsa numa caixa de sapato.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

DR. PIRILAMPO
(Aproveitando-se para abraçá-la)

— Sossegue, Pirilampinha. Despistei êle, lá no campo. *(Em tom declamatório).*

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?
Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA
(Intrigada)

— De quem são êstes versos que o senhor recitou?

DR. PIRILAMPO
(Doutoral)

— Ah, isto é o último capítulo da "História dos Pirilampos", um ensaio que ando escrevendo. Quero ser Professor Catedrático em Pirilampologia. *(Tossindo, afetado).* Mas como ia dizendo, há meninos bons, também. Ontem à noite uma meninazinha me viu passar e gritou: "Mamãe, olhe que vagalume lindo!"

PIRILAMPINHA

— *Vagalume?* Como, professor? O senhor não se chama *Pirilampo?*

DR. PIRILAMPO
(Doutoral)

— Bem, Pirilampo ou Vagalume é a mesma coisa. Uma das palavras vem do Grego e a outra do Latim. Tenho dito.

PIRILAMPINHA
(Ingênua)

— Pois eu pensei que me chamasse Pirilampinha por causa da minha lampinha verde, que minha mãe me deu.

DR. PIRILAMPO

— Ah, minha aluna, como sua ignorância é encantadora! *(Confidenciando.)* Pelo que vejo você não sabe nada do segrêdo de nossas luzes mágicas, nem de nossa misteriosa missão. Não sabe que foi por causa da Iara, que nos deu ordem de irmos procurar o raio de sol: um raio de sol que era dela e foi perdido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 13

PIRILAMPINHA
(Deslumbrada)

— Professor! O senhor como é sabido! Que cultura pirilampeante!

DR. PIRILAMPO
(Satisfeito)

— Vamos passear pelo campo? *(Repetindo com ênfase).* Já viram como à noite os pirilampos...

PIRILAMPINHA
(Impaciente)

— Já sei. *(Apressadamente, como se soubesse de cor).*

Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?

DR. PIRILAMPO
(Enfático)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA

— Acho que não vou passear com o senhor, não. O campo é comprido: vou ficar cansadissíssima.

DR. PIRILAMPO

— Mas se eu contar uma história o tempo passará depressissíssimo.

PIRILAMPINHA
(Tentada)

— Está bem: mas só se o senhor contar o caso dos pirilampinhos. Por que foi que a Iara mandou os pirilampos buscarem o raio de sol? Que raio de sol é êsse?

DR. PIRILAMPO
(Terno)

— Escute, meu bem. *(Piscando o ôlho para o público).* Será a aula mais pirilampesca de minha vida! *(Puxa Pirilampinha pela mão).* Foi há muito, muito tempo. Um dia...
(Vão se afastando para um lado e a cortina se abre sôbre o 1.º ATO).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 14

1.º ATO

Clareira na floresta. Em primeiro plano, as árvores (Moços e môças com malhas inteiriças castanhas e cabelcira cheias de flôres coloridas). O ipê ao lado da quaresmeira e o guapuru ao lado da paineira. Ao fundo, surge lépida, quase dansando, uma adolescente de túnica leve e rosa, passando uma brocha dourada numa nuvem.

O SACI

(Vestindo malha escura, barrete vermelho. À bôca, um cachimbo)

— Olá, Aurora! Por que você se apressa tanto?

A AURORA

(Interrompendo-se)

— Sonhei demais e levantei tarde. Agora preciso colorir esta nuvenzinha antes do sol chegar. Meu pincel de luz está meio gasto.

O SACI

— Eu, se fôsse você, entornava o resto de tinta em vez de ficar puxando o pincel, de cima para baixo, de baixo para cima.

A AURORA

(Satisfeita)

— Que boa idéia! Fica até mais bonito. Umas nuvens manchadas de côr de rosa, outras de alaranjado, outras de amarelo. Você é um artista, Saci! Amanhã vou fazer como você disse. Hoje não posso porque o Bem-te-vi anda nos espiando. Êle conta tôdas as travessuras que vê. Começa cantando assim:

Ri! ri! ri!
Bem-te-vi!
Bem-te-vi!

Depois conta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 P 15

O SACI

— Pois eu também sei cantar. Quer ver? *(Gaiato)*

Perepepê!
Poropopó!
Saci Pererê
De uma perna só!

A AURORA
(Espantada)

— Você não tem duas pernas?

O SACI

— Lógico!

A AURORA

— Então por que grita que tem uma perna só?

O SACI

— Porque dizem que só tenho uma, por aí. E não quero ser mal educado com todo mundo. Deixe os bobos pensarem que tenho uma só, mesmo. É mais engraçado. *(Rindo)*. Olhe como me visto: meto os dois pés juntos numa calça com *uma* perna em vez de duas. E saio pulando. É meu truque.

A AURORA
(Rindo)

— Saci, Saci! É muito feio zombar dos outros.

O SACI
(Gaiato)

Perepepê!
Poropopó!
Não tenha dó,
Seu Pererê!

(Sério). O Bem-te-vi também canta e zomba.

A AURORA

— Mas o Bem-te-vi é o vigia da mata. Êsse é o emprêgo dêle. Ver tudo, contar tudo. *(Misteriosa)* Ah! se você soubesse o que êle me contou!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0745,v.16

O SACI

— Que foi? Que foi?

A AURORA

— Que viu a Iara, imagine? E que a Iara vinha para cá!

O SACI

— Duvido! Aquela Iara bonita, de cabeleira verde côr de limo? *(A Aurora afirma de cabeça)* A rainha das águas cantantes? Não pode ser. A Iara mora no fundo do rio. Ela só sai d'água uma vez por ano. Senta numa pedra coberta de musgo e fica se penteando com seu pente mágico *(Confidenciando)*. É o pente mágico que faz ela bonita, sabe? Se não fôsse o pente ficaria feia, feia.

A AURORA

— Naturalmente! Onde se viu uma môça bonita de cabelo emaranhado? *(Olhando para a esquerda)* Psiu! Aí vem ela! Repare: até as árvores acordam e se mexem, encantadas. Vamos nos esconder. *(As árvores começam a se espreguiçar, abrem os olhos, deslumbradas, e estendem os braços em direção à Iara. Escuta-se, acompanhado por música de arpejos, o recitativo da Iara que vem chegando, um espêlho de prata e um pente cintilante na mão).*

A IARA

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

AS ÁRVORES

(Correndo, dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Viva o riso de alegria.
Rainha da floresta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p-17

A IARA

(Afastando-as com um sorriso)

— Obrigada, árvores minhas súditas. Podeis voltar a vossos lugares. *(Enquanto as árvores obedecem, a Iara senta-se numa grande pedra esverdeada, e começa a pentear-se, olhando-se no espêlho... Preguiçosamente).*

O SACI

(À Aurora)

— Por que as árvores estão contentes?

A AURORA

— Porque hoje é o dia do noivado da Iara. Vão chegar os pretendentes, cada qual com um presente mais bonito. O que souber agradar casará com ela.

O SACI

— Pois então vou pedir a mão da Iara em casamento antes que os outros cheguem. Nem preciso de presente, você vai ver! *(Sai do esconderijo, pulando, e dirige-se à iara).* Majestade!

A IARA

(Distraída)

— Sim?...

O SACI

(Estufando o peito)

Perepepê!
Poropopó!
Sou o Pererê
Da perna só!

(Curvando-se exagerado) Quereis casar comigo, Majestade?

A IARA

(Enfadada)

— Eu já conheço sua cantiga, Saci Pererê. É só isto que você sabe cantar?

O SACI

— Não. Sei esta, também: *(Ameaçador)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 p. 18

Poropopó!
Perepepê!
Não tenho dó:
Sou o Pererê!

Que tal? Gostais?

A IARA
(*Impressionada*)

— Mas você não tem dó mesmo, Saci? Não tem pena de ninguém? Você só quer viver por aí fazendo travessura e zombando dos outros?

O SACI
(*Fátuo*)

Só, só, só, só.
Não tenho dó.
Não tenho dó.

A IARA
(*Desgostosa*)

— Você é prosa demais para ser meu noivo. Sinto muito, Saci, mas não posso casar com você.

O SACI
(*Zangado*)

— Ah, é assim! não é, Majestade? Não quereis casar comigo? Vossa Majestade vai se arrepender! Hei-de fazer uma travessura e de pregar uma boa peça!

(*Afasta-se pulando e a Iara dá de ombros e recomeça a penter-se. As árvores abafam risinhos com as mãos*).

A AURORA
(*Ao Saci*)

— Saci, Saci, tenha juízo, Saci!

O SACI
(*Amolado*)

Ora, ora,
Mana Aurora!
Guarde só:
Vou-me embora.
Mas sem dó.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 19

A AURORA

(Detendo-o pelo braço)

— Não vai já, não. Espere que estão chegando dois pretendentes à mão da Iara.

O SACI

(Interessado)

— Ah! é? Vou ficar espiando. Já que a Iara não quis casar comigo tomara que dê o fora nêles! *(Espiando)* Onde estão os pretendentes? Quem são os pretendentes?

A AURORA

— Calma, calma. Um é o Curupira verde, de cabelo encarnado, o Curupira que toma conta das árvores. O outro, deixe ver... Ah! O outro é o Boitatá côr de fogo, que dá susto nos bobos e medrosos. *(Enquanto a Aurora e o Saci espreitam, entram Curupira e Boitatá, de braços dados. O Curupira vestindo malha inteiriça verde, tanga de fôlhas, cabeleira encarnada. O Boitatá vestindo malha inteiriça alaranjada, cabeleira azul, cobra verde enrolada no torso).*

CURUPIRA e BOITATÁ

(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Casar por bem ou mal.

O CURUPIRA

(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal!

CURUPIRA e BOITATÁ

(Curvando-se diante da Iara)

— Majestade!

A IARA

(Distraída)

— Sim?...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0345 IP 20

O CURUPIRA

— Quereis casar comigo?

O BOITATÁ

— Quereis casar comigo?

A IARA

(Aos dois)

— Que me trazeis de presente?

O CURUPIRA

(Adiantando-se)

Um favo de mel
Roubado da abelha.

O BOITATÁ

(Adiantando-se)

A cobra coral
Pretinha e vermelha.

A IARA

(Desgostosa)

— Sinto muito, meus senhores: não posso me casar com nenhum dos dois. (*Ao Curupira*) Estou farta de mel. Há mel demais em minha voz. De mais a mais, Seu Curupira, o senhor que toma conta das árvores, não devia ter roubado a pobre abelha. Isto não se faz. (*Ao Boitatá*) E o senhor, Seu Boitatá, teve muito mau gôsto. Que idéia dar cobras de presente!

O CURUPIRA

(Zangado, ao Boitatá)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de roubar o favo de mel!

O BOITATÁ

(Zangado, ao Curupira)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente a cobra coral. *(Engalfinham-se. A Iara leva as mãos aos olhos e as árvores levam as mãos às bôcas).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 21

A AURORA

— Corre, Saci! Vai apartar a briga!

O SACI
(Chegando-se aos que brigam)

Poropopó
Perepepê!
Me escutem só!

(*Tocando no ombro do Curupira*) Você! (*Tocando no ombro do Boitatá*) Você!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Juntos)

(Interrompendo a briga e avançando para o Saci)

Que perepepê
Que poropopó:
Não se meta, Pererê!
Tome, tome, tome só!

Nós vamos, vamos, vamos
Lutar por bem ou mal.

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ
(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal!
(Avançam para o Saci, de novo).

O SACI
(Pulando e fugindo)

Ui, ui, ui, ui!
Que bôbo fui!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Rindo)

Oi, oi, oi, oi!
Que bôbo foi!

(Atracam-se de novo).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 22

A IARA
(Gemendo)

Ai! ai! ai! Deixai de briga
Que quero ser vossa amiga!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Parando, incontinenti)

— Vamos fazer as pazes? Vamos fazer as pazes?

A AURORA
(Do esconderijo)

Façam logo, meus rapazes!

O CURUPIRA
(À Iara)

— Me dai um beijinho, então! *(Estica o rosto e fecha os olhos)*

O BOITATÁ
(À Iara)

— Me dai um beijinho, então! *(Estica o rosto e fecha os olhos)*
(A Iara beija os dois, na testa)

A IARA
(Brejeira)

— Dou beijinhos. A mão, não.

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Bem-te-vi!
Bem-te-vi!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Dando-se os braços)

Vamos, vamos, vamos, vamos.
Antes por bem que por mal.

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

Eu sou o Príncipe dos Ramos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.23

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

Eu sou o Rei do Pantanal!

(Somem nos bastidores. A Iara recomeça a pentear-se).

A AURORA

(Pegando o balde e a brocha)

— Também tenho de ir.

O SACI

— Que pena!

A AURORA

— Meu tempo aqui se acabou, Saci. Já pintei a última nuvem que precisava ser pintada. Sinto o calor do sol. Sempre que o sol pisa o mundo a Aurora parte. Até à vista! *(Sai, apressada)*

O SACI

(Acenando)

— Até à vista! *(Põe as mãos nos olhos, como se estivesse ofuscado e fixa a platéia)* A Aurora tem razão. Lá vem o Sol! Todo dourado, com seu arco e suas flechas de ouro! *(O Sol, vestido como um arqueiro de túnica curta de lamê e cabeleira de ouro reluzindo, entra pelo centro da platéia com uma luz focando-o).*

O SOL

(Dirigindo-se ao palco)

Que cante o rouxinol
Outro dia de festa!
Que se alegre a floresta
À chegada do Sol!

A IARA

(Avistando-o e levando a mão ao coração)

Minhalma é um girassol
Que à luz do sol se cresta!
Meu sonho, um rouxinol
Cantando na floresta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p24

O Sol

(Subindo ao palco e dirigindo-se à Iara)

Que cante o rouxinol
Outro dia de festa!
Que se alegre a floresta
À chegada do Sol!

O Saci

(Despeitado, do esconderijo)

Isto parece namôro.
Pudera: êle tem tanto ouro!...

O Sol

(À Iara)

Quem sois vós, princesa clara,
Cabelos côr de esperança?

A Iara

Sou rainha d'água mansa.

O Sol

Já sei: vosso nome é Iara. *(Ajoelha-se e beija-lhe a mão)* Quereis casar comigo?

A Iara

(Alegre)

— Com muito prazer, amigo!

O Sol

(Tirando do bôlso um anel e enfiando-o no dedo da Iara)
— Eis um raio de sol como anel de noivado!

As Árvores

(Correndo, dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara e do Sol)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Há um noivado de poesia!
Há um noivado na floresta!

(O Curupira e o Boitatá reaparecem, um com uma coroa de fôlhas, outro com um lírio)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.25

CURUPIRA e BOITATÁ

(Juntos)

Vamos, vamos, vamos, vamos.
Não aplaudir fica mal.

O CURUPIRA

(Oferecendo o que traz)

Uma coroa de ramos!

O BOITATÁ

(Oferecendo o que traz)

Um lírio do pantanal!

(Os dois entram na roda, de mãos dadas com as árvores e cirandam, cantando. O Sol e a Iara, ao centro, se olham, embevecidos, êle segurando com a mão livre a coroa de ramos; ela, o lírio)

TODOS

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Há um noivado de poesia!
Há um noivado na floresta!

O SOL

(Risonho)

— Obrigado, amigas árvores! Obrigado, amigo Curupira! Obrigado, amigo Boitatá! Só o Saci não veio nos felicitar. *(Chamando)* Saci! Onde é que você está escondido?

AS ÁRVORES

(Juntas, cada qual numa direção)

— Saciiiii!?...

CURUPIRA e BOITATÁ

(Afastando-se, um à direita e outro à esquerda)

— Saciiiii!?...

O SOL

(Examinando a platéia)

— Saciii!... Algum de vocês pode me informar onde se escondeu o Saci? *(Fingindo que ouviu informação)* Obrigado, amigo! *(Ao Saci)* Ouça, Saci Pererê! Se você não quer sair daí já, já, atiro uma flecha de luz!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 06

O SACI

(Cômico, saindo do esconderijo)

Oh! oh! oh! oh!
Eh! eh! eh! eh!
Tem dó, dó, dó
Do Pererê!

A IARA

(Intervindo, benevolente)

— Não se assuste, Saci. Meu noivo falou de brincadeira. Flecha de sol não fere ninguém.

O SACI

(Piscando o ôlho para o público)

— Mas arde. E hoje, então, que seu noivo está ardente... *(A Iara sorri, suspira e senta na pedra contemplando o anel, embevecida)*

O SOL

(Intrigado, ao Saci)

— Diga-me uma coisa: por que você estava escondido em vez de vir me dar os parabéns pelo meu noivado? Com certeza anda inventando uma travessura qualquer.

O SACI

(Fingindo-se inocente)

— Eu, Rei Sol? Eu, Majestade? Eu não pensava em travessura, não. *(Ao público)* Êle me paga! A Iara não quis casar comigo e ficou noiva dêle. *(Ao Sol)* Me escondi naquêle canto porque a luz de Vossa Majestade é tão forte que cega e queima a gente. Imagine eu, que nem gente sou! *(Humilde)*

Perepepê
Poropopó:
Sou o Pererê
Da perna só.

O SOL

— Ah, é mesmo! Você não é gente: é um gênio da floresta. Um gênio travêsso: por isso não gosta da minha luz. Chego clareando logo as suas idéias! *(Olhando a Iara, encantado)* Mas que eu sou brilhante sou, não é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.27

AS ÁRVORES
(Em côro)

— Éééééé!...

O SOL

— Rei tão nobre e brilhante feito eu não existe neste mundo. Veja como a Iara se apaixonou por mim! *(Apruma-se, orgulhoso)* Foi muito curto o namôro.

O SACI
(Despeitado, ao público)

— Pudera! Êle tem tanto ouro!

O SOL
(Virando-se, ao Saci)

— Que foi que você disse?

O SACI
(Assustado)

— Nada, Majestade!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Bem que ouvi!
Bem que ouvi!

O SOL
(Desconfiado)

— Que foi que o Bem-te-vi ouviu?

O SACI
(Assustado)

— Ora! Que podia ser, Majestade? Que eu e todas as árvores da floresta andamos dizendo: como o Sol é brilhante! Rei tão nobre e tão brilhante não existe neste mundo!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Seu Saci:
Não foi isto
O que ouvi!

(As árvores começam a rir)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.28

O SOL

(Ao Saci)

— Acho que você não está dizendo a verdade. O Bem-te-vi disse que êle ouviu outra coisa. Que foi?

O SACI

(Atrapalhado)

— Neste caso deve ter sido a voz da Iara quando saiu do fundo d'água. Ah, que voz doce, Majestade!

O SOL

(Encantado)

— Fala, minha noiva. Como é tua fala quando sais do fundo d'água? *(A Iara levanta-se, ajudada pelo Sol. Ouve-se a mesma música de arpejos e a voz da Iara recitando)*

A IARA

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

O SOL

Tens cabeleira côr de esperança,
Dás esperança a quem te depara!

A IARA

Sou a rainha das águas mansas.

O SOL

Teu reino é de água cantante e clara.

O SACI

(Saliente)

— Vossa Majestade, ó sol, conhece o reino de sua noiva?

O SOL

— Um pouco. Tenho passeado por cima da correnteza, dormido entre as pedras da beira do rio e atirado algumas flechas douradas nos lugares fundos para ver os peixinhos dançarem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 29

O SACI
(Fingindo-se indignado)

— Vossa Majestade tem coragem de matar os peixinhos?

O SOL
(Protestando)

— Mas eu não mato. Flecha de sol não mata ninguém.

A IARA
(Ao Sol)

— Ah, meu noivo, como você é bom! É você que ajuda a crescer as plantas, desabrochar as flôres e a amadurecer os frutos. É você que traz alegria ao céu e à terra. *(O Sol inclina-se, agradecido e sorridente)*

O SACI
(Ao público)

— Mas só eu é que sei o segrêdo da beleza da Iara. Só eu é que sei que sem o pente mágico a Iara perde a beleza. Vou dar um susto nela. *(Ao Sol)* Já que Vossa Majestade conhece tão bem o reino da Iara pode me responder qual é o mistério que a Iara tem?

O SOL

— Um reino fascinante!

O SACI

— Não, não é.

O SOL

— Uma vida fascinante!

O SACI

— Não, não é.

O SOL

— Uma voz fascinante!

O SACI

— Não, não é.

O SOL

— Uma beleza fascinante!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, P.30

O SACI

— Está esquentando, está esquentando. Mas ainda não é.

A IARA
(A Saci)

— Não diga, Saci, não diga!

O SACI
(À Iara)

— Pois então me entregue o pente!

A IARA
(Aflita)

— Você me devolve o pente, depois?

O SACI

— Dou minha palavra de Saci! *(Ao público)* Vocês já viram Saci ter palavra?

Perepepê
Poropopó?
O Pererê
Da perna só?

A IARA
(Lutando)

— Se você diz que me devolve...

AS ÁRVORES
(Aflitas, agitando os braços)

— Não entregue o pente! Não entregue o pente! Vossa Majestade não vê que o Saci está com raiva? Quer se vingar porque Vossa Majestade não quis casar com êle?

A IARA
(Às árvores)

— Tenho de entregar o pente, senão o Saci conta a meu noivo o segrêdo de minha beleza e como sou mulher sou vaidosa: não quero que o Sol descubra que devo meu feitiço ao pente, que minha beleza não é tão natural.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p-31

AS ÁRVORES

(Zangadas)

— Saci malvado! Você não tem dó de ninguém?

O SACI

(Escondendo o pente da Iara no bôlso)

Poropopó!
Perepepê!
Não tenha dó,
Seu Pererê!

O SOL

(Que estava completamente absorto, pensando na resposta)
— Então: qual é o mistério que a Iara tem?

O SACI

(Bajulador)

— Uma graça fascinante, Majestade!

O SOL

(Satisfeito)

— É certo. Antes de tudo minha noiva tem uma graça fascinante. E a graça na mulher é um mistério maravilhoso.

O SACI

(Ao público)

— Posso ser mentiroso mas que a Iara é a graça em pessoa é, não acham?

AS ÁRVORES

— Éééééé!... Mesmo sem pente a Iara é graciosa.

O SOL

(Oferecendo o braço à Iara)

— Vem, minha noiva! Vamos dar um passeio pela floresta encantada. De hoje em diante o mundo inteiro há-de chamar a Iara não sòmente Vossa Alteza mas Vossa Graça porque a graça da Iara é real. Viva Vossa Graça!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,p.32

AS ÁRVORES
(Aplaudindo)

— Vivaaa!... Viva Vossa Graça Reaaaal!...

A IARA
(Nervosa, ao Saci)

— Saci, meu amigo Saci!

O SACI
(Irônico)

— Amigo, hein, Majestade? Não posso ser seu amigo. Como é que posso ser seu amigo se tenho paixão por Vossa Majestade, e Vossa Majestade, senhora, me desprezou?

A IARA
(Altiva)

— Se você não tem coração tenha ao menos palavra! Vou dar um passeio. Na volta exijo meu pente mágico! Combinado?

O SACI
(Curvando-se, amável)

— Pois não! *(Ao público)* Pois sim! Devolvo coisa nenhuma!

O SOL
(Ao Saci)

— Como é?!... Que foi que você resmungou, Saci?

O SACI
(Assustado)

— Eu? Que foi que resmunguei? Bem, eu... Ah! Foi: até breve!

O SOL
(De braço com a Iara)

— Até breve!

O SACI
(Danado, por entre dentes)

— Até nunca!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.33

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Bem que ouvi!
Bem que ouvi!

(As árvores acenam, risonhas, aos noivos que se afastam. O Sol e a Iara vão sumindo)

O SACI

(Interpelando a platéia, sarcástico)

— Vocês pensam que vou devolver o pente da Iara? *(Fingindo que ouve qualquer coisa)* Que sim? Hum! Veremos!

(Sai e o cenário escurece)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

ENTREATO

(Entram os dois pirilampos, apressados, de um lado do palco, à frente da cortina aberta e do cenário escurecido)

DR. PIRILAMPO
(Nervoso)

— Ai, que aflição! Que aflição enormessíssima!

PIRILAMPINHA
(Nervosa)

— Que foi, Dr. Pirilampo? Que foi que aconteceu?

DR. PIRILAMPO
(Tateante)

— Caiu pólen dourado nos meus olhos. Não enxergo um milímetro adiante do nariz. Me ajude, minha aluna! Você não tem um lencinho de pétala de lírio que me empreste?

PIRILAMPINHA
(Solícita)

— Tenho, sim. *(Põe a lanterna no chão e tira um lenço da bolsa)* Abra os olhos, Dr. Pirilampo, que vou tirar os ciscos já! *(Fica na ponta dos pés e tenta)* Não se mexa! Não se mexa! Assim! Pronto?...

DR. PIRILAMPO
(Gemendo)

— Não, Pirilampinha. Continuo cego. Como é que se tira cisco da vista? Meu "Dicionário Pirilampoesco" não ensina.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 35

PIRILAMPINHA

(Pedante)

— Pois olhe, nunca abri nenhum dicionário mas vou lhe ensinar. O senhor esfrega primeiro o ôlho esquerdo bem devagarinho, depois o ôlho direito, e vai dizendo:

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

DR. PIRILAMPO

(Esfregando um ôlho)

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

OS PIRILAMPOS

(Juntos)

(Dr. Pirilampo esfregando o outro ôlho

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

PIRILAMPINHA

— Saíram os ciscos?

DR. PIRILAMPO

— Continuo cego.

PIRILAMPINHA

(Espantada)

— Os ciscos não saíram?

DR. PIRILAMPO

— Saíram, sim. Muitissíssimo obrigado, Pirilampinha. Dos olhos fiquei bom. O que me cega é meu amor por você. Um amor cego!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p. 36

PIRILAMPINHA

— Mas que bobagem, professor! Se seu amor é cego como é que me pode ver? E logo eu que adoro que me vejam bem e me achem elegante! *(Brejeira)* Sabe o que me disse o Zé Besouro na outra noite?

Pirilampa, lampa, lampa.
Pirilampinha dengosa,
Nem na serra nem no pampa
Vi nenhuma tão graciosa!

DR. PIRILAMPO
(Enciumado)

— Quem foi que disse isto? Aquêle besourão barrigudo que nunca conseguiu ler a cartilha nem decorar a tabuada?

PIRILAMPINHA
(Despeitada)

— Êle pode ser barrigudo, êle pode ler mal e se atrapalhar nas contas. Mas que é poeta é. Tôda mulher gosta de versos. O senhor, Dr. Pirilampo, com tôda sua pirilampiência e sua ciência pirilampológica nunca me fêz um verso de pé quebrado.

DR. PIRILAMPO
(Indignado)

— Naturalmente! Os versos que faço são sempre de pés perfeitos, perfeitissíssimos! Escute só: *(Amoroso)*

Pirilampa, flor do campo,
Pirilampinha faceira!
Meu amor de pirilampo
Será teu a vida inteira!

PIRILAMPINHA
(Batendo palmas)

— Ah, que poesia mais linda!

DR. PIRILAMPO
(Prosa)

— Você não viu nada, ainda! *(Recitando)*

Estrêla verde do campo!
Pirilampinha bonita!
Meu amor de pirilampo
Reluz com luz infinita!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

PIRILAMPINHA

— Que maravilha, professor! Como é mesmo? *(Tentando lembrar)* Estrêla verde do campo... *(Interrompendo-se)* Por falar em campo me lembrei dos outros versos:

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam-piscam nos vales e nos campos,
Feito olhos verdes numa noite escura?

DR. PIRILAMPO
(Terminando)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA
(Intrigada, ao público)

— É preciso descobrir êste mistério. Descobrir de uma vez. Não entendo. *(Ao pirilampo)* Por que o senhor interrompeu a história de repente? Que é que nós, pirilampos, temos de ver com isto? Ainda não vi nenhum pirilampo entrar na história.

DR. PIRILAMPO

— Você vai ver. Nem eu nem você, é claro, mas nossos... deixe ver: nem bi, nem tri, nem tetravós. Mais, mais velhos: os primeiros pirilampos do mundo. Os avós pirilampos que nos deixaram estas lanterninhas de presente.

PIRILAMPINHA

— Conte, conte, professor! O Saci devolveu o pente da Iara, afinal?

DR. PIRILAMPO
(Entregando-lhe a lanterna que estava no chão)

— Bem, o Saci... *(Dando o braço à Pirilampinha)* Vamos continuar nosso passeio. Preste atenção, Pirilampinha. *(Para o público)* E vocês prestem também que as peripécias continuam. *(À Pirilampinha)* Pois é, minha aluna. O Sol e a Iara se afastaram e o Saci guardou o pente mágico mas...

(Afastam-se até sumirem de um lado e a cena continua, incontinenti, com o 2.º ATO).

BR BFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

2.º ATO

(As árvores se espreguiçam e bocejam na penumbra)

A AURORA
(Entrando com o balde e a brocha)

— Boa-madrugada, árvores!

AS ÁRVORES

— Boa-madrugada, Aurora!
(A Aurora faz que sacode o pincel e luzes rosadas claream o cenário)

A AURORA
(Às árvores)

— Quais são as novidades da floresta? *(As árvores sacodem as cabeças, desanimadas)* Mas como vocês estão tristes!

A QUARESMEIRA
(Suspirando)

— De uma tristeza mais roxa que o roxo das minhas flôres.

A AURORA

— Por quê? A Iara e o Sol não ficaram noivos? Não foi um noivado feliz?

A PAINEIRA

— Foi: mais feliz e côr de rosa que o rosa côr das minhas flôres.

A AURORA

— Então deixem-se de tristeza! O Sol não deu um anel à noiva?

O IPÊ

— Deu. Deu um anel de ouro puro, mais puro que a côr de ouro das minhas flôres.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0745, p.39

A AURORA

— Mas então não compreendo! O amor dos noivos um pelo outro acabou?

O GUARABU

— Ao contrário. O amor dêles continua vivo. Mais vivo e vermelho que o vermelho vivo das minhas flôres.

A AURORA

— Quem é que está atrapalhando o noivado, árvores?

AS ÁRVORES
(Juntas)

— O Saci.

A AURORA

— Que foi que o Saci fêz?

AS ÁRVORES
(Juntas)

— Está com o pente da noiva, o pente mágico.

A AURORA
(Surpresa)

— Não digam! Coitada da Iara! Nunca pensei que o Saci pudesse ser tão mau. Que brincadeira de mau gôsto! *(Procurando)* Saciiii?!... Saciii?!

O SACI
(Aparecendo, prosa)

Perepepê
Poropopó!
Sou o Pererê
Sem dó, sem dó!

A AURORA
(Severa)

— Sua cantiga não tem a menor graça.

AS ÁRVORES
(Juntas)

— A menor graça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, nº 40

O SACI

(Fazendo uma careta e tapando os ouvidos)

— A propósito de graça: onde anda Sua Graça Real, a Iara?

A AURORA

(Aborrecida)

— Deixe a Iara em paz. A Iara não pode perder tempo com um palhaço feito você. Devolva-lhe logo o pente e desista de fazer a côrte, seu bôbo!

O SACI

(Ao público)

— Vocês me acham com ar de palhaço? *(Como que ouvindo a resposta)* Quê? Ah! Com ar de bôbo da côrte? *(Zangado)* Pois bem, até os palhaços e os bôbos da côrte se apaixonam. *(Escusando-se, dolorosamente)* Que culpa tenho de me haver apaixonado por uma rainha?

A AURORA

— E que culpa tem a Iara de ter paixão por um rei? o Rei Sol! Devolva o pente, Saci!

AS ÁRVORES

(Juntas)

— Devolva!

O SACI

(Ao público)

— Vocês acham que devo devolver? *(Fingindo que ouve conselho)* Depende, depende. Talvez eu devolva se ela me pedir e...

A AURORA

(Puxando o Saci)

— Psiu! Lá vem a Iara!

(O Saci e a Iara se escondem. Escuta-se a música de arpejos e a Iara entra)

A IARA

(Triste)

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

AS ÁRVORES
(Juntas)

— Boa-madrugada, Rainha. Boa-madrugada, Vossa Graça!

A IARA

— Boa? Quem me dera! Minha madrugada de hoje é triste. *(Levando a mão ao peito)* Se ao menos eu tivesse um amigo, alguém que convencesse o Saci a me devolver o pente mágico... *(O Curupira e o Boitatá surgem, de braços dados)*

CURUPIRA e BOITATÁ
(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Tentar por bem ou mal.

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ
(Batendo no peito)

O Rei do pantanal! *(Confabulam)*

O CURUPIRA
(Curvando-se ante a Iara)

— Majestade!

O BOITATÁ
(Curvando-se ante a Iara)

— Majestade!

A IARA
(Animando-se)

— Sim?

O CURUPIRA

— Vou convencer o Saci a devolver o pente.

O BOITATÁ

— Vou convencer o Saci a devolver o pente.

A IARA

— Obrigada, amigo Curupira. Obrigada, amigo Boitatá.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

O BOITATÁ
(Procurando)

— Onde se meteu o Saci?
(Bota as mãos nos olhos e encara a platéia)

O CURUPIRA
(Procurando)

— Onde se meteu o Saci?
(Bota as mãos nos olhos e encara a platéia)

O SACI
(Aparecendo, gaiato)

Perepepê
Poropopó!
Sou o Pererê
Da perna só!

O CURUPIRA
(Enérgico)

— Devolva o pente!

O BOITATÁ
(Enérgico)

— Devolva o pente!

O SACI
(Zombeteiro)

— Se eu devolver que é que vocês me dão em troca?

O CURUPIRA
(Adiantando-se e oferecendo)

Um favo de mel
Roubado da abelha.

O BOITATÁ
(Adiantando-se e oferecendo)

A cobra coral
Pretinha e vermelha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE-0245, p. 43

O SACI

(Chupando o favo, gulosamente, e enrolando a cobra no pulso) — Hum! Êste mel não presta! E esta cobra não serve nem para pulseira de relógio. *(Ao público)* Êste tal de Curupira, e êste tal de Boitatá são dois bocós. O mel está muito gostoso e a cobra coral é uma jóia linda. *(Ao Curupira e ao Boitatá)* Sinto muito, meus senhores. Não posso fazer nenhum negócio com nenhum dos dois.

O CURUPIRA
(Zangado, ao Boitatá)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente o favo de mel!

O BOITATÁ
(Zangado, ao Curupira)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente a cobra coral!

(Enquanto o Saci torna ao esconderijo, engalfinham-se)

A IARA
(Aflita)

— Parem, parem! Vocês não devem brigar por causa do Saci! É isto o que êle quer: confusão.

O CURUPIRA
(Coçando a cabeça)

— É mesmo.

O BOITATÁ
(Coçando a cabeça)

— É mesmo.

O CURUPIRA

— Enquanto nós brigávamos o Saci fugiu.

O BOITATÁ

— Enquanto nós brigávamos o Saci se escondeu.

O CURUPIRA
(Ao Boitatá)

— Vamos fazer as pazes?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p.44

O BOITATÁ

— Vamos procurar o Saci?
(Apertam-se as mãos e dão-se os braços)

CURUPIRA e BOITATÁ
(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Achar por bem ou mal!

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ
(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal! *(Saem)*

A IARA
(Pensativa)

— Coitados: êles são bonzinhos mas não têm um pingo de esperteza. *(Levanta-se da pedra, olhando à volta)* Saciii?!... Sacizinhoooo?!....

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Ah! ah! ah!
Bem que vi:
Está lá!

A IARA
(Como que seguindo uma pista)

— Obrigada, Bem-te-vi! *(Ao Saci, implorante)* Sacizinho, devolva o pente! *(Dando com a Aurora)* Aurora, minha amiga, ajude-me! *(Às árvores)* Árvores, minhas súditas e amigas, ajudem-me!

A AURORA
(Ao Saci)

— Saci Pererê, se você devolver o pente da Iara eu lhe dou meu pincel de luz e meu balde de tinta encantada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, P.45

O SACI
(Fazendo pouco)

— Não quero. Sou muito preguiçoso. Só sei pintar o sete: as nuvens, não.

A QUARESMEIRA

— Saci Pererê, se você devolver o pente da Iara eu lhe dou minha cabeleira de flôres roxas.

O SACI

— Não quero.

A PAINEIRA

— E eu lhe dou meus sonhos de flôres côr de rosa.

O SACI

— Não quero.

O IPÊ

— E eu lhe dou meu manto dourado de flôres.

O SACI

— Não quero.

O GUARABU

— E eu lhe dou minha alegria, vermelha e florida.

O SACI

— Não quero.

A AURORA

— Saci, Saci, quem tudo quer tudo perde. Que é que você quer em troca do pente mágico, Saci?

O SACI
(Ao público)

— Tenho um plano. Vou pedir o anel de noivado da Iara. Assim o Sol vai brigar com a noiva e é até capaz de não casar com ela. Se não casar estou vingado. *(Esfregando as mãos)* Ah! que vingança boa! Que vingancinha venenosa! *(À Iara)* Sabe, Vossa Majestade que desejo em troca do pente mágico? O seu anel de noivado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 46

(Alarmada)

— O meu raio de sol? O raio de sol mais precioso da minha vida?

O SACI

— O mesmíssimo, Rainha.

A IARA
(Lutando)

— É impossível!

A AURORA
(Indignada)

— É impossível!

AS ÁRVORES
(Juntas)

— É impossível!

O SACI
(Sarcástico)

— Neste caso, Iara, diga adeus ao pente mágico. Fique bem feia o resto da vida, com os cabelos verdes todos emaranhados. E quando o Sol chegar e avistar Vossa Majestade quero ver se Vossa Majestade canta: *(Arremedando a Iara)*

Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

Quero ver se o Sol repete: *(Arremedando o Sol)*

Tens cabeleira côr de esperança.
Dás esperança a quem te depara.

Quero ver, Vossa Graça! Vossa Graça, hein? Mas custa!

A IARA

(Em pânico, tirando o anel e entregando-o)

— Me dá o pente, Saci! Prefiro morrer a ficar feia. E se eu ficar feia o Sol será o primeiro a não gostar de mim.

O SACI

(Pegando o anel, rápido, e enfiando-o no bôlso)

— Tome o pente, Majestade! *(Devolve o pente)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, v. 47

(Ao público) O azar das mulheres é serem tão vaidosas. *(Vendo a Iara chorar)*

Poropopó
Perepepê!
Não tenho dó:
Sou o Pererê!

A AURORA
(Severa)

— Você vai se arrepender dessa maldade, Saci!

AS ÁRVORES
(Juntas, gemendo)

— Você vai se arrepender!

O SACI
(Desafiante)

— Me contem como!

A AURORA
(Pegando o balde e a brocha)

— Não tenho mais tempo. Só direi que o raio de sol é mágico, também, e que fora do dedo da Iara... *(Olhando o céu)* É hora do Sol chegar ao mundo. Vou me embora correndo. *(Sai, apressada)*

O SACI
(Maldoso, gritando à Aurora)

— Não quer me contar, não é? Pois tropece no balde de tinta e quebre uma perna, Aurora! *(Ao público)* Tomara que o Sol rompa o noivado com a Iara agora mesmo. *(Olhando a platéia, ansiosamente)* Estou sentindo o calor do Sol mas não vejo o Sol brilhar! *(Espantado)* Ué! Não é o Sol quem vem chegando! É o empregado dêle, o Mormaço. *(Pelo lado oposto da platéia entra o Mormaço, um arqueiro vestido de amarelo e cinza, com arco e flechas côr de chumbo)*

O MORMAÇO
(Declamando, alto)

Abram alas, me dêem passo!
Sou do Sol o mensageiro,
Do Rei Sol do mundo inteiro.
Abram alas ao Mormaço!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

A IARA

(Reanima-se, enxuga os olhos e interpela o Mormaço)

Que faz meu noivo no espaço?
Respondei-me, mensageiro:
Ide ficar o dia inteiro
Sem vir me dar um abraço?

O MORMAÇO

(Encaminhando-se ao palco)

Vosso noivo está no paço
Dando audiência, sobranceiro.
Por isso manda Mormaço
Lhe servir de mensageiro.

Dizer que não há no espaço,
Que não há no mundo inteiro
Um amor tão feiticeiro
Feito o vosso. Me dêem passo!

(Sobe ao palco e se ajoelha aos pés da Iara)

Permiti que beije sua mão, Majestade? Sua mão real onde meu amo, o Sol, colocou um anel de noivado?

A IARA

(Escondendo a mão)

— Não posso. Machuquei a mão.

O MORMAÇO

(Levantando-se)

— Oh, que pena! Como foi isto, Vossa Graça?

O SACI

(Aparecendo, zombeteiro)

— Conte Vossa Graça! Conte como é que Vossa Graça machucou a mão! Conte como é que Vossa Graça perdeu o anel!

O MORMAÇO

(Penalizado)

— O anel? O anel maravilhoso que vosso noivo, o Sol, vos deu ontem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.49

A IARA

(Transtornada)

— Bem, eu... *(Sùbitamente resoluta)* Vou contar. Vou contar a verdade. *(O Saci põe a mão na bôca, admirado).* A gente não deve nunca esconder a verdade, aconteça o que acontecer! *(Ao Mormaço)* Dizei a vosso amo que o Saci me enganou. Como eu não quiz casar com êle prometeu se vingar de mim e a melhor vingança que achou foi ameaçar de contar a meu noivo que tenho um pente mágico que me faz bonita.

O MORMAÇO

(Ao Saci)

— Seu malandro! Você o que merece é uma boa surra!

O SACI

(Assustado)

Oh! oh! oh! oh!
Eh! eh! eh! eh!
Tem dó, dó, dó
Do Pererê!

(Sai pulando)

A IARA

(Prosseguindo)

— Aí fiquei com mêdo que o Sol descobrisse o segrêdo do pente e entreguei-o.

O MORMAÇO

— E que foi que o malandro do Saci pediu em troca do pente?

A IARA

— O anel de noivado! O raio de sol mais precioso da minha vida!

O MORMAÇO

(Consolando a Iara)

— Não se desespere, Vossa Graça. Logo que o Sol souber vai ficar tão triste que haverá de repente noite no mundo. Mas depois tenho a certeza que compreenderá sua tristeza e lhe perdoará porque o amor dêle é enorme. Meu amo virá

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.50

vê-la de novo e dar-lhe-á outro anel, ainda mais lindo. Uma coisa apenas digo: o Saci será castigado! *(Inclina-se e se afasta pelo fundo)*

Abram alas! Me dêem passo!
Sou do Sol o mensageiro,
Do Rei Sol do mundo inteiro.
Abram alas ao Mormaço!

A IARA
(Feliz)

— Que bom, que bom, que bom! Mal posso acreditar em tanta felicidade!

AS ÁRVORES
(Dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Viva o riso de alegria,
Rainha da floresta!

A IARA

— Obrigada, obrigada. Mas primeiro vai ficar tudo escuro. *(Apontando o cenário, cujas luzes empalidecem)* Estão vendo? A estas horas meu noivo, o Sol, anda triste ao saber que entreguei meu anel ao Saci.

A QUARESMEIRA e a PAINEIRA
(Juntas)

— Mas depois vos dará outro raio de sol.

O IPÊ e o GUARABÚ
(Juntos)

— E depois o Saci será castigado.
(As árvores afastam-se aos risinhos para seus respectivos lugares) O cenário sombrio fica iluminado apenas por uma luz azul, como se fôsse de luar. A Iara senta na pedra e começa a cantar, risonha.

A IARA

Reino no reino das águas claras...
(Vendo que o Saci se aproxima cala e finge que está chorando)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE-0245, p.51

O SACI
(Solícito)

— Não choreis, Iarinha, não choreis não!

A IARA
(Altiva)

— Com que direito você me chama de Iarinha? Mais respeito, por favor!

O SACI
(Saliente)

— Ora! Para que tanta cerimônia? Vossa Majestade vai acabar mesmo é casando camigo...

Perepepê
Poropopó!
Com Pererê
Da perna só!...

(Curvando-se, cômico) Quereis casar comigo? Ah! ah! ah! Já tenho o anel de noivado! *(Apalpa os bolsos, com espanto)* Ué!... Que é do raio de sol? Que é do raio de sol que estava aqui? *(Vira o bôlso pelo avêsso, desesperado)* Perdi o raio de sol! Perdi o raio de sol!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri, ri, ri!
Não tem jeito.
Bem-te-vi!
É bem feito!

AS ÁRVORES
(Em côro)

— Bem feito! Bem feito! *(Batendo palmas, juntas)*

Viva, viva! Viva, viva!
O Saci foi castigado!
Viva, viva! Viva, viva!
Perdeu o anel de noivado!

O SACI
(Furioso)

— Calem-se, bôbas! Nem tôda a floresta é amiga da Iara. Fiquem sabendo que tenho amigos, também. Há uns insetos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

pretos e vadios que são meus amigos e não gostam de vocês nem da rainha das águas. *(Chamando)* Insetos pretooos!... Insetos pretooos!... Venham cá! *(Entram os pirilampos mas sem lanterna: êle de barbas e ela de cabeleira, completamente brancas)*

O SACI
(Aos insetos)

— Não é verdade que vocês são meus amigos?

OS INSETOS
(Juntos)

— Somos.

O SACI

— Não é verdade que vocês não suportam a Iara?

OS INSETOS
(Juntos)

— Não suportamos.

O SACI

— Pois provem, se têm coragem!

OS INSETOS
(Juntos)

— Temos.

O INSETO
(À companheira inseto)

— Vamos rogar uma praga?

A COMPANHEIRA INSETO

— Uma praga bem rogada. Uma praga para a Iara.

O INSETO

(Marcando o compasso como se estivesse regendo orquestra)

Tomara, tomara
Que a Iara enrouqueça!
Que tôda água clara
De lôdo escureça!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0245, p 53

A Companheira Inseto
(Terminando)

Tomara que a Iara
Depressa envelheça!

Os Insetos
(Juntos)

Tomara, tomara
Que a Iara enrouqueça!
Que tôda água clara
De lôdo escureça!
Tomara que a Iara
Depressa envelheça!

As Árvores
(Furiosas)

— Êstes insetos pretos merecem castigo! Castigai-os, Majestade! Castigai-os!

A Iara
(Pensativa)

— Tendes razão.
(Ao público) Ao Saci não posso castigar porque o Saci não é meu súdito: é um gênio da floresta. Demais a mais já foi castigado. Mas aos insetos pretos posso. Posso e devo porque são uns invejosos e meus inimigos, à toa, à toa. *(Às árvores)* Qual é o castigo que devo dar aos insetos pretos?

As Árvores
(Juntas)

— Mandai-os procurar tôda a noite, a vida inteira, o raio de sol que o Saci perdeu!

A Iara
(Aos insetos, severa e majestosamente)

De hoje em diante, enquanto o mundo fôr mundo, todos os pirilampos estão condenados a procurar tôda a noite, a vida inteira, meu anel de noivado: o meu raio de sol que foi perdido! *(Os pirilampos abaixam a cabeça, saem correndo, voltam com lanterninhas verdes e começam a correr como se estivessem em busca de algo)*

BR BFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,p.54

394

A IARA

(Afastando-se, altiva, sob a música de arpejos)

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

(A cortina vai fechando e aparece Dr. Pirilampo, já sem barba, que lembra ao público)

DR. PIRILAMPO

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?

(Pirilampinha aparece)

OS PIRILAMPOS
(Juntos)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.55

O CONSERTADOR DE BRINQUEDOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,p.56

O CONSERTADOR DE BRINQUEDOS

1.º Prêmio (Serviço Nacional do Teatro) no II Festival de Teatro Infantil da Guanabara, em 1961.

Peça com PRÓLOGO e 2 ATOS (com ou sem Intervalo)

PERSONAGENS

Tio Fábio
Musicalim
Mônica
Dr. Sabe-Nada
A Baiana
Seu Nicolau
Egoístosão

O personagem que faz Egoístosão poderá fazer o de Seu Nicolau

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245

O CONSERTADOR DE BRINQUEDOS

(*Eletricidade*)

Prólogo — Um foco de luz.

Primeiro Ato — Dia. Tôdas as luzes acesas, exceto o lampião.
Fim do Primeiro Ato — Tarde e Noite. Lampião da Praça acende. Começo de noite até a entrada de Mônica, já doente, quando vem procurar Musicalim. Luzes da ribalta vermelhas. Se possível, janelas de casas no cenário de fundo ou lado com luz interior.

Segundo Ato — Transcorre no meio da noite até o fim da peça, quando deverá começar a amanhecer.

Término da peça: Tudo iluminado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 58

PRÓLOGO

(Música de caixinha-de-música. Quando finda surge, frente à cortina um (ou uma) adolescente fantasiado de palhaço (mais arlequim que clown) carregando caixote dourado, pequeno, e manivela também côr de ouro. Êle entra com movimentos de boneco, olhando para os lados, gaiatamente, como se houvesse fugido e, ao chegar ao centro do proscênio, põe o que traz ao chão e cumprimenta a platéia).

O PALHAÇO

(com música apropriada, e cantando)

Plim, plim, plim, plim, plim, plim, plim!
Sou palhacinho encantado.
Meu nome é Musicalim
Da Caixinha Musicada!

(Ouvem-se passos, nos bastidores. Musicalim, afobado, adapta a manivela a um dos lados do caixote e trepa sôbre êste, levantando os braços numa posição de bailarino cômico. Pouco depois levanta-se da platéia uma adolescente de vestido gracioso, trancinhas com laços nas pontas. Ela sobe ao palco, também)

A MENINA

(batendo palmas)

Muito bem, Musicalim, muito bem! *(Corre para êle, alegre, e o abraça. Depois percebe que há público e faz uma reverência)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.59

A MENINA

(Com a música de "Ciranda cirandinha")

Eu sou Mônica, meninos,
e esta caixinha me encanta
Porque meu Musicalim
pensa e fala, dansa e canta!

(*Às crianças*) Querem ver só? (*Vira a manivela do caixote algumas vêzes. Ouve-se, então, a ária do comêço e Musicalim faz alguns passos de dansa e trauteia parte da melodia. Mal a música termina saüda a platéia, ora acenando com uma das mãos ora com a outra, e, finalmente, retoma a posição primitiva, de antes da dansa*)

MÔNICA

(*às crianças*) Vamos brincar mais um pouco? Cantem, todos! (*Ela e Musicalim cantam, alegres, puxando o côro*)

"Se esta rua, se esta rua fôsse minha
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes
Para o meu, para o meu amor passar".

(*Mudam para outra cantiga*)

"O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada:
O cravo saiu ferido,
A rosa, despetalada".

(Pela esquerda entra Seu Nicolau. Cartola de copa bem alta, brilhantão enfiado na gravata, bengala. Os botões do casaco são grandes moedas reluzentes e no lugar do lenço traz cartões estampados com cifras, dispostos em leque. Musicalim, percebendo-o, torna à imobilidade de boneco)

SEU NICOLAU

(*procurando*) Mônica! Mônicá? Onde está você, Mônica? (*Vendo-a sorrir, agita o indicador*) Já para casa! (*Tenta levá-la pela mão, mas Mônica puxa-o pelo paletó, advertindo-o que há gente na platéia. Seu Nicolau faz um "Ah!" compreen-*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 60

dendo, e apresenta-se, cantando com a música de "Eu fui ao Itororó":

Eu sou pai desta menina
E me chamo Nicolau.

(Apontando Musicalim)

Comprei caro esta caixinha
De algum mago magistral!

(Pela direita surge um velho cheio de vida, risonho, de fraque, chapéu de côco, maleta, aparêlho de auscultar ao pescoço. Êle se aproxima, e toca o ombro de Seu Nicolau, levando um susto quando êste se volta, interpelando-o)

SEU NICOLAU

(olhando-o de alto a baixo) Quem é o senhor?

O VELHO

(Descobrindo-se e cumprimentando, ora Seu Nicolau, ora a platéia, cantando, também, com a música de "Eu fui ao Itororó")

Sousou Dr. Sabe-Nada.
Nunnunca seisei de tudo.
Sou doutor da meninada
Masmas sei curar barbudo.

(Faz menção de auscultar Seu Nicolau que o afasta, ofendido, e faz sinal a alguém nos bastidores. Ouve-se "O que é que a baiana tem" e chega Sá Rita, gorda, preta, (se possível) taboleiro à cabeça)

A BAIANA

(ao público) Cum licença, pessoá, cum licença! *(Sobe ao palco e diz)*

Perciso me apresentá
Ou vancês já me conhece?
Quem meus quitute prová
Da Baiana num se esquece!

TODOS

(juntos) É verdade, ora se é! *(Dão-se as mãos e rodam em volta da Baiana, Dr. Sabe-Nada bem cômico)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.6206, p.67

A BAIANA

Brigada, meu povo! (*Fixando a platéia*) Quem é que avem ali? *(um foco ilumina a entrada do Consertador de brinquedos, que chega assobiando, alegre, pelo meio do teatro, saco ao ombro, boné, macacão com remendos coloridos, blusa de côr vistosa. Enquanto vai se aproximando os outros atôres tentam ajudá-lo a subir ao palco, dando-lhe explicações desencontradas*)

MÔNICA

Por ali!

SEU NICOLAU

Não; pelo outro lado!

DR. SABE-NADA

Dêdê a vovolta!

A BAIANA

Ande depressa!

O CONSERTADOR

(*aos meninos, polidamente*) Um momentinho, faz favor! Um momentinho, amigos! (*Sempre assobiando, aparece no palco*)

SEU NICOLAU

(*impaciente*) Apresente-se de uma vez, homem!

O CONSERTADOR

(*meio arquejante, descobrindo-se*) Eu?... Mas o senhor não me conhece?

OS OUTROS

(juntos, apontando-o e cantando com a música de "Ciranda cirandinha")

É o risonho Tio Fábio,
Nunca triste, nunca azêdo,
Meio doutor, meio sábio:
Consertador de brinquedo!

Cura tôda essa sacola
Das tristezas de vocês!
Prega, pinta, coze, cola,
Todo dia, todo mês!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,P63

SEU NICOLAU

(*impacientíssimo*) Mas vamos ou não à história?
(*Todos assentem de cabeça e êle continua, enfático*) Atenção!

TODOS

(*em côro*) Era uma vez...

(A luz do proscênio escurece, saindo os atôres, uns pela direita, outros pela esquerda, com exceção de Dr. Sabe-Nada, que ri, gaguejante)

DR. SABE-NADA

Eeera uma vezvez...

(Puxam-no cômicamente para dentro da cortina e, pouco depois, esta abre sôbre o cenário do 1.º Ato)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 63

1.º ATO

(Loja do Consertador de brinquedos. Prateleiras com bichos, bonecos, carrinhos, etc. Mesa (se possível) com potes, pincéis, agulhas grandes. À esquerda uma porta dando para trecho livre, com um balanço, ao fundo, e um lampião, também à esquerda, com uma placa pendurada: "Praça dos Brinquedos". Mal abre a cortina Musicalim entra, como se viesse da praça, com o caixote e a manivela dourados, passos de boneco).

MUSICALIM

(olhando à direita e à esquerda, e cantando)

Plim, plim, plim, plim, plim, plim, plim!
Quero um pouco de aventura.

(*Levando o dedo aos lábios*)

Ajudem Musicalim
A fazer a travessura!

(Esgueira-se, no proscênio, onde fica à espreita. Nesse instante surge na loja, pela direita, Tio Fábio. Êle assobia, algo bem brasileiro, de preferência conhecido pelas crianças: "Roda pião", por exemplo. Olha à volta, inspecionando tudo, pega o saco vazio a um canto, o boné e sai. Ainda na porta tira uma chave do bôlso, fêz menção de trancá-la, depois acha que não vale a pena. Põe o saco ao ombro e se afasta, apregoando).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 64

O CONSERTADOR

Quem tem brinquedo quebrado?
Quem tem tristeza partida?
Conserto sonho amassado!
Conserto ilusão perdida!
Quem tem brinquedo quebrado?

(Afasta-se e Musicalim se aproxima da loja, cantarolando e dansando, graciosamente).

MUSICALIM

Tio Fábio é tão bom que nem acredita em ladrões. *(Empurra a porta e entra)* Mas também qual é o ladrão que vai perder tempo aqui? Tio Fábio é pobre. Só tem brinquedo quebrado! *(Coloca o caixote e a manivela no chão e aproxima-se da mesa).* Mas o material de trabalho dêle é de primeira! Do melhor e mais precioso do mundo! *(Pega nos pincéis, potes, examinando-os).*

VOZ DE MÔNICA

Musicalim!

MUSICALIM

(ouvindo a voz de Mônica, pega o caixote e a manivela e some, pela direita. Pouco antes de sumir canta, às crianças)

Plim, plim, plim, plim, plim, plim, plim!
Quero um pouco de aventura.
Ajudem Musicalim
A fazer a travessura!

VOZ DE MÔNICA

Musicalim! Musicalim! *(Pela esquerda surge Mônica. Vai ao balanço e fala)* Êsse palhacinho está ficando muito levado. Ontem cismou de não dansar. Hoje desapareceu. Tão cedo e êle fazendo das suas! Musicalim! Ô Musicalim! *(Detendo-se frente à loja)* Vou perguntar ao Tio Fábio se êle viu minha caixinha de música. *(Entra)* Tio Fábiooo! Tio Fábiooo!... *(Olhando em tôrno, desanimada)* Já saiu.

VOZ DE SEU NICOLAU

Mônica! Onde anda você, menina? Venha tomar seu café!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245/IP-65

MÔNICA

Melhor voltar pra casa. (*Saindo*) Musicalim?!... Ô Musicalim?!... (*Enxugando os olhos no pulso*) Por que você fugiu? Você não gosta mais de mim? (*Desaparece*).

MUSICALIM

(*aparecendo à direita e falando*)

Plim, plim, plim, plim, plim, plim, plim!
Gosto, gosto, gosto sim!

(*Às crianças*)

Tudo vai acabar bem.
Espere, pessoal, 'tá bem?

(*Sai outra vez, pela direita*)

A BAIANA

(*entrando pela esquerda, taboleiro à cabeça e em tom de pregão*)

Cocadona e cocadinha
De leite e de chocolate,
Da tostada e côr de rosa.
Tudo cocada gostosa!

Cocada da baianinha! (*Pára junto à porta da loja e arma o tabuleiro, sentando num pequeno banco. Enquanto está se instalando ouve-se música de realejo, in crescendo. A Baiana acena para alguém invisível, à esquerda*) Olá! Bom dia, Seu tocadô de rialejo! Que musga bunita! Passe na vorta por aqui! (*Acena outra vez e fica ouvindo a ária que vai diminuindo. Depois tira do bôlso da saia um jornal, desdobra-o e folheia-o, levantando-se, indignada*) Não! Num pode sê! Ai, xente! Cruz credo! Será pissive? Cumo é que vai ficá esta Praça dos Brinquedo?

DR. SABE-NADA

(*vindo da esquerda*) Bábá...Bábá, não: Babaiana: bombom dia!

A BAIANA

(*distraída*) Num tenho bombom. Só cocada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, v.66

DR. SABE-NADA

Mamas não quequero bombom nenenhum. Esestou dando bombom dia.

A BAIANA

E cumo é que o sinhô tem corage? Cumo é que se pode dá bom dia num dia mau feito hoje?

DR. SABE-NADA

Maumau?...

A BAIANA

Mausíssimo. Então o senhor não sabe, Dr. Sabe-Tudo?

DR. SABE-NADA

(*impaciente*) Ai! Miminha senhora... Mamadame! Meu nonome é Sassabe-Nada.

A BAIANA

Pois fique sabendo de uma vez! (*Mostrando algo no jornal*) Escuite só! (*Lendo devagar, com certa dificuldade*) "Vai sê pôsto na rua o cunhecido Tio Fábio, consertadô de brinquedo. (*Interrompendo-se*) O Tio Fábio que todos garôto gosta!

DR. SABE-NADA

Posposto na rua por quê?

A BAIANA

Porque vendero o terreno da loja dêle. Vão botá a loja abaxo e construí um arranha-céu no lugá.

DR. SABE-NADA

Não!

A BAIANA

Sim!

DR. SABE-NADA

Não!

A BAIANA

Sim!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.67

DR. SABE-NADA

(*consternado*) Ooooh!

A BAIANA

Essa gente inventa cada moda, num é?

DR. SABE-NADA

Ééé!

A BAIANA

Coitado do Tio Fábio!

DR. SABE-NADA

Poispois é... Esespere aí! Êle é seu tititio?

A BAIANA

Não, mas é um moço tão bão que todos garôto chama êle de Tio Fábio.

DR. SABE-NADA

Ahn!...

A BAIANA

Conserta brinquedo, compra doce, e quando os menino num têm brinquedo inventa história. Vou perdê meu maió freguês aqui da praça.

DR. SABE-NADA

(*lembrando-se*) Iiiih!... Aadeus. Vou verver meus dodoentes. (*Afasta-se pela esquerda, saindo pelo proscênio. A baiana senta-se de novo e folheia o jornal. Musicalim aparece pela dircita, gaiato, entra na loja, com a caixa e a manivela. Deixa-as no chão. Passa, cauteloso, pela Baiana e, atirando simbòlicamente em sua direção uma bolinha de serragem colorida prêsa a um clástico diz, em tom de invocação):*

MUSICALIM

Plim, plom, plim, plom, plim, plom!
Pelo meu travêsso dom!

(*A Baiana se torna uma estátua. Musicalim passa a mão aberta diante dos olhos da baiana várias vêzes, olhando expressivamente para a garotada, para que vejam que a baiana*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p.68

nem pisca, pega um bolinho e começa a comê-lo, guloso. Ouvindo a voz de Tio Fábio, volta à loja, adapta a manivela à caixa.)

A Voz do Consertador

Quem tem brinquedo quebrado?
Quem tem tristeza partida?
Conserto sonho amassado!
Conserto ilusão perdida!
Quem tem brinquedo quebrado?

(Musicalim, findo o pregão, faz novo gesto mágico para a Baiana, com a bolinha colorida)

Plim, plão, plim, plão, plim, plão!
Pela bôlha de sabão!

(A Baiana volta à vida e Musicalim trepa na caixa, braços sôltos de boneco partido)

Tio Fábio

(à Baiana) Sá Rita, sua cocada está boa? Me dê três.

A Baiana

De que qualidade? Está u'a maravilha!

O Consertador

De leite pro jornaleiro,
Que é um garôto bem clarinho.
Tostadinha pro engraxate,
Porque é um garôto trigueiro.
Pro prêtinho chocolate,
Porque é um garôto escurinho.

(A Baiana entrega as cocadas)

O Consertador

Me dê também côr de rosa.

A Baiana

Cô de rosa pra quem é?

O Consertador

Uma garôta gulosa.

(Sorri, paga os doces, mete-os no bôlso e entra na loja)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0295, p.69

A BAIANA

(ao público) Ai, xente! Num tive corage de amostrá a ze a nutiça do jorná. *(Com uma ventarola de palha fica abanando o taboleiro. O Consertador põe o saco no chão, tira o boné, mas dando com Musicalim espanta-se, toca-o de leve, suspende-lhe os braços que caem, sem fôrças. Em seguida vira a manivela que não traz música.)*

O CONSERTADOR

(*correndo à porta*) Sá Rita! Alguém entrou aqui enquanto estive fora?

A BAIANA

Ninguém.

O CONSERTADOR

Tem certeza?

A BAIANA

Se tivesse entrado eu via cum meus óio, xente! Então vancê pensa que eu fico drumindo?

O CONSERTADOR

Mas como é que apareceu esta caixa-de-música quebrada?

A BAIANA

Sei lá! Só se foi arguma arma do ôtro mundo! (*persigna-se*) Cruz credo!

O CONSERTADOR

Sá Rita, não diga bobagem: você não sabe que alma do outro mundo não existe?

A BAIANA

(*rodando à volta de Musicalim*) Que lindeza! E que boneco grande! Parece inté gente de verdade!

O CONSERTADOR

Deve ser um brinquedo caríssimo. Acho que era da Mônica, aquela menina aí do vizinho.

A BAIANA

A que gosta de cocada cô de rosa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,P.70

O CONSERTADOR

Esta mesma. (*Pensativo*) Pelo jeito êste brinquedo apareceu aqui por causa do lixeiro. De vez em quando meu amigo lixeiro traz brinquedos quebrados que acha no lixo. Com certeza a menina jogou fora a caixa-de-música e o lixeiro pegou.

A BAIANA

Vancê vai consertá?

TIO FÁBIO

(*contente*) Quem sabe?

Não me chamo Tio Fábio
Meio doutor meio sábio,
Consertador de brinquedo?

A BAIANA

Mas conte: quá seu segrêdo?

O CONSERTADOR

(mostrando os utensílios de trabalho)

Uso pinças de paciência
E cola de devoção.
Azeite da pura essência
De esperança e inspiração.

Meu pincel é de alegria.
Minhas tintas, de ilusão.

(Entorna um pote de confetis dourados)

As molas, de fantasia.
As cordas, de animação.

(Mostra serpentinas coloridas)

A BAIANA

Beleuza!

(Tio Fábio começa a examinar o palhaço como se fôsse consertá-lo. De repente puxa um rôlo de arame, atrás de Musicalim, e joga-o no chão)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 71

O CONSERTADOR

Molas quebradas. Eu sabia. *(Assobia, tira da prateleira molas grandes e simula enfiá-las pelas costas do palhaço. Depois pega um azeitador de óleo, enorme, e finge que azeita com êle os tornozelos, joelhos, pescoço e juntas dos braços de Musicalim)*

A BAIANA

Já 'tá consertado?

TIO FÁBIO

Não sei, não sei.

A BAIANA

Vancê vai dá corda nêle?

TIO FÁBIO

Veremos. Veremos.

A BAIANA

É um consêrto muito diufíucil?

TIO FÁBIO

Parece. Parece. *(Continua assobiando e rodando em tôrno do palhaço. A baiana roda em sentido inverso, em tôrno de Tio Fábio)*

A BAIANA

Uai, xente: vancê qué dexá de tanto rodá? 'Tô ficando inté tonta!

TIO FÁBIO

(*parando*) Acho que vou dar corda!

A BAIANA

Pois dê!

TIO FÁBIO

(virando a manivela da caixa)

Palhacinho de alegria:
Não fique parado, não.
Um pouco de fantasia!
Um pouco de animação!

(Musicalim, lentamente, mexe com a cabeça, os braços, le-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 72

vanta-se e ensaia dansar. A baiana aplaude mas Tio Fábio continua pensativo)

TIO FÁBIO

Falta ainda a melodia.
Não ouço música, não.
Falta música. Eu sabia.
Não está consertada, não.
(*Abanando a cabeça*) É um consêrto dificílimo!

A BAIANA

Deve tê argum mistério, n'é?

TIO FÁBIO

O mistério é que faz a música parar. Qual será o mistério?
(*Musicalim pára a dança e fica estático)*

DR. SABE-NADA

(*entrando*) Tititio Fafafábio: trago nonovidades.

TIO FÁBIO

(*distraído*) Novidades, Dr. Sabe-Tudo?

DR. SABE-NADA

(*protestando*) O meumeu nonome é Sassabe-Nada.

A BAIANA

(*impaciente*) Conte logo as novidades, Dr.!

DR. SABE-NADA

Desdescobri o homem mau.
Chama Nininicolau.

A BAIANA
(*com raiva*)

Ai, ai, ai, Seu Nicolau!
Coração duro de pau!

TIO FÁBIO

(*sempre distraído*) E que homem é êste?

DR. SABE-NADA

O que vaivai botar vovocê narrurrua.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p. 73

A BAIANA

O que comprou o terreno da loja. O que vai botá a loja aba[illegible]

DR. SABE-NADA

Consconstruir o arranha-céu.

TIO FÁBIO

(*triste*) Então êles vão mesmo me mandar embora da Praça dos Brinquedos? Desta praça onde tenho tantos amiguinhos?

DR. SABE-NADA

Chachachama Nicolau.

A BAIANA

(*furiosa*)

Coração duro de pau!

TIO FÁBIO

Nicolau? Nicolau que conheço é o pai da Mônica.

A BAIANA

Da menina que gosta de cocada cô de rosa.

TIO FÁBIO

(*assentindo*) Da menina que jogou no lixo a caixinha-de-música.

A BAIANA

Será que a gente não pode ajudar o Tio Fábio?

DR. SABE-NADA

(*chorando*) Não popodemos. Uma pepena!

TIO FÁBIO

(*animado*) Deus é grande, meus amigos. E Deus é amigo das crianças. Como as crianças são minhas amigas quem sabe Deus me ajuda? (*Dr. Sabe-Nada e a Baiana abraçam Tio Fábio, compungidos. De repente ouve-se música de realejo, na rua*)

A BAIANA

'Tô escutando musga, lá fora. (*Correndo à porta e acenando a alguém*). É o intaliano do rialejo! (*Animada*) Vamos tirá uma sorte pro Tio Fábio?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 74

DR. SABE-NADA

Êle tem um mamacaquinho que titira sorsorte.

A BAIANA

Não. Desconfio dêsses macaquinhos de rialejo. Êles são muito travêsso. Vou pedi ao próprio Tio Fábio prá tirá a sorte. Me dá um centavo, por favô.

DR. SABE-NADA

(*reclamando*) Fafalou em didinheiro é comigo! (*Passando uma moedinha, relutante, da maneira mais cômica possível*) Mmasmas tamtambém nãonão sou Caicaixa Eeeconômica!

A BAIANA

(*entregando a moeda dada pelo Doutor a Tio Fábio*) Eu dei a idéia e o Dotô deu o centavo. Agora vancê corre inté o tocadô de rialejo e paga pra tirá um bilhete de sorte. (*Empurrando-o*) Corra, Tio Fábio. (*Tio Fábio sai, apressadamente, enquanto Dr. Sabe-Nada e a Baiana ficam da porta, espiando*)

TIO FÁBIO

(*voltando, bilhete na mão*) Pronto: tirei!

DR. SABE-NADA

Aaabra!

A BAIANA

Dexe que eu leio! (*Lendo com dificuldade*)

Muita sorte, muita sorte,
Quem esta sorte tirá.

(*Olhando Tio Fábio, animada*) Não disse?

TIO FÁBIO
(*Animando-se e lendo o resto*)

Está muito longe a morte
E a fortuna vai chegar!

DR. SABE-NADA

Queque bombom!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 75

A BAIANA

Que maraviulha de sorte! Tudo vai melhorá, vancê vai Tio Fábio!

TIO FÁBIO

(*esperançado*) É capaz!

A BAIANA

Se é!

(*Dr. Sabe-Nada faz um gesto de quem não entende como se dará aquilo, absolutamente, enquanto se ouve a música do realejo se afastando. A Baiana e o Doutor saem deixando Tio Fábio só, na loja, para o prosseguimento imediato do espetáculo. Musicalim, aproveitando Tio Fábio de costas, entretido na leitura do bilhete da sorte, atira a bolinha em sua direção e diz as palavras mágicas*)

MUSICALIM

Plim, plom, plim, plom, plim plom!
Pelo meu travêsso dom!

(*Tio Fábio se imobiliza e Musicalim, olhando para todos os lados, cautelosamente, aproxima-se da beira do palco e se dirige à platéia*) Até que afinal êles saíram! (*Ri e esfrega as mãos, dá um pulinho engraçado.*) Meninos: vocês são meus amigos? Se eu contar meu segrêdo vocês não dizem a ninguém? Prometem? (*Olha outra vez para os lados para certificar-se de que está só.*) Pois escutem, caladinhos. (*Do balanço*) Eu, Musicalim da Caixinha Musicada, vim espantar umas tristezas que andam aumentando assustadoramente por estas bandas. Quem me inventou foi Dom Alegria de Alegrópolis, um gênio bom de coração alegre. (*Sai do balanço e dança*) Na minha terra, de Dom Alegria e minha, tôda gente é alegre porque tôda gente é boa. As crianças nunca fazem manha, os passarinhos nem sabem o que é gaiola, as flôres não são roubadas dos jardins e cada fonte tem sua cançãozinha de arco-íris. E tudo ri e tudo canta (*Faz movimentos de ballet e solta umas notas musicais*) porque ninguém tem inveja e tudo é bom. Mas acontece (*olha para os lados, e toma tom confidencial*) que um malandro meio maluco, chamado Egoístosão, tem mania de atrapalhar a nossa vida, entendem? (*Pensativo*) Não, não, é claro que vocês não podem compreender! Vocês não conhecem ainda Egoístosão. Ou conhecem? (*Com a mão em concha nas orelhas*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 76

Não?!... Sim ou não?... (*Decidido*) Bem, para tirar as dúvidas melhor mostrá-lo a vocês. (*Sacode a bolinha mágica*)

Plim, plem, plim, plem, plim, plem!
Pela mágica do bem!

(*Sacode outra vez*)

Plim, plão, plim, plão, plim, plão!
Onde está Egoístosão?

(Surge Egoístosão, fantasiado de bruxo, numa núvem de gás. Veste capa amarela, forrada de roxo, tem cabeleira e barbas roxas, um nariz postiço, luvas negras com garras roxas, afiadas nas pontas, e vem abraçando um cofre)

EGOÍSTOSÃO
(Voz impressionante)

Quero sempre, quero tudo!
Não dou centavo a ninguém!
Eu sou mais que egoístosudo:
Se tenho dez quero cem!

Onde chego dá tristeza.
Onde passo, confusão.
Mato rastro de beleza,
De bondade e de ilusão.

(Agressivamente, à platéia)

Ah! ah! ah, seus bons marotos!
Eu não gosto de garôtos!
Eu me chamo Egoístosão!

MUSICALIM

(*valente*) É, mas comigo você não pode porque sou amigo dêstes garôtos, aqui. E nenhum de nós tem mêdo de você, fique sabendo! (*Jogando a bolinha*)

Plim, plom, plim, plom, plim, plom!
Pelo meu travêsso dom!

(Egoístosão se imobiliza) Vocês viram que antipático? Êle se chama Egoístosão porque é o maior egoísta em forma de bruxo que há na terra. Está sempre roxo de raiva e amarelo de inveja quando os outros têm alguma coisa bonita ou boa. E vocês viram que unhas compridas? Quando Egoístosão cra-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 77

va as unhas em alguém essa pessoa fica logo egoista, coitada, não dá nada a ninguém, tira tudo o que pode dos outros. Reparem só! Vou ter uma conversinha com êle. Não se assuste, garotada, que se êle tentar fazer alguma maldade faço-o desaparecer, pronto! (*Vem à beira do palco e diz à platéia*) Mas como sou meio distraído me avisem se êle quiser me enfiar as unhas, combinado? (*Joga a bolinha*)

Plim, plão, plim, plão, plim plão!
Pela bôlha de sabão!

(Egoístosão começa a se mexer, naturalmente)

MUSICALIM

Como vai, Egoístosão?

EGOÍSTOSÃO

Pessimissimamente: prá lá de péssimo e pessimista!

MUSICALIM

Por quê?

EGOÍSTOSÃO

Todos são tão bons por aí que me fazem até mal. Os meninos estão cada vez mais obedientes e estudiosos. Uma verdadeira maçada!

MUSICALIM

Maçada? Que as crianças sejam bem educadas e tornem os outros contentes?

EGOÍSTOSÃO

Claro! Que me importam as crianças? Já fui criança — por sinal que uma pestezinha! Dava cada beliscão, cada pontapé! Jogava pedras nas vidraças dos vizinhos, tocava as campainhas das portas e saía correndo — Agora estou ficando velho: como não posso mais ser criança fico roxo de raiva! *(Cofia a barba e alisa a cabeleira desgrenhada)*

MUSICALIM

Mas você não levou um bando de crianças para um passeio outro dia?

EGOÍSTOSÃO

(*misterioso*) Hum! Levei sim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE. 0245, p. 78

MUSICALIM

E as crianças se divertiram?

EGOÍSTOSÃO

Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! As crianças ficaram aborrecidíssimas! Eu sim, que me diverti!

MUSICALIM

Que pena! O dia estava tão bonito, com um céu tão azul-sonho, um sol tão ouro-alegria!

EGOÍSTOSÃO

(*com voz de bruxo e mímica de mágico*) Eu escureci o céu de nuvens negras. Eu expulsei o sol. Eu convoquei meus ventos. Chamei uma porção de raios e trovões enormes. E fiz chover! Choveu tanto, tanto, tanto que o chão virou um rio de lama! Ah! ah! ah! ah! As crianças ficaram encharcadas! Tôdas pegaram resfriados, tiveram febre e dor de garganta. Uma tosse pavorosa! Não puderam ir ao colégio, perderam as provas, e agora não podem passear aos domingos: têm de tomar injeções e remédios amargos, têm de ficar estudando!

MUSICALIM

Coitadinhos! Você não tem dó nem dos pais das crianças?

EGOÍSTOSÃO

Que dó coisa nenhuma! (*Encolhendo-se na capa*) Fico amarelo de inveja quando vejo os pais todos alegres com seus filhinhos.

MUSICALIM

Você é ruim mesmo, Egoístosão!

EGOÍSTOSÃO

Com muito orgulho! Olhe como estou riquíssimo de maldades! (*Põe o cofre no chão, ajoelha-se e vai tirando coisas*) Tudo isto eu roubei. Fantasias, cartas, baralhos, moedas. Não gosto que ninguém tenha sonhos belos, lembranças queridas, boa sorte, fortuna.

MUSICALIM

Que horror! E você é feliz com tanto egoísmo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

EGOÍSTOSÃO

Não. Como posso ser se as pessoas se tornam cada vez mais amáveis e generosas? Dão tantas esmolas e presentes! Há mais gente boa do que gente má no mundo. Meu poder está se acabando. É o fim!

MUSICALIM

Como? Você não é um bruxo?

EGOÍSTOSÃO

Oh, isso de brincar com raios e morcegos, andar em vassouras mágicas ou ir à Lua não me diverte. Eu gosto é de cravar as unhas nas pessoas e noto que minhas unhas já estão perdendo o veneno.

MUSICALIM

(*à parte*) Graças a Deus!

EGOÍSTOSÃO

(*triste*) Um dia meu poder se acabará e eu sei disto.

MUSICALIM

(*à parte*) Felizmente!

EGOÍSTOSÃO

(*reanimando-se*) Mas ainda existe uma ou outra criatura que vira um poço de egoísmo por minha causa, por causa das minhas unhas. Como o Seu Nicolau, por exemplo. Seu Nicolau está ficando egoistíssimo, egoísta, egoísta de dar gôsto!

MUSICALIM

(*à parte*) Vocês ouviram bem? Êle cravou as unhas de egoísmo no Seu Nicolau.

EGOÍSTOSÃO

(*gabando-se*) De modo que Seu Nicolau está perdido! Virou meu escravo para sempre!

MUSICALIM

(*à parte*) É o que você pensa, seu perverso! Eu vou salvar o pai da Mônica. (*A Egoístosão, fingindo-se de ingênuo*). E não há jeito de salvar o Seu Nicolau?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0245, p.80

EGOÍSTOSÃO

Bem, que há, há. Mas só se fôr uma pessoa muito boa, de uma bondade fora do comum, que goste muito de crianças e dê tudo a elas. Uma pessoa que seja o contrário de mim!

MUSICALIM

Como o tio Fábio?

EGOÍSTOSÃO

Exato: como o boboca do Tio Fábio.

MUSICALIM

E que mais?

EGOÍSTOSÃO

(*desconfiadíssimo*) Ora esta! E você pensa que vou contar? Tem graça! Eu não quero que você saiba como é que se salva o Seu Nicolau.

MUSICALIM

(*à parte*) Mas eu já sei, malvado, eu já sei!

EGOÍSTOSÃO

(*como que ouvindo*) Sabe? Você sabe, seu palhacinho metido? Você sabe nada!

MUSICALIM

Meninos, se Deus quiser Seu Nicolau não há de cair nas unhas do Egoístosão. Garanto a vocês quê... (*Egoístosão tenta enfiar as unhas em Musicalim que, provàvelmente ajudado pelas crianças que o avisam do perigo, percebe e domina-o depois de uma luta simulada, bastante cômica, em que segura a barba ou o nariz do outro*) Querendo bancar o espertinho, hein? Pois sim! Comigo e êstes garôtos meus amigos você não pode, Egoístosão, já disse! (*Pegando o cofre*) Êste cofre vai ficar aqui. Vou pedir ao Vento Boa Sorte que espalhe tôda a felicidade que você roubou dos outros pelo mundo afora. (*Gritando para o alto*) Vento Boa Sorte! Vento Boa Sorte! Mande o Balãozinho da Esperança! (*Desce um balãozinho verde, onde Musicalim coloca o pequeno cofre depois de enchê-lo com as coisas espalhadas pelo chão, e que sobe sob os acenos do palhacinho*).

EGOÍSTOSÃO

(*vencido e com raiva*) Passe muito mal: adeus!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 P.81

MUSICALIM

Já vai tarde! (*Sai Egoístosão*) Mãos à obra, Musicalim! Vamos salvar Seu Nicolau! (*À platéia*) A única coisa que me entristece é que não posso contar à Mônica o mistério senão a mágica se estraga: só o Tio Fábio é quem pode ajudar. Eu acho que Mônica vai ficar triste por minha causa. Mas depois tudo se arranja e acaba bem. Vocês confiam em mim, meninos? Respondam: bem alto! Confiam? Então me ajudem! Preciso ficar quietinho até as coisas se arrumarem. (*Pega o cofre e esconde nalgum canto da loja*) Não contem a ninguém que estou aqui, nem à Mônica, ouviram? Não contem à Mônica! (*Corre a tomar posição de boneco quebrado na caixinha-de-música. Nêsse instante aparece na praça Mônica, como que doente, quase se arrastando*)

MÔNICA

Musicalim? Musicalim! Onde está você, meu palhacinho? (*Leva um lenço aos olhos e chora*) Meu Deus, estou sentindo uma zoada na cabeça. Que coisa tão esquisita! Quanto mais penso em Musicalim mais fico doente. Não tenho fome, não posso rir nem cantar. (*Leva a mão ao peito*) Meu coração que tinha uma porção de sininhos batendo perdeu a voz. Musicalim!... (*Dr. Sabe-Nada que surgiu por detrás dela, muito aflito, chega a tempo de ampará-la*)

DR. SABE-NADA

Momomônica! Ui! ui! ui! Popobre Mônica! (*Carrega-a*)

MUSICALIM

(*que enxugou os olhos, também, no pulso*) Coragem, palhacinho, coragem! (*Virando-se para Tio Fábio e atirando-lhe a bolinha*)

Plim, plão, plim, plão, plim, plão!
Pela bôlha de sabão!

(*Antes que Tio Fábio se vire, toma a posição primitiva, ou ligeiramente alterada sôbre a caixinha-de-música).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.82

2.º ATO

(Na loja de Tio Fábio)

TIO FÁBIO

(*Rodando em tôrno de Musicalim*) Acho que a posição do boneco era diferente. Qual o mistério da caixinha-de-música? (*Tocando a testa, inspirado*) Ah! Vou ler no meu "Manual Brinquedológico". (*À platéia*) Foi Papai Noel quem me deu o livro. (*Abre um livro enorme com um Papai Noel pintado na capa e começa a ler*) I REGRA — Mudar as molas velhas de fantasia. (*Aparteando*) Já mudei. II REGRA — Azeitar os bonecos com óleo feito de essência de esperança e inspiração. (*Aparteando*) Já azeitei. (*Lendo*) III REGRA — Dar corda de animação. (*Aparteando*) Já dei. Por que será que a música não toca? (*Passando os olhos pelo livro de cima a baixo*) Aqui não ensina porquê. (*Desce do banquinho e começa a passear. Enquanto passeia o palhacinho arregala os olhos e ri*)

MUSICALIM

Ri, ri, ri, ri, ri, ri, ri! (*Tapa a bôca com as mãos*)

TIO FÁBIO

(*Absorto, sem parecer ter ouvido*) Só se esta caixinha-de-música fôr mágica! (*Musicalim sacode a cabeça afirmativamente mas quando Tio Fábio se aproxima fica imóvel*) Vai ver o palhacinho está triste. A alma dêle calou de tristeza. Por isso é que a música não vem. (*Chegando-se a Musicalim e dando-lhe um tapinha no rosto*) Coitadinho!

MUSICALIM

(*Suspirando*) Hum!...

TIO FÁBIO

(*recuando, espantado*) Ué! Será que êle gemeu? Ou é alguém, lá fora?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245.p.83

DR. SABE-NADA

(*chegando*) Hum!

TIO FÁBIO

(*vendo-o*) Ah! Foi o Dr. Sabe-Nada.

DR. SABE-NADA

Tititio Fafafábio!

TIO FÁBIO

(*amável*) Em que posso ser-lhe útil, Dr. Sabe-Nada?

DR. SABE-NADA

Nãonão sei. A memenina está dodoente. Nãonão quer comer, nãonão quer brincar nemnem rir!

TIO FÁBIO

Que menina, Dr. Sabe-Nada?

DR. SABE-NADA

A fifilhinha do Seu Ninicolau.

TIO FÁBIO

Quem? A Mônica? Que é que ela tem?

DR. SABE-NADA

Nãonão sei.

TIO FÁBIO

(*rindo*) O senhor nunca sabe nada. Mas se o senhor soubesse seria Dr. Sabe-Tudo em vez de Sabe-Nada.

DR. SABE-NADA

Só sei que eeela está tristristriste. Que ela só pede a caicaixinha-de-múmúsica.

TIO FÁBIO

Estranho. Por que jogaram fora a caixinha-de-música da menina sem ela saber? Ah! Com certeza jogaram fora pensando que ela não quisesse mais. E o lixeiro pegou no lixo e me trouxe, de surprêsa. Pobrezinha da Mônica!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p.84

DR. SABE-NADA

Pobre nada: mimilionária.

TIO FÁBIO

Pobrezinha da Mônica. Tôda criança triste é uma criança pobre. Tôda criança alegre é uma criança rica. Se eu pudesse ao menos consertar a caixinha-de-música! Quando consigo que uma criança fique alegre, eu que sou pobre me sinto riquíssimo. Muito mais que Seu Nicolau.

DR. SABE-NADA

Até lologo. Dedepois eu vovolto. (*Sai o Dr. Sabe-Nada e Tio Fábio torna ao palhaço. Ouve-se trecho da "Dansa das horas". Tio Fábio trabalha animadamente. Depois vai cansando como se estivesse no trabalho muito tempo*)

A BAIANA

(*entrando, sem taboleiro*) Qué que vancê 'tá fazendo, Tio Fábio?

TIO FÁBIO

Quebrando a cabeça pra ver se conserto a caixinha-de-música da Mônica.

A BAIANA

(*zangada*) Ora, Tio Fábio! Mônica é filha do Seu Nicolau.

TIO FÁBIO

Mas é boazinha e gosto muito dela. Ela não tem culpa do pai querer botar a loja abaixo pra fazer arranha-céu.

A BAIANA
(*suspirando*)

Ai! ai! ai! Seu Nicolau!
Coração duro de pau!

TIO FÁBIO

Sá Rita, não diga isto. (*Tirando do bôlso uma cocada*) Ponha em seu taboleiro esta cocada côr de rosa.

A BAIANA

Mas não era pra Mônica?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 (P 88)

TIO FÁBIO

Era, mas a Mônica está com febre. Meninas com febre não devem comer cocadas.

A BAIANA

(*recusando*) Guarde o doce, Tio Fábio. Na certa Mônica vai ficá boa depressa (*Coloca a cocada perto de Musicalim*)

TIO FÁBIO

(*esperançado*) Será? Será? Tomara que fique! (*Enquanto Tio Fábio leva a Baiana à porta, Musicalim come a cocada, fazendo ar de quem gostou. Depois torna a trepar na caixa e se aquieta. Tio Fábio volta*) Bem, mãos à obra, mãos à obra! (*Olhando o lugar vazio do doce*) Ué! Quem comeu a cocada que estava aqui? (*Olha à volta*) Ah, compreendo! A Baiana acabou levando.

MUSICALIM

(*negativamente*) Hum. Hum.

TIO FÁBIO

(*esfregando os ouvidos*) Será que ouvi bem?

MUSICALIM

(*mais forte*). Hum. Hum!

TIO FÁBIO

(*surprêso*) Oooooooh!... Mas então a caixinha-de-música é mágica de fato! Vou ver como se conserta caixinha-de-música encantada no meu "Manual Brinquedológico". (*Abre o livro, outra vez*) Vejamos, vejamos. (*Lendo*) I.ª REGRA — Uma lágrima de ternura.

MUSICALIM

(*muito forte*) Hum!

TIO FÁBIO

II.ª REGRA — Uma onda de carinho.

MUSICALIM

(*menos forte*) Hum!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,p86

TIO FÁBIO

III.ª REGRA — Um riso de alegria.

MUSICALIM

(*bem menos forte*) Hum.

TIO FÁBIO

Nota: Tudo isto terá de ser sentido sem querer pelo consertador do brinquedo. (*Coça a cabeça*) Que coisa difícil! Como é que eu posso sentir tanta coisa junta ao mesmo tempo num dia só? Sentir sem querer?

MUSICALIM

(*desanimado*) Hum!...

TIO FÁBIO

(*afetuoso*) Tenha calma, palhacinho. Farei todo o possível pra fazer voltar música à sua caixinha.

MUSICALIM

(*alegre*) Humhum! (*Imobiliza-se de novo*)
(*Surge Seu Nicolau trazendo um pergaminho enorme enrolado*)

SEU NICOLAU

(*da porta da loja*) Tenho a honra de falar com o dono da loja?

TIO FÁBIO

Tem, sim senhor.

SEU NICOLAU

(*olhando-o de alto a baixo*)

Será o senhor Tio Fábio
Nunca triste, nunca azêdo,
Meio doutor meio sábio?

TIO FÁBIO

(*modesto, saindo da loja, mas depois de ter fechado a porta, olhando Musicalim*)

Consertador de brinquedo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA-PTE.

SEU NICOLAU

(*frio*) Meu caro amigo, o senhor *era* o dono da loja. Agora não é mais. Comprei o terreno com loja e tudo. Vou botar a loja abaixo e fazer um arranha-céu. Será meu céu ter um grande edifício de mil-e-um-andares.

TIO FÁBIO

(*pasmo*) Não bastam mil?

SEU NICOLAU

Não. Tem de ser mil-e-um andares. Todos pra mim e minha filha Mônica. Como não sei contar histórias quero que tôdas as noites minha filha conte andares pra poder pegar no sono.

TIO FÁBIO

Quer dizer que a Mônica só dorme se o senhor contar histórias?
(Musicalim sai da caixa e abre a porta, mão no ouvido)

SEU NICOLAU

Isto. Antigamente minha filha tinha uma caixinha-de-música que ficava tocando até ela dormir, com um palhaço que dansava e lhe trazia sonhos bonitos.
(Musicalim, demonstrando haver ouvido, trepa na caixa, alegre)

TIO FÁBIO

(*entre ansioso e assustado*) E que é que houve com a tal caixinha?
(Disfarçadamente, encosta a porta da loja)

SEU NICOLAU

Primeiro, quebrou. Depois, desapareceu. (*Misterioso*) De repente, ninguém sabe como! Uma caixinha-de-música preciosíssima. Imagine que era mágica!
(Musicalim abre a porta da loja, à escuta)

TIO FÁBIO

E Mônica ficou doente por isso?

SEU NICOLAU

Ficou. Minha filha era louca pela tal caixinha. (*Confidencialmente*) Sabe o que ela disse quando viu que a mola havia partido?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 88

TIO FÁBIO

Conte, Seu Nicolau.

SEU NICOLAU

Disse...

MUSICALIM
(jogando a bolinha para Seu Nicolau)

Plim, plom, plim, plom, plim, plom!
Pelo meu travêsso dom!

(Em vez de Seu Nicolau dizer o que pretendia, ouve-se a voz de Mônica, triste, dos bastidores)

VOZ DE MÔNICA

Papai, chame o Tio Fábio! Só o Tio Fábio pode consertar minha caixinha-de-música. Só Tio Fábio, o melhor e o maior dos consertadores de brinquedos do mundo!

TIO FÁBIO

(que articula os lábios à proporção que Mônica fala, como se estivesse imaginando o que a menina falaria) Ah, que encanto a menina da Praça dos Brinquedos! *(Enxuga os olhos num lenço)*

MUSICALIM
(para Seu Nicolau)

Plim, plão, plim, plão, plim, plão!
Pela bôlha de sabão!

SEU NICOLAU

(despertando, a Tio Fábio) O senhor está chorando?

TIO FÁBIO

(disfarçando) Não foi nada, não. Foi um cisquinho que caiu na minha vista.

MUSICALIM

(à platéia) Que cisco nada! Foi uma lágrima de ternura. Esta é a primeira regra, pessoal!

SEU NICOLAU

(olhando para trás, como se estivesse ouvindo alguma voz e retomando a antiga pose) Pois é, Seu Fábio. O senhor pode

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.89

ser o maior e melhor consertador de brinquedos do mundo, mas preciso que saia daqui desta loja porque amanhã sem falta virão derrubá-la para construírem o arranha-céu. (*Mostrando o pergaminho*) Eis a ordem de despejo. (*Desenrola-o*)

TIO FÁBIO

Sairei, Seu Nicolau, sairei. Mas só queria um favorzinho.

SEU NICOLAU

Diga!

TIO FÁBIO

Passar a noite de hoje aqui na loja.

SEU NICOLAU

Por quê?

TIO FÁBIO

Tenho um consêrto muito importante que fazer (*Leva a mão ao peito*) Um brinquedo complicado.

SEU NICOLAU

O senhor está se sentindo mal? Que é que o senhor está sentindo?

TIO FÁBIO

(*disfarçando*) Não foi nada, não foi nada.

MUSICALIM

(*para Seu Nicolau*)

Plim, plom, plim, plom, plim, plom!
Pelo meu travêsso dom!

(*Seu Nicolau se imobiliza. Musicalim diz à platéia*) Pessoal, foi sim: uma onda de carinho. Um carinho muito forte pela Mônica. Atenção, meninos: esta foi a segunda regra! Só falta mais uma regra! (*Para Seu Nicolau, invocando*)

Plim, plão, plim, plão, plim, plão!
Pelo bôlha de sabão!

SEU NICOLAU

(*entregando o pergaminho*) Bem, vou andando. Tenho dito, redito e tridito. O senhor já está avisado. Amanhã a loja irá abaixo (*Vai se afastar quando surge a Baiana, vinda da praça*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 90

A BAIANA

Desconjuro! Sai, homem mau!

SEU NICOLAU

(*indignado*) Isto é jeito de cumprimentar?

A BAIANA

Nunca mais vou lhe dar nem bom-dia nem boa-noite! (*Senta-se junto do taboleiro*)

SEU NICOLAU

(*irônico*) Como se eu precisasse dêles, atrevida!

A BAIANA

(*mãos na cintura*) Mió sê atrevida que sê feito o sinhô, Seu Nicolau coração duro de pau! (*Repete*) Seu Nicolau coração duro de pau! (*Convidando a platéia*) Digam comigo, meninos:

Seu Nicolau, coração duro de pau!
Seu Nicolau, coração duro de pau!
Seu Nicolau, coração duro de pau!

SEU NICOLAU

(*a Tio Fábio*) Como! O senhor está rindo? Mas isto é uma afronta!

TIO FÁBIO

(*atrapalhado*) Não era riso não.

MUSICALIM

Era, sim: era um riso de alegria. (*Piscando o ôlho*) Agora só falta Tio Fábio me dar corda de novo. Chiii... Esqueci de dizer as palavras mágicas!

SEU NICOLAU

(*levando a mão ao ouvido*) De quem é esta voz que estou ouvindo? Não é de nenhum de nós! (*Entra na loja e dá com a caixinha-de-música*) Como é que êste brinquedo veio parar aqui? (*Severo, ao Tio Fábio*) Explique-se!

A BAIANA

(*tomando ares de defesa*) Êle num tem curpa, Seu Nicolau. Quem troxe a caixinha-de-musga parece que foi o lixero.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, Pt 97

TIO FÁBIO

A caixinha não presta mais. Está quebrada.

SEU NICOLAU

(*desconfiando*) E o senhor pensa que acredito? Minha filha disse que o senhor é o maior e melhor consertador de brinquedos do mundo. Ora, sendo assim, o senhor consertou a caixinha-de-música!

TIO FÁBIO

Seu Nicolau, a caixinha está quebrada.

SEU NICOLAU

Duvido. Dê corda, vamos!

TIO FÁBIO

Se o senhor insiste...

SEU NICOLAU

Insisto, reincisto e triincisto.

TIO FÁBIO

Não vai adiantar, que eu sei. (*Dá corda na caixa e, de repente, Musicalim começa a se mover ao som de música*)

MUSICALIM
(*cantando*)

Plim, plim, plim, plim, plim, plim, plim!
Sou palhacinho encantado.
Meu nome é Musicalim
Da Caixinha Musicada!

TODOS

(*surpresos*) Ah!... Oh!...
(*Ao terminar o estribilho de Musicalim, entra Dr. Sabe-Nada puxando Mônica, de roupão e chinelos, pela mão*)

MÔNICA

Minha caixinha-de-música! (*Abraça Musicalim*) Foi Tio Fábio quem consertou você! (*Corre para o consertador*) Obrigada, Tio Fábio, muito obrigada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.92

SEU NICOLAU

(irônito) Que é isto, Dr. Sabe-Nada? Com que direito o senhor tirou minha filha da cama? Ela não está doente?

DR. SABE-NADA

Esestava. Agora não esestá mais.

MÔNICA

(a Seu Nicolau) Que engraçado, Papai! Parece até coisa de encantamento! Ouvi a música da caixinha e fiquei logo boa! Completamente boa!

A BAIANA

(à Mônica) Quantas cocadas vancê qué, minina? A seu pai num dô nada: nem bom-dia. Mas a vancê, quanta cocada voncê quizé eu dô. (*Apontando Seu Nicolau*) Vancê sabe que seu pai vai mandá o Tio Fábio embora? Seu pai comprou a loja, e o terreno da loja: Tio Fábio não tem onde morá. Num vai havê mais consertadô de brinquedo aqui na praça.

MÔNICA

(incrédula) É verdade, Papai?

SEU NICOLAU

(contrafeito) É... sim... é. Vou construir um arranha-céu com mil-e-um-andares. Vai ser divertido contar os andares, hein?

MÔNICA

(triste) Mas Papai: pra que é que nós precisamos de um arranha-céu? Eu gosto tanto da nossa casa!

SEU NICOLAU

Mas preciso demolir esta loja! Você não compreende, filhinha: é o progresso.

A BAIANA

(resmungando) Progresso coisa nenhuma. É ambição. Ambição.

DR. SABE-NADA

Proprogresso não jusjustifica porpor gengente na rurrua! E mumuito memenos Tititio Fafafábio: um bebê... que bebê nada: um bebenemérito!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 v.p.93

TIO FÁBIO

(conciliador) Mas Seu Nicolau é o proprietário e, demais a mais penso me aposentar. *(Tristonho)* Não faço falta. Ninguém precisa de um consertador de brinquedos.

SEU NICOLAU

(voz forte) Não adianta nem argumentos nem lamentos. Minha decisão é irrevogável. I-rre-vo-gá-vel, escutaram?

MÔNICA

(exigente) Meu pai, acho que vou ficar doente de novo. Eu gosto do Tio Fábio, meu pai! Não quero arranha-céu, não quero, não quero, não quero!

DR. SABE-NADA

Seuseu Ninicolau, nao conconvém concontrariar a memenina. Eeela esesteve tãotão dodoente! Ééé capaz dede ficar de nonovo!

A BAIANA

(resmungando) Êsse Seu Nicolau é capaz de dexá a filha dêle morrê pru mode construí o arranha-céu!

MÔNICA

(sempre exigente) Papai! Não mande Tio Fábio embora! Deixe o Tio Fábio ficar: eu gosto dêle! *(Súbito, como que tem uma idéia: faz uma cara gaiata, à platéia, e simula ter um desmaio, caindo, devagar)*

SEU NICOLAU

(em pânico) Mônica! Filhinha! *(voltando-se para Dr. Sabe-Nada)* Que é que minha filha tem?

DR. SABE-NADA

(afobado, à Mônica) Dididiga: trinta e três *(auscultando-a com o aparêlho)*

MÔNICA

(disfarçando o riso) Mil e um!

DR. SABE-NADA

(espantadíssimo) Quêquêquê?!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 94

MÔNICA

Mil-e-um! *(Pisca o ôlho, cômica)*

DR. SABE-NADA

Ahahah!... Jájá seisei! *(A Seu Nicolau)* Mil-e-um: o sesenhor temtem queque dedesistir do arranha-céu. Dodo aarranha-céu.

MÔNICA

Eu não quero o arranha-céu. Eu quero Tio Fábio. *(Seu Nicolau, meditativo, passeia vários segundos com as mãos atrás das costas, em atitude grave. Em seguida, acercando-se de Mônica, afaga-lhe o rosto ternamente e, sùbito, desabafa)*

SEU NICOLAU

Minha filhinha, minha filhinha: você ganhou! *(Vendo que Mônica abre os olhos e sorri)* Tio Fábio não irá embora.

MÔNICA

(reanimando-se de imediato) Que bom, Papai, que bom!

SEU NICOLAU

Construirei os mil-e-um andares e um andar bem grande será pro Tio Fábio.

MÔNICA

(alegre) Mas Papai: eu quero outro pra Sá Rita!

SEU NICOLAU

Está bem: eu dou.

MÔNICA

(cada vez mais animada) E uma fábrica de sorvete, e uma de balas, e um teatro pras crianças, e um cinema, e muitos livros de histórias...

SEU NICOLAU

(bonachão) Chega! Chega, minha filha!

DR. SABE-NADA

Chechechega Momomônica! Vovocê venvenceu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

SEU NICOLAU

Ora, afinal foi Tio Fábio quem curou Mônica.

TIO FÁBIO

Obrigado, Seu Nicolau, por nos deixar morar no edifício.

MÔNICA

(à baiana) Você terá uma cozinha enorme só pra fazer suas cocadas!

SEU NICOLAU

É o Tio Fábio vai dirigir uma grande loja de brinquedos novos.

TIO FÁBIO

Se o senhor não se importasse eu preferia ficar sempre consertando brinquedos.

SEU NICOLAU

Pois bem, vou lhe dar uma oficina super-moderna e lhe dar um bom ordenado para que tôdas as crianças pobres possam ter seus brinquedos consertados de graça.

TIO FÁBIO

Muitíssimo obrigado. É isto mesmo, Seu Nicolau: tudo que é criança deve ter brinquedos, sorvetes, balas e histórias, sempre.

A BAIANA

Mas até o edifício ficá pronto onde é que o Tio Fábio vai morá?

SEU NICOLAU

Conosco: eu e Mônica. Bom, já vou indo tratar dos planos. *(Cumprimenta as crianças, acenando-lhes, e sai)*

TODOS

Muito bem! Muito bem! *(Abraçam-se a torto e a direito efusiva e desencontradamente)*

DR. SABE-NADA

Masmas ninninguém vaivai dar viviva?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

A BAIANA

Eu vou: viva Seu Nicolau!

TODOS

Viva!

TIO FÁBIO

Eu também: viva Mônica!

TODOS

Viva!

MÔNICA

Eu também: viva Dr. Sabe-Nada!

TODOS

Viva!

DR. SABE-NADA

Ninninguém esqueceu ninninguém? *(à platéia)* Memeninos, vavamos!

TODOS

Viva Tio Fábio!

A BAIANA

(súbito) Uai, xente! A sorte do Tio Fábio deu certo. *(Lembrando)*

Muita sorte, muita sorte,
Quem esta sorte tirá.

DR. SABE-NADA

Mumumuito longe, a morte.

A BAIANA

E a furtuna vai chegá!

MÔNICA

Vamos pois nos alegrar!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.97

TODOS

(dando-se as mãos e em roda, cantando)

"Atirei um pau no gato to to
Mas o gato to to
Não morreu reu reu
Sinhá Chica ca ca
Admirou-se se
Do berrô, do berrô
Que o gato deu, miaaaauuu"! *(Abaixam-se)*

MUSICALIM

(atirando-lhes a bolinha mágica)

Plim, plão, plim, plão, plim, plão
Pela bôlha de sabão! *(Êles se imobilizam)*

EGOÍSTOSÃO

(pela esquerda, já sem o chapéu de bruxo e as unhas roxas agora aparadas)

Perdi meu escravo! Perdi Seu Nicolau, coração duro de pau! *(À platéia)* Vocês estão rindo, garôtos? Vocês estão zombando de mim? *(Cai ajoelhado, agarrando a cabeça com as mãos e soluçando)*

MUSICALIM

(à platéia) Psiu!... *(Aproximando-se do Egoístosão)* Não fique triste, amigo. Ouça bem: agora que você perdeu as garras não está sentindo um ar diferente? Mais leve? Mais alegria?

EGOÍSTOSÃO

(respirando fundo) Estou, sim! Um ar cheiro de flor, não é? De flor-bondade! *(Arrependido)* Musicalim; você me perdoa?

MUSICALIM

Perdôo. *(À platéia)* Perdoamos, não é, garôtos?

EGOÍSTOSÃO

(sorrindo) Como é bom ser bom! Já estou sentindo uma porção de sininhos aqui dentro! *(Bate no peito)* Sininhos de cristal. *(Levanta-se, dando a mão a Musicalim)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.98

MUSICALIM

(atirando a bolinha para os personagens imóveis)

Plim, plem, plim, plem, plim, plem:
Pela mágica do bem!

(Os personagens começam a dansar uma quadrilha, da qual participa Egoístosão, alegre. E Musicalim trepa no caixote dourado e acena ao público, cantando)

Plim, plim, plim, plim, plim, plim, plim!
Adeuzinho garotada!
Lembrem de Musicalim
Da Caixinha Musicada!

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.99

A

COELHINHA
CONFEITEIRA

54

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0245, p. 100

A COELHINHA CONFEITEIRA

Peça infantil em 2 ATOS e cenário único.

PERSONAGENS:

Coelhinha Confeiteira
Dom Coelho
Seu Lebrão
Seu Pascoalino
O Mágico
Repórter Tico-Tico
Franguinha Carijó
Franguinha Garnizé
Pinto Calçudo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.101

1.º ATO

(Confeitaria de Seu Lebrão. Balcões, prateleiras, caixas com laços de diversos feitios, côres e tamanhos. Ao começar a cena entram Seu Lebrão, amarelo, gordo, de óculos e corrente de relógio à mostra; e o Repórter Tico-Tico, de bloquinho de papel e lápis à mão).

SEU LEBRÃO

Entre, Repórter Tico-tico, que vou lhe mostrar minha confeitaria — a melhor da Pascoalândia! *(À Coelhinha Confeiteira)* Tudo em ordem, Coelhinha Confeiteira? Os ovos de Páscoa já estão prontos?

A COELHINHA

(Branca, de avental em forma de coração)
Quase, Seu Lebrão. Quase, quase.

SEU LEBRÃO

(Passando em revista taboleiros e caixas)
Veja só, Repórter Tico-tico: ovos de chocolate, ovos de marzipan, ovos de açúcar cândi...

REPÓRTER TICO-TICO
(Destampa uma lata)
Que é isto aqui?

A COELHINHA

Ovinhos com licor, e amêndoas confeitadas.

REPÓRTER TICO-TICO
(Provando)
Que delícia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 IP 107

SEU LEBRÃO
(Satisfeito)

Muito bem, Coelhinha Confeiteira. Você é minha melhor confeiteira é a melhor da Pascoalândia, você é a melhor confeiteira do mundo!

REPÓRTER TICO-TICO
(Aparteando)

A melhor e a mais bonita! *(Toma nota no bloquinho)*

SEU LEBRÃO
(Ao Repórter Tico-tico)

Nós, os coelhos, não gostamos de bombons, nem de balas, nem de doces. Mas as meninas e os meninos adoram e fazemos tudo isto pra êles. *(À Coelhinha)* E os ninhos, Coelhinha Confeiteira? É preciso preparar os ninhos antes do Mágico chegar. Que espécie de ninhos você preparou?

A COELHINHA

De várias qualidades, Seu Lebrão. Ninhos de palha, de algodão e papel celofane para serem escondidos nas plantas e varandas. E ninhos de fios d'ovos para enfeitar os pratos do Domingo de Páscoa.

SEU LEBRÃO
(Sempre inspecionando)

Ótimo! Ainda bem. Está na hora do Mágico chegar.

REPÓRTER TICO-TICO

Mas que é que o Mágico tem de ver com a Páscoa? Pensei que só os coelhos fôssem encarregados dos ovos de Páscoa. *(Anota no bloquinho)*

SEU LEBRÃO

É muito simples, Repórter Tico-tico. O ano inteiro os coelhos trabalham com os mágicos. *(Ao público)* Vocês não estão acostumados a ver os mágicos tirando coelhos da cartola? *(Ao Tico-tico)* Pois é, Repórter Tico-tico. Quando chega a Páscoa é a vez dos mágicos ajudarem os coelhos. E ajudam.

REPÓRTER TICO-TICO

Como?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

COELHINHA CONFEITEIRA

Distribuindo os ninhos e ovos de Páscoa pra garotada do mundo inteiro!

REPÓRTER TICO-TICO

Ah! Já entendi: vocês preparam tôdas as gostosuras aqui, na Pascoalândia, e os mágicos fazem aparecer os ninhos e ovinhos de Páscoa nas casas dos meninos e meninas!

A COELHINHA

Isto mesmo! Que repórter inteligente!

REPÓRTER TICO-TICO
(Agradecendo)

Pego tudo e pico, pico.
Sou o Repórter Tico-Tico! *(Recomeça as anotações)*

SEU LEBRÃO

Vá preparando seu picadinho com calma que lá vem mais.

REPÓRTER TICO-TICO
(Em tom baixo)

Quem é êsse careca com cara de ôvo que está entrando?

SEU PASCOALINO
(Bonachão)

Pode falar em voz alta que eu não me incomodo nem de ser careca nem de ter cara de ôvo. *(Estendendo a mão)* O meu nome é Pascoalino. *(Tem características apalhaçadas. Completamente calvo, nariz postiço, bôca aumentada. Paletó listado, grande gravata borboleta com bolas estampadas)*

SEU LEBRÃO
(Apresentando)..

O famoso Seu Pascoalino, animador das festas da Páscoa.

SEU PASCOALINO

Sou o homem dos recursos, discursos e concursos. *(À Coelhinha)* Por falar em concursos, Coelhinha Confeiteira: você não vai se candidatar ao título de Miss Páscoa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

A COELHINHA
(Modesta)

Não senhor, Seu Pascoalino, nem pensei nisto.

SEU PASCOALINO

E por que não? Você é o tipo da coelhinha bonita.

A COELHINHA

Qual, Seu Pascoalino! Não tenho jeito para essas coisas. Demais a mais estou muito atarefada com os doces e confeitos. Prefiro alegrar as crianças do que ser Miss Páscoa.

SEU PASCOALINO
(A Seu Lebrão)

Quer dizer que a sua confeitaria...

SEU LEBRÃO
(Interrompendo)

A melhor da Pascoalândia!

SEU PASCOALINO
(Continuando)

... vai ficar sem nenhuma candidata ao concurso? Nenhuma das suas confeiteiras quer ser Miss, Seu Lebrão?

SEU LEBRÃO

Nada disso. Duas das minhas auxiliares são sérias candidatas.

REPÓRTER TICO-TICO

Onde estão elas?

SEU LEBRÃO

Vou chamar. *(Chamando)* Franguinha Garnizé? Franguinha Carijó? Venham cá!

REPÓRTER TICO-TICO
(A Seu Lebrão)

Então há frangas e galinhas, também, nas fábricas e confeitarias de Pascoalândia?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.105

SEU LEBRÃO

Decerto. Quem é que providencia os ovos de verdade para os doces e recheios? E os ovos cozidos? Há muita gente que prefere comer ovos cozidos, na Páscoa.

A COELHINHA

É sim. Ovos com a casca pintada de uma porção de côres.

SEU PASCOALINO

E outros preferem ovos recheiados imitando coelhinhos.

REPÓRTER TICO-TICO

(Anotando)

Mas que é das franguinhas?

SEU PASCOALINO

Acho que elas vêm aí.

SEU LEBRÃO

E vêm até fantasiadas de Miss!
(Entram as franguinhas. Uma é baixinha. A outra tem roupa cheia de pintas. Ambas usam faixas com a palavra Miss, impressa)

FRANGUINHA CARIJÓ

(Apresentando-se)

Cócócócócócóró: sou Franguinha Carijó. *(Exibe-se, caminha e vira-se feito modêlo de modas)*

FRANGUINHA GARNIZÉ

Quéquéquéquéquéquéré: sou Franguinha Garnizé. *(Exibe-se)*

SEU PASCOALINO

(Às franguinhas)

Bravos! Vocês estão em ótima forma, garôtas! *(Ao Repórter Tico-Tico)* Mas falta classe, falta classe. Na minha opinião quem devia ser Miss é a Coelhinha Confeiteira. *(O Repórter Tico-tico anota)*

SEU LEBRÃO

Ora viva! Afinal lá vem o Mágico. Como vai, amigo? *(O Mágico é barbudo, usa roupa e capa prêtas)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 1 p 106

O MÁGICO

(Tirando a cartola e aparecendo de turbante)
Mal, Seu Lebrão. Malissimamente mal.

SEU PASCOALINO

Que aconteceu? O senhor está com ar péssimo!

O MÁGICO

(Abatido)

Pessissimo. Pessimisticamente péssimo.

SEU LEBRÃO

Por que, Seu Mágico?

O MÁGICO

(Dramático)

Perdi minha bola de cristal!

TODOS

Oh! Ah! Como?!

SEU LEBRÃO

Que tragédia! *(Ao Repórter Tico-Tico)* É na bola de cristal que os mágicos vêem tudo, até nomes e endereços.

O MÁGICO

Sem minha bola de cristal como é que eu posso saber onde é que há casas de crianças? Quantas crianças moram em cada casa? Quais são as boazinhas que merecem ganhar ovos de Páscoa?

REPÓRTER TICO-TICO

Quer dizer que agora o senhor não poderá levar os ninhos e os ovinhos? O senhor não poderá fazer aparecer as gostosuras que a Coelhinha Confeiteira fêz pras crianças?

O MÁGICO

Não, não posso. Sem minha bola de cristal, não.

A COELHINHA

(Esperançada)

E se o senhor pedisse a outro mágico seu amigo uma bola de cristal emprestada?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

O MÁGICO

Nas vésperas da Páscoa? Impossível. Tôdas as bolas de cristal estão ocupadas. Todos os mágicos trabalhando com elas, descobrindo nelas os endereços da gurizada.

FRANGUINHA CARIJÓ

Ora, Seu Mágico! Esqueça esta bobagem de bola de cristal.

FRANGUINHA GARNIZÉ

Deixe as crianças sem ovos de Páscoa êste ano. As crianças não vão morrer se não ganharem ovinhos de chocolate.

FRANGUINHA CARIJÓ

Venha ao concurso de misses.

FRANGUINHA GARNIZÉ

O concurso é muito mais divertido que perder tempo com crianças.

FRANGUINHA CARIJÓ
(Dando o braço ao Mágico)

Venha comigo.

FRANGUINHA GARNIZÉ
(Puxando-o)

Não: venha comigo.

FRANGUINHA CARIJÓ
(Protestando)

Cócócócócóró!
Vou ganhar! Eu: Carijó.

FRANGUINHA GARNIZÉ
(Protestando)

Quéquéquéquéquéquéré!
Vou ganhar! Eu: Garnizé.

SEU LEBRÃO

Garôtas, garôtas: tenham modos!

SEU PASCOALINO
(Ao Repórter Tico-Tico)

Falta classe, falta classe: quem devia ser Miss é a Coelhinha Confeiteira, que é lindinha e modesta.
(As franguinhas se olham com raiva)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 108

SEU LEBRÃO
(Ao Mágico)

Mas como foi que o senhor perdeu sua bola de cristal?

O MÁGICO

Não sei. Desapareceu.

SEU PASCOALINO

E o senhor já pediu ao Dom Coelho, seu ajudante, para ajudá-lo a procurar?

O MÁGICO
(Suspirando)

Não posso. Meu ajudante está de férias. Férias merecedíssimas, aliás. Êle passa o ano inteiro estudando, coitado. Quer ser mágico, também.

FRANGUINHA CARIJÓ
(Zombando)

Não acredito em coelho mágico.

FRANGUINHA GARNIZÉ

Nem eu. Mágica, só a galinha dos ovos de ouro.

SEU PASCOALINO

Hum, nunca vi coelho tirar da cartola um mágico, por exemplo. O mágico é que tira da cartola um coelho.

A COELHINHA

Pois eu tenho certeza que Dom Coelho vai aprender a fazer mágica. Êle tem o melhor professor do mundo! (*Faz uma reverência ao Mágico*)

O MÁGICO

Obrigado, Coelhinha Confeiteira. Não admira que Dom Coelho, meu ajudante, esteja apaixonado por você. Você é a coelhinha mais coelhíssima da Pascoalândia!

SEU LEBRÃO
(Aflito)

Mas como é que o senhor vai achar a bola de cristal? Não há palavras mágicas especiais, pra fazer a bola aparecer?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 109

O MÁGICO

(À parte, puxando Seu Lebrão pelo braço e segredando) Que há, há.

SEU LEBRÃO

Quais são as palavras mágicas?

O MÁGICO

(Em tom de invocação)

Abracadabra! Abracadabra!
Ó pé de pinto! Ó pé de cabra!

SEU LEBRÃO

Ah!... E por que o senhor não diz estas palavras?

O MÁGICO

Já disse e não adianta. *(Misterioso)* O Abracadabra foi dito antes de mim, à meia-noite, de modo que agora a bola de cristal não me pertence mais. Pertence à outra pessoa.

SEU LEBRÃO

E se essa pessoa lhe devolvesse a bola antes de meia-noite?

O MÁGICO

Será que devolve? Se não devolver, uma porção de crianças vai ficar sem ovos de Páscoa.

SEU LEBRÃO

Tomara que essa pessoa devolva a bola de cristal antes de meia-noite!

O MÁGICO

Tomara! Estou tristissimamente triste. *(Despedindo)* Vou pra casa estudar nos meus livros de magia e encantamento, ver se descubro um jeito de encontrar os endereços da garotada. Mas sem bola de cristal duvido muito!

SEU PASCOALINO

Vou com o senhor. Estou louco pra aprender uns truquezinhos mágicos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

SEU LEBRÃO

Também vou. Venha conosco, Repórter Tico-tico. *(À Coelhinha e às franguinhas)* Se aparecerem fregueses sejam delicadas, meninas.

A COELHINHA

Pois não, Seu Lebrão, com todo o gôsto.

FRANGUINHA CARIJÓ
(Espevitada)

Pois sim, Seu Lebrão!

FRANGUINHA GARNIZÉ
(Enfadada)

Com nenhum gôsto.

(O Mágico, Seu Lebrão, Seu Pascoalino e o Repórter Tico-tico saem)

FRANGUINHA CARIJÓ

Ah! Seu Lebrão, pensa que vou ficar aqui estragando minha pele diante do calor do forno?

FRANGUINHA GARNIZÉ

E pensa que vou quebrar minhas unhas e queimar meus dedos fazendo massas e pegando tabuleiros quentes?

FRANGUINHA CARIJÓ

Isto é bom pra Coelhinha Confeiteira, que é uma bôba e não se candidatou à Miss.

FRANGUINHA GARNIZÉ

É, vamos deixar a bôba da Coelhinha Confeiteira trabalhar sòzinha. Vamos procurar um cronista social.

A COELHINHA

Que é cronista social?

FRANGUINHA CARIJÓ

É um jornalista metido a grãfino que escreve sôbre elegância.

FRANGUINHA GARNIZÉ

Vou pedir a êle pra escrever que a mais elegante sou eu, que mereço ser Miss Páscoa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

FRANGUINHA CARIJÓ
(Zangada)

Cócócócócócóró!
Vou ganhar! Eu: Carijó!

FRANGUINHA GARNIZÉ

Quéquéquéquéquéquéré!
Vou ganhar! Eu: Garnizé!

(Saem, espevitadas. Pelo outro lado surge Dom Coelho, de cartola à mão, casaca e um ramo de cenouras cercado de fôlhas de alface, tudo atado com um laço de fita)

DOM COELHO
(Apaixonado)

Olá Coelhinha
confeiteirinha!

A COELHINHA
(Sorrindo)

Olá, Dom Coelho
de ôlho vermelho!

DOM COELHO
(Escondendo o presente)

Adivinhe o que eu lhe trouxe?
Não é doce, não é doce!

A COELHINHA

Que há-de ser? Uma cenoura?

DOM COELHO

Várias! Várias cenourinhas!
E... que mais?

A COELHINHA
(Adivinhando)

Umas folhinhas? Umas folhinhas de alface?

DOM COELHO
(Oferecendo)

Trouxe um pé de alface inteiro!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, P.112

A COELHINHA
(Encantada)

Obrigada! Que exagêro! *(Coloca o pé de alface num jarro)*

DOM COELHO
(Arrebatado)

Pra você tudo é tão pouco!
Por sua causa estou louco.

A COELHINHA
(Dengosa)

Que bom, Dom Coelho! Deixe que eu guarde sua cartola aqui, quer? *(Estende a mão para pegá-la)*

DOM COELHO

Cuidado, cuidado que há uma surprêsa dentro da cartola.

A COELHINHA

Que é, Dom Coelho? Você já está aprendendo alta magia com seu chefe e professor, o Mágico?

DOM COELHO

Se estou, Coelhinha! *(Confidencialmente)* Calcule que ontem, um pouquinho antes de meia-noite, fui fazer assim, ó: *(Em tom de invocação)*

Abracadabra! Abracadabra!
Ó pé de pinto! Ó pé de cabra!

(Em tom normal) E adivinhe o que apareceu a meu lado!

A COELHINHA

Um mágico!

DOM COELHO

Que mágico o quê! Uma bola de cristal! *(Tira-a da cartola)*

A COELHINHA
(Surprêsa)

A bola de cristal do Mágico!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.113

DOM COELHO
(Orgulhoso)

Do mágico, não: minha. Eu já lhe disse que não roubei nem toquei na bola de cristal de meu chefe, Coelhinha. Só fiz assim: *(Repetindo a invocação)*

Abracadabra! Abracadabra!

Ó pé de pinto! Ó pé de cabra!

(Em tom normal) E a bola de cristal apareceu! Minhas fôrças magnéticas estão fortes! *(Aflito)* Você não acredita?

A COELHINHA

Acredito, Dom Coelho. Não pio mas acredito piamente. Sei que você não é mentiroso. Mas esta bola de cristal não é sua, é do Mágico.

DOM COELHO

Quem foi que disse?

A COELHINHA

Êle mesmo. Apareceu aqui e contou que a bola de cristal dêle havia desaparecido. Aí o Seu Pascoalino perguntou: Que é do seu ajudante, Seu Mágico, para ajudar o senhor a procurar a bola?

DOM COELHO

Que foi que o Mágico respondeu?

A COELHINHA

Que você estava de férias e que as férias eram merecidas.

DOM COELHO

É, passo o ano inteiro estudando as artes da magia. Quero ser mágico, também.

A COELHINHA

Eu sei.

DOM COELHO
(Desconsolado)

Mas agora não vou poder ser mágico tão cedo. Sem bola de cristal não posso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

A COELHINHA

Quer dizer que você vai devolver a bola de cristal ao dono, que é o Mágico?

DOM COELHO

Naturalmente que vou. Como é que posso guardar o que não é meu? É uma questão de honestidade.

A COELHINHA

Olhe Dom Coelho
do ôlho vermelho:
você é o maior amor de coelho que existe! *(Dá-lhe um beijo)*

DOM COELHO
(Radiante)

Olhe, Coelhinha
confeiteirinha:
prefiro não ser mágico a causar um desgôsto a você.

A COELHINHA

Coragem! Você ainda há-de ser um mágico formidável. Não se esqueça, Dom Coelho: em você há mistério e boa sorte. Há dente de coelho, há pata de coelho.

DOM COELHO
(Animando-se)

É mesmo! Vou ser um mágico formidável e fazer aparecer ninhos de ovos de Páscoa na casa de tôdas as crianças! *(À platéia)* Vocês vão ver só!

A COELHINHA
(Oferecendo)

Prove um pedaço de alfacinha repolhuda e cenourinha especial . Depois, então, pode ir entregar a bola de cristal ao Mágico.

DOM COELHO

Está bem. Obrigado, Coelhinha. *(À platéia)* Vocês querem alface e cenoura, querem? Ah! Vocês preferem ovinhos de chocolate, amêndoa e açúcar cândi? Calma, garotada! Vou devolver a bola de cristal daqui a pouquinho.

(Termina o 1.º ATO mas a cena continua, incontinenti).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 115

2.º ATO

(Mesmo cenário. Entra o Pinto Calçudo, uma franguinha de cada braço. Pinto Calçudo tem crista exagerada e calças justas nas pernas.)

FRANGUINHA CARIJÓ
(Ao Pinto)

É aqui que eu trabalho.

FRANGUINHA GARNIZÉ
(Ao Pinto)

Eu também trabalho aqui.

PINTO CALÇUDO
(Pedante)

Que *boutique* fabulosa! *(Olhando a Coelhinha)* Quem é aquela belezoca de Coelhinha?

FRANGUINHA CARIJÓ

É a Coelhinha Confeiteira.

PINTO CALÇUDO

Mas que grãozinho de milho ela é!

FRANGUINHA GARNIZÉ
(À Carijó)

Se êle continuar falando essa língua maluca não vou entender mais nada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0265/P 116

FRANGUINHA CARIJÓ
(À Garnizé)

Não seja ignorante, menina! Você não sabe que os cronistas sociais falam diferente?

FRANGUINHA GARNIZÉ

Ah! *(Ao Pinto Calçudo)* Que foi mesmo que você disse da Coelhinha Confeiteira?

PINTO CALÇUDO

Que ela tem ar de coelhinha *bem.*

FRANGUINHA CARIJÓ
(Despeitada)

Bem bôba é o que ela é. *(Rindo)* Ri, ri, ri, ri!

PINTO CALÇUDO
(Apresentando-se)

Enchanté, Coelhinha.

Me chamam de topetudo
porque a muitos deixo mal.
Mas eu sou Pinto Calçudo:
faço crônica social.

COELHINHA CONFEITEIRA

Muito prazer, Pinto Calçudo! *(Faz uma reverência)*

PINTO CALÇUDO
(Olhando Dom Coelho com desdém)

Quem é êste *rabbit?* Será seu *love,* por acaso?

DOM COELHO
(Insultado)

Escute, Seu Pinto Calçudo. Deixe de ser pedante. Sou coelho-do-mato, coelho tapiti, mas sei falar Inglês, ouviu? Não precisa me chamar de *rabbit* porque meu nome é Dom Coelho. Quanto a esta história de *love,* sou noivo da Coelhinha Confeiteira, mesmo. Escreva isto na sua crônica social.

PINTO CALÇUDO
(Examinando Dom Coelho)

Qual é seu ramo de *business?* Seus negócios?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.245, p.117

DOM COELHO

Sou ajudante de mágico e, nas horas vagas, aprendiz.

PINTO CALÇUDO
(Impressionado)

E você tem aprendido muita mágica?

A COELHINHA

Tem. Na última experiência, êle conseguiu uma bola de cristal. *(Mostra-a).*

FRANGUINHA CARIJÓ
(Pasma)

A bola de cristal do Mágico!

FRANGUINHA GARNIZÉ

O Mágico já sabe?

DOM COELHO

Não sabe, não, mas vai saber daqui a pouco.

A COELHINHA

Dom Coelho vai devolvê-la.

PINTO CALÇUDO
(À platéia)

Quem me dera ter uma bola de cristal! Se eu tivesse uma bola de cristal seria o melhor cronista social da Pascoalândia! *(Fingindo-se de tolo, a Dom Coelho)* Pra que é que serve uma bola de cristal, hein?

A COELHINHA

Ih! Tanta coisa! Na bola de cristal a gente pode ver e saber de tudo o que os outros estão pensando, fazendo, onde moram.

FRANGUINHA CARIJÓ
(Ao Pinto Calçudo)

Imagine se você tivesse uma! Seria um perigo para as elegantes!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 p.118

FRANGUINHA GARNIZÉ
(Ao Pinto Calçudo)

Tudo que é intriguinha e novidade você veria logo na bola de cristal. Já pensou?

PINTO CALÇUDO
(Fazendo-se de inocente)

Não, nunca pensei. *(Pisca o ôlho à platéia)* Quanto custa uma bola de cristal, Dom Coelho?

DOM COELHO
(Sonhador)

Não tem preço, Pinto Calçudo, não tem preço. Demais a mais não posso vender porque não é minha.

PINTO CALÇUDO

Ora! Venda e dê metade do dinheiro ao Mágico. Eu preciso dessa bola pra saber dos mexericos, intrigas e disse-que-me-disses aqui da Pascoalândia. *(Emproando-se)*

Me chamam de topetudo
porque a muitos deixo mal.
Mas eu sou Pinto Calçudo:
faço crônica social.

DOM COELHO

Não posso lhe vender.

A COELHINHA

A bola de cristal não é dêle: é do Mágico.

PINTO CALÇUDO
(a Dom Coelho)

Então você prefere devolver a bola de cristal a um mágico qualquer em vez de vendê-la a mim, um pinto quatrocentão, por milhões e milhões de... elogios?

DOM COELHO

Prefiro, sim. O Mágico precisa da bola para descobrir o endereço da criançada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

A COELHINHA
(Ao Pinto Calçudo)

O Mágico não é um mágico qualquer. É um mágico de bom coração que faz aparecer ovos de Páscoa pras crianças.

FRANGUINHA CARIJÓ
(À Coelhinha)

Você sempre bôba! Não sabe agradar o cronista social!

FRANGUINHA GARNIZÉ
(À Coelhinha)

Assim você nunca será Miss, sua boboca. Só se fôr Miss Pateta.

FRANGUINHA CARIJÓ
(À Garnizé)

Por falar em Miss, Franguinha Garnizé: sua pintura está horrível, se derretendo tôda!

FRANGUINHA GARNIZÉ

Obrigada pelo aviso, Franguinha Carijó. Eu ia lhe dizer neste momento que suas pestanas postiças estão quase caindo.

FRANGUINHA CARIJÓ

Vamos retocar nossa *maquillage*, então, querida?

FRANGUINHA GARNIZÉ

Vamos, minha flor!
(As duas se olham com raiva mas sorriem ao Pinto Calçudo)

FRANGUINHA GARNIZÉ
(Pernóstica)

Com licença. *(Ao Pinto)* *Pardon,* Pinto Calçudo.

FRANGUINHA CARIJÓ
(Pernóstica)

Excuse me. (Saem)

PINTO CALÇUDO
(À Coelhinha)

Você não vai se rebocar, também?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 120

DOM COELHO
(Lírico)

Não. A Coelhinha
Minha noivinha
é assim lindinha
ao natural.

SEU LEBRÃO
(Entrando, sem ver Pinto Calçudo)

Sim, Dom Coelho
do ôlho vermelho:
esta coelhinha
confeiteirinha
é mesmo a tal!

(À Coelhinha) Coelhinha Confeiteira, há uma camioneta esperando pelas amêndoas confeitadas e ovinhos de licor. Vamos levar as caixas lá fora. *(Pega em caixas grandes e se afasta).*

A COELHINHA
(Amável)

Pois não, Seu Lebrão. *(Afasta-se com duas caixinhas, uma em cada mão).*

DOM COELHO

Espere, Coelhinha! Faço questão de ajudar. *(Sai com um montão de caixas, atrás da Coelhinha).*

PINTO CALÇUDO
(Tirando a bola de cristal da cartola de Dom Coelho)

Ah! ah! ah, Pinto Calçudo!
Roube a bola de cristal!
A bola que mostra tudo.
Há-de ser sensacional!

(Pega no balcão um grande ninho de palha e bota a bola dentro)

SEU LEBRÃO
(Entrando, sempre distraído, e dirigindo-se ao Pinto Calçudo)
E o senhor, freguês, já foi atendido?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, IP: 121

PINTO CALÇUDO
(Carregando o ninho)

Já, sim senhor. Adeusinho.

SEU LEBRÃO

E já pagou, também?

PINTO CALÇUDO
(Nervoso, olhando a porta)

Não senhor. Quanto é?

SEU LEBRÃO
(Examinando a bola de cristal)

Não sei. Que ôvo engraçado. Parece até uma bola. Isto é ôvo de quê? Não está parecendo de açúcar cândi.

PINTO CALÇUDO
(Sempre olhando a porta)

O senhor sabe Inglês?

SEU LEBRÃO

Não senhor. Só sei falar Coelhano e Lebrês.

PINTO CALÇUDO
(À platéia)

Pois êle vai cair no conto da bola! *(A Seu Lebrão)* Êste ôvo aqui que vou levando é de *glass*. *(Passa-lhe um níquel e sai, afobadíssimo).*

SEU LEBRÃO

Glace? Ah, ôvo de glace! *(À platéia)* Deve ser alguma invenção gostosa da Coelhinha Confeiteira. Glace. E glace de açúcar fino, de açúcar bem branquinho. Dessa glace que serve pra cobrir doces e bôlos. Glace de espelhar. Bem que aquêle ôvo parecia de cristal. *(À Coelhinha que entra pela outra porta seguida de Dom Coelho)* Olhe, Coelhinha Confeiteira, que dinheirão aquêle freguês que estava aqui pagou pelo ôvo de glace: um cobre de meio centavo!

A COELHINHA

Que freguês, Seu Lebrão? Que ôvo de glace é êsse?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE-0245 fl. 122

DOM COELHO
(Desconfiado)

Aqui não estêve nenhum freguês. Só estêve o Pinto Calçudo.

A COELHINHA

E não fiz nenhum ôvo de glace.

SEU LEBRÃO

Mas o tal Pinto Calçudo acabou de sair daqui com um ôvo num ninho de palha. Um ôvo esquisito, redondo, que parecia de espêlho, de calda de espelhar. *(À platéia)* Êle disse que era de glace, não disse, meninos? De glace.

DOM COELHO
(Inspirado)

Espere! Glace? Não foi glace que êle quis dizer, Seu Lebrão. Não foi glace de açúcar. Foi *glass* em Inglês! E glass em inglês quer dizer vidro... cristal! *(Correndo até a cartola e notando-a vazia)* Pelas barbas do Mágico! O Pinto Calçudo roubou a bola de cristal!

A COELHINHA

E seu Lebrão, distraído, pensando que a bola era ôvo!

SEU LEBRÃO
(Furioso)

Bem que o danado me perguntou se eu sabia falar Inglês! *(Aos dois coelhos tristes)* E agora? Que faremos?

REPÓRTER TICO-TICO
(Entrando e farejando)

Pego tudo e pico-pico.
Sou o Repórter Tico-Tico.

(Farejando de novo) Que cheiro delicioso de novidade! *(Tira o bloquinho do bôlso)* Que é que há de novo por estas bandas? *(Olhando os coelhos)* Pelo visto as notícias não são doces.

A COELHINHA
(Desanimada)

Não são *glacées* mas são *glassadas*.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 123

DOM COELHO

Repórter Tico-tico prepare-se para um "furo", uma notícia que vai rebentar feito uma bomba de chocolate na Pascoalândia.

REPÓRTER TICO-TICO

Conte depressa, antes que algum repórter amador apareça!

DOM COELHO
(Solene)

Foi roubada a bola de cristal do Mágico.

REPÓRTER TICO-TICO

Como?

A COELHINHA

Disfarçada em ôvo de Páscoa.

REPÓRTER TICO-TICO

Quem fêz esta maldade?

SEU LEBRÃO

O Pinto Calçudo.

REPÓRTER TICO-TICO

Mas que topete!

A COELHINHA
(Ingênua)

Êle diz que é topetudo.

REPÓRTER TICO-TICO

Onde anda o Pinto Calçudo?

DOM COELHO
(Irritado)

Se eu soubesse prendia êle!

REPÓRTER TICO-TICO

Bem, mas não chame a polícia antes da novidade sair no meu jornal "O Tiquinho". Senão deixa de ser "furo".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 pp 124

DOM COELHO

Mas sem a polícia como é que vamos pegar o Pinto Calçudo?

REPÓRTER TICO-TICO

Ué! Você não é ajudante e aprendiz de mágico? Use um truque de magia!

SEU LEBRÃO

É mesmo! Faça qualquer mágica, Dom Coelho!

DOM COELHO

Mágica de pegar ladrão não sei. Só mesmo detetive é quem sabe.

REPÓRTER TICO-TICO

Enquanto você pensa na mágica vou voando publicar a notícia no jornal. *(Sai correndo)*

A COELHINHA
(A Dom Coelho)

Não desanime, Dom Coelho. Se você não puder pegar o Pinto Calçudo quem sabe pode pegar de novo a bola de cristal?

DOM COELHO
(Animando-se)

Tem razão. Como é que não pensei nisto? *(Pensativo)* Mas antes preciso usar um turbante e uma capa. Senão a bola de cristal pensa que eu não sou mágico e não vem.

A COELHINHA

Eu arranjo! Com uma peça de fita larga faço o turbante. E com um saco de farinha vazia faço a capa. Seu Lebrão venha ajudar. *(A Coelhinha e o Seu Lebrão enrolam a fita na cabeça de Dom Coelho e atiram o saco nas costas dêle, como se fôsse um manto)*

A COELHINHA

Suas orelhonas atrapalham um pouco, Dom Coelho, mas não faz mal.

DOM COELHO

Pronto? Já posso dizer as palavras mágicas?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.125.

A COELHINHA

Ainda não. Falta a mesa. *(Arrasta-a)*

DOM COELHO

É. A bola de cristal tem de aparecer em cima da mesa. *(Preocupado)* Pelas barbas do Mágico! Será que aparece?

A COELHINHA
(Confiante)

Coragem! Não se esqueça que em você há dente de coelho e pata de coelho, duas coisas importantíssimas em casos de mistério e boa sorte.

DOM COELHO
(Alegre)

Não é que eu ia me esquecendo?

SEU LEBRÃO
(A Dom Coelho)

Sente-se e concentre-se!

DOM COELHO
(Sentando-se)

Agora vou dizer as palavras mágicas. *(Juntando as mãos sôbre a mesa e numa voz de invocação)*
Abracadabra! Abracadabra!
Ó pé de pinto! Ó pé de cabra!

A COELHINHA
(À platéia, enquanto a bola de cristal sai do fundo falso da mesa)

Psiu! Silêncio, garotada! Se vocês falarem agora atrapalham tudo. Silêncio!

DOM COELHO
(Repetindo)

Abracadabra! Abracadabra!
Ó pé de pinto! Ó pé de cabra!
(Tirando lentamente as mãos da mesa para que a bola de cristal apareça aos poucos) Atenção! Atenção! Aí vem ela!
Abracadabra! Abracadabra! *(Abrindo as mãos de repente)*
Olhem! Olhem bem! A bola de cristal apareceu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 126

A COELHINHA
(Emocionada)

Está vendo, Seu Lebrão? Dom Coelho virou mágico de verdade!

DOM COELHO
(Modesto)

Não, ainda não, Coelhinha Confeiteira. Os mágicos de verdade têm bola de cristal e esta aqui não é minha, é do Mágico com quem trabalho e aprendo.

O MÁGICO
(Entrando)

Ouvi falar de mágico?

DOM COELHO
(Dirigindo-se a êle e entregando-lhe a bola)

Tome sua bola de cristal, professor. Esta veio parar às minhas mãos sem querer mas não é minha.

O MÁGICO
(Benevolente)

De hoje em diante fica sendo, Dom Coelho. Não preciso de duas bolas de cristal. Basta uma e o Mágico de Oz, o rei dos mágicos, acaba de me dar outra, melhor ainda que a que estou dando a você. Fique com esta bola de cristal, Dom Coelho: é o prêmio de sua honestidade!

DOM COELHO
(Feliz)

Que maravilha maravilhante! Vou ser o Coelho Mágico da Pascoalândia!

A COELHINHA

Um Coelho maravilhoso! *(Abraçam-se)*

SEU LEBRÃO

Só avalio a cara do Pinto Calçudo a estas horas. Onde será que anda êle?

O MÁGICO

Sumiu da Pascoalândia pra sempre.

BR.BANDSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 127

A COELHINHA

Pra onde é que êle foi?

O MÁGICO

Pra terra dos patos, engabelar os patões e as patinhas. *(Surgem as duas franguinhas emproadas)*

FRANGUINHA CARIJÓ

Onde está o Pinto Calçudo?

FRANGUINHA GARNIZÉ

Onde está o cronista social?

SEU LEBRÃO

(Rindo)

Foi-se embora.

FRANGUINHA GARNIZÉ

(Aborrecida)

Cócócócócócóró: Foi-se embora, Carijó.

FRANGUINHA CARIJÓ

(Aborrecida)

Quéquéquéquéquéquéré: Foi-se embora, Garnizé!

FRANGUINHA GARNIZÉ

Mas não faz mal. Não preciso dêle. Vou ser Miss de qualquer jeito!

FRANGUINHA CARIJÓ

Não senhora. A Miss quem vai ser sou eu! *(Atracam-se e todos tentam separá-las)*

DOM PASCOALINO

(entrando)

Tenham modos, franguinhas, tenham modos!

FRANGUINHA CARIJÓ

(Parando)

Está na hora do concurso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.128

FRANGUINHA GARNIZÉ
(Recompondo-se)

O concurso vai começar?

DOM PASCOALINO

O concurso já acabou, minha gente. Quem diz sou eu, homem dos recursos, discursos e concursos! *(Às franguinhas)* Enquanto vocês duas estavam se rebocando e botando pestanas postiças, a Miss Páscoa foi eleita pelo povo inteiro. E não é nenhuma de vocês duas.

FRANGUINHAS
(Levando as mãos às bôcas)

Que horror! Que azar! Perdemos o concurso!

SEU PASCOALINO
(À franguinhas)

Castigo da vaidade, garôtas. Esta coroa e esta faixa douradas... *(Mostra)* ... pertencem à verdadeira Miss, a que é a mais bonita, mais inteligente, mais trabalhadeira, mais modesta e de melhor coração. A que faz os ovinhos de Páscoa mais gostosos e ajudou Dom Coelho, nosso novo Mágico...

SEU LEBRÃO
(Interrompendo)

... o mágico mais honesto do mundo!

SEU PASCOALINO
(Terminando)

Esta faixa e esta coroa douradas, pertencem a quem ajudou a encontrar a bola de cristal.

SEU LEBRÃO

E esta Miss é?

SEU PASCOALINO
(Proclamando)

A Coelhinha Confeiteira! *(Coloca-lhe a coroa e a faixa dourada. As franguinhas saem, cabisbaixas)*

O MÁGICO

Apoiado! Apoiado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.129

DOM COELHO
(Entusiasmado)

Viva a Coelhinha,
minha noivinha! *(Abraça-a e todos começam a abraçar-se a torto e a direito, várias vêzes. Cômicos)*

REPÓRTER TICO-TICO
(Entrando, de bloco em punho)

Quais são as últimas notícias, agora?

O MÁGICO
(Ditando)

Tome nota, Repórter Tico-tico! Avise as crianças do mundo inteiro que, a partir desta Páscoa, os mágicos trabalharão com Dom Coelho, o novo mágico.

REPÓRTER TICO-TICO
(Anotando)

Que mais?

O MÁGICO

E que todos nós, de Pascoalândia, desejamos aos garôtos e aos amigos dos garôtos...

TODOS
(Juntos)

Uma Páscoa muito feliz! *(Descem do palco à platéia e oferecem ovinhos de Páscoa às crianças)*

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 130

CARNEIRINHO DE BELÉM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P-131 -72 1/1

O CARNEIRINHO DE BELÉM

Farsa-mistério com Prólogo, 2 Atos e Entreato

PERSONAGENS:

Carneirinho Prêto
Carneirinho Alado
Ovelha Guia
Carneiro Sábio
Carneiro Branco
Ovelhinha Branca
Velho Pastor
Pastorinha Loura
Pastorinha Morena
Os Três Camelos Reais
Os Três Reis Magos
As vozes dos Anjos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 132

PRÓLOGO

(A ação se passa no proscênio, diante da cortina. Ouve-se música de Natal e passam, como se estivessem de caminho: a Pastorinha Loura com um cântaro à cintura; a Ovelha Guia, e o Carneiro Sábio com um pergaminho enrolado à mão; depois, a Pastora Morena, com um lírio na ponta da vara e atrás, em passos sincronizados, a Ovelhinha Branca de laço rosa no pescoço e o Carneiro Branco. Fechando o cortejo, o Velho Pastor, cabeleira de algodão, buzina de corno pendurada ao peito, cajado em punho. Chegando ao meio do palco os passantes vão parando e formando grupos. Os carneiros de um lado. As pastôras simulando cochichar. O Velho Pastor se adianta, então, e fala à platéia).

VELHO PASTOR

Meninas e meninos do mundo inteiro! Abram bem seus olhos de criança e ouçam com tôda a alma o que vou contar. Esta é uma história que deve ser de verdade. Com certeza ninguém conta porque no dia em que ela se deu houve um acontecimento muito mais importante. Tão importante e tão maravilhoso, um milagre tão grande que os outros milagres perto dêle ficam sempre pequeninos. Pequeninos e humildes como o herói da minha história: um simples carneirinho. E, o que é pior: um carneirinho prêto! *(Às pastôras)* Não é verdade, pastorinhas?

PASTORINHA MORENA
(Apontando a loura)

É tão verdade, verdade
feito esta loura Izabel,
de alma côr de claridade,
trança clara côr de mel.

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.PTE. 0245 (P 1330)

PASTORINHA LOURA
(Apontando a morena)

É tão verdade, verdade
feito esta Ruth morena
que é pura simplicidade
e alma pura de açucena.

OVELHA GUIA e CARNEIRO SÁBIO

Tão verdade, tão verdade
feito as estrêlas e as flôres.

OVELHINHA BRANCA e CARNEIRO BRANCO

Verdadeira ingenuidade.
Brilho e cheiro de saudade
nas histórias dos pastôres.

AS PASTORINHAS
(Dando-se as mãos)

Nós vamos sair de cena
que a história vai começar.

VELHO PASTOR
(Às pastorinhas)

Venham, pastôra morena
e pastôra côr de luar!

(Aos carneiros)

Carneiros côr de açucena:
a história vai começar!

OS CARNEIROS
(Juntos, à platéia)

Nós vamos sair de cena
mas depois vamos voltar.

(Sempre sob música, formam cortejo, agora com os carneiros à frente, e saem pela direita. A cortina vai se abrindo lentamente sôbre o 1.º ATO e a ação continua, incontinente).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 134

1.º ATO

(Fundo azul claro com montanhas. Chão arenoso. Alguns arbustos sêcos. Quando a cortina abre o Carneirinho Prêto está passeando com as mãos atrás das costas e chutando as pedras do caminho. Ao pescoço traz um lenço encarnado).

CARNEIRINHO PRÊTO
(Cantando)

Havia um carneirinho
que vivia a gazetear.
Fugiu de seu rebanho
e pôs-se a cantar:

(Cômicamente)

Mé, mé, mé, fá, fá-fá.
Mé, mé, mé, ré, ré-ré.
Mé, mé, mé, mi, mi-mi.
Mé, mé, mé, fá, fá-fá.

OVELHA GUIA
(Entrando, e indignada ao Carneiro Sábio)

Olhe lá o moleque do Carneirinho Prêto! Em vez de aprender a balir conosco hinos piedosos prefere fugir e inventar canções irreverentes!

CARNEIRO SÁBIO

E se ao menos a canção fôsse inventada por êle! Infelizmente é paródia. Uma péssima paródia da canção do pastorzinho, aquêle pastorzinho tão bom e amigo nosso. Escute só!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0245 P 135

CARNEIRINHO PRÊTO
(Aos dois carneiros, desafiante)

Chegou Ovelha Guia
Carneirão Sábio chegou.
E o Carneirinho Prêto
dos carneirões zombou.

(A Ovelha Guia tapa os ouvidos e o Carneiro Sábio sacode a cabeça, desanimado).

CARNEIRINHO PRÊTO
(Aos dois, acintosamente)

Mé, mé, mé, fá, fá-fá.
Mé, mé, mé, ré, ré-ré.
Mé, mé, mé, mi, mi-mi.
Mé, mé, mé, fá, fá-fá.

(A Ovelha Guia e o Carneiro Sábio vão sentar a um canto. Ela tira agulhas de tricô e um novêlo de lã da bôlsa e começa a tricotar. Êle desdobra o pergaminho e finge que está lendo. Entram os dois Carneiros Brancos)

OVELHINHA BRANCA
(Amável)

Bom-dia, Carneirinho Prêto!

CARNEIRINHO PRÊTO

Mau-dia.

CARNEIRO BRANCO

Como vai? Bem, obrigado?

CARNEIRINHO PRÊTO

Vou mal, desobrigado. *(A Ovelhinha Branca e o Carneiro Branco se olham decepcionados)*

OVELHINHA BRANCA
(Cochichando, ao Carneiro Branco)

Por que será que êle é tão mau?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 136

CARNEIRO BRANCO
(No mesmo tom)

Porque êle não tem alma. *(O Carneirinho Prêto põe as mãos em concha no ouvido e faz que ouve. Mas quando os dois o olham começa a assobiar)*

OVELHINHA BRANCA
(Voltando ao cochicho)

Por que é que êle não tem alma?

CARNEIRO BRANCO
(No mesmo tom)

Porque êle jogou a alma fora.

OVELHINHA BRANCA

Que ruindade! Jogar a alma fora!

CARNEIRO BRANCO

E logo alma de carneiro, que é alma boa e sossegada. Alma branquinha, macia feito lã felpuda.

OVELHINHA BRANCA

Sabe de uma coisa? Acho que carneiro prêto já nasce sem alma.

CARNEIRO BRANCO

Qual nada! O Carneirinho Prêto tinha alma, sim. *(O Carneirinho Prêto, que ouviu o tempo todo, sacode a cabeça afirmativamente).*

CARNEIRINHO PRÊTO
(À platéia)

Mas não joguei fora, não. Perdi minha alma no meio do caminho. *(Pensativo)* Acho que ela se cansou das minhas estrepolias. *(Espevitado)* Mas não me faz nenhuma falta, nenhuma. *(Recomeça a chutar pedras, assobiando).*

OVELHINHA BRANCA
(Olhando o Carneirinho Prêto)

Deve ser tão triste ser ruim assim! Não dar alegria a ninguém.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 p.121

CARNEIRO BRANCO
(Suspirando)

Não saber o que é a felicidade de tornar os outros felizes.

OVELHINHA BRANCA

Vamos ver se êle se torna bom?

CARNEIRO BRANCO

Vamos. Vamos convidar o Carneirinho Prêto pra brincar conosco.

(A Ovelhinha e o Carneiro Branco correm e dão a mão ao Carneirinho Prêto que reluta, a princípio, e depois adere à roda)

OVELHINHA e CARNEIRO BRANCO
(Rodando e cantando)

"Carneirinho, carneirão, neirão-neirão"...

CARNEIRINHO PRÊTO
(Propositadamente fora de tempo)

Carneirão pimpão...

OVELHINHA e CARNEIRO BRANCO

"Olhai pro céu..." *(Olham pra cima mas o Carneirinho Prêto olha para baixo)*

OVELHINHA e CARNEIRO BRANCO

"Olhai pro chão, pro chão, pro chão"... *(Olham)*

CARNEIRINHO PRÊTO
(Olhando a Ovelhinha e o Carneiro Branco)

Bôba, bobão"...

OVELHINHA e CARNEIRO BRANCO
(Irritando-se)

"Manda El-Rei, nosso senhor, senhor, senhor"...

CARNEIRINHO PRÊTO
(Aparteando)

El-Rei não me manda.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 138

OVELHINHA e CARNEIRO BRANCO

..."Para a gente se ajoelhar". *(Ajoelham-se mas o Carneirinho Prêto se deita ao comprido)*

OVELHINHA BRANCA
(Decepcionada)

Não adianta brincar com o Carneirinho Prêto. Êle estraga a brincadeira.

CARNEIRO BRANCO

É um diabrete êste carneirinho!

OVELHA GUIA
(Aos carneiros)

Aquietem-se! Aquietem-se que aí vêm as pastôras.

CARNEIRO SÁBIO
(Tirando os olhos do pergaminho)

Venham sentar ao pé de mim, irmãos carneiros. *(Ovelhinha Branca e Carneiro Branco obedecem. O Carneirinho Prêto, porém, continua no meio do palco e começa a dar cambalhotas.)*

PASTORINHA LOURA
(À morena)

Ruth, olhe o Carneirinho Prêto! *(Aproxima-se dêle)* Ô carneirinho pra viver desgarrado!

PASTORINHA MORENA
(Aproximando-se, também)

Até que afinal encontramos você, seu carneirinho rebelde! *(Estende uma das mãos para lhe acariciar a cabeça)* Onde é que você estava, hein?

CARNEIRINHO PRÊTO

(Baixando a cabeça e investindo contra a Pastorinha Morena) Não lhe interessa. Méééé!... Não lhe interessa. Méééé!... *(Puxa um pedaço da saia de Ruth, rasgando-a)*

PASTORINHA MORENA
(À loura)

Socorro, Izabel! Êste diabinho prêto rasgou minha saia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p.134

PASTORINHA LOURA

(Enxotando o Carneirinho Prêto)

Puxe fora, malvado! É assim que você agradece nosso carinho? *(O Carneirinho Prêto volta-se contra a Pastorinha Loura, que se assusta e deixa cair o cântaro. Depois vai, aos pinotes, se refugiar junto aos outros carneiros, que lhe dão as costas, e fica escondido atrás de um arbusto, espreitando.)*

PASTORINHA LOURA

(Ajoelhando-se para recolher os cacos do cântaro)

Lá se foi meu cântaro novo! Tôda a água perdida! Agora tenho de andar um pedação até achar outro cântaro e outro poço. *(Esconde o rosto nas mãos)*

CARNEIRINHO PRÊTO

(Detrás do arbusto)

Méééé! Bem feito! Méééé! Bem feito!

PASTORINHA MORENA

(Abraçando a Pastorinha Loura)

Não chore, Izabel. O Velho Pastor sabe um caminho curto até o outro poço. *(Olhando o Carneirinho Prêto)* Não ligue êste carneirinho prêto desalmado! Ande, venha, vamos falar com o Velho Pastor. Talvez êle nos arranje um cântaro, também.

PASTORINHA LOURA

(Enxugando os olhos no pulso)

Onde está o Velho Pastor?

PASTORINHA MORENA

Aqui perto. Êle foi mostrar o caminho da cidade a uns viajantes de Nazaré da Galiléia. Aquêle casal que vai pra Belém.

PASTORINHA LOURA

O homem a pé e a môça bonita montada no jumentinho?

PASTORINHA MORENA

Êsses mesmo. Que olhar doce tinha a môça! A alma da môca falava pelos olhos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 140

PASTORINHA LOURA

Desejo de todo meu coração que êles encontrem lugar na estalagem.

PASTORINHA MORENA

É, os dois devem estar cansados.

PASTORINHA LOURA

(Aos carneiros)

Até logo, meus bichinhos. *(Acena ao grupo)*

PASTORINHA MORENA

Fiquem sossegados que já voltamos. *(Acena também. As duas saem)*

CARNEIRINHO PRÊTO

(Correndo para o centro do palco e cantando na direção delas)

Havia um carneirinho
que gostava de assustar.
Assustou as pastôras
e pôs-se a zombar:

Mé, mé, mé, fá, fá-fá
Mé, mé, mé, ré, ré-ré
Mé, mé, mé, mi, mi-mi
Mé, mé, mé, fá, fá-fá.

(Volta-se para os carneiros e faz caretas. Ovelhinha Branca e Carneiro Branco arregalam os olhos e começam a cochichar.)

CARNEIRO SÁBIO

(Ao Carneirinho Prêto)

Seu malcriado!

OVELHA GUIA

(Ao Carneiro Sábio)

Não perca tempo com êste pestinha, Carneiro Sábio. Êle é a vergonha da nossa raça. A mancha negra de qualquer rebanho.

CARNEIRINHO PRÊTO

E vocês pensam que me incomodo? Não tenho o menor orgulho em ser igual a vocês. E se tivesse de escolher não nascia carneiro, não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

OVELHINHA BRANCA

Ora esta! Já se viu? *(Aproxima-se do Carneirinho Prêto)*

CARNEIRO BRANCO

Êle faz pouco na gente! *(Aproxima-se do Carneirinho Prêto)*

OVELHINHA BRANCA

Você não queria ser carneiro por quê?

CARNEIRO BRANCO
(Ao Carneirinho Prêto)

Por que você queria ser diferente de nós?

CARNEIRINHO PRÊTO
(Olhando-os de alto a baixo)

Diferente já sou. É que não gosto de carneirada. Não sou carneiro-vai-com-todos. Só obedeço se acho que vale a pena e quando me convém.

OVELHA GUIA
(Ao Carneirinho Prêto)

Convencido! Orgulhoso!

CARNEIRINHO PRÊTO
(Arrogante)

Tenho personalidade. *(Empurra a Ovelhinha e o Carneiro Branco e senta-se)*

CARNEIRO SÁBIO
(À Ovelhinha e Carneiro Branco)

Irmãos carneiros, tenham paciência. Nosso Carneirinho Prêto é ignorante.

OVELHA GUIA
(Aparteando)

Pudera! Êle não quer estudar!

CARNEIRO SÁBIO

O Carneirinho Prêto, coitado, pensa que personalidade é sinônimo de má-criação.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE: 0245, p.142

CARNEIRINHO PRÊTO

(À platéia)

Sinônimo? Que bicho é êsse? *(Ao Carneiro Sábio)* Não me chame de sinônimo! Você está me provocando, Carneiro Sábio!

CARNEIRO SÁBIO

(Altivo)

Como dizia, o Carneirinho Prêto pensa que é bonito ser malcriado.

OVELHA GUIA

Êle não sabe da importância de ser carneiro!

OVELHINHA BRANCA

É tão importante assim?

CARNEIRO BRANCO

Lógico! Quem disse foi o rei Davi.

OVELHA GUIA

(Ao Carneiro Branco)

Muito bem, Carneiro Branco! Se você continuar estudando vai ser o primeiro da classe! *(Enquanto conversam o Carneirinho Prêto vem se aproximando do grupo, outra vez, disfarçadamente)*

OVELHINHA BRANCA

Que foi que o rei Davi disse?

CARNEIRO SÁBIO

(Pondo-se de pé em sinal de respeito e recitando)

"Tudo pusestes sob os meus pés"...

OVELHA GUIA

(Aparteando)

Êsses pés são dos homens.

CARNEIRO SÁBIO

(Continuando)

..Todas as ovelhas e bois e animais do campo". *(Senta-se)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.143

CARNEIRINHO PRÊTO
(Ao Carneiro Sábio)

Isto não prova nada. Eu não sou ovelha! (*Emproando-se*) Não sou ovelha, nem boi, nem animal do campo. Não nasci no campo: nasci na montanha. Nem isto me atinge nem você provou a importância de ser carneiro.

CARNEIRO SÁBIO
(Irritado)

Então aprenda, de uma vez!

OVELHA GUIA
(À Ovelhinha Branca e Carneiro Branco)

Atenção, irmãos carneiros. Atenção!

CARNEIRO SÁBIO
(Levantando-se)

Nós da família dos carneiros somos tão importantes que até os profetas nos citam como exemplo ideal para os homens. Acham que os homens devem ser mansos feito cordeiros.

(Ouve-se um toque de corneta. Surge o Velho Pastor simulando tocar num chifre e os carneiros, excetuando o Carneirinho Prêto, cercam-no, alegres)

VELHO PASTOR

Só o Carneirinho Prêto não quis vir. (*Chamando-o*) Venha cá seu carneirinho tresmalhado!

CARNEIRINHO PRÊTO

Méééé!... Não me interessa!... Méééé!... Não me interessa!
(Põe as mãos atrás das costas e recomeça a chutar pedras)

PASTORINHA LOURA

É melhor êste Carneirinho Prêto ficar longe dos outros. É um irresponsável.

PASTORINHA MORENA

Êle só serve pra preocupar os carneiros mais velhos e dar mau exemplo aos carneiros mais moços.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 144

VELHO PASTOR

É pena que o Carneirinho Prêto não queira vir conosco. A estrada que vamos seguir é íngreme e estreita mas leva a um pasto verde, cheio de águas tranqüilas.

PASTORINHA LOURA

Há muita gente pelas outras estradas.

VELHO PASTOR

Gente demais. É muito mais fácil andar pela estrada cômoda. *(Senta numa pedra grande e os carneiros se ajoelham à volta)*

PASTORINHA MORENA

Por que será que as estradas hoje estão cheias? *(Senta-se, também)*

VELHO PASTOR

Você esqueceu, Ruth? É por causa do alistamento.

PASTORINHA LOURA
(Sentando-se)

Quem estiver viajando tem de voltar pra casa e se alistar.

VELHO PASTOR

César Augusto quer saber ao certo quantas pessoas existem em nosso país.

PASTORINHA LOURA

Será que êle pensa que é o rei?

PASTORINHA MORENA

O rei não é êle: é Herodes.

VELHO PASTOR
(Olhando o céu)

Mas Herodes não é o rei que nosso povo espera. Em breve há-de nascer o novo Rei, o Menino-Deus. *(Pastorinhas e carneiros baixam a cabeça, contritos)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

CARNEIRINHO PRÊTO

Méééé!... Méééé!... Não acredito!... Méééé!... Não acredito!... *(As pastorinhas levam as mãos às bôcas, escandalizadas, e os carneiros, envergonhados, cobrem o rosto com as mãos)*

VELHO PASTOR
(Triste, à platéia)

Que é que se pode esperar de um carneirinho prêto desviado do rebanho?

PASTORINHA LOURA
(Sonhadora)

Eu daria tudo pra poder ver o Menino-Deus!

PASTORINHA MORENA
(Ao Velho Pastor)

Quando é que vai nascer o Menino-Deus?

VELHO PASTOR
(Levantando-se)

Quem me dera saber, pastorinhas! Se eu pudesse ver o Menino-Deus morreria mais feliz que qualquer velho pastor deste mundo. Porque o Menino-Deus vai ser pastor, também. O Bom Pastor. *(Às pastôras e carneiros)* Vamos, vamos agora. Repitam comigo, para cansarem menos no caminho: "O Senhor é meu Pastor: nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos"... *(Vão saindo, com exceção do Carneirinho Prêto, em cortejo, sob música em surdina)*

AS PASTORINHAS
(Já ao longe)

"O Senhor é meu Pastor"...

CARNEIRINHO PRÊTO

Êta gente cacête! *(À platéia)* Acho que vou dormir um pouco. Estou cansadíssimo de não fazer nada. *(Deita-se em decúbito dorsal e fecha os olhos. Nesse momento surge um carneiro branco da mesma altura do Carneirinho Prêto, com um par de asas douradas. Vem de mãos juntas e na ponta dos pés)*

CARNEIRINHO ALADO

Psiuuuuu!... Carneirinho Prêto!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 146

CARNEIRINHO PRÊTO

(Abrindo um ôlho só)

Ora, não me amole! Eu quero dormir. *(Fecha os olhos e começa a roncar com estrépito)*

CARNEIRINHO ALADO

(Triste)

Êste é seu mal, Carneirinho Prêto. Sempre que é preciso estar acordado você começa a dormir!

CARNEIRINHO PRÊTO

(Abrindo um dos olhos)

Vá-se embora! Estou ferrado no sono. *(Continua a roncar)*

CARNEIRINHO ALADO

(Aflito)

Mas não é hora de dormir! (*Sacudindo-o*) Acorde, Carneirinho Prêto! Acorde! Quem lhe pede é sua alma branca de carneiro prêto!

CARNEIRINHO PRÊTO

(Sentando-se, zangado)

Deixe de brincadeiras de mau gôsto. Senão eu lhe dou um sôco no focinho!

CARNEIRINHO ALADO

(Recuando)

Você tem coragem? De dar um sôco em sua própria alma? Estou assombradísima!

CARNEIRINHO PRÊTO

(Malcriado)

Que alma o quê! Se você fôsse alma seria mal-assombrada e não aparecia assim, à luz do dia! Aparecia à meia-noite e puxava minha pata.

CARNEIRINHO ALADO

(Compadecido)

Ó meu pobre Carneirinho Prêto transviado! Você já nem me conhece!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245/p.147

CARNEIRINHO PRÊTO

(Rodando à volta do Carneirinho Alado, com desconfiança) Com mil carneiros prêtos! Parece que é alma mesmo! *(Estremece como se estivesse assustado)*

CARNEIRINHO ALADO

E você tem dúvida? Me diga: qual é o carneirinho com asas que você conhece a não ser eu?

CARNEIRINHO PRÊTO
(Crédulo)

Nenhum. (*Duvidando*) Mas quem sabe é tapeação? Você botou um par de asas postiças pra me dar susto? (*Tenta pegar nas asas do Carneirinho Alado*) Ui! Senti um arrepio!

CARNEIRINHO ALADO
(Sorrindo)

Viu?

CARNEIRINHO PRÊTO
(Admirado)

Com mil carneiros prêtos!

CARNEIRINHO ALADO

Deixe de praguejar. Não se pragueja diante da alma de nenhum carneiro. Se bem que você não seja um carneiro qualquer.

CARNEIRINHO PRÊTO
(Emproando-se)

Sou diferente da carneirada.

CARNEIRINHO ALADO
(Triste)

Você é muito pior, muito pior.

CARNEIRINHO PRÊTO

Então que é que você veio fazer aqui?

CARNEIRINHO ALADO

Botar você no bom caminho. Você está perdido por sua ruindade. *(Confidencialmente)* "Há mais alegria no Céu por

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 148

uma ovelha perdida que se acha do que por noventa e nove ovelhas boas, que nunca se perderam".

CARNEIRINHO PRÊTO

Basta de sermão! Eu não fui com os outros pelo bom caminho porque não quiz e acho que não estou perdido, pronto! Demais a mais não sou ovelha, não sou ovelha, não sou ovelha! Que mania de me comparar com ovelha! Que desafôro! Eu não sou ovelha!

CARNEIRINHO ALADO

Antes fôsse, antes fôsse uma ovelha boa. Você é um Carneirinho Prêto que não quer saber do bem. Adeus. Vou-me embora porque você não gosta de mim. *(Vai-se, enxugando os olhos num lencinho)*

CARNEIRINHO PRÊTO

(Cantando e saindo pelo outro lado, com petulância)

Havia um carneirinho
que viva a maldadear.
Saiu de seu rebanho
e pôs-se a zombar:

Mé, mé, mé, fá, fá-fá
Mé, mé, mé, ré, ré-ré
Mé, mé, mé, mi, mi-mi
Mé, mé, mé, fá, fá-fá.

(A cortina vai se fechando mas a representação continua no proscênio)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P. 149

ENTREATO

(O Velho Pastor aparece no proscênio à frente do cortejo. Seguem-no ao som de música em tom baixo, as Pastorinhas e, mais tarde, os carneiros em grupo).

VELHO PASTOR
(Num gesto largo)

Venham, pastôra morena
e pastôra côr de luar!

(Aos carneiros)

Carneiros côr de açucena:
a história vai continuar!

PASTORINHA LOURA

Vamos indo, vamos indo
na estrada do querer bem.

PASTORINHA MORENA

Sonhando o milagre lindo
se êle se desse em Belém.

VELHO PASTOR

Quem sabe o milagre lindo
há-de se dar em Belém?

OVELHINHA BRANCA e CARNEIRO BRANCO

A inocência vai seguindo
na estrada do querer bem.

PASTÔRAS

A modéstia vai seguindo
na estrada do querer bem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 6245, p 150

VELHO PASTOR

A esperança vai seguindo
na estrada do querer bem.

TODOS

Vamos indo, vamos indo
pela estrada de Belém.

(Depois que êles atravessam o proscênio e somem, os Três Reis Magos surgem, cada um puxando um camelo com uma coroa grande marcada no peito. Cada rei vem de per si e pára no meio do proscênio)

MELCHIOR

(Branco)

Eu sou Melchior o rei mago:
venho carregado de ouro.

(Mostra um cofre dourado e fica parado, apontando o segundo rei que entra)

BALTAZAR

(Bronzeado, de barbas brancas)

Sou rei Baltazar, o mago:
trago incenso em meu tesouro.

(Mostra um turíbulo de prata e fica parado, apontando o terceiro rei que entra)

GASPAR

(Prêto)

Não trago incenso nem ouro:
é doce mirra o que trago.
Sou o rei Gaspar e sou mago.

(Mostra um frasco de vidro prêto)

(A cortina se abre sôbre o cenário do 2.º ATO, e os reis entram no palco. À direita há grandes pedras, imitando um grotão. À esquerda palmeiras e um poço de pedra. Cada rei vai deixando seu camelo sob as palmeiras e sumindo ao fundo, pela direita. Logo que o último rei sai começa o 2.º ATO).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, v. p. 151

2.° ATO

(Mesmo cenário)

1.° CAMELO

Uf! Que caminhada! Mas eu me sinto leve, leve! *(Deixa-se cair sentado, cômicamente)*

2.° CAMELO

Andei tanto e nem gastei meus cascos! *(Senta-se, também)*

3.° CAMELO

(Solene)

Mais estrada houvesse mais andaríamos, manos camelos! Nossa caminhada vai ser a mais sublime da História do mundo, desde que o mundo foi criado.

1.° CAMELO

Tem tôda razão, mano Camelão. Tôda razão!

3.° CAMELO

Estamos indo de encontro a um milagre como nunca houve nem haverá!

2.° CAMELO

(Levantando-se e olhando à direita)

Lá vem um forasteiro. *(Põe-se em posição de sentido)*

1.° CAMELO

(Fazendo o mesmo)

Alto lá, estranho! *(Surge o Carneirinho Prêto, curioso)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,p 152

3.º CAMELO
(Andando para o Carneirinho Prêto)

Quem é você que invade sem mais nem menos o acampamento dos reis magos?

CARNEIRINHO PRÊTO
(Irreverente)

Que reis são êstes? Os reis gagos?

3.º CAMELO
(Agarrando-o pelo braço, zangado)

Carneirinho ignorante! Mago quer dizer sábio!

2.º CAMELO

Pense bem antes de falar de nossos amos, ouviu?

3.º CAMELO

Nós não viemos lá do Oriente com nossos amos e senhores os reis magos...

1.º CAMELO
(Curvando-se)

Meu rei mago Melchior...

2.º CAMELO
(Curvando-se)

Meu rei mago Baltazar...

3.º CAMELO
(Curvando-se)

E meu rei mago Gaspar...

OS CAMELOS
(Juntos)

Para ouvir desafôro de um carneirinho plebeu!

CARNEIRINHO PRÊTO
(Assustado)

Os senhores também são reis?

BR DFANBSB NS.GPR.TEA.PTE. 0245, P. 153

OS CAMELOS
(Juntos)

Nós somos camelos reais!

CARNEIRINHO PRÊTO
(Irônico)

Desculpem, reis camelais! *(Os camelos olham-no com pena e confabulam em voz alta)*

1.º CAMELO

Não devemos falar de realezas, manos camelos.

2.º CAMELO

Não, não devemos. Nem de reinados. Principalmente quando se espera a vinda do Menino-Deus que é o único Rei do Céu e da Terra! O Menino-Deus que vai nascer.

CARNEIRINHO PRÊTO
(Pasmo)

Que é que os senhores estão dizendo?

3.º CAMELO

Estamos ruminando umas verdades.

CARNEIRINHO PRÊTO
(Impressionadíssimo, à platéia)

E eu que não acreditei no que o Velho Pastor dizia! *(Aos camelos)* Então é verdade que o Menino-Deus vai nascer, mesmo?

1.º CAMELO

E se fôsse falso: os reis magos, três sábios verdadeiros, teriam vindo do Oriente trazendo presentes para o Menino-Deus?

2.º CAMELO

Êles viram a estrêla de Deus no Oriente e vieram adorá-lO.

CARNEIRINHO PRÊTO
(Pensativo)

Uma estrêla? *(Devaneando)* Como será essa estrêla? Deve ser diferente das outras estrêlas. Mais clara. Mais pura. Mais brilhante. Mais longe no céu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0345, v.154

3.º CAMELO

Não. Mais perto da terra. Não vi a estrêla mas se ela é de Deus deve estar bem perto.

1.º CAMELO

Bem perto dos olhos da gente.

2.º CAMELO

Bem perto do coração da gente.

3.º CAMELO

Pertinho da alma da gente.

CARNEIRINHO PRÊTO
(Abalado)

Eu nunca verei essa estrêla! Minha alma anda longe de mim. *(Aos camelos)* Com mil carneiros prê... *(Corrige-se)* Brancos. Onde é que o Menino-Deus vai nascer?

1.º CAMELO

Não sabemos, por enquanto.

2.º CAMELO

Vamos levar agora os três reis magos até Jerusalém, ao palácio do rei Herodes.

3.º CAMELO

Talvez o rei Herodes possa informar os magos onde é que o Menino-Deus vai nascer.

1.º CAMELO

Aí vêm os reis magos.

2.º CAMELO

Adeus, Carneirinho Prêto!

3.º CAMELO

Adeus, Carneirinho Prêto!
(Os camelos se agrupam sob as palmeiras e os reis magos entram pela direita)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 155

MELCHIOR

(Parando e examinando Carneirinho Prêto que está sentado e absorto)

Que carneirinho prêto de ar pensativo!

BALTAZAR

(Fazendo o mesmo)

Que carneirinho prêto de ar tristonho!

GASPAR

(Fazendo o mesmo)

Vem a mim, Carneirinho triste, que eu também sou prêto. *(Fazendo festa na cabeça do Carneirinho Prêto)* E a noite também é escura. Mas se não fôsse escura não se veria brilhar tanta estrêla. *(Abençoando-o)* Que haja sempre brilho de estrêla em teus olhos, Carneirinho Prêto! E que tua alma brilhe feito brancura de estrêla.

CARNEIRINHO PRÊTO

(Comovido)

Obrigado, Rei Gaspar. Obrigado, rei prêto de fala clara. *(Cada rei vai saindo e puxando um camelo. O cenário começa a escurecer)*

CARNEIRINHO PRÊTO

(Deitando-se de bruços)

Nunca haverá brilho de estrêla em meus olhos porque perdi minha alma branca. *(Esconde o rosto nos braços e começa a chorar)*

CARNEIRO ALADO

(Que veio de mãos juntas e na ponta dos pés por trás do Carneirinho Prêto)

Psiu!... Carneirinho Prêto, meu dono!

CARNEIRINHO PRÊTO

(Surprêso)

Ah!... É você? Que é que você veio fazer aqui? Zombar do meu remorso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,p.156

CARNEIRINHO ALADO
(Alegre)

Você está arrependido, Carneirinho Prêto? Arrependido de todos seus êrros? De tôdas suas maldades? De tôda sua falta de fé?

CARNEIRINHO PRÊTO
(Envergonhado)

Arrependidíssimo. Meu arrependimento é negro. Se eu pudesse desfazer tudo de ruim que fiz... Mas agora é tarde. Não há esperança.

CARNEIRINHO ALADO

Sempre que há arrependimento sincero há esperança.

CARNEIRINHO PRÊTO
(Levantando-se)

Será? Será que há um pingo de esperança para mim? Um pingo claro de esperança pura? Um pinguinho ao menos, do tamanho de uma estrêla bem no alto da noite?

CARNEIRINHO ALADO

Há sim, Carneirinho Prêto. *(Misterioso)* Sobretudo agora que o Menino-Deus vai nascer.

CARNEIRINHO PRÊTO

Onde? Você sabe?

CARNEIRINHO ALADO

A profecia diz que é em Belém.

CARNEIRINHO PRÊTO
(Assombrado)

Belém? Na minha terra? Não pode ser! Na terra de um carneirinho prêto?

CARNEIRINHO ALADO
(Abraçando o Carneirinho Prêto)

Se todos fôssem carneirinhos brancos e ovelhinhas mansas não haveria necessidade de Deus vir ao mundo, do Menino-Deus nascer. *(Confidenciando)* Nos rebanhos de homens há muitos que são por dentro iguais aos carneiros prêtos. Até à vista, Carneirinho Prêto!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 P 157

CARNEIRINHO PRÊTO
(Agarrando-se ao Carneirinho Alado)

Fique! Fique! Não me abandone, por favor! Não vá-se embora!

CARNEIRINHO ALADO
(Sorrindo)

Mas eu não estou dizendo adeus. Estou dizendo até à vista. Tenho muita esperança de voltar.

CARNEIRINHO PRÊTO

Você não pode ficar comigo agora?

CARNEIRINHO ALADO

Não, ainda é um pouco cedo. Você precisa provar que se arrependeu, primeiro. Provar, entendeu? Provar. *(Sai de mãos juntas, na ponta dos pés, pela direita)*

CARNEIRINHO PRÊTO
(À platéia)

Eu bem que mereço êste castigo. Sou tão ruim que não mereço ter alma boa. *(Cantando, desalentado)*

Havia um carneirinho
que era prêto de assustar.
Lembrou de seu rebanho
e pôs-se a chorar...

(Interrompe-se, atira-se ao chão, esconde o rosto nas mãos e começa a soluçar. O cenário escurece bem. Pouco depois entra pela esquerda a Ovelhinha Branca, no passo arrastado de quem está exausta, apertando um dos braços como se estivesse ferido)

OVELHINHA BRANCA
(Gemendo)

Mééééé!... Mééêêé!... Me acudam! Me acudam!

CARNEIRINHO PRÊTO
(Sentando-se)

Ih! É a Ovelhinha Branca. Deixe enxugar os olhos depressa. Senão ela vai dizer: "Carneiro não chora. É muito feio carneiro chorar. Só ovelha é que tem direito a chôro."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.158

OVELHINHA BRANCA
(Sempre gemendo)

Méééééé!... Méééééé!...

CARNEIRINHO PRÊTO
(Levantando-se e dirigindo-se à ela)

Que foi, Ovelhinha Branca? Que é que houve com você?

OVELHINHA BRANCA
(Recuando, assustada)

Ih! É o Carneirinho Prêto! *(Disfarçando)* Nada, não. Não houve nada. *(Cai, apertando o braço, e se encolhe, horrorizada)*

CARNEIRINHO PRÊTO

Você está com mêdo de mim, Ovelhinha Branca?

OVELHINHA BRANCA
(Assentindo com a cabeça)

Méééééé!... Méééééé!...

CARNEIRINHO PRÊTO

Não tenha mêdo, não. Não vou fazer nenhum mal.

OVELHINHA BRANCA
(Desconfiada)

Mas você é o pior carneirinho prêto que existe!

CARNEIRINHO PRÊTO
(Humilde)

Também acho, Ovelhinha Branca. *(Interessado)* Mas que é que houve com você?

OVELHINHA BRANCA
(Desencolhendo-se)

Fui comer umas florzinhas da montanha em cima de uma pedra perigosa. *(Interrompe-se)* Você sabe que adoro sobremesa de flôres! *(Queixando-se)* Aí escorreguei e caí no fundo de um vale.

CARNEIRINHO PRÊTO

Coitado da Ovelhinha Branca!

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.PTE. 0245, p.159

OVELHINHA BRANCA
(Mostrando o braço)

Vê? Fiquei tôda machucada.

CARNEIRINHO PRÊTO

E ninguém ajudou você? Nem o Velho Pastor? Nem Ruth e Izabel, as pastorinhas?

OVELHINHA BRANCA

Não, êles não viram que eu caí. Ninguém viu. Nem a Ovelha Guia, nem o Carneiro Sábio, nem o Carneiro Branco.

CARNEIRINHO PRÊTO

Ah! Êles não viram. E você perdeu o caminho. De propósito?

OVELHINHA BRANCA
(Insultada)

Sem querer, naturalmente! Você já viu ovelhinha branca se desviar do rebanho? Não sou ovelhinha prêta, não! *(Aperta a garganta)* Ai! Méééééé!... Méééééé!...

CARNEIRINHO PRÊTO
(Solícito)

Sua garganta está ardendo?

OVELHINHA BRANCA
(Gemendo)

Está queimando de sêde!

CARNEIRINHO PRÊTO

Espere que vou lhe dar um pouco dágua. *(Corre ao poço, puxa a cacimba, finge que entorna água na concha das mãos)* Pronto, Ovelhinha Branca! Mate sua sêde. *(Finge que lhe dá de beber)*

OVELHINHA BRANCA

Que água com gôsto de bondade! Tão fresquinha! Obrigada, Carneirinho Prêto.

CARNEIRINHO PRÊTO

Não há de quê. *(Solícito)* Deixe ver seu machucado, agora. *(Examinando o braço da Ovelhinha)* Hum! É preciso botar o braço na tipóia e por aqui não há pano que sirva de atadura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.160

OVELHINHA BRANCA

Pois use o laço côr de rosa que trago no pescoço.

CARNEIRINHO PRÊTO

Não. É uma pena estragar um laço de fita tão bonito. É melhor usar meu lenço vermelho. *(Desata o lenço que traz ao pescoço)*

OVELHINHA BRANCA

Mas você gosta tanto de seu lenço!

CARNEIRINHO PRÊTO

Mas gosto mais de dar meu lenço pra você. *(Improvisa uma tipóia para o braço da Ovelhinha)* Vai ficar esquisita uma tipóia vermelha.

OVELHINHA BRANCA

A tipóia está ótima. Obrigada, Carneirinho Prêto!

CARNEIRINHO PRÊTO

Não há de quê. Você se sente melhor, Ovelhinha Branca?

OVELHINHA BRANCA

Sinto. Graças a você criei alma nova. *(Preocupada)* Preciso ir me encontrar com nossos irmãos carneiros mas não sei qual é o caminho certo.

CARNEIRINHO PRÊTO

Pois eu sei. *(Apontando o proscênio)* É por ali. *(Encabulado)* Você não acredita?

OVELHINHA BRANCA

Meus pais sempre me disseram pra nunca ter confiança nos carneiros prêtos, mas você acaba de provar que se arrependeu de tôda sua ruindade antiga. Muito obrigada, Carneirinho Prêto. Tenho certeza que você está me ensinando o caminho certo. Não quer vir comigo se encontrar com os outros carneiros?

CARNEIRINHO PRÊTO

Não, Ovelhinha Branca. Os outros carneiros andam desgostosos de mim. Não quero voltar a ser a mancha negra do rebanho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P-161

OVELHINHA BRANCA

Adeus, Carneirinho Prêto! *(Sai, pelo proscênio, devagar, e o palco escurece mais)*

CARNEIRINHO PRÊTO
(Olhando para cima)

Que escuridão! É a noite que chegou. *(Esfregando os olhos, deslumbrado)* Que luz misteriosa é aquela? *(Olha à direita)* É uma luz diferente das outras luzes. *(Ouve-se música e um foco de luz azul vem se deslocando, lentamente)* Até parece uma estrêla diferente das outras estrêlas. Mais clara. Mais pura. Mais brilhante. Mais perto da gente. *(Emocionado)* Que maravilha! Que maravilha! Agora compreendo. É a estrêla de Deus que os três reis magos viram no Oriente! A estrêla vai guiar os três reis magos a Belém! *(Ajoelha-se)* Que luz! Brilha de Verdade! *(Esfregando os olhos)* É luz demais para os olhos de um carneirinho prêto. *(Baixa a cabeça)* Vou ficar ajoelhado até que a estrêla passe pelo céu. E enquanto a estrêla estiver passando vou ficar rezando pra Deus Nosso Pastor me tornar num carneirinho bom. *(Move os lábios como se estivesse rezando mas sem articular sons. Depois que o foco de luz atravessa o palco suminuo e a música termina, surgem do mesmo lado e pelo proscênio, o Velho Pastor e as pastorinhas empunhando lanternas acesas. Encontram o Carneirinho Prêto sentado no chão e meditando).*

PASTORINHA LOURA

Olá, Carneirinho Prêto!

CARNEIRINHO PRÊTO
(Sorrindo à Pastorinha Loura)

Méééééé!... Méééééé!...

PASTORINHA LOURA
(Espantada)

Como o Carneirinho Prêto está mudado, bonzinho!

PASTORINHA MORENA
(Incrédula)

Deixe ver. Boa-noite, Carneirinho Prêto!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245.P.162

CARNEIRINHO PRÊTO

(Sorrindo à Pastorinha Morena)

Méééééé!... Méééééé!...

(As pastorinhas correm até êle e lhe afagam a cabeça, risonhas)

VELHO PASTOR

(Aproximando-se também)

Ué! Que coisa engraçada! Você perdeu seu lenço vermelho e a Ovelhinha Branca apareceu de tipóia.

CARNEIRINHO PRÊTO

(Sorrindo ao Velho Pastor)

Méééééé!... Méééééé!...

PASTORINHA LOURA

(Olhando o proscênio)

Lá vêm os carneiros.

PASTORINHA MORENA

Ainda bem. Já é alta noite e precisam descansar. *(Entram, com Ovelhinha Branca à frente, Carneiro Branco, Ovelha Guia e Carneiro Sábio, mas assim que o Carneirinho Prêto os vê sai, humilde, e se esconde atrás das pedras).*

VELHO PASTOR

(Aos carneiros)

Descansem, meus carneiros, que nós, pastôres, ficamos de vigília. *(Os carneiros obedientemente vão se sentando, rostos virados sôbre as mãos juntas, como se fôssem dormir, em tôrno do Velho Pastor e pastorinhas. De repente se ouve música em surdina, o cenário se ilumina e ouve-se uma vóz de alguém invisível)*

A VOZ

"Glória a Deus nas alturas!"

PASTORINHA LOURA

(Procurando)

Que voz é esta tão alegre?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.163

PASTORINHA MORENA
(Procurando)

Que voz é esta tão doce?

VELHO PASTOR
(Procurando)

De quem é esta voz que parece de anjo? Deve ser de anjo. Do anjo do Senhor. *(Assustado)* Que deseja o Senhor de uns pobres pastôres? *(Pastorinhas e carneiros se encolhem)*

A VOZ DO ANJO

"Não temais porque eis-me aqui dando-vos novas de grande alegria. Alegria para todo o povo! Hoje, na cidade de Davi, nasceu-vos o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: achareis o Menino envolto em panos e deitado numa mangedoura". *(A música continua e ouvem-se várias vozes em côro)*

O CÔRO

"Glória a Deus nas alturas! Paz na terra entre os homens de boa vontade!" *(A música aumenta e depois diminue até cessar, enquanto carneiros e pastôres parecem deslumbrados, olhando o alto como se vissem anjos)*

VELHO PASTOR

(Quando a música termina e o cenário escurece)
A glória do Senhor resplendeu à nossa volta.

PASTORINHA LOURA
(Emocionada)

Vamos ao presépio de Belém!

PASTORINHA MORENA

Vamos adorar o Menino-Deus!

VELHO PASTOR
(Aos carneiros)

Venham, ovelhas e carneiros! Nasceu Nosso Senhor Cristo. Venham adorá-lO! *(Saem, levantando as lanternas bem perto do rosto para que se veja o quanto estão felizes. E os carneiros começam a segui-los. Depois que os pastôres somem, porém, voltam, chamados pela Ovelhinha Branca)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 164 89

OVELHINHA BRANCA
(Aos carneiros)

Vamos convidar o Carneirinho Prêto para vir conosco ao presépio

OVELHA GUIA

Vamos. O Carneirinho Prêto provou que era bom.

CARNEIRO SÁBIO

Agora a alma dêle vai voltar.

CARNEIRO BRANCO

Onde está o Carneirinho Prêto que era mau e virou bom?

OVELHINHA BRANCA

Êle se escondeu atrás daquelas pedras.

OVELHA GUIA

Com certeza pensa que nós não gostamos mais dêle.

CARNEIRO SÁBIO

(Correndo até a rocha atrás da qual se escondeu o Carneirinho Prêto)

Carneirinho Prêto! Venha conosco, Carneirinho Prêto!

CARNEIRO BRANCO
(Chamando)

Carneirinho Prêto! Venha conosco ao presépio de Belém!

OVELHA GUIA

Carneirinho Prêto! O Menino-Deus nasceu na mesma terra que você! Vamos a Belém adorá-lO! *(Sai detrás das pedras o Carneirinho Prêto transformado em Carneirinho Branco)*

OS CARNEIROS
(Levando as mãos às bôcas)

Oh!... Ah!...

OVELHA GUIA

Êste não é o Carneirinho Prêto!

BR DFANBSB NS.GPR.TEA.PTE. 0245 IP 165

OVELHINHA BRANCA

Não é, mas era. Eu sei que era. Estou reconhecendo o antigo Carneirinho Prêto.

CARNEIRO SÁBIO

(Assentindo)

A gente nunca deve esquecer de quem nos faz bem. Você não se esqueceu, Ovelhinha.

OVELHA GUIA

O Carneirinho Prêto virou Carneirinho Branco!

CARNEIRO SÁBIO

(À platéia)

De hoje em diante êle será chamado: o Carneirinho de Belém! *(Os carneiros dão-se as mãos em tôrno do Carneirinho de Belém e cantam).*

OS CARNEIROS

(Cantando)

Havia um carneirinho
que era prêto de espantar.
Agora êle é branquinho
e vamos festejar...

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.166

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.167

92

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

FICHA DE CENSURA

Nº ____/____

Título do ~~XXXXX~~ O caso dos pirilampinhos

Autor - Stella Leonardos

~~Diretor~~

Gênero:

Policial	☐	Western	☐	Comédia	☐	Terror	☐	Musical	☐
Ficção	☐	Drama	☐	Científico	☐	Document	☐	TV	☐
Atualidade	☐	Seriado	☐	Desenho	☐		☐		☐

~~Metragem~~: ____ ~~Nacionalidade~~: ____

~~Sistema~~: ____

~~Seus personagens encarnam~~ insetos, árvores, astro rei e o saci, explorando o mundo ~~encantado~~ da gurizada, onde os pirilampos estão condenados, a vida inteira, a procurar o anel de noivado ~~Crítica arranjada~~ do Sol com a Yara, perdido pelo saci.

~~Lenda puramente infantil~~ através da qual o autor procura fazer com que as ~~crianças melhor observem~~ os fenômenos da natureza. LIVRE.

~~Apreciação técnica~~ Rio de Janeiro, ~~19 de agôsto~~ de 1968

Odette Martins Lanzi[illegible]tti

Odette Martins Lanzi~~o~~tti

Ciente - De acôrdo
Maria Da Fonseca
Encaminhe-se para Brasília

VIDE VERSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.168

ENTRECHO: Sr. Chefe da Seção de Censura.

Encaminho anexo a peça abaixo indicada, com o voto da Censora ODETTE MARTINS LANZIOTTI-DR/GB, que a examinou.

TITULO:- O CASO DOS PIRILAMPINHOS

AUTOR: Stella Leonardos

RESTRIÇÃO SUGERIDA: L I V R E - nenhuma restrição etária

Em, 26/08/68

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC-SCDP/DF

APRECIAÇÃO MORAL:

RESTRIÇÕES

Brasília, DF., _____, de - _____, de 196__

Censor Federal - MAT. nº

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 169

93

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL
TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 577/68

PEÇA -/::: O CASO DOS PIRILAMPINHOS :::/-

ORIGINAL DE STELLA LEONARDOS

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 26 de AGOSTO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

Brasília, 26 de AGOSTO de 19 68

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

apca/

M.J. - D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 170

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -17-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -"O CASO DOS PIRILAMPINHOS"-

Original de STELLA LEONARDOS

Tradução de

Adaptação de

Produção de ASSOCIAÇÃO DE TEATRO INFANTIL STELLA LEONARDOS (GB)

Tendo sido censurada em 19 de AGOSTO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: -::: L I V R E :::- =NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE=

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 26 de AGOSTO de 19 68

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.171

94

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.

Brasília

José Arivaldo Barata Lima, presidente do Grupo Teatral Época, vem mui respeitosamente solicitar de V. Sa. que se digne liberar a peça infantil intitulada " O Caso dos Pirilampinhos ", da autoria de Stella Leonardos, em dois atos e entreato.

N. Têrmos

P. Deferimento

Salvador, 1º de dezembro de 1969

José Arivaldo Barata Lima

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
NINO GUIMARÃES
REPRESENTANTE GERAL
(ESTADO DA BAHIA)

End. Av. Est. Unidos, 26
10º andar. com. Salvador. BA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.172

95

Serviço de Censura de Diversões Públicas do
Departamento de Polícia Federal

MEMORANDO para o Sr. Chefe da Turma de Censura de Teatros
e congêneres

Revalidação do Certificado Liberatório:

Comparando os textos da peça "O caso dos Pirilami - nhos", de autoria de Stella Leonardos, não constatei nenhuma modificação, formal ou material, que pudesse modificar a classificação anterior.

Assim sendo, sou pela liberação total, com manutenção da ausência de impropriedade à menoridade e sem interdições parciais. (CENSURA LIVRE).

Respeitosamente,

CESAR ADED PAZ - Cart. nº 064
Tec. Cens. Credenciado

Sr.Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura Credenciado CESAR ADED PAZ, que a examinou:

TÍTULO :- O CASO DOS PIRILAMPINHOS
AUTOR :- STELLA LEONARDOS
REST. :- L I V R E.-

EM, 12-01-70

TCTC-SC-SCDP

Senhor Chefe:

Uma obra produzida para publico infantil. Nada impede a sua liberação plena.

Em 12/1/1970

De acôrdo
Em 14/1/70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.17

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE [illegible]IA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2171/70

PEÇA -!!!/ O CASO DOS PIRILAMPINHOS /!!!-

ORIGINAL DE STELLA LEONARDOS

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 13 de JANEIRO de 19 75

Brasília, 13 de JANEIRO de 19 70

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

D. P. F. — Serv. de Censura de Diversões Públicas

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha 1. 38, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ O CASO DOS PIRILAMPINHOS /:::-

Original de STELLA LEONARDOS

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO TEATRAL ÉPOCA -AV.EST.UNIDOS, 26-10º ANDAR-SALVADOR-BA.

Tendo sido censurada em 12 de JANEIRO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: L I V R E.-

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 13 de JANEIRO de 19 70

RUBENS GARIGAN PINTO
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 174

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 175

97

14/TCTC

13/01/70

Chefe do SCDP

Sr. Delegado Regional do DPF/BA
Providências (solicita)

Senhor Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dêssa DR, as seguintes determinações de caráter técnico dêste Serviço:
1. assistir o ensaio geral da peça teatral " O CASO DOS PIRILAMPINHOS " autoria STELLA LEONARDOS ;
2. enviar a êste SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar a documentação anexa (scripts e certificados) a Grupo Teatral Época, sòmente após autorização desta Chefia, tendo em vista o constante do ítem dois (2).-

Atenciosamente,

Prof. Wilson A. de Aguiar
Chefe do S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.176

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA
DEPARTAMENTO REGIONAL DA PARAÍBA
CRIADO, ORGANIZADO E DIRIGIDO PELA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA NOS TÊRMOS DO DECRETO-LEI N. 9403 DE 25-6-1946
CAIXA POSTAL, 301 — TELEFONES: { ADMINISTRAÇÃO, 3116 / CENTRO SOCIAL, 3109
CAMPINA GRANDE — PARAÍBA

Of. nº 321/70/D 1059/70

Campina Grande, 18 de novembro/70.

Senhor Diretor:

Levamos ao conhecimento de V.Sª., que êste Departamento, através do seu setor competente, pretende levar a efeito no dia 19 de dezembro próximo, nesta cidade, a peça infantil "O CASO DOS PIRILAMPINHOS", de Stella Leonardes.

Assim sendo, estamos encaminhando a V.Sª., 3 cópias da referida peça para que seja a mesma devidamente apreciada, após o que solicitamos nos cientificar sôbre se poderemos exibí-la.

Certos da atenção que será dada ao assunto, aguardamos um breve pronunciamento de V.Sª., e subscrevemo-nos

atenciosamente,

Maria Salomé Leitão
Maria Salomé Leitão
Dirigente

Leone Bezerra
Leone Bezerra
Diretor da DOSA

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 10443
Em 24/11/1970
Protocolista

Ilmo. Sr.:
Diretor do Departamento de
Censura Federal
BNDE - 4º andar
Brasília - DF

REGEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ___ de _____ de 19___

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 177

99

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Campina Grande, 19 de Novembro de 1.970.

Ao
Diretor do Departamento de Censura Federal
do D. P. F.
BRASILIA

Prezado Senhor-:

Levo ao conhecimento de V.S., que o Grupo Teatral Clube Sezinho da cidade de Campina Grande Paraiba, está autorizado a montar o texto teatral(O caso dos Pirilampinhos) de autoria da Sra. Stella Leonardes na seguinte base.

50%(CINQUENTA POR CENTO) do salario mínimo regional por cada espetáculo.

Sem outro assunto, subescrevo, com a maior consideração

Atenciosamente:

João Correia de Araujo
Representante

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 178

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O caso dos Pirilampos

b) Título original:

c) Autor: Stella Leonardes.

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: Livre

II) Análise

a) Gênero: Peça Infantil

b) Argumento: Pirilampe passeando com sua aluna Pirilampinha conta-lhe a origem dos vagalumes. Segundo êle tudo começou, quando Iara, rainha das águas cantantes, foi pedida em casamento pêlo Saci e recusou preferindo aceitar o anêl de noivado do sol. O Saci não se conformando resolve se vingar. Êle pega o pente mágico de Iara, pois, sabia de sua vaidade, pedindo-lhe em troca sua aliança o que vem conseguir. Assim o sol fica sabendo de tôda estória e enraivecido põe, desde êste dia, todos os insetos pretos que o invejavam para procurar tôdas as noites seu anêl de noivado. Assim surgiu os pirilampos.

c) 1 - Mensagem:

MENSAGEM: Postiva. Mostra que nunca deve-sa fazer mal a outrem.

2 - Impressão na: Coincide com a mensagem.

d) Diálogos: Simples.

e) Cenas: Sem restrições.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.179

f) Personagens: Irreais e variados.

g) Valor educativo: Entretenimento.

III) Conclusão Peça infantil, muito intressante, própria para crianças. Sugiro seja liberada sem nenhuma impropriedade.

Brasília, 30 de novembro de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 405

Vilma Duarte do Nascimento.

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA VILMA DUARTE, QUE A EXAMINOU.

TÍTULO- O CASO DOS PIRILAMPINHOS

AUTOR - STELLA LEONARDES

RESTR.- LIVRE

OBS.- PEÇA INFANTIL

EM 01 DE DEZEMBRO DE 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA

CHEFE DA TCTC

Deferido

1º/12/70

Libere-se.

7.12.70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.180

103
101

MEM N.923/70-TCTC EM 02 12 1 970

DR/PARAÍBA

Sr. Chefe,

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue tôda a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste Serviço esteja de acôrdo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

PEÇA : O CASO DOS PIRILAMPINHOS

AUTOR : STELLA LEONARDOS

INTER.: SERV.SOCIAL DA INDUSTRIA-DEP.REG.DA PARAÍBA

ENDER.: CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

Atenciosamente,

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
CHEFE DO SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0245, p-181

100/102

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3334/70

PEÇA ==="O CASO DOS PIRILAMPINHOS"===

ORIGINAL DE STELLA LEONARDOS

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 02 de DEZEMBRO de 19 75

Brasília, 02 de DEZEMBRO de 19 70

LIVRE

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.182

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 05, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O CASO DOS PIRILAMPINHOS "

Original de STELLA LEONARDES

Tradução de

Adaptação de

Produção de LEONE BEZERRA - CAMPINA GRANDE /PB.

Tendo sido censurada em 30 de NOVEMBRO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: LIVRE - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

OBS.

O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 02 de DEZEMBRO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.183
12899

art
universidade
federal da bahia
escola de musica
e artes cênicas

DEPARTAMENTO DE POLICIA
SECÇÃO DE RELAÇÕES ADMIN.
20 MAR 1521 12899
BSB
ENCAMINHADO POR:

Salvador -Bahia, 15 de março de 1972

103

Of.40/72
AMN.

Prezado Senhor:

Estamos encaminhando a V.Sa., para fins de exame e registro, a peça infantil "O CASO DOS PIRILAMPINHOS", de Stela Leonardos que será apresentada como trabalho de extensão do Departamento de Teatro desta Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, sito na Avenida Araujo Pinho nº 27 - Canela, nos dias 22 e 23 de abril, 6, 7, 13 e 14 de maio do corrente ano, sob a direção da aluna Zoila Chagas Barata Lima.

Apresentamos a V.Sa. protestos de estima de consideração.

Manuel Veiga,
Diretor

Ilmo. Sr.
Chefe da S.C;D.P./DPF.
Edifício BNDE
Brasilia - DF.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Nina Gutierrez
Representante Geral
(Estado da Bahia)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 184

184
104

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS

DEPARTAMENTO DE TEATRO

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

PEÇA INFANTIL DE

STELLA LEONARDOS

LIVRE

1972

Serv. de Censura de Diversões Públicas — D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.185

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO O CASO DOS PIRILAMPOS - Peça Teatral

PARECER

Stela Leonardos

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE, cond. ao ensaio geral

Peça infantil apresentando justificativa ingênua e singela para as luzes dos pirilampos.

A obra é desprentenciosa, não contendo impropriedades e adequada ao público a quem é dirigida. Assim, sugiro a liberação sem restrições.

Brasília, 27 de março de 1972.

Lenir de Azevedo Sousa
Téc. de Cens.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P-186

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

185
106

TÍTULO " O CASO DOS PIRIPAMPINHOS " de Stela Leonardos

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Estória ingênua apresentando uma explicação imaginária para a propriedade fosforescente dos pirilampos.

Tema infantil abordando personagens lendários do nosso folclore, sem qualquer restrição quanto à liberação.

Brasília, 27 de março de 1972.

Hellé Prudente Carvalhêdo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.187

De acôrdo:
Emita certificado, na
forma dos Pareceres: Livre.

Em 28.3.72

TcTc

De acôrdo.

28.3.72

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 28/3/1972
Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,P.188

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

107

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 634/72

PEÇA : " O CASO DOS PIRILAMPOS "

ORIGINAL DE : STELLA LEONARDOS

APROVADO PALA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 28 de MARÇO de 1977

Brasilia, 14 de SETEMBRO de 1972

- ROGÉRIO NUNES -
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 189

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 70, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada : O CASO DOS PIRILAMPOS

Original de : STELLA LEONARDOS

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Tendo sido censurada em de de 19 e recebido a seguinte classificação:

Brasília, de de 19

Chefe do Serviço de Censura

DPF-SAv.150

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 190

108

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 634/72

PEÇA : " O CASO DOS PIRILAMPINHOS "

ORIGINAL DE STELLA LEONARDOS

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 28 de MARÇO de 19 77

Brasília, 28 de MARÇO de 19 72

Chefe do S. C. D. P.

ROGÉRIO NUNES

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P. 191

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 05, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

" O CASO DOS PIRILAMPINHOS "

Original de STELLA LEONARDOS

Tradução de

Adaptação de

Produção de ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS – UNIVERSIDADE DA BAHIA.

Tendo sido censurada em 27 de MARÇO de 19 72 e recebido a seguinte classificação: LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 28 de MARÇO de 19 72

– PAULO LEITE DE LACERDA – SUBST.

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-FFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 192

Federação do Teatro Amador da Baixa Sorocabana

C. G. C. M. F. 71.873.467/001
CAIXA POSTAL, 234 — SOROCABA
ESTADO DE SÃO PAULO

109

Sorocaba, 19 de agosto de 1972

MJ-DPF-SRA/BSB
29 AGO 1127 039821
RECEBIDO POR .....

ILMO. SR.
DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL
BRASILIA/DF

Prezado Senhor

O Teatro Experimental Sorocabano,(TES), vem por meio desta requerer a V.S., se digne censurar o Texto em Anexo," O CASO DOS PIRILAMPINHOS", de STELA LEONARDOS, que será montado pelo citado grupo.Segue em anexo os Textos regulamentares, o atestado liberatório da SBAT.

Certos de podermos contar com sua valiosa colaboração, aproveitamos para apresentar-vos os nossos votos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente

JOSÉ ADILSON DE BARROS-Presidente da
FETABAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 193

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO
~~Rio de Janeiro~~, 22 de AGOSTO de 19 72

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
O CASO DOS PIRILAMPINHOS

DE: STELA LEONARDOS

próxima apresentação da FETABAS

SOROCABA no Teatro DIVERSOS

com estréia marcada para o dia SETEMBRO 1972

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS — SUCURSAL - SÃO PAULO —
★ 22 AGO 1972 ★
Autorizado o visto
Djalma Bittencourt
Superintendente
EMANUELE FULVIENTI Contador

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.194

S. C. T. C.

TÍTULO: O CASO DOS PIRILAMPINHOS

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO Andrade

Documentação: EM ORDEM

Já liberada?: SIM

Cls. Etária anterior: LIVRE

Praça: SOROCABA - SP

DF, 20/08/72

Chefe do Arquivo

2) PROGAMAÇÃO

Técnico de Censura: Martes

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 4/9/72 a 6/9/72

OBS:

DF, 1º/9/72

Resp. pela Programação

3) S.C.T.C.

Emitir certificados conforme Voto da Censora: LIVRE

Em: 08/09/72

D/TCTC

4) CHEFE S.C.

Sr. Dir. D.C.D.P.

De acordo com o parecer de fls. 5

LIVRE.

Em 15/09/72

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBEREM-SE

na forma do parecer

Em, 15/9/72

Rogério Nunes

Laba

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.195

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO O CASO DOS PIRILAMPINHOS- De Stella Leonardos

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

A origem das luzes dos pirilampos é apresentada de maneira interessante, revestida de nuances singelas, tão do agrado do público infantil, ao qual é destinada a peça.

Pela liberação sem restrições.

Brasília, 6 de Setembro de 1972

Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.196

113

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Nº 867/72 DF, em 08/ 09 /1972

Do Diretor da D.C.D.P.
Ao Sr. SUPERINTENDENTE REGIONAL/SP
Assunto: remessa de "scripts" - faz.

Referência:

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS"
(título da peça ou "show")

STELA LEONARDOS
(nome do autor)

Senhor

Apraz-me remeter a essa repartição, com este, os "scripts" do espetáculo acima referenciado, que deverá ser encenado SOROCABA - SP.

2. Peço mandar proceder ao ensaio-geral e providenciar a remessa dos relatórios dos técnicos designados para assistí-lo, por estar a validade do certificado 7 sujeita ao resultado desse ensaio, devendo ficar ciente o interessado, através do setor de censura desse órgão, do que preceitua o artigo 11 e seu parágrafo único da Lei nº5536, de 21 de novembro de 1968.

3. Recomendo a máxima atenção da Fiscalização para o desenrolar do espetáculo, com o fim de dar a esta DCDP meios de impor, se necessário, a medida preconizada para os casos de violação do indicado dispositivo legal.

Atenciosas saudações,

Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.197

114

634/72

STELLA LEONARDOS

LIVRE

28 MARÇO 77

14 SETEMBRO 72

- ROGÉRIO NUNES -

HM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p.198

02 70

: O CASO DOS PIRILAMPINHOS

: STELLA LEONARDOS

TEATRO EXPERIMENTAL SOROCABANO - TES - SP -

06 SETEMBRO 72

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

14 SETEMBRO 72

LIVRE

MH

- HUGO PÓVOA DA SILVA -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.199

DPF - SR/4
n.n.º 02
Rub

115

São Paulo, 4 de outubro de 1972.

De: Técnico de Censura
Ao: Chefe da DCDP/DR/SP
Ass: Ensaio-Geral da peça "O Caso dos Pirilampinhos"

Senhora Chefe,

Atendendo a despacho de V.S., procedi dia 3 p.p. no Parque Infantil de Votorantim, ao ensaio-geral da peça "O Caso dos Pirilampinhos", levado pelo ~~xxxxx~~ Teatro Experimental Sorocabano e Juventude Votorantinense Cristã, sob a responsabilidade de ROMUALDO BARASNEVICIOS.

Informo-lhe que o texto liberado por SCDP/Brasília foi obedecido e para sua encenação há a movimentação de 15 atores.

O cenário se constitui de um painel representando uma floresta.

O guarda-roupa se resume básicamente em malhas inteiriças, variando os adornos e enfeites conforme a necessária caracterização dos personagens. Fogem à regra:-Iara que veste uma ~~re~~ roupa longa; -Sol e mensageiro do Sol que vestem uma roupa curta ao estilo dos antigos guerreiros romanos.

A sonoplastia se utiliza de músicas clássicas e a iluminação de luzes coloridas mais ou menos intensas conforme o momento.

Em vista do apresentado no ensaio-geral, opino pela liberação, em concordância com a classificação dada por SCDP/Brasília: livre.

Vera Lucia Uchiyama
Téc. de Censura nº 330

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.200

Fundação Universidade Regional do Nordeste
AV. FLORIANO PEIXOTO, 718
58.100 — CAMPINA GRANDE — PARAÍBA

Fundação Universidade Regional do Nordeste
MUSEU DE ARTE

116

ILMº SR. DR. ROGÉRIO NUNES
DD. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA - DEPTº DE POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA - DF

MJ - DPF - SRA/BSB
15 SET 1105 053090
RECEBIDO POR

Natal

A DIREÇÃO DO MUSEU DE ARTE da Universidade Regional do Nordeste, sediado nesta cidade, à Rua Avenida Floriano Peixoto nº 825, Centro, vem mui respeitosamente, solicitar de Vossa Senhoria, que se digne conceder autorização para apresentação da peça infantil, "O CASO DOS PIRILAMPINHOS", de STELLA LEONARDOS, a ser apresentado pelo grupo infantil de teatro da referida entidade, no dia 12 de outubro próximo. Em anexo, a autorização da SBAT Local, e três (3) vias do referido texto.

Nestes termos
Pede Deferimento

Campina Grande, Paraíba, 10 de setembro de 1975

Pedro Quirino F. Neto
p/Diretor do Museu de Arte

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.201

117

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Campina Grande, 10 de setembro de 1975.

Ao
Diretor do Departamento de Polícia Federal
do D.P.F.
Brasilia - DF

Prezado Senhor:

Levo ao conhecimento de V.Sa., que o Grupo de Teatro Infantil, do Muzeu de Arte, de Campina Grande-Pb., nada deve a SBAT local, e estar autorizado a montar a peça Infantil "O CASO DOS PIRILAMPOS", de autoria de STELLA LEONARDOS, a ser cobrado na base de 50% do salário minimo da região por cada espetáculo.

Sendo só para ó momento, firmo-me atenciosamente.

Maria Olete de Souza
P/ João Corrêia de Araújo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 202

TEATRO

TÍTULO "O caso dos pirilampinhos"

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior Livre

Praça Campina Grande PB

Obs.:

DF. 17 / 09 / 75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. A Seção de Expedientes para, de acordo com o parecer nº 8141-75, expedir certificado com a chancela de livre, sem cortes. Todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.

2 — Encaminhe-se ao Sr. Chefe do S.C.

Em 30-09-75.

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatros / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do ~~parecer~~ processo anterior.

Em, 04/ out. / 1975

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 203

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

119/00

PARECER Nº 9141 / 1975

TÍTULO: O CASO DOS PIRILAMPINHOS = PEÇA TEATRAL DE STELLA LEONARDOS;
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Ao procedermos o confronto da peça supracitada, verificamos que o texto coincide perfeitamente com o original, já liberado por esta DCDP, assim opinamos pela classificação / etária dada anteriormente: LIVRE,

BRASÍLIA, DF, 24 de setembro de 1975

Eni Martins França Borges

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.204

120

06/075

777/75-SCTC/DCDP

Chefe do Serv. Censura de Diversões Públicas em Campina Grande-PB

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

"STELLA LEONARDOS"

Chefe:

Campina Grande-PB

/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 205

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO PARÁ

MJ - DPF - SRA/DSB
29 SET 1975 056176
RECEBIDO EM
SRA/FICHADO

Belém, PA - 26 Set 1975

Ofício nº 071/75-SCDP/SR/PA

FICHADO
S.A. DCDP

De ordem
a Secão de Teatro
em 26 09 75
Ruth Nogales
Chefe da SA/DCDP

Senhor Diretor:

Pelo presente, encaminho a V. Sa. três cópias da peça teatral intitulada " O CASO DOS PIRILAMPINHOS", de autoria STELLA LEONARDOS, juntamente com o requerimento solicitando censura prévia do referido texto, bem como a Declaração da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT).

Na oportunidade, renovo a V. Sa. protestos de estima e consideração.

Dr. LINCOLN GOMES DE ALMEIDA
Superintendente Regional do DPF/PA

Ilmo. Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
MD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 206

122

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belém, 1º. Setembro. 1975

Ao Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS DO D.P.F.
Brasilia - DF

Senhor CHEFE.

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.Sa., para fins de CENSURA, três copias da peça "O CASO DOS PIRILAMPINHOS", de autoria de Stella Leonardos, proxima apresentação do elenco do TEATRO EQUIPE, nesta capital.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a maior consideração.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
S. B. A. T.

Edyr Paiva Proença
Representante em Belém

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.207

123

Belém, 03 de setembro de 1975

Ilmº. Sr.
Chefe do Departamento de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.
Brasília - DF.

Ilustríssimo Senhor:

O Teatro de Equipe do Pará (TEP), Grupo de Teatro Amador, com finalidades eminente artistico-culturais, sediado nesta Capital, vem mui respeitosamente, solicitar a V.Sa. a devida permissão para encenar, aqui, a peça "O CASO DOS PIRILAMPINHOS", de autoria de Stella Leonardos, sob a direção de José Moraes de Lima, registrado na TCDP/DR/PA, para o que anexa ao presente, com fins de censura, três cópias do referido texto, mais a autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, um encaminhamento do Dr. Edyr Paiva Proença, digníssimo representante local da citada Entidade, bem como a relação do elenco.

Outrossim, desejando encená-la, se possível, no mês de outubro no Teatro Moderno Semana da Arte e tomamos a liberdade de, se V.Sa. nos permite, solicitar o especialíssimo obséquio de se fazer a tempo a censura do texto em questão, possibilitando-nos essa chance, que não podemos perder, o que muito agradeceríamos.

Certos de contarmos com a vossa compreensão, aproveitamos o ensejo para renovar a V.Sa. nossos protestos de estima e consideração.

Maria Lelia Pessoa Serra
Presidente do T E P.

CARTÓRIO QUEIROZ — SANTOS — 3.º Ofício de Notas TABELIÃO VITALÍCIO Dr. Armando de Q. Santos TAB. SUBSTITUTOS ... de Q. Santos ... Santos F. ... de Q. Santos ... Pará

Reconheço por ter conferido com outra (s) existente em meu arquivo a(·) ... Assinatura (s) ... assinalada (s) com esta > CARTÓRIO Queiroz Santos Em sinal ... da verdade Belém ... 1975

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.208

124

Belém, 03 de setembro de 1975

Ilmº. Sr.
Chefe do Departamento de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.
Brasília - DF.

Ilustríssimo Senhor:

O Teatro de Equipe do Pará (TEP), Grupo de Teatro Amador, com finalidades eminente artistico-culturais, sediado nesta ' Capital, vem mui respeitosamente, solicitar a V.Sa. a devida permis - são para encenar, aqui, a peça "O CASO DOS PIRILAMPINHOS", de autoria de Stella Leonardos, sob a direção de José Moraes de Lima, registrado na TCDP/DR/PA, para o que anexa ao presente, com fins de censura, três cópias do referido texto, mais a autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, um encaminhamento do Dr. Edyr Paiva Proença, dig níssimo representante local da citada Entidade, bem como a relação do elenco.

Outrossim, desejando encená-la, se possível, no ' mês de outubro no Teatro Moderno Semana da Arte e tomamos a liberdade de, se V.Sa. nos permite, solicitar o especialíssimo obséquio de se fazer a tempo a censura do texto em questão, possibilitando-nos essa' chance, que não podemos perder, o que muito agradeceríamos.

Certos de contarmos com a vossa compreensão, aproveitamos o ensejo para renovar a V.Sa. nossos protestos de estima e consideração.

Maria Célia Pessoa Serra
Presidente do T E P.

CARTÓRIO QUEIROZ — SANTOS
3.º Ofício de Notas
TABELIÃO VITALÍCIO
Dr. Armando de Q. Santos
TAB. SUBSTITUTOS
Adriano de Q. Santos
Adriano de J. Santos F.
Dr. Gastão de Q. Santos
Belém — Pará

Reconheço por ter conferido com outra (s) existente em meu arquivo a(s) _____ assinalada (s)
Assinatura(s) _____
com esta > CARTÓRIO Queiroz Santos
Em sinal _____ da verdade
Belém _____

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P. 209

125

Belém, 03 de setembro de 1975

Ilmº. Sr.
Chefe do Departamento de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.
Brasília - DF.

Ilustríssimo Senhor:

O Teatro de Equipe do Pará (TEP), Grupo de Teatro Amador, com finalidades eminente artistico-culturais, sediado nesta Capital, vem mui respeitosamente, solicitar a V.Sa. a devida permissão para encenar, aqui, a peça "O CASO DOS PIRILAMPINHOS", de autoria de Stella Leonardos, sob a direção de José Moraes de Lima, registrado na TCDP/DR/PA, para o que anexa ao presente, com fins de censura, três cópias do referido texto, mais a autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, um encaminhamento do Dr. Edyr Paiva Proença, digníssimo representante local da citada Entidade, bem como a relação do elenco.

Outrossim, desejando encená-la, se possível, no mês de outubro no Teatro Moderno Semana da Arte e tomamos a liberdade de, se V.Sa. nos permite, solicitar o especialíssimo obséquio de se fazer a tempo a censura do texto em questão, possibilitando-nos essa chance, que não podemos perder, o que muito agradeceríamos.

Certos de contarmos com a vossa compreensão, aproveitamos o ensejo para renovar a V.Sa. nossos protestos de estima e consideração.

Maria Lélia Pessoa Serra
Presidente do T E P.

CARTÓRIO QUEIROZ — SANTOS
3.º Ofício de Notas
TABELIÃO VITALÍCIO
Dr. Armando de Q. Santos
TAB. SUBSTITUTOS
Adelino de Q. Santos
Alberto de Q. Santos F.
Dr. Gastão de Q. Santos
Belém — Pará

Reconheço por ter conferido com outra(s) existente em meu arquivo a(·) assinalada(s)
Assinatura(s)
CARTÓRIO
com esta
Queiroz Santos
Em sinal de
Belém 19

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 210

TEATRO

TÍTULO O CASO DOS PIRILAMPINHOS
de
Stella Leonardo

1) S. ARQUIVO

Documentação
Clas. Anterior Livre
Praça Belém – PA
Obs.:

DF. 03/10/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF.__/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. À Seção de expedientes, para de acordo com o parecer nº 8141-75, expedir certificado com a classificação de livre, sem cortes. Volta, - condicionado ao exame do ensaio geral.
2- Encaminhe-se à consideração da Chefia do S.C.
Em 3-10-75.

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de
Te[illegible]

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do ~~parecer~~ Processo anterior.
Em, 04/ out. / 1975

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 211

790/75-SCTC/SC/DCDP

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/PA

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

"STELLA LEONARDOS"

Chefe:

Belém-PA

/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0245, p.212

577/75

O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELLA LEONARDOS

TEATRO DE EQUIPE DO PARÁ - PA -

MARIA L. P. SERRA

03 OUTUBRO 75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO CENSOR GERAL. O PRE-

SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE

VIDAMENTE CARIMBADO. PEÇA OCUL

03 OUTUBRO 75

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 213

: O CASO DOS PIRILAMPINHOS

: STELLA LEONARDOS

577/75

TEATRO DE EQUIPE DO PARÁ - PA -

MARIA L. P. SERRA

03 OUTUBRO 75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

LIVRE

03 OUTUBRO 75 CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 214

MJ - DPF - SR/PE/BSB
18 NOV 1050 76 043033

128

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 2181/76-SCDP/SR/DPF Recife, 17 de novembro de 1.976

Ao arquivo
Junte-se a presente
em 18.11.76

FICHADO
S. A DCDP

Senhor Diretor,

Em observância aos dispositivos legais encaminhamos a V.Sª. scripts de Peças Teatrais para o II Encontro Estudantil de Teatro, conforme relação anexa.

Esclarecemos que a apresentação está prevista para os meses de janeiro e fevereiro do próximo ano.

Ao ensejo renovamos a V.Sª. protestos da mais alta estima e real apreço.

ASCTC 19/11/76

Bel. EDYR CARVALHO
Superintendente Regional do DPF/SR/PE

Ilmº.Sr.
Dr. Rogério Nunes
DD. Diretor da DCDP/DPF/BSB
BRASÍLIA-DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P 215

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE CULTURA
PERNAMBUCO

RELAÇÃO DE PEÇAS PARA O II ENCONTRO ESTUDANTIL DE TEATRO

Escola - Mons. Arruda Câmara
Peça - A Bruxinha que era boa ✓
Autor - Maria Clara Machado

Escola - Alfredo Freire
Peça - No sertão era assim ✓
Autor - Otto Prado

Escola - Gen. Barbosa Lima
Peça - O Casamento de Emília ✓
Autor - Adaptação de Júlio Gouveia

Escola - Colégio Estadual de Olinda
Peça - Missa de Sétimo dia ✓
Autor - Augusto de Oliveira

Escola - Imaculada Conceição
Peça - Um gesto por outro
Autor - Jean Tardier
Tradução - Aroldo Bodin

- Conforme informação da Diretora, esta Peça já foi remetida a essa DCDP.

Escola - José Vicente Barbosa
Peça - Circo de Variedades ✓
Composição - Alunos/Professor

Escola - João Bezerra
Peça - O Balão que caiu no mar ✓
Autor - Odilo Costa Filho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 216

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE CULTURA
PERNAMBUCO

Escola - Desembargador Renato Fonseca
Peça - O Direito dos Homens
Autor - Adaptação Paulo de Castro

Escola - Técnica do Recife
Peça - Senhor Rei dona Rainha
Autor - Benjamim Santos

Escola - Pedro Celso
Peça - O Planeta do Sorriso
Autor -

Escola - Marcelino Champagnat
Peça - O Homem X Comunicação
Adaptação - Professor/Aluno

Escola - Lauro Diniz
Peça - O Homem X Comunicação
Adaptação - Professor/Alunos

Escola - Dom Bosco
Peça - Auto do Bumba-meu-boi
Autor - Adaptação Ana Campos Lima

Escola - Sizenando Silveira
Peça - Apocalipse
Autor -Ida Korossi

Escola - Silvio Rabelo
Peça - Apocalipse
Autor - Ida Korossi

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,8-217

131

SECRETARIA DE EDUCAÇAO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE CULTURA
PERNAMBUCO

Escola - Santa Maria
Peça - O Amor através dos tempos ✓
Autor - Pesquisa de textos (alunos)

Escola - Frei Canaca
Peça - Passagens do Evangelho ✓
Adaptação

Escola - Prof. Carneiro Leão
Peça - O Consertador de Brinquedos ✓
Autor - Estella Leonardos

Escola - Paulo de Souza Leão
Peça - O caso dos pirilampos ✓
Autor - Estella Leonardos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P-218

TEATRO

TÍTULO O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELLA LEONARDOS

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça RECIFE - PE

Obs.:

DF. ___ / 30 / 11 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com classificação: impróprio para menores de LIVRE, sem cortes e dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame geral. Obs.:

Brasília-DF, 28 de dezembro de 1976

p/ Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: Livre

Brasília-DF, 29 / 12 / 76

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.219

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

133

PARECER Nº 7009 / 76

TÍTULO: "O CASO DOS PIRILAMPINHOS" - CONFRONTO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Procedendo ao confronto da peça infantil intitulada "O CASO DOS PIRILAMPINHOS" verifiquei que o presente texto se identifica com o já censurado anteriormente, portanto, sou de parecer que o mesmo seja liberado com a chancela de LIVRE, de conformidade com o certificado liberatório já expedido por esta DCDP.

Brasília, 27 de dezembro de 1976

Creusa Vieira Cabral

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.220

1425/76-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF em Pernambuco

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

Stela Leonardos

Superintendente:

Recife-PE, 1

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.221

135

577/76

: O CASO DOS PIRILAMPINHOS

: STELLA LEONARDOS

LIVRE

28 MARÇO 77

28 DEZEMBRO 76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 222

: O CASO DOS PIRILAMPINHOS

: STELLA LEONARDOS

: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA - DEPARTAMENTO DE CULTURA - PE

28 DEZEMBRO 76

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

28 DEZEMBRO 76 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.223

136

Festival Missioneiro de Teatro Estudantil

PRAÇA PINHEIRO MACHADO - FONE 2772 - SANTO ÂNGELO - RS

PREFEITURA MUNICIPAL/SEMTURE - 3.ª CRE - SEC/DAC - SETUR

09-10-11-12-13/08/77

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Departamento de Polícia Fedral
BRASÍLIA - DF

De ordem
ao arquivo
em 20.6.77

VALDIR VAN HELDEN, brasileiro, casado, professor, residente e domiciliado na cidade de Santo Ângelo - RS, na qualidade de Coordenador Geral do 2º FESTIVAL MISSIONEIRO DE TEATRO ESTUDANTIL - FEMITE, vem mui respeitosamente solicitar a V. Sa., que se digne a examinar e liberar a peça "O CASO DOS PIRILAMPOS", de autoria de Stella Leonardos, em Dois atos, do gênero INFANTIL, com músicas de -. A presente solicitação se destina à realização do 2º FEMITE nas datas de 9 a 13 de agosto.

Nestes Termos
Pede Deferimento

Santo Ângelo, 25 de maio de 1977.

VALDIR VAN HELDEN
Coordenador Geral do 2º FEMITE

P.S. A presente peça será levada ao palco pelo GRUPO DE TEATRO SANTA ROSA, do Ginásio Estadual de Santa Rosa- RS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 224

TEATRO

137

TÍTULO O CASO DOS PIRILAMPINHOS

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça SANTA ROSA - RS

Obs.:

DF. 30 / 06 / 77

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores~~ de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censu., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 06 de julho de 1977

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 13 / 7 / 1977.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 225

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

138

PARECER Nº 2685 / 77

TÍTULO: "O CASO DOS PIRILAMPINHOS" (peça teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

AUTORA: STELLA LEONARDOS

O texto ora examinado encontra-se idêntico ao original, e tendo em vista o dispositivo legal, art. 1O. Dec. Lei 5536, somos pela LIBERAÇÃO com a faixa etária : LIVRE e concidicionada ao Ensaio Geral.

Brasília, 06 de julho de 1977

Solange Vaz dos Santos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.226

139

FICHADO DCDP

MJ-DPF SR/RS

28 JUN 1977 04745

RECEBIDO POR:

SRA/FICHADO

Ilmo. Sr.
Diretor da divisão de serviço de diversões
púplicas
do Departamento de Policia Federal
Setor Bancario Sul
Edificio B.N.D.E, 4º andar
Brasilia Distrito Federal

Maria Elci Pereira da Silva, filha de Maria Catarina Pereira da Silva e de .....(ignorado), proprietaria do grupo tetral Lirios, estabelecida na rua Baronesa do Gravatai nº 355 na cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, vem mui respeitosamente solicitar a V. Sa. o exame e liberação da Peça Caso dos Pirilampinhos, de autoria de Stela Leonardo em dois atos do genero folclore.

Nestes Termos
Pede deferimento

Porto Alegre, 14 de fevereiro de 1977

Maria Elci Pereira da Silva
Maria Elci Pereira da Silva

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.227

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3.º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Pôrto Alegre, 17 de janeiro de 1977

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Diversões Públicas
BRASILIA- DF

Pela presente temos a honra de encaminhar a V.Sa., para fins de CENSURA, três cópias da peça teatral O CASO DOS PIRILAMPINHOS de Stela Leonardo.

Cordialmente.

SBAT
Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Sucursal Rio Grande do Sul

DR. ARON MENDA
REPRESENTANTE GERAL

6.000 - 6/75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.228

TEATRO

141

TÍTULO O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELLA LEONARDOS

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça PORTO ALEGRE - RS

Obs.: O PROCESSO PRINCIPAL FOI ENCAMINHADO À SCTC EM 30.06.77 - FAVOR JUNTÁ-LOS.

DF. 04/07/77

Geraldo Cajé

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores de~~ livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 06 de julho de 1977

Maria Arlete L. Gama

Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 13/7/1977

CARLOS A. M. LIVRI DE CARVALHO

Chefe do Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.229

142

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1686 / 77

TÍTULO: " O CASO DOS PIRILAMPINHOS " (peça teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

AUTORA: STELLA LEONARDOS

O texto em epígrafe com os constantes no processo, verificamos haver identidade entre osm mesmos, pelo que, opinamos a manutenção da chancela: LIVRE e condicionado ao ENSAIO GERAL.

Brasília, 06 de julho de 1977

Solange Vaz dos Santos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.230

143

937/77-SCTC/DCDP 07.julho. 7

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul

"O CASO DOS PIRILAMBOS"

STELLA LEONARDOS

Superintendente,

Santo Angelo-RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.231

144

577/77

O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELLA LEONARDOS

03 OUTUBRO 80

12 JULHO 77

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, P.232

O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELLA LEONARROS

GRUPO DE TEATRO SANTA ROSA/SANTO ÂNGELO-RS

VALDIR VAN HELDEN

06 JULHO 77

L I V R E. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

12 JULHO 77

VLS

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 233

145

938/77-SCTC/DCDP 07.julho. 7

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul

"O CASO DOS PIRILAMPOS"

STELLA LEONARDOS

Superintendente,

em Porto Alegre-RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 234

146

577/77

O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELLA LEONARDOS

GRUPO TEATRAL LÍRIOS

LIVRE . CONDICIONADA AO PARECER DA CENSURA FEDERAL. O PRE-
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

06 JULHO 77

03 OUTUBRO 80

12 JULHO 77

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 235

O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELLA LEONARDOS

GRUPO TEATRAL LÍRIOS

MARIA ELCI PEREIRA DA SILVA

06 JULHO 77

LIVRE . CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DGDP.

12 JULHO 77

VLS

CARLOS A MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 IP 236

SRA/FICHADO

MJ-DPF-SRA/BSB

13 JUL 1604 022350

RECEBIDO POR:

147

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

DPF-SRA
Rub.

FICHADO
S. A. DCDP

Of. nº 613 /77 -SCDP/SR/DPF-RJ Em 11/07/1977

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/DPF-RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF

Assunto : Encaminhamento (faz)

Ref.: Prot. nº 03.407 /1977 -SR/DPF-RJ - SCDP

Arquivo
Devolvido em 14/77

Peça: "O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

Autor: Stella Leonardos

Tradução:

Adaptação:

Requerente: GRUPO DE TEATRO MALINEZA

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha consideração e distinguido apreço.

ROGÉRIO FREITAS FRÓES
Chefe do SCDP/SR/DPF/RJ
- em exercício -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 237

TEATRO

TÍTULO O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELA LEONARDOS

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.:

DF. 15 / 07 / 77 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores~~ de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 21 de julho de 1977

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: livre

Brasília-DF, 28 / 7 / 77.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.238

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

149

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O CASO DOS PIRILAMPINHOS" (peça teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

AUTOR: STELLA LEONARDOS

Procedendo o confronto do texto acima mencionado, constatamos identidade com o original; sendo assim somos pela LIBERAÇÃO da peça e pela manutenção da faixa etária: LIVRE, mas condicionada ao ENSAIO GERAL.

Brasília, 20 de julho de 1977

Solange

Solange Vaz dos Santos

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 239

SRA/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB
18 JUL 1117 022753
RECEBIDO POR:

FICHADO
S.A. DCDP

150

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFÍCIO Nº 634 /77-SCDP/SR/RJ Em 14.7.77

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Aditamento (faz)

N. C.
Devolvo o processo
em 15/7/77

Senhor Diretor:

Em aditamento ao Ofício nº 613/77-SCDP/SR/RJ, para fins do disposto do sub-item 1.4 da Portaria nº 42/75, de 26.11.75, encaminho a V.Sª. cópias dos pareceres da peça " O CASO DOS PIRILAMPINHOS ", de Stela Leonardos , liberado sem restrição etária, na dependência do ensaio geral.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

ROGÉRIO FREITAS FRÓES
Chefe do SCDP/SR/RJ
- Em exercício -

A SCTC
19/7/77

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 240

151

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1557/77

PEÇA INFANTIL: " O CASO DOS PIRILAMPINHOS"
AUTOR: STELA LEONARDOS
CLASSIFICAÇÃO ETARIA: L I V R E

Trata-se de peça estritamente infantil, onde a criança tem oportunidade de assistir as vidas e travesduras dos já conhecidos personagens:Sací,Boitatá,Curupira e Iara.

Sem qualquer restrição a fazer,opino SMJ., pela LIBERAÇÃO do texto e sua consequente encenação.
LIVRE

R,Janeiro,12 de julho de 1977

SELMA CHAVES - TECNº DE CENSURA
MATRº Nº 2.1261369

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.241

152

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1555

TÍTULO - O CASO DOS PIRILAMPINHOS
AUTORA - STELLA LEONARDOS
GÊNERO - EXAME DE TEXTO
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA - L I V R E

A peça em epígrafe enfoca o nosso folclore popular, com seus personagens lendários e mitológicos , como a Iara, o Saci, OCurupira, o Boitatá, etc., e narra a história do noivado do Sol com a Iara e o despeito do Saci por se ver preterido em seu amor. A peça se desenvolve mostrando as maquinações do rival despeitado para separar os noivos, chegando ao ponto de ameaçar revelar o segredo da imortal beleza da Iara, exigindo em troca de não revelá-lo, a entrega do anel raio de sol, com que o noivo presenteou sua prometida, pensando que desta maneira separaria os dois para sempre. A peça termina com o castigo do Saci e de seus cúmplices, os pirilampos, que são condenados a procurar eternamente o anel raio de sol que o Saci perdeu.

Indicada especialmente para o público infantil, a peça é muito poética e pretende explicar o porquê da luz dos vagalumes. Nada apresentando digno de restrição censória, sugiro liberar com censura LIVRE.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1977.

Lígia Barreto Ferreira
Tec.cens.mat.2.417.020

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 242

153

1010/77 DF.21.julho.77

Do

Ao

613/77-SCDP/SR/RJ

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS" de Stella Leonardos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p 243

154

577/77-A

O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELLA LEONARDOS

03 OUTUBRO 80

26 JULHO 77

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, P.244

O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELLA LEONARDOS

GRUPO DE TEATRO MALINEZA - RJ.

21 JULHO 77

L I V R E, CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

26 JULHO 77

OFB

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 245

MJ-DPF-SR/A/BSB
8 OUT 1039 030771
DPF-SR/A
Rub.
Rub.

155

FICHADO
S.A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº 7.111/77-SCDP/SR/SP

Em, 11 de outubro de 1977.

Ciente p/ providências
Em 13/10/77

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "O FANTASMA BRANCO" original de Joaquim Manoel de Macedo; "AS BETERRABAS DO SR. DUQUE" original de Oscar Von Pfhul; "A ARVORE QUE ANDAVA" original de Oscar Von Pfuhl; "A CIGARRA E O ESPANTALHO; original de Celso de Oliveira; "A ARVORE QUE ANDAVA" original de Oscar Von Pfuhl; "O CASO DOS PIRILAMPINHOS" original de Stella Leonardos; "A ARVORE QUE ANDAVA" original de Oscar Von Pfuhl; "MALHAÇÃO DE JUDAS" original de Fernando Cassio e Adilson Alchuij; "UMA HISTÓRIA DE REIS" original de Ana Maria Amaral; "A PRINCESA OREÃ" e "A HERANÇA" originais de Tânia Regina; "RINCÃO VAILEVANDO NAPINDURA" original de Luiz Gonzaga de Luca; "OS OLHOS VERDES DA NEUROSE" original de José Expedito Marques.

Outrossim, informamos que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa a DCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

2/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 246

156

ILMO. SR. DELEGADO DA POLÌCIA FEDERAL - BAURU.-

Encaminha-se ao SCDP-
SR/DPF/SP.
Bauru, 28-09-77.

Dr. Humberto de Marais Vasconcelos
Delegado de Polícia Federal
Chefe da Delegacia de Polícia Federal em Bauru

D. P. F.
DELEGACIA DE BAURU
EM: 28 / 09 / 977
PROTOCOLO N.º 1850

O TEATRO UNIVERSITÁRIO DE PIRATININGA " TUPI", grupo teatral amador sem fins lucfativos, registrado sob nº 62, a fls. 35 do livro A-2 no Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas da Comarca de Piratininga-SP., vem pelo presente, mui respeitosamente requerer à V. Sa. a censura e autorização da peça teatral infantil: "O CASO DOS PIRILAMPINHOS " de Stella Leonardos, a ser apresentada no próximo mês de outubro, nesta cidade em comemoração ao "Dia da Criança".

Nestes Termos,

Pede Deferimento,

Piratininga, 23 de setembro de 1977.-

-MARINA ALVARES RODRIGUES -
- PRESIDENTE -

- MARIA JOSÉ JANDREICE -
- SECRETÁRIA -

De acordo com a Port nº 42/75.
a) designar TC para o exame do texto na SCDP/SR/SP,
b) remeter o texto à DCDP
Em 10/10/77
Chefe SCDP/SR/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 247

157

TEATRO

TÍTULO O Caso dos Pirilampinhos

Stella Leonardos

1) S.C.T.C. Arquivo

Clas. Anterior Livre

Praça Piratininga / SP

Obs.:

DF. 19 / 10 / 77 /

Joanna Neiva Moreira
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 248

FICHADO
NA DCDP

MJ - DPF - SRA/DSP

27 OUT 1977 032015

DPF-SRA
fl. n.º
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº 7.130/77-SCDP/SR/SP

EM, 26 de outubro de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., os relatórios de textos e de ensaios gerais das peças teatrais "A ORGIA" original de Henrique Buenaventura; "MAIS QUERO ASNO QUE ME CARREGUE QUE CAVALO QUE ME DERRUBE" original de Gil Vicente; "BOI ESPAÇO" original de Antonieta Dias de Moraes; "UM GRITO PARADO NO AR" original de Gianfrancesco Guarnieri; "O CASO DOS PIRILAMPINHOS" original de Stella Leonardos; "O CIRCO ANTROPOFÁGICO..." original de José Roberto Aguillar; "ARSÊNICO NO CAFÉ" original de Tito de Miglio; "ALEM DA VIDA" original de Alfredo Rubens Ingisa e "OS CORUJINHAS" original de Grupo Onze em Familia.

Outrossim, aproveitamos o ensejo, para solicitar a V.S., a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 249

159

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O CASO DOS PIRILAMPINHOS"-STELLA LEONARDOS

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: livre

Ensaio geral.

Peça infantil movimentada,alegre e colorida

Inicia-se com o aparecimento no palco de dois pirilampos o professor e a aluna.O professor conta para-a aluna a origem dos pirilampos.Abre-se a cena.A Iara tinha muitos pretendentes mas não escolhia nenhum até que-aparece o sol por quem ela se decide. O sol pede-a em casamento e da-lhe como anel de noivado um raio para que - ela coloque no dedo.O saci com invenja e ciume ardilosamente rouba o pente mágico da Iara sem o qual seus cabelos ficavam emaranhados.Para recuperar o pente a Iara é-obrigada a entregar ao saci seu anel de noivado.O sol - promete vingança e o saci perde o anel.Chama seus amigos insetos pretos para se vingarem , mas a Iara poderosa os castiga destinando-os a procurarem o anel perdido.Daí os pirilampos brilharem de noite em busca do anel.

Cenário colorido e movimentado muito original com as arvores representadas pelos atores.

Peça adequada às crianças além de ser própria para ser representadas por estas.

Opino pela liberação sem restriçao etária.Livre.

São Paulo,11 de outubro de 1977

Maria Helena Soares

Maria Helena Soares

De acordo com o parecer
Chefe substituto SCSD/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.250

160

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O CASO DOS PIRILAMPINHOS" STELLA LEONARDOS

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: livre

-"O caso dos pirilampinhos"-

" peça em apreço esta de acordo com o texto - História infantil sobre a origem dos pirilampos contada sob forma de fábula. A Ia ra rainha das a - guas teve seu anel de noivado com o rei Sol, roubado pelo Saci. Como castigo designou os pirilampos que antes eram simples insetos pretos a procurarem eternamente seu anel.

A peça está de pleno acordo com a faixa etária infantil. Opino pela liberação Livre.

São Paulo, 12 de outubro de 1977

Maria Helena Soares

Maria Helena Soares

De acordo com o parecer
Chefe Subst. SCDP/SP

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.251

161

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O CASO DOS PIRILAMPOS" - Peça teatral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Procedemos à leitura da peça supra citada de autoria de Stella Leonardos.

O tema infantil é baseado na história da/ origem dos pirilampos contada em fábula: A Iara, rainha das águas, é cortejada e recebe o anel de noivado do rei sol. O saci invejoso e ciumento rouba o anel . Iara castiga os pirilampos que são designados a procurarem eternamente seu anel.

Opinamos pela liberação do referido texto sem quaisquer restrições.

São Paulo, 14 de outubro de 1977.

Sônia A. Lourenço Malago
Sônia Aparecida Lourenço Malago
T.C. 296

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,p 252

TEATRO

TÍTULO O Caso dos Piritampinhos

Stella Leonardos

1) ~~S.C.T.C.~~ Arquivo

Clas. Anterior livre

Praça São Paulo. SP.

Obs.:

DF. 04 / 11 / 77 / ____

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores de~~ livre, ~~sem~~ cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 11 de nov. de 1977

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: Livre

Brasília-DF, 18 nov. 1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,p.253

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

163

PARECER Nº 4803 / 77

TÍTULO: O CASO DOS PIRILAMPINHOS - peça de Stella Leonardos.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E .

Examinamos a peça em confronto com a arquivada no processo e verificamos que se trata da mesma estória infantil e sua mensagem não foi alterada, apesar de haver algumas supressões. Possui certificado em vigor.

Face ao exposto, sugerimos a sua liberação com a restrição livre, condicionado ao exame do ensaio geral.

Brasília, 10 de novembro de 1977.

Yunko Akegava

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 254

1837/77 BSB, 10/11/77

em São Paulo

7130/77-SCDP/SR/SP

"O CASO DOS PRILAMPINHOS" de Stella Leonardos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p. 255

165

: O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELLA LEONARDOS

11 NOVEMBRO 77

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

18 NOVEMBRO 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 256

577/77

: O CASO DOS PIRILAMPINHOS

: STELLA LEONARDOS

03 OUTUBRO 80

17 NOVEMBRO 77

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 257

166

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

"STELLA LEONARDOS"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 258

MJ - DPF - DCDP - BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

27 OUT 10 45 013346

RECEBIDO POR

FICHADO DCDP 167

Ofício nº 084/80-SCDP/SR/DPF/AM - Manaus, Em 23 de outubro de 1.980.

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas no Amazonas

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peça teatral (encaminha)

Senhor Diretor:

Estamos encaminhando, em anexo, o processo pelo qual este Serviço liberou a peça teatral "O CASO DOS PIRILAMPOS", de autoria de Stella Leonardos, que será apresentada por grupo de alunas Centro Educacional Santa Teresinha, desta capital.

De acordo com a letra "e" do item 1, da Portaria Nº 17/78-DCDP/DPF, deixamos de emitir certificado para a peça, aprovando somente a programação do espetáculo.

Na oportunidade, renovamos a V. Sa. protestos de consideração e elevado apreço.

Avelino Gambim

Bel. Avelino Gambim
Chefe do SCDP/SR/DPF/AM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 259

168

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Jov. Giovanna Spaggiari
Requerente

Italiana, Radialista
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 8417 SRE
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Av. Sete de Setembro, 2107, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) Peça Teatral abaixo relacionada (s), Espécie

de autoria de: Stellio Lucena Dias

"O Caso dos Piranhas"
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Manaus 13/10/80
Local e Data

Pela Jov. Rita Ramalho
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 260

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)
Nome: Grupo Teatral - Centro Educacional Santa Teresinha
Sede: av. sete de setembro 2107
CEP:
Diretor ou Responsável: Ir. Gianinina Spaggiari

2 – **DADOS DO AUTOR**
Nome: Stella Leonardos
Pseudônimo: Filiação:
Nacionalidade: Naturalidade:
Data do Nasc.: Identificação:
Estado Civil:
Profissão:
Endereço:
CEP:

3 – **PARCERIA**
Nome:
Pseudônimo: Filiação:
Nacionalidade: Naturalidade:
Data do Nasc.: Identificação:
Estado Civil:
Profissão:
Endereço:
CEP:

Nome:
Pseudônimo: Filiação:
Nacionalidade: Naturalidade:
Data do Nasc.: Identificação:
Estado Civil:
Profissão:
Endereço:
CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA:

Ass.:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 261

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESTADO DO AMAZONAS

SERVICO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO-PARECER DE PEÇA TEATRAL Nº 001/80

Título: "O CASO DOS PIRILAMPOS"

Autora: STELLA LEONARDOS

Classificação: LIVRE

Dr. Pirilampo, apaixonado por Pirilampinha, sua jovem aluna, convida-a para passear no campo. Ela resusa com ar de enfado, mas ele desperta-lhe o interesse e a curiosidade ao dizer que as "luzes mágicas" que os pirilampos possuem tem uma orígem. E ela acaba concordando com o passeio para ouvir a estória.

Conta ele que certo dia a floresta estava em festa porque era o dia do noivado da IARA que estava na terra para receber os pretendentes e fazer a sua escolha. Saci Pererê, Curupira e Boitatá foram recusados; o primeiro por ser muito prosa e viver praticando maldades, o segundo por presenteá-la com algo roubado e o último por ser o presente oferecido de muito mau gosto. A bondade, luminosidade e beleza do Sol fez dele o escolhido para alegria de todos os entes da floresta, à exceção de Saci que fora preterido e de uns insetos da noite que não gostavam de Iara.

Sabedor da vaidade da Iara e de que o segredo de sua beleza estava no pente mágico do qual não se separava, Saci consegue que esta lhe dê o pente ante a ameaca de contar ao Sol o seu segredo. Debalde, todos os moradores da floresta tentam oferecer-lhe coisas em troca do objeto. Ele exige em troca do mesmo, o raio de sol que Iara recebera como anel de noivado. O temor de aparecer feia perante o noivo faz ela entregar-lhe o anel. Quando chega o mensageiro do Sol, o Mormaco, Iara tenta esconder o fato, mas decide em seguida contar a verdade. Mormaco tranquiliza-a e promete-lhe novo anel e castiga Saci fazendo desaparecer o raio de sol que Iara fora forcada a dar-lhe. Ao perceber o fato quando tentava mais uma vez convencer Iara a casar-se com ele, Saci, enfurecido, chama para ajudí-lo uns insetos vadios que povoavam a noite. Estes, instigados por Saci, desafiam sua soberana que como castigo ordena-lhes procurar durante toda a sua vida noturna, sem jamais encontrar, o raio de sol perdido. É a partir desse instante que os PIRILAMPOS, para cumprir sua missão, passam a usar lanterninhas verdes à cabeca. Ao final da narrativa, o casal de pirilampos aparece juntinho, ela já totalmente conquistada pela sapiência e ardor de seu mestre.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 262

Trata-se de texto infantil contendo mensagens de cunho moral-educativo, importantes a boa formacão da criança. São enaltecidos sentimentos demo a bondade, solidariedade, honestidade, etc e punidas de modo sutil as más acões.

É um texto leve, agradável, ao nível de entendimento do público mirim em geral. Somos, face ao exposto, pela sua liberacão com a classificacão LIVRE.

Manaus, 21 de outubro de 1980

GRACIETE DA SILVA GAMBIM
TC mat. 2.415.790

IVANEIDE MORAES DE SOUZA
TC mat. 2.415.793

Despacho:
Procede-se ao
decreto geral.

Adelino Gambim
Chefe do SCDP/DPF/SR/AM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 263

170

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ- DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO AMAZONAS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO DE EXAME DE ENSAIO GERAL - nº 22/80

Título: "O CASO DOS PIRILAMPOS"
Autor : STELLA LEONARDOS
Grupo Teatral do CENTRO EDUCACIONAL SANTA TERE - SINHA.

Em 21 de outubro do ano corrente, no salão de espetáculos do CENTRO EDUCACIONAL SANTA TERESINHA, procedemos ao exame de ensaio geral do texto teatral " O CASO DOS PIRILAMPOS", de autoria de STELLA LEONARDOS, encenada por um grupo de alunas daquele estabelecimento de ensino.

O texto foi seguido na íntegra.

O figurino, caracteriza personagens da mitologia indígena- a Iara, o Saci Pererê, o Curupira, o Boitatá e ainda o "Rei Sol", a aurora, o pássaro bem-ti-vi e as árvores vivas que compõem o cenário.

A sonoplastia e a iluminação estiveram de acordo com o texto.

Os elementos naturais sugeridos no texto, tais como, a passagem do dia para a noite, o por do sol, o amanhecer e as florestas, são projetadas, como apoio ao cenário, através de slides.

Trata-se de texto infantil, cujo objetivo é transmitir à criança mensagens de cunho moral-educativo.

Em face do exposto, sugerimos seja o texto liberado com a classificacão LIVRE.

DESPACHO:

Aprovo a presente, com a classificação LIVRE, sendo expedido certificado (cf. Lei nº 2.545 de 4 de Julho de 1955 e Portaria nº 13/78-DCDP/DPF) Envie cópia do parecer e uma via do texto à DCDP. Manaus, 23/10/80

Gerbasio
Gerbasio Barbosa

Manaus, 22 de outubro de 1980

Ivaneide Nunes de Souza
IVANEIDE NUNES DE SOUZA
TC. mat. 2.415.793

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 264

TEATRO

TÍTULO "O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

"STELLA LEONARDOS"

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça MANAUS / AM

Obs.:

DF. ___ / 29 / 10 / 80

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Considerando-se o contido no Of. 084/SR/DPF/AM, não há pedido de emissão de certificado. Devolva-se portanto, ao Arquivo.

Brasília – DF 30 de 10 de 1.980

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, P.263
(ES)

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

AUTORA: "STELLA LEONARDOS"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 266

MJ - DPF - DCDP - BSB
22 SET 0245 011771
RECEBIDO POR .....
CHADO DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESPÍRITO SANTO - SCDP

Ofício nº 085/81-SCDP/SR/DPF/ES Em, 14 de setembro de 1981

Do: Sr. Chefe da SCDP/SR/DPF/ES
Ao: Sr. Dr. José Vieira Madeira
MD. Diretor da DCDP/DPF

Assunto: Encaminhamento (faz)

Senhor Diretor:

Para fins de expedição de certificado definitivo, encaminhamos a V.Sª. o texto, os pareceres e a cópia do certificado provissório nº 001/81, da peça teatral "O CASO DOS PIRILAMPINHOS", de Stella Leonardos. O exame foi requerido por Flodoaldo Togneri Viana.

Cordialmente,

Bel. Rogério Freitas Fróes
Chefe da SCDP/SR/DPF/ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 267

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Vitória, 14 de setembro de 1981.

OF. 02/81-ES.

Sr. Chefe.

Com o presente encaminhamos à V.S., para censura, em cumprimento ao que dispõe o OF. CIRCULAR Nº1250/81-SE/SCDP., o script da peça teatral "OS PIRILAMPOS", de Stella Leonardo, que deverá ser encenada no Teatro Carlos Gomes, desta cidade.

Sem outro motivo, valemo-nos do ensejo para manifestar os nossos protestos de consideração e apreço.

P/SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - SBAT

Hilton Pinheiro Novaes
Representante

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Pública
BRASILIA - DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 268

TEATRO ESCOLA DE VITÓRIA
UTILIDADE PÚBLICA - LEI 1018
VITÓRIA - ESP. SANTO

O C A S O D O S P I R I L A M P I N H O S

Premiado no Concurso Anual de Teatro Infantil na Antiga Prefeitura do Distrito Federal, em 1957.

Feérie num Prólogo, 2 Atos e Entreato.

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

PERSONAGENS:

Dr. Pirilampo

Pirilampinha

A Aurora

O Saci

A Quaresmeira

O Ipê

A Paineira

O Guarabú

A IARA

O Curupira

O BOITATÁ

O Sol

O Mormaço

A Voz do Bem-te-vi

O personagem que faz o Sol poderá fazer o Mormaço

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.269

TEATRO ESCOLA DE VITÓRIA
UTILIDADE PÚBLICA - LEI 1018
VITÓRIA - ESP. SANTO

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

P R Ó L O G O

(Cada pirilampo entra por um lado do palco, diante da cortina descida, na ponta dos pés, segurando uma lanterna verde. Olham para os lados, procurando alguma coisa. De repente esbarram).

DR. PIRILAMPO

(Vestindo malha preta, colete verde. Às costas, um par de asas. À cabeça, uma cartola).

- Oh!

PIRILAMPINHA

(vestindo uma malha preta, colete verde, saia de tarlatana preta. às costas um par de asas. À cabeça, um chapeúzinho preto).

- Que susto!

DR. PIRILAMPO

(Tirando a cartola, galante)

- Ah, é você, Pirilampinha?

DR. PIRILAMPINHA

- Boa-noite, Dr. Pirilampo.

DR. PIRILAMPO

(encantado)

- Bom-dia!

PIRILAMPINHA

- Mas, professor, é boa-noite. Boa-noite!

DR. PIRILAMPO

- Eu disse Bom-dia? Que distração! Foi um lapso de memória. Você é culpada, minha aluna. Sua beleza me enlouquece. De todas as pirilampinhas você é o "broto" mais bonito!

PIRILAMPINHA

(envergonhado, balançando a lanterna)

- O senhor me encabula, Dr. Pirilampo. Como é que posso acreditar? O senhor, um sabe-tudo e eu uma cabeça-ôca?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0245, v.270

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

DR; PIRILAMPO

- Mas você é uma gracinha! inteligência, sapiência e pirilampiência tenho de sobra para nós dois. (Impetuoso) Diga que está louquinha por mim! Que você perdeu a cabeça.

PIRILAMPINHA

(Apalpando o pesçoço)

- Ah, não posso! Perder a cabeça, não. Gosto muito da minha cabeça e não sou nada distraída.

DR. PIRILAMPO

(triste)

- Então você não gosta de mim? Nem um bocadingo? De que vale a minha pirilampiência?

PIRILAMPINHA

(encabulada)

- Gosto sim. Um bocadinho. O senhor não está contente?

DR. PIRILAMPO

(Desconsolado)

- Você me quer um bocadinho e eu queria que você me quisesse um bocadão.

PIRILAMPINHA

- De que tamanho?

DR. PIRILAMPO

(Pensativo)

- Do tamanho de .... uma caixa de sapato. Daquela caixa de sapato furadinha onde o menino queria me guardar.

PIRILAMPINHA

(Assustada)

- Que menino? Onde está o menino? Não quero ficar presa numa caixa de sapato.

DR. PIRILAMPO

(Aproveitando-se para abraçá-la)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p-271

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

- Sosseque, Pirilampinha. Despistei ele, lá no campo. (Em tom declamatório).

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?
Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA

(Intrigada)

- De quem estes versos que o senhor recitou?

DR. PIRILAMPO

(Doutoral)

- Ah, isto é o último capítulo da "História dos Pirilampos", um ensaio que ando escrevendo. Quero ser professor catedrático em Pirilampologia. (Tossindo, afetado). Mas como ia dizendo, há meninos bons também. Ontem à noite uma meninazinha me viu passar e gritou: "Mamãe, olhe que vagalume lindo!"

PIRILAMPINHA

- Vagalume? Como, professor? O senhor não se chama Pirilampo?

DR. PIRILAMPO

(Doutoral)

- Bem Pirilampo ou Vagalume é a mesma coisa. Uma das palavras vem do GregO e a outra do Latim. Tenho dito.

PIRILAMPINHA

(Ingênua)

- Pois eu pensei que me chamasse Pirilampinha por causa da minha lampinha verde, que minha mãe me deu.

DR. PIRILAMPO

- Ah, minha aluna, como sua ignorância é encantadora! (Confidenciando.) Pelo que vejo você não sabe nada do segrêdo de nossas luzes mágicas, nem de nossa misteriosa missão. Não sabe que foi por cauda da Iara, que nos deu ordem de irmos procurar o raio de sol: um raio de sol que era dela e foi perdido.

PIRILAMPINHA

(Deslumbrada)

- Professor! O senhor como é sabido! Que cultura pirilampeante!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 272

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

DR. PIRILAMPO

(Satisfeito)

- Vamos passear pelo campo? (Repetindo com ênfase). Já viram como a noite os pirilampos...

PIRILAMPINHA

(Impaciente)

- Já sei. (Apressadamente, como se soubesse de cor).

Piscam, piscam noa vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?

DR. PIRILAMPO

(Enfático)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA

- Acho que não vou passear com o senhor, não. O campo é comprido: Vou ficar cansadíssima.

DR. PIRILAMPO

- Mas se eu contar uma história o tempo passará depressissíssimo.

PIRILAMPINHA

(Tentada)

- Está bem: mas só se o senhor contar o caso dos pirilampinhos. Porque foi que a Iara mandou os pirilampos buscarem o raio de sol? Que raio de sol é esse?

DR. PIRILAMPO

(Terno)

- Escute, meu bem. (Piscando o ôlho para o público). Será a aula mais pirilampesca de minha vida! (Puxa Pirilampinha pela mão). Foi há muito, muito tempo. Um dia...

(Vão se afastando para um lado e a cortina se abre sobre o 1º ATO).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 273

DEPT.o POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

1º A T O

clareira na floresta. Em primeiro plano, as árvores (Moços e môças com malhas inteiriças castanhas e cabeleiras cheias de flores coloridas). O ipê ao lado da quaresmeira e o guarabu ao lado da paineira. Ao fundo, surge lépida, quase descansando, uma adolescente de túnica leve e rosa, passando uma brocha dourada numa nuvem.

O SACI

(Vestindo malha escura, barrete vermelho. Á bôca, um cachimbo)

- Olá, Aurora! Por que você se apressa tanto?

A AURORA

(Interrompendo-se)

- Sonhei demais e levantei tarde. Agora preciso colorir esta nuvenzinha antes do sol chegar. Meu pincel de luz está meio gasto.

O SACI

- Eu, se fosse você, entornava o resto da tinta em vez de ficar puxando o pincel, de cima para baixo, de baixo para cima.

A AURORA

(Satisfeita)

- Que boa idéia* Fica até mais bonito. Umas nuvens manchadas de cor de rosa, outras de alaranjado, outras de amarelo. Você é um artista saci! Amanhã vou fazer como você disse. Hoje não posso porque o Bem-te-vi anda nos espionando. Ele conta tôdas as travessuras que vê. Começa cantando assim:

Ri! ri! ri!

Bem-te-vi!

Bem-te-vi!

Depois conta.

O SACI

- Pois eu também sei cantar. Quer ver? (Gaiato)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 274

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

Perepepê!

Poporopô!

Saci Pererê

De uma perna só!

A AURORA

(Espantada)

- Você não tem duas pernas?

O SACI

- Lógico!

A AURORA

- Então por que grita que tem uma perna só?

O SACI

- Porque dizem que só tenho uma por aí. E não quero ser mal educado com todo mundo. Deixe os bobos pensarem que tenho uma só, mesmo. É mais engraçado. (Rindo). Olhe como me visto: meto os dois pés juntos numa calça com uma perna em vez de duas. E saio pulando. É meu truque.

A AURORA

(Rindo)

- Saci, Saci! É muito feio zombar dos outros.

O SACI

(Gaiato)

Perepepê!

Poropopó!

Não tenha dó,

Seu Pererê!

(Sério). O Bem-te-vi também canta e zomba.

A AURORA

- Mas o Bem-te-vi é o vigia da mata. Êsse é o emprego dêle. Ver tudo contar tudo. (Misteriosa) Ah! Se você soubesse o que ele me contou!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P. 275



O SACI

- Que foi? Que foi?

A AURORA

- Que viu a Iara, imagine? E que a Iara vinha para cá!

O SACI

- Duvido! Aquela Iara bonita, de cabeleira verde, cor de limo? (A Aurora afirma de cabeça) A rainha das águas cantantes? Não pode ser. A Iara mora no fundo do rio. Ela só sai d'agua uma vez por ano. Senta numa pedra coberta de musgo e fica se pentendo com seu pente mágico (Confidenciando). É o pente mágico que faz ela bonita, sabe? Se não fosse o pente ficaria feia, feia.

A AURORA

- Naturalmente! Onde se viu uma moça bonita de cabelo emaranhado? (Olhando para a esquerda) Psiu! Aí vem ela! Repare: Até as árvores começam a se espreguiçar, abrem os olhos, deslumbrados, estendem os braços em direção à Iara. Escuta-se, acompanhado por música de arpejos, o recitativo da Iara que vem chegando, um espelho de prata e um pente cintilante na mão).

A IARA

Reino no reino das águas mansas
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças
Verde cantiga no canto de Iara.

AS ÁRVORES

(Correndo, dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara)

Hoje é dia, hoje é dia
Hoje é dia de festa
Viva o riso da alegria
Rainha da floresta!

A IARA

(Afastando-se com um sorriso)

- Obrigada, árvores minhas súditas. Podeis voltar a vossos lugares. (en-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 276



quanto as árvores obedecem, a Iara senta-se numa grande pedra esverdeada e começa a pentear-se, olhando-se no espelho... Preguiçosamente).

O SACI

(À Aurora)

- Por que as árvores estão contentes?

A AURORA

- Porque hoje é dia do noivado da Iara. Vão chegar os pretendentes, cada qual com um presente mais bonito. O que souber agradar casará com ela.

O SACI

- Pois então vou pedir a mão da Iara em casamento antes que os outros cheguem. Nem preciso de presente, você vai ver! (sai do esconderijo, pulando, e dirige-se à Iara). Majestade!

A IARA

(Distraida)

- Sim?...

O SACI

(estufando o peito)

Perepepê!

Poropopô

Sou o Pererê

Da perna só!

(Curvando-se exagerado) Quereis casar comigo, Majestade?

A IARA

(Enfadada)

- Eu já conheço sua cantiga, Saci Pererê. É só isto que você sabe cantar?

O SACI

- Não. Sei esta, também: (Ameaçador)

Poropopô!

Perepepê!

Não tenho dó:

Sou o Pererê!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 p.277

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

Que tal gostais?

A IARA

(Impressionada)

- Mas você não tem dó mesmo, Saci? Não tem pena de ninguém? Você só quer viver por aí fazendo travessuras e zombando dos outros?

O SACI

(Fátuo)

Só, só, só, só.
Não tenho dó.
Não tenho dó.

A IARA

(Desgostosa)

- Você é prosa demais para ser meu noivo. Sinto muito, Saci, mas não posso casar com voce.

O SACI

(Zangado)

- Ah, é assim! não é, Majestade? Não quereis casar comigo? Vossa Majestade vai se arrepender! Fei-de fazer uma travessura e de pregar uma boa peça!

(Afasta-se pulando e a Iara dá de ombros e recomeça a pentear-se. As árvores abafam risinhos com as mãos).

A AURORA

(Ao Saci)

- Saci, Saci, tenha juízo, Saci!

O SACI

(Amolado)

Ora, ora,
Vana Aurora!
Guarde só:
Vou-me embora
Mas sem dó.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 278



A AURORA

(Detendo-o pelo braço)

- Não vai já, não. Espere que estão chegando dois pretendentes á mão da Iara.

O SACI

(Interesseiro)

- Ah! é? Vou ficar espiando. Já que a Iara não quis casar comigo tomara que dê o fora neles! (Espiando) Onde estão os pretendentes? Quem são os pretendentes?

A AURORA

- Calma, calma. Um é o Curupira verde, de cabelo encarnado, O Curupira que toma conta das árvores. O outro, deixa ver... Ah! O outro é o Boitatá côr de fogo, que dá susto nos bobos e medrosos. (enquanto a Aurora e o Saci espreitam, entram Curupira e Boitatá, de braços dados. O Curupira, vestindo malha inteiriça verde, tanga de fôlhas, cabeleira encarnada O Boitatá vestindo malha inteiriça alaranjada, cabeleira azul, cobra verde enrolada no torso).

CURUPIRA E BOITATÁ

(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Casar por bem ou mal

O CURUPIRA

(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos

O BOITATÁ

O Rei do Pantanal

CURUPIRA E BOITATÁ

(Curvando-se diante da Iara)

- Majestade!

A IARA

(Distraída)

- Sim?...

O CURUPIRA

- Quereis casar comigo?

O BOITATÁ

- Quereis casar comigo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 279

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

A IARA

(aos dois)

- Que me trazeis de presente?

O CURUPIRA

(Adiantando-se)

Um favo de mel
Roubado da abelha

O BOITATÁ

(Adiantando-se)

A cobra coral
Pretinha e vermelha.

A IARA

(Desgostosa)

- Sinto muito, meus senhores: não posso me casar com nenhum dos dois. (Ao Curupira) Estou farta de mel. Há mel demais em minha voz. De mais a mais, Seu Curupira, o senhor que toma conta das árvores, não devia ter roubado a pobre abelha. Isso não se faz. (Ao Boitatá) E o senhor Seu Boitatá, teve muito mal gôsto. Que idéia dar cobras de presente!

O CURUPIRA

(Zangado, ao Boitatá)

- Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de roubar o favo de mel!

O BOITATÁ

(Zangado ao Curupira)

- Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente a cobra coral. (Engalfinham-se. A Iara leva as mãos aos olhos e as árvores levam as mãos às bocas).

A AURORA

- Corre, Saci! Vai apartar a briga!

O SACI

(Chegando-se aos que brigam)

Poporopô!
Perepepê!
Me escutem só!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 280

(Tocando no ombro do Curupira) Você! (Tocando no ombro do Boitatá) Você!

CURUPIRA E BOITATÁ

(Juntos)



Que Perepepê
Que Poropopô
Não se meta, Pererê!
Tome, tome, tome só!

Nós vamos, vamos, vamos
Lutar por bem ou mal.

O CURUPIRA

(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal!

(Avançam para o Saci de novo).

O SACI

(Pulando e fugindo)

Ui, ui, ui, ui!
Que bôbo fui!

CURUPIRA E BOITATÁ

(Rindo)

Oi, oi, oi, oi!
Que bôbo foi!

(Atracam-se de novo)

A IARA

(Cemendo)

Ai, ai, ai, ai! Deixai de briga
Que quero ser vossa amiga!

CURUPIRA E BOITATÁ

(Parando, incontinenti)

- Vamos fazer as pazes? Vamos fazer as pazes?

A AURORA

(Do esconderijo)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 281



- Façam logo, meus rapazes!

O CURUPIRA

(À Iara)

- Me dai um beijinho, então! (Estica o rosto e fecha os olhos)

O BOITATÁ

(À IARA)

- Me dai um beijinho, então! (Estica o rosto e fecha os olhos)

(A Iara beija os dois, na testa)

A IARA

(Brejeira)

- Dou beijinhos. A mão, não.

CURUPIRA E BOITATÁ

(Dando-se os braços)

Vamos, vamos, vamos, vamos.
Antes por bem que por mal.

O CURUPIRA

(Batendo no peito)

Eu sou o príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

Eu sou o Rei do Pantanal!

(Somem nos bastidores. A Iara começa a pentear-se).

A AURORA

(Pegando o Balde e a Brocha)

- Também tenho que ir.

O SACI

- Que pena!

A AURORA

- Meu tempo aqui se acabou, Saci. Já pintei a última nuvem que precisava ser pintada. Sinto o calor do sol. Sempre que o sol pisa o mundo a Aurora parte. Até à vista! (Sai, apressada)

O SACI

(Acenando)

- Até à vista! (Põe as mãos nos olhos, como se estivesse ofuscando e fixa a vista na platéia) A Aurora tem razão. Lá vem o sol! Todo dourado, com seu arco e suas flexas de ouro! (O Sol, vestido como um arqueiro de túnica curta de lamê e cabeleira de ouro reluzindo, entra pelo centro da platéia com uma luz focando-o).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.282

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

O SOL

(Dirigindo-se ao palco)

Que cante o rouxinol
Outro dia de festa!
Que se alegre a flóresta
À chegada do Sol!

A IARA

(Avistando-o levando a mão ao coração)

Minhalma é um girassol
Que a luz do sol se cresta!
Meu sonho, um rouxinol
Cantando na floresta!

O SOL

(Subindo ao palco e dirigindo-se à Iara)

Que cante o rouxinol
Outro dia de festa!
Que se alegre a floresta
À chegada do sol

O SACI

(Despeitado, do esconderijo)

Isso parece namôro.
Pudera: Ele tem tanto ouro!...

O SOL

(À Iara)

Quem sois, princesa clara,
Cabelos côr de esperança?

A IARA

Sou rainha d'água mansa.

O SOL

Já sei: vosso nome é Iara. (Ajoelha-se e beija-lhe a mão) Queres casar comigo?

A IARA

(Alegre)

- Com muito prazer, amigo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, P.283

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

O SOL

(Tirando do bolso um anel e enfiando-o no dedo da Iara)

- Eis um raio de sol como anel de noivado!

AS ÁRVORES

(Correndo, dando-se as mãos e cirandando em torno da Iara e do Sol)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Há um noivado de poesia!
Há um noivado na floresta!

(O Curupira e o Boitatà reaparecem, um com uma coroa de folhas, outro com um lírio)

CURUPIRA E BOITATÁ

(Juntos)

Vamos, vamos, vamos, vamos,
Não aplaudir fica mal.

O CURUPIRA

(Oferecndo o que traz)

Uma coroa de ramos!

O BOITATA

(Cferecendo o que tras)

Um lírio do pantanal!

(Os dois entram na roda, de mãos dadas com as árvores e cirandam, cantando O Sol e a Iara, ao centro, se olhando enbevecidos, ele segurando com a mão livre a coroa de ramos; ela, o lírio)

TODOS

Hoje é dia, hoje é dia
Hoje é dia de festa!
Há um noivado de poesia!
Há um noivado na floresta!

O SOL

(Risonho)

- Obrigado, amigas árvores! Obrigado, amigo Curupira! Obrigado, amigo Boitatá! Só o Sací não veio nos felicitar. (Chamando) Saci! Onde é que você está escondido?

AS ÁRVORES

(Juntas, cada qual numa direção)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 284

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

- Saciiii!?

O SOL

(Examinando a platéia)

- Saciii!... Algum de vocês pode me informar onde se escondeu o Saci? (Fingindo que ouviu informação) Obrigado, amigo! (Ao Saci) Ouça, Saci Pererê! Se você não quer sair daí já, já, atiro uma flecha de luz!

O SACI

(Cômico, saindo do esconderijo)

Oh! oh! oh! oh!
Eh! eh! eh! eh!
Tem dó, dó, dó
Do Pererê!

A IARA

(Intervindo, benevolente)

- Não se assuste, Saci. Meu noivo falou de brincadeira. Flecha de sol não fere ninguém.

O SACI

(Piscando o ôlho para o público)

- Mas arde. E hoje, então , que seu noivo está ardente...

(A Iara sorri, suspira e senta na pedra xomtenplàndo o anel, embevecida)

O SOL

(Intrigado ao Saci)

- Diga-me uma coisa: por que você estava escondido em vez de vir me dar os parabéns pelo meu noivado? Com certeza anda inventando uma travessura qualquer.

O SACI

(Fingindo-se inocente)

- Eu, Rei Sol? Eu, Majestade? Eu não pensava em travessura, não. (Ao público) Ele me paga! Me escondi naquele canto porque a luz de Vossa Majestade é tão forte que cega e queima a gente. Imagine eu, que nem gente sou! (Humilde)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 285

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

Perepepê
Poropopó
Sou o Pererê
Da perna só

O SOL

- Ah, é mesmo! Você não é gente: é um gênio da floresta. Um gênio travêsso: por isso não gosta da minha luz. Chego clareando logo as duas idéias! (Olhando a Iara, encantado) Mas que sou brilhante sou, não é?

AS ÁRVORES
(em côro)

- Éééééé!...

O SOL

- Rei tão nobre e brilhante feito eu não existe neste mundo. Veja como a Iara se apaixonou por mim! (apruma-se, orgulhoso) Foi muito curto o namoro.

O SACI
(Despeitado ao público)

- Pudera! Ele tem tanto ouro!

O SOL
(Virando-se, ao Saci

- Que foi que você disse?

O SACI
(Assustado)

- Nada, Majestade!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri, ri, ri!
Bem que ouvi
Bem que ouvi

O SOL
(Desconfiado)

- Que foi que o Bem-te-vi ouviu?

O SACI
(Assustado)

- Ora! Que podia ser, Majestade? Que eu e todas as árvores da floresta andamos dizendo: como o sol é brilhante! Rei tão nobre e tão brilhante não existe neste mundo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.286

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Seu Saci:
Não foi isto
O que eu ouvi!

(As árvores começam a rir)

O SOL

(Ao Saci)

- Acho que você não está dizendo a verdade. O Bem-te-vi disse que ele ouviu alguma coisa. Que foi?

O SACI

(Atrapalhado)

- Neste caso deve ter sido a voz da Iara quando saiu do fundo d'água. Ah, que voz doce, Majestade!

O Sol

(Encantado)

- Fala, minha noiva. Como é tua fala quando sais do fundo d'água (A Iara levanta-se, ajudada pelo sol. Ouve-se a mesma música e a voz de Iara recitando)

IARA

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

O SOL

Tens cabeleira côr de esperança,
Dás esperança a quem te depara!

A IARA

Sou a rainha das águas mansas.

O SOL

Teu reino é de água cantante e clara.

O SACI

(Saliente)

- Vossa Majestade, ó sol, conhece o reino de sua noiva?

O SOL

- UM pouco. Tenho passado por cima da correnteza, dormido entre as pe-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.287

dras da beira do rio e atirado algumas flechas douradas nos lugares fundos para ver os peixinhos dancarem.

O SACI

(Fingindo-se ingnado)

- Vossa majestade tem coragem de matar os peixinhos?

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES CENSURA FEDERAL

O SOL

(Protestando)

- Mas eu não mato. Flecha de sol não mata ninguém.

A IARA

(Ao sol)

- Ah, meu noivo, como você é bom! É você que me ajuda a crescer as plantas, desabrochar as flores e a amadurecer os frutos. É você que traz alegria ao céu e a terra. (O sol inclina-se, agradecido e sorridente)

O SACI

(Ao público)

- Mas só eu é que sei o segredo da beleza da Iara. Só eu é que sei que sem o pente mágico a Iara perde a beleza. Vou dar um susto nela. (ao Sol) Já que a vossa majestade conhece tão bem o reino da Iara, pode me responder qual é o mistério que a Iara tem?

O SOL

- Um reino fascinante!

O SACI

- Não, não é.

O SOL

- Uma vida fascinante!

O SACI

- Não, não é.

O SOL

- Uma beleza fascinante!

O SACI

- Está esquentando, esquentando. Mas ainda não é.

A IARA

(A Saci)

- Não diga, Saci, não diga!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245.8.288

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

O SACI

(À Iara)

- Pois então me entregue o pente!

A IARA

(Aflita)

- Você me devolve o pente, depois?

O SACI

- Dou minha palavra de Saci! (Ao público) Vocês já viram Saci ter palavra?

Perepepê
Poropopô
O Pererê
Da perna só?

A IARA

(Lutando)

- Se você diz que me devolve...

AS ÁRVORES

(Aflitas, agitando os braços)

- Não entregue o pente! Não entregue o pente! Vossa Majestade não vê que o Saci está com raiva? Quer se vingar porque Vossa Majestade não quis casar com ele?

A IARA

(às árvores)

- Tenho de entregar o pente, senão o Saci conta a meu noivo o segredo da minha beleza.

AS ÁRVORES

(Zangadas)

- Saci malvado! Você não tem dó de ninguém?

O SACI

(Escondendo o pente da Iara no bolso)

Poropopó
Perepepê
Não tenha dó,
Seu pererê

O SCL

(Que estava completamente absorto, pensando na resposta)

- Então: qual é o mistério que a Iara tem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 289

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

O SACI

(Bajulador)

- Uma graça fascinente, Majestade!

O SOL

(Satisfeito)

- É certo. Antes de tudo minha noiva tem uma graça fascinante. E a graça na mulher é um mistério maravilhoso.

O SACI

(Ao público)

- Posso ser mentiroso mas que a Iara é a graça em pessoa é, não acham?

AS ÁRVORES

- Éééé!... Mesmo sem pente a Iara é graciosa.

O SOL

(Oferecendo o braço á Iara)

- Vem, minha noiva! Vamos dar um passeio pela floresta encantada. De hoje em diante o mundo inteiro há-de chamar a Iara não somente Vossa Alteza mas Vossa Graça porque a graça da Iara é real. Viva Vossa Graça!

AS ÁRVORES

(Aplaudindo)

- Vivaaa!... viva Vossa Graça Reaaaal!...

A IARA

(Nervosa, ao Saci)

- Saci, meu amigo Saci!

O SACI

(Irônico)

- Amigo, hein, Majestade? Não posso ser seu amigo. Como é que ámigo. Como é que posso ser seu amigo se tenho paixão por Vossa Majestade, e Vossa Majestade, senhora, me desprezou?

A IARA

(Altiva)

- Se você não tem coração tenha ao menos palavra! Vou dar um passeio. Na volta exijo meu pente mágico! Combinado?

O SACI

(Curvando-se amável)

- Pois não! (Ao público) Pois sim! Devolvo coisa nenhuma!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 290

DEPT.o POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

O SOL

(Ao Saci)

- Como é?!... Que foi que você resmungou? Bem, eu... Ah! Foi: até breve!

O SOL

(De braço com a Iara)

- Até breve!

O SACI

(Danado, por entre dentes)

- Até numca!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Bem que ouvi!
Bem que ouvi!

(As árvores acenam, risonhas, aos noivos que se afastam. O Sol e a Iara vão sumindo)

O SACI

(Interpelando a platéia, sarcástico)

- Vocês pensam que eu vou devolver o pente da Iara? (Fingindo que ouve qualquer coisa) Que sim? Hum! Veremos!

(Sai e o cenário escurece)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 291

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

E N T R E A T O

(entram os dois pirilampos, apressados, de um lado do palco, à frente da cortina aberta e do cenário escurecido)

DR. PIRILAMPO

(Nervoso)

- Ai, que aflição! Que aflição enormessíssima!

PIRILAMPINHA

(Nervosa)

- Que foi, Dr. Pirilampo? Que foi que aconteceu?

DR. PIRILAMPO

(Tateante)

- Caiu pólen dourado nos meus olhos. Não enxergo um milímetro diante do nariz. Me ajude, minha aluna! Você não tem um lencinho de pétala de lírio que me empreste?

PIRILAMPINHA

(Solícita)

- Tenho sim. (Põe a lanterna no chão e tira um lenço na bolsa) Abra bem os olhos, Dr. Pirilampo, que vou tirar os ciscos já! (Fica na ponta dos pés e tenta) Não se mexa! Não se mexa! Assim! Pronto?....

DR. PIRILAMPO

(Gemendo)

- Não, Pirilampinha. Continuo cego. Como é que se tira cisco da vista? Meu "Dicionário Pirilampoesco" não ensina.

PIRILAMPINHA

(Pedante)

- Pois olhe, numca abri nenhum dicionário mas vou lhe ensinar. O senhor esfrega primeiro o ôlho esquerdo bem devagarinho, depois o ôlho direito, e vai dizendo:

Cisco, cisqüinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

DR. PIRILAMPO

(Esfregando um ôlho)

Cisco, cisquinho,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.292

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

OS PIRILAMPOS
(Juntos)
(Dr. Pirilampo esfregando o outro ôlho)

Cisco, cisquinho
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

PIRILAMPINHA

- Sairam os ciscos?

DR. PIRILAMPO

- Continuo cego.

PIRILAMPINHA
(Espantada)

- Os ciscos não sairam

DR. PIRILAMPO

- Sairam, sim. Muitíssimo obrigado, Pirilampinha. Dos olhos fiquei bem. O que me cega é meu amor por você. Um amor cego!

DR. PIRILAMPO

- Mas que bobagem, professor ! Se seu amor é cego como é que me pode ver? E logo eu que adoro que me vejam bem e me achem elegante! (Brejeira) Sabe o que me disse o Zé Besouro na outra noite?

Pirilampa, lampa, lampa.
Pirilampinha dengosa,
Nem na serra nem no pampa
Vi nenhuma tão graciosa!

DR. PIRILAMPO
(Enciumado)

- Que foi que disse isto? Aquele besourão barrigudo que numca conseguiu ler a cartilha nem decorar a tabuada?

PIRILAMPINHA
(Despeitada)

- Ele pode ser barrigudo, ele pode ler mal e se atrapalhar nas contas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.293

Mas que é poeta é. Tôda mulher gosta de versos. O senhor, Dr. Pirilampo, com toda a Pirilampiência e sua ciência pirilampológica numca me fez um verso de pé quebrado.

DR. PIRILAMPO

(Indignado)

- Naturalmente! Os versos que faço são sempre de pés perfeitos, perfeitíssimos! Escute só: (Amoroso)

Pirilampa, flor do campo
Pirilampinha faceira!
Meu amor de pirilampo
Será teu a vida inteira!

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES CENSURA FEDERAL

PIRILAMPINHA

(Batendo palmas)

- Ah, que poesia mais linda!

DR. PIRILAMPO

(Prosa)

- Você não viu nada, ainda! (Recitando)

Estrela verde do campo
Pirilampinha bonita!
Meu amor de pirilampo
Reluz cim luz infinita!

PIRILAMPINHA

- Que maravilha, professor! Como é mesmo? (Tentando lembrar) Estrela verde do campo... (Interrompendo-se) Por falar em campo me lembrei de outros versos:

Já viram como a noite os pirilampos
Piscam-piscam nos vales e nos campos,
Feito olhos verdes numa noite escura?

DR. PIRILAMPO

(Terminando)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA

(Intrigada ao público)

- É preciso descobrir este mistério. Descobrir de uma vez. Não enten-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 294

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

do. (Ao pirilampo) Por que o senhor interrompeu a história de repente? Que é que nós, pirilampos, temos a ver com isso? Ainda não vi nenhum pirilampo entrar na história.

DR. PIRILAMPO

- Você vai ver. Nem eu nem você, é claro, mas nossos... Deixe ver: nem bi, nem tri, nem tetravós. Mais, mais velhos: os primeiros pirilampos do mundo. Os avós pirilampos que nos deixaram estas lanterninhas de presente.

PIRILAMPINHA

- Conte, conte, professor! O Saci devolveu o pente da Iara, afinal?

DR. PIRILAMPO

(Entregando-lhe a lanterna que estava no chão)

- Bem, o Saci... (Dando o braço à Pirilampinha) Vamos continuar nosso passeio. Preste atenção, Pirilampinha. (Para o público) E vocês prestem também que as peripécias continuam. (À PIrilampiñha) Pois é, minha aluna. O Sol e a Iara se afastaram e o Saci guardou o pente mágico mas...

(Afastam-se até sumirem de um lado da cortina e a cena continua, incontinenti, com o 2º ATO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.295

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

2º A T O

(As árvores se espreguiçam e bocejam na penumbra)

A AURORA

(Entrando com o balde e a brocha)

- Boa-madrugada, árvores!

AS ÁRVORES

- Boa-madrugada, Aurora!

(A Aurora faz que sacode o pincel e as luzes rosadas claream o cenário)

A AURORA

(Ás árvores)

- Quáis são as novidades da floresta? (As árvores sacodem as cabeças, desanimadas) Mas como vocês estão tristes!

A QUARESMEIRA

(Suspirando)

- De uma tristeza mais roxa que o roxo das minhas flôres.

A AURORA

- Por quê? A Iara e o Sol não ficaram noivos? Não foi um noivado feliz?

A PAINEIRA

- Foi: mais feliz e cor de rosa que o rosa

A AURORA

- Então deixem-se de tristeza! O Sol não deu um anel à noiva?

O IPÊ

- Deu. Deu um anel de ouro puro.

A AURORA

= Mas então não compreendo! O amor dos noivos um pelo outro acabou?

O GUARABU

- Ao contrário. O amor deles continua vivo. Mais vivo e vermelho que o vermelho das minhas flôres.

A AURORA

- Quem é que está atrapalhando o noivado árvores?

AS ÁRVORES

(Juntas)

- O Saci

A AURORA

- Que foi que o Saci fêz?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 296

DEPT.º SR/ES CENSURA FEDERAL

AS ÁRVORES

(Juntas)

- Está com o pente da noiva, o pente mágico.

A AURORA

(Surpresa)

- Não digam! Coitada da Iara! Numca pensei que o Saci pudesse ser tão mal. Que brincadeira de mal gosto! (Procurando) Saciii?!... Saciii?!

O SACI

(Aparecendo prosa)

Perepepê
Poropopô!
Sou o Pererê
Sem dó, sem dó!

A AURORA

(Severa)

- Sua cantiga não tem a menor graça.

AS ÁRVORES

(Juntas)

- A menor graça

O SACI

(Fazendo uma careta e tapando os ouvidos)

- A propósito de graça: onde anda Sua Graça Real, a Iara?

A AURORA

(Aborrecida)

- Deixe a Iara em paz. A Iara não pode perder tempo com um palhaço feito você. Devolva-lhe logo o pente e desista de fazer a côrte, seu bôbo!

O SACI

(Ao público)

- Vocês me acham com ar de palhaço? (Como quê ouvindo a resposta) Quê? Ah! Com ar de bôbo da corte? (Zangado) Pois bem, até os palhaços e os bôbos da corte se apaixonam. (Escusando-se, dolorosamente)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 297

Que culpa tenho eu de ter me apaixonado por uma rainha?

A AURORA

- E que culpa tem a rainha Iara de ter paixão por um rei? o Rei Sol! Devolva o pente, Saci!

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

AS ÁRVORES

(Juntas)

- Devolva!

O SACI

(Ao público)

- Vocês acham que devo devolver? (Fingindo que ouve conselho) Depende, depende. Talvez eu devolva se ela me pedir e...

A AURORA

(Puxando o Saci)

- Psiu! Lá vem a Iara!

(O Saci e a Aurora se escondem. Escuta-se a música de arpejos e a Iara entra)

A IARA

(Triste)

Reino no reino das águas claras.
Meu reino é de água cantante e clara
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

AS ÁRVORES

(Juntas)

- Boa-madrugada, Rainha. Boa-madrugada, Vossa Graça!

A IARA

- Boa? Quem me dera! Minha madrugada de hoje é triste. (Levando a mão ao peito) Se ao menos eu tivesse um amigo, alguém que convencesse o Saci a me devolver o pente mágico... (O Curupira e o Boitatá surgem de braços dados)

CURUPIRA E BOITATÁ

(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.298

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

Tentar por bem ou mal.

O CURUPIRA

(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

O Rei do pantanal! (Confabulam)

O CURUPIRA

(Curvando-se ante a Iara)

- Majestade!

O BOITATÁ

(Curvando-se ante a Iara)

- Majestade!

A IARA

(Aniamdo-se)

- Sim?

O CURUPIRA

- Vou convencer o Saci a devolver o pente.

O BOITATÁ

- Vou convencer o Saci a devolver o pente.

A IARA

- Obrigada, amigo Curupira. Obrigada, amigo Boitatá.

O BOITATÁ

(Procurando)

- Onde se meteu o Saci?

(Bota as maõs nos olhos e encara a platéia)

O CURUPIRA

(Procurando)

- Onde se meteu o Saci?

(Bota as mãos nos olhos e encara a platéia)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.299

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

O SACI

(Aparecendo , gaiato)

Perepepê
Peropopô
Sou o Pererê
Da perna só!

O CURUPIRA

(Enérgico)

- Devolva o pente!

O BOITATÁ

(Enérgico)

- Devolva o pente!

O SACI

(Zombadeiro)

- Se eu devolver o pente que é que vocês me dão em troca?

O CURUPIRA

(Adiantando-se e oferecendo)

Um favo de mel
Roubado da abelha.

O BOITATÁ

(Adiantando-se e oferecendo)

A cobral coral
Pretinha e vermelha.

O SACI

(Chupando o favo, gulosamente e enrolando, a cobra no pescoço)

- Hum! Este favo de mel não presta! E esta cobra não serve nem pra pulseira de relógio. (Ao público) Este tal de Curupira, e este tal, de Boitatá são dois bocós. O mel está muito gostoso e a cobra cora é uma jóia linda. (Ao Curupira e ao Boitatá) Sinto muito, meus senhores. Não posso fazer nenhum negócio com nenhum dos dois.

O CURUPIRA

(Zangado, ao Boitatá)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.300

- Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente o favo de mel!

O BOITATÁ

(Zangado ao Curupira)

- Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente a cobra coral!

(Enquanto o Saci torna ao esconderijo, engalfinham-se)

A IARA

(Aflita)

- Parem, parem! Vocês não devem brigar por causa do Saci! É isto o que ele quer: confusão.

DEPTº POLICIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

O CURUPIRA

(Coçando a cabeça)

- É mesmo.

O BOITATÁ

(Coçando a cabeça)

- É mesmo.

O CURUPIRA

- Enquanto nós brigávamos o Saci fugiu.

O BOITATÁ

- Enquanto nós brigávamos o Saci se escondeu.

O CURUPIRA

(Ao Boitatá)

- Vamos fazer as pazes?

O BOITATÁ

(Ao Curupira)

- Vamos procurar o Saci?

(Apertam-se as mãos e dão-se os braços)

CURUPIRA E BOITATÁ

(Juntos)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P 301

DEPT.o POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

Nós vamos, vamos, vamos
Achar por bem ou mal!

O CURUPIRA

(Batendo no peito)

O príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal! (Saem)

A IARA

(Pensativa)

- Coitados: eles são tão bonzinhos, mas não têm um pingo de esperteza (Levantando-se da pedra, olhando à volta) Saciii?!... Sacizinhoooo?!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri, ri! ri!
Ah! ah! ah!
Bem que vi:
Está lá!

A IARA

(Como que seguindo uma pista)

- Obrigada, Bem-te-vi! (Ao Saci, implorante) Sacizinho, devolva o pente! (Dando com a Aurora) (Às árvores)

A AURORA

(Ao Saci)

- Saci Pererê, se você devolver o pente da Iara eu lhe dou meu pincel de luz e meu balde de tinta encantada.

O SACI

(Fazendo pouco)

- Não quero. Sou muito preguiçoso. Só sei pintar o sete: as nuvens, não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.302

A QUERESMEIRA

- Saci Pererê, se você devolver o pente eu lhe dou minha cabeleira de flôres.

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

O SACI

- Não quero.

A PAINEIRA

- E eu lhe dou meus sonhos de flores.

O SACI

- Não quero.

O IPÊ

- E eu lhe dou meu manto dourado de flôres.

O SACI

- Não quero

O GUARABU

- E eu lhe dou minha alegria.

O SACI

- Não quero.

A AURORA

- Saci, saci, quem tudo quer tudo perde. Que é que você quer em troco do pente mágico, Saci?

O SACI

(Ao público)

- Tenho um plano. Vou pedir o anel de noivado da Iara. Assim o Sol vai brigar com a noiva e é até capaz de não casar com ela. Se não casar estou vingado. (esfregando as mãos) Ah! que vingança boa! Que vingancinha venenosa! (À Iara) Sabe, Vossa Majestade que desejo em troca do pente mágico? O seu anel de noivado!

A IARA

(Alarmada)

- O meu raio de Sol? O raio de sol mais precioso da minha vida?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 303

DEPT.o POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

O SACI

- O mesmíssimo, Rainha.

A IARA

(Lutando)

- É impossível!

A AURORA

(Indignada)

- É impossível!

AS ÁRVORES

(Juntas)

- É impossível!

O SACI

(Sarcástico)

- Neste caso, Iara, diga adeus ao pente mágico. Fique bem feia o resto da vida, com os cabelos todos emaranhados. E quando o sol Chegar e avistar Vossa Majestade quero ver se Vossa Majestade canta: (Arremedando a Iara)

Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

Quero ver se o Sol repete: (Arremedando o Sol)

Tens cabeleira côr de esperança.
Dás esperança a quem te depara.

Quero ver, Vossa Graça! Vossa Graça, hein? Mas custa!

A IARA

(Em pânico, tirando o anel e entregando-o)

- Me dá o pente, Saci! Prefiro morrer a ficar feia.

O SACI

(Pegando o anel, rápido, e enfiando-o no bôlso)

- Tome o pente, Majestade! (Devolve o pente)

(Ao público) O azar das mulheres é serem tão vaidosas. (Vendo a Iara chorar)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 304

DEPT. POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

Poropopó
Perepepê!
Não tenho dó:
Sou o Pererê

A AURORA

(Severa)

- Você vai se arrepender dessa maldade, Saci!

AS ÁRVORES

(Juntas gemendo)

- Você vai se arrepender!

O SACI

(Desafiante)

- Me contem como!

A AURORA

(Pegando o balde e a brocha)

- Não tenho mais tempo. Só direi que o raio de sol é mágico, também, e que fora do dedo da Iara... (Olhando o céu) É hora do Sol chegar ao mundo. Vou-me embora correndo. (Sai apressada)

O SACI

(Maldoso, gritando à aurora)

- Não quer me contar, não é? Pois tropeçe no balde de tinta e quebre uma perna, Aurora! (Ao público) Tomara que o Sol rompa o noivado com a Iara agora mesmo. (Olhando a platéia ansiosamente) Estou sentindo o calor do Sol mas não vejo o Sol brilhar! (Espantado) Ué! Não é o Sol quem vem chegando! É o empregado dele, o Mormaço. (Pelo lado oposto da platéia entra o Mormaço, um arqueiro vestido de amarelo e cinza, com arco e flexas côr de chumbo)

O MORMAÇO

(Declamando)

Abram alas, me dêem passo!
Sou do Sol o mensageiro,
Do Rei Sol do mundo inteiro!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.305

DEPT.o POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

Abram alas ao Mormaço!

A IARA

(Reanimando-se, enxuga os olhos e interpela o Mormaço)

Que faz meu noivo no espaço?
Respondei-me, mensageiro:
Ide ficar o dia inteiro
Sem vir me dar um abraço?

O MORMAÇO

(Encaminhando-se ao palco)

Vosso noivo está no espaço
Dando audiência, sobranceiro.
Por isso manda Mormaço
Lhe servir de mensageiro.

Dizer que não há espaço (no)
Que não há no mundo inteiro
Um amor tão faceiro
Feito o vosso. Me dêem passo!

(Sobe ao palco e se ajoelha aos pés da Iara)

Permiti que beije sua mão, Majestade? Sua mão real onde meu amo Sol, colocou um anel de noivado?

A IARA

(Escondendo a mão)

- Não posso. Machuquei a mão.

O MORMAÇO

(Levantando-se)

- Oh, que pena! Como foi isto, Vossa Graça?

O SACI

(Aparecendo, zombadeiro)

- Conte Vossa Graça! Conte como é que Vossa Graça machucou a mão! Conte como é que Vossa Graça perdeu o anel!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.306



O MORMAÇO

(Penalizado)

- O anel? O anel maravilhoso que vosso noivo, o Sol, vos deu ontem?

A IARA

(Transtornada)

- Bem, eu... (Subitamente resoluta) Vou contar. Vou contar a verdade. (O Saci põe a mão na boca, admirado) A gente não deve numca esconder a verdade, aconteça o que acontecer! (Ao Mormaço) Dizei ao vosso amo que o Saci me enganou. Como eu não quis casar com ele prometeu se vingar de mim e a melhor vingança que achou foi ameaçar de contar ao meu noivo que tenho um pente mágico que me faz bonita.

O MORMAÇO

(Ao Saci)

- Seu malandro! Você o que merece é uma boa surra!

O SACI

(Assustado)

Oh! oh! oh! oh!
Eh! oh! oh! oh!
Tem dó, dó, dó
Do Pererê

(Sai pulando)

A IARA

(Prosseguindo)

- Aí fiquei com mêdo que o Sol descobrisse o segrêdo do pente e entreguei-o.

O MORMAÇO

- E que foi que o malandro do Saci pediu em troca do pente?

A IARA

- O anel de noivado! O raio de sol mais precioso da minha vida!

O MORMAÇO

(Consolando a Iara)

- Não se desespere, Vossa Graça. Logo que o Sol souber vai ficar tão

SR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.307

tão triste que haverá noite no mundo. Mas depois tenho a certeza de que compreenderá sua tristeza e lhe perdoará porque o amor dele é enorme. Meu amo virá vê-la de novo e dár-lhe-á outro anel, ainda mais lindo. Uma coisa apenas digo: O Saci será castigado! (Inclina-se e se afasta pelo fundo)

DEPT.o POLÍCIA FEDERAL - SR/ES CENSURA FEDERAL

Abram alas! Me dêem passo!
Sou do Sol O mensageiro,
Do Rei Sol do mundo inteiro.
Abram alas ao Mormaço!

A IARA

(Feliz)

- Que bom, que bom, que bom! Mal posso acreditar em tanta felicidade!

AS ÁRVORES

(Dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Viva o riso da alegria,
Rainha da floresta!

A IARA

- Obrigada, obrigada. Mas primeiro vai ficar tudo escuro. (Apontando o cenário, cujas luzes empalidecem) Estão vendo? A estas horas meu noivo, o Sol, anda triste ao saber que entreguei meu anel ao Saci.

A QUARESMEIRA E A PAINEIRA

(Juntas)

- Mas depois vos dará outro raio de sol.

O IPÊ E O GUARABÚ

(Juntos)

- E depois o Saci será castigado.

(As árvores afastam-se aos risinhos para seus respectivos lugares) O cenário sombrio fica iluminado apenas por uma luz azul, como se fosse de luar. A Iara senta na pedra e começa a cantar risonha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P 308



A IARA

Reino no reino das águas claras...

(Vendo que o Saci se aproxima cala e finge que está chorando)

8 O SACI

(Solícito)

- Não choreis, Iarinha, não choreis não!

A IARA

(Altiva)

- Com que direito você me chama de Iarinha? Mais respeito, por favor!

O SACI

(Saliente)

- Ora! Para que tanta cerimônia? Vossa Majestade vai acabar mesmo é casando comigo...

Perepepê
Porepopó
Com Pererê
Da perna só!...

(Curvando-se cômico) Quereis casar comigo? Ah! Ah! ah! Já tenho o anel de noivado! (Apalpa os bolsos, com espanto) Ué... Que é do raio de sol? Que é do raio de sol que estava aquí? (Vira o bolso pelo avesso, desesperado) Perdi o raio de sol! Perdi o raio do Sol!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri, ri, ri!
Não tem jeito.
É bem feito!

AS ÁRVORES

(Em coro)

- Bem feito! Bem feito! (Batendo palmas, juntas)

Viva, viva! Viva, viva!
O Saci foi castigado!
Viva, viva! Viva, Viva!
Perdeu o anel de noivado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P:309

DEPT.o POLICIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

O SACI

(Furioso)

- Calem-se bôcas! Nem toda a floresta é amiga da Iara. Fiquem sabendo que tenho amigos, também. Há uns insetos pretos e vadios que são meus amigos e não gostam de vocês nem da rainha das águas. (Chamando) Insetos pretoos!... Insetos pretooos!... Venham cá! (Entram os pirilampos mas sem lanterna: ele de barbas e ela de cabeleira, completamente brancas)

O SACI

(Aos insetos)

- Não é verdade que vocês são meus amigos?

OS INSETOS

(Juntos)

- Somos.

O SACI

- Não é verdade que vocês não suportam a Iara?

OS INSETOS

(Juntos)

- Não suportamos.

O SACI

- Pois provem, se têm coragem!

OS INSETOS

(Juntos)

- temos.

O INSETO

(À COMPANHEIRA INSETO)

- Vamos rogar uma praga?

A COMPANHEIRA INSETO

- Uma praga bem rogada. Uma praga para a Iara.

O INSETO

(Marcando o compasso como se estivesse regendo orquestra)

Tomara, tomara
Que a Iara enrouqueça!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P. 310

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

Que toda água clara
De lôdo escureça!

A COMPANHEIRA INSETO

(Terminando)

Tomara que a Iara
Depressa envelheça!

OS INSETOS

(Juntos)

Tomara, tomara
Que a Iara enrouqueça!
QUE Tôda água clara
De lôdo escureça!
Tomara que a Iara
Depressa envelheã

AS ÁRVORES

(Furiosas)

- Estes insetos pretos merecem castigo! Castigai-vos, majestade, Castigai-os!

A IARA

(Pensativa)

- Tendes razão.

(Ao público) Ao Saci não posso castigar porque o Saci não é meu súdito: é um gênio da floresta. Demais a mais já foi castigado. Mas aos insetos pretos posso. Posso e devo porque são uns invejosos e meus inimigos, à toa, à toa. (Às árvores) Qual é o castigo que devo dar aos insetos pretos?

AS ÁRVORES

(Juntas)

- Mandai-os procurar tôda a noite, a vida inteira, o raio do Sol que o Saci perdeu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 311

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

A IARA

(Aos insetos, severa e majestosamente)

De hoje em diante, enquanto o mundo for mundo, todos os pirilampos estão condemados a procurar tôda a noite, a vida inteira, meu anel de noivado: o meu raio de sol que foi perdido! (Os pirilampos ver abaixam a cabeça, saem correndo, voltam com lanterninhas verdes e co meçam a correr como se estivessem em busca de algo)

A IARA

(Afastando-se, altiva, sob a música de arpejos)

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

(A cortina vai fechando e aparece Dr. Pirilampo, já sem barba, que lembra ao público)

DR. PIRILAMPO

Já viram como a noite os pirilampos
Piscam, piscam nos vales e nos campo
Feito olhos verdes numa noite escura?

(Pirilampinha aparece)

OS PIRILAMPOS

(Juntos)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P-312

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIOANL NO ESPÍRITO SANTO - SCDP

P A R E C E R

TÍTULO: O Caso dos Pirilampinhos
AUTOR: Stella Leonardos
ASSUNTO: Ensaio Geral

O Caso dos Pirilampinhos é uma peça infantil de Stella Leonardos apresentando personagens de interesse para o público a que se destina.

Num enredo de fácil compreensão, os personagens aparecem de maneira simples, trajes alegres, coloridos. Dr. Pirilampo conta à Pirilampinha sua aluna como conseguiram suas lanterninhas verdes, oportunidade em que entram em cena personagens folclóricos como o Saci, Iara, Curupira, etc.

O tema abordado não exerce nenhuma influência prejudicial ao público.

Face ao exposto mantenho a classificação prevista no parecer da leitura de texto: Classificação etária livre.

Vitória, 14 de setembro de 1981.

Bel. Antônio Fernando Ribas
Técnico de Censura
mat. 022.985

Bel Anunciação Gonçalves de Assis
Técnica de Censura
mat. 022.986

Bel. Rogério Freitas Fróes
CHEFE DA S.C.D.P./SR/ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.313

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESPÍRITO SANTO - SCDP

P A R E C E R

TÍTULO: O Caso dos Pirilampinhos
AUTOR: Stella Leonardos
ASSUNTO: Leitura de Texto (peça teatral)

O enredo apresenta um diálogo entre dois pirilampos: Dr. Pirilampo e Pirilampinha. Dr. Pirilampo para conseguir afeição de Pirilampinha, que o considera dono de muita sapiência conta a ela a estória de como obtiveram suas lanterninhas verdes. Daí surgindo personagens de nosso folclore como o saci , Iara, curupira, etc.

O tema abordado não apresenta nenhuma influência negativa. É uma peça que prende a atenção do público infantil pelo tratamento simples dado ao tema, linguagem de fácil compreensão e pela criatividade do autor no desenrolar dos atos, que alimenta o mundo fantástico da criança.

Face ao exposto, sugiro pela liberação, com a classificação etária livre.

Vitória, 28 de agosto de 1981

Bel. Antônio Fernando Ribas
Técnico de Censura
mat. 022.985

Bel. Rogério Freitas Fróes
CHEFE DA S.C.D.P./SR/ES

Bel. Anunciação Gonçalves de Assis
Técnica de Censura
mat. 022.986

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, P.314

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

2.ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

N.º

Serviço de Telecomunicações SSS Ass.

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS.: OPR:

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL

Origem VTA

Número 1249

Palavras 30

Data 200881

Hora

ENDEREÇO

DCDP

TEXTO A TRANSMITIR

N.º 015/81 de 200881

SOL AUTORIZAÇAO EXAME TEXTOS 1 PEÇAS TEATRAIS INTITULADAS
BIPT OS PIRILAMPOS ET POR QUE BEBI DO MEU PROPRIO SANGUE VG
AUTORIA STELLA LEONARDOS ET LUIS C SPALENZA RESPECTIVAMENTE PT

SCDP/SR/DPF/ES

Assinatura ou rubrica do expedidor Agassis

DPF - 84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p.315

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 001/81

PEÇA "O CASO DOS FIRILAMPINHOS"

ORIGINAL DE STELLA LEONARDOS

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

L I V R E

VÁLIDO ATÉ 14 de novembro de 19 81

Vitória
~~Brasília~~, 14 de setembro de 19 81

Bel. Rogério Freitas Fróes
Chefe da SCDP/SR/DPF/ES
p/Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 316

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CASO DOS PIRILAMPINHOS

Original de STELLA LEONARDOS

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por FLODOALDO TOGNERI VIANA

Tendo sido censurada em 28 de AGOSTO de 1981 e recebido a seguinte classificação: LIVRE. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO DEVIDAMENTE ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTA SCDP.

Brasília, 14 de setembro de 1981

Bel. Antônio Fernando Ribas
p/ Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P 317

RADIOGRAMA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL | Número: | Data:
Origem: | Palavras: | Hora:

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

ENDEREÇO

SR/ES - VTA -

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 800/DCDP de 26 _ 8 _ 81 RERA NR 15/81-SCDP/SR/ES VG 200881 VG AUTZO EXAME TEXTOS PEÇAS TEATRAIS " OS PIRILAMPOS " ET " PORQUE BEBI DO MEU PRÓPRIO SANGUE " AUT STELLA LEONARDOS ET LUIZ C. SPALENZA PT INFO SCDP DEVERAH OBSERVAR LEGISLAÇÃO VIGENTE VG PRINCIPALMENTE PORT Nº 017/78-DCDP VG 13.0778 PT DCDP

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

Assinatura ou rubrica do expedidor

Eliel José de Sousa
Matr. 2 095 885

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 318

TEATRO

TÍTULO "O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

AUTORA: "STELLA LEONARDOS"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça ESPIRÍTO SANTO / ES

Obs.:

DF. / 23 / 09 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado de acordo com requerimento de censura e [illegible] Classificação: Impróprio para [illegible] LIVRE [illegible], ser [illegible]

Obs.: Cert Provisório SR/ES

Brasília 24 de 09 de 1981

Maria Heloísa Decente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 25 / 9 / 1981

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe de Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 319

577

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

STELLA LEONARDOS

LIVRE

BRASÍLIA 24 SETEMBRO 81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
DIRETOR DA DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 320

O CASO DOS PIRILAMPINHOS

STELLA LEONARDOS

FLODOALDO TOGNERI VIANA VITÓRIA/ES

28 AGOSTO 81

LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

BSB 24 SETEMBRO 81

LIVRE

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.321

2.717/81-DCDP 24/09 81

Chefe do SCDP/SR/ES

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

Stella Leonardos

Chefe:

VITÓRIA/ES

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.322

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURAS DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - DPF - DCDP
18 MAI 1982 007708
RECEBIDO POR

Francisco Canindé Dias
Requerente

Brasileiro , Estudante
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade nº 319.278 - ITEP
Nº. e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Prof. Zuza nº 226 - Cidade alta

, vem' mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) Peça teatral abaixo
Espécie

relacionada(s), de autoria de: Estela Leonardo

"O Caso dos Pirilampinhos"
Título(s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Natal, 17 de junho de 1982
Local e Data

Francisco Canindé Dias
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 323

1 - Empresa ou Grupo (Se houver)

Nome: Grupo Teatral Marista (GRUTEMAR) CGC:

Sede: Colegio Marista

CEP: 59.000

Diretor ou Responsável: Francisco Canindé Dias

2 - Dados do Autor

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 - Parceria

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 19/6/82

Ass: Francisco Canindé Dias

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 324

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Nº 17885

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: "O caso do Pirilampinho"

Original de Estela Soeiro dos Santos

Música de —

Tradução de —

No Teatro Alberto Maranhão Cidade Natal

Empresa Guteman Pela Cia. a mesma

nos dias 17 de julho de 1982

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de - % -

- da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr$ -

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado responsabilisando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Natal, 17 de junho de 1982

Aildo Gibson
(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

100 blocos 50x50 - 15.001 a 20.000 - 10/76

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 325

Livre

O

CASO

DOS

PIRILAMPINHOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P 326

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

O CASO DOS PIRILAMPNHOS

Premiado no Concurso Anual de Teatro Infantil da antiga Prefeitura do Distrito Federal, em 1957.

Feërie num Prólogo, 2 Atos e Entreato

PERSONAGENS:

Dr. Pirilampo
Pirilampinha
A Aurora
O Saci
A Quaresmeira
O Ipê
A Paineira
O Guarabu
A Iara
O Curupira
O Boitatá
O Sol
O Mormaço
A Voz do Bem-ti-vi

O personagem que faz o Sol poderá fazer o Mormaço.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 327

Superintendência Regional - RN - D. P. F. CENSURA FEDERAL

P R Ó L O G O

(Cada pirilampo entra por um lado do palco, diante da cortina na descida, na ponta dos pés, segurando uma lanterna verde. Olham para os lados, procurando alguma coisa. De repente esbarram).

Dr. PIRILAMPO

(Vestindo malha preta, colete verde. Às costas, um par de asas. À cabeça, uma cartola).

- OH!

PIRILAMPINHA

(Vestindo malha preta, colete verde, saia de tarlatana preta. Às costas, um par de asas. À cabeça, um chapéuzinho prêto).

- Que susto!

Dr. PIRILAMPO

(Tirando a cartola, galante)

- Ah, é você, Pirilampinha?

PIRILAMPINHA

- Boa-noite, Dr. Pirilampo.

Dr. PIRILAMPO

(Encantado)

- Bom-dia!

PIRILAMPINHA

- Mas, professor, é Boa-noite. Boa-noite!

Dr. PIRILAMPO

- Eu disse Bom-dia? Que distração! Foi um lapso de memória. Você é culpada, minha aluna. Sua beleza me enlouquece. De tôdas as pirilampinhas Vôce é o "brôto" mais bonito!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.328

Superintendência Regional - D.P.F. - RN
CENSURA FEDERAL

PIRILAMPINHA
(Envergonhada, balançando a lanterna)

- O senhor me encabula, Dr. Pirilampo. Como é que posso acreditar? O senhor, um sabe-tudo e eu uma cabeça-ôca?

Dr. PIRILAMPO

- Mas você é uma gracinha! Inteligência, sapiência e pirilampiência tenho de sobra para nós dois. (Impetuoso) Diga que está louquinha por mim! Que você perdeu a cabeça.

PIRILAMPINHA
(Apalpando o pescoço)

- Ah, não posso! Perder a cebeça, não. Gosto muito da minha' cabeça e não sou nada distraida.

Dr. PIRILAMPO
(Triste)

- Então você não gosta de mim? Nem um bocadinho? De que vale minha pirilampiência?

PIRILAMPINHA
(Encabulada)

- Gosto, sim. Um bocadinho. O senhor não está contente?

Dr. PIRILAMPO
(Desconsolado)

- Você me quer um bocadinho e eu queria que você me quizesse um bocadão.

PIRILAMPINHA

- De que tamanho?

Dr. PIRILAMPO
(Pensativo)

- Do tamanho... de uma caixa de sapato. Daquela caixa de sapato furadinha onde o menino queria me quardar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 329

Superintendência Regional - RN — D.P.F. — CENSURA FEDERAL

PIRILAMPINHA
(Assustada)

- Que menino? Onde está o menino? Não quero ficar prêsa numa caixa de sapato.

Dr. PIRILAMPO
(Aproveitando-se para abraçá-la)

- Sossegue, Pirilampinha. Despistei êle, lá no campo.(Em tom declamatório).

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?
Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA
(Intigrada)

- De quem são êstes versos que o senhor recitou?

Dr. PIRILAMPO
(Doutoral)

- Ah, isto é o último capítulo da "Historia dos Pirilampos", um ensaio que ando escrvendo. Quero ser Professor Catedrático em Pirilampologia. (Tossindo, afetado). Mas como ia dizendo, há meninos bons, também. Ontem à noite uma meninazinha me viu passar e gritou: "mamãe, olhe que vagalume lindo".

PIRILAMPINHA

- Vagalume? Como, professor? O senhor não se chama Pirilampo?

Dr. PIRILAMPO
(Doutoral)

- Bem, Pirilampo ou Vagalume é a mesma coisa. Uma das palavras vem do Grego e a outro do Latim. Tenho dito.

PIRILAMPINHA
(Ingênua)

- Pois eu pensei que me chamasse Pirilampinha por causa da minha lampinha verde, que minha maê me deu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,P.330

Superintendência Regional - RN - CENSURA FEDERAL

Dr. PIRILAMPO

- Ah, minha aluna, como sua ignorância é encantadora!(Confidenciando). Pelo que vejo você não sabe nada do segrêdo de nossas luzes mágicas, nem de nossa misteriosa missão. Não sabe que foi por causa da Iara, que nos deu ordem de irmos procurar o raio de sol: um raio de sol que era dela e foi perdido.

PIRILAMPINHA
(Deslumbrada)

- Professor! o senhor como é sabido! Que cultura pirilampeante!

Dr. PIRILAMPO
(Satisfeito)

- Vamos passear pelo campo? (Repetindo com ênfase). Já viram como à noite os pirilampos...

PIRILAMPINHA
(Impaciente)

- Já sei. (Apressadamente, como se soúbesse de cor).

Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?

Dr. PIRILAMPO
(Enfático)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA

- Acho que não vou passear com o senhor, não. O campo é comprido: Vou ficar cansadissima.

Dr. PIRILAMPO

- Mas se eu contar uma história o tempo passará depressissîssimo.

PIRILAMPINHA
(Tentada)

- Está bem: mas só se o senhor contar o caso dos pirilampinhos. Por que foi que a Iara mandou os pirilampos buscarem o raio de sol? Que raio de sol é êsse?

Dr. PIRILAMPO
(Terno)

- Escute, meu bem. (Piscando o ôlho para o público). Será a

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P. 331

aula mais pirilampesca de minha vida! (Puxa Pirilampinha pela mão). Foi há muito, muito tempo. Um dia...

(Vão se afastando para um lado e a cortina se abre sôbre o 1º ATO).

Superintendência Regional - RN — D.P.F. — CENSURA FEDERAL

1 º A T O

Clareira na floresta. Em primeiro plano, as árvores(Moços e môças com malhas inteiriças castanhas e cabeleiras cheias de flôres coloridas). O ipê ao lado da quaresmeira e o guarabu' ao lado da paineira. Ao fundo, surge lépida, quase dansando, uma adolescente de túnica leve e rosa, passando uma brocha ' dourada numa nuvem.

O Saci

(Vestindo malha escura, barrete vermevlho. À bôca, um ca - chimbo)

- Olá, Aurora! Por que você se apressa tanto?

A Aurora

(Interrompendo-se)

- Sonhei demais e levantei tarde. Agora preciso colorir esta nuvenzinha antes do sol chegar. Meu Pincel de luz está meio gasto.

O Saci

- Eu, se fôsse você, entornava o resto de tinta em vez de ficar pusando o pincel, de cima para baixo, de baixo para cima.

A Aurora

(Satisfeita)

- Que boa idéia! Fica até mais bonito. Umas nuvens manchadas de côr de rosa, outras de alaranjado, outras de amarelo. Você é um artista, Saci! Amanhã vou fazer como você disse. Hoje não posso porque o Bem-ti-vi anda nos espiando. Êle conta tôdas as travessuras que vê. Começa cantando assim:

Ri! ri! ri!
Bem-te-vi!
Bem-te-vi!

Depois conta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.332

O Saci

- Pois eu também sei cantar. Quer ver? (Gaiato)

Perepepê!
Poropopó!
Saci Pererê
De uma perna só!

Superintendência Regional - RN — D.P.F. — CENSURA FEDERAL

A Aurora
(Espantada)

- Você não tem duas pernas?

O Saci

- Lógico!

A Aurora

- Então por que grita que tem uma perna só?

O Saci

- Por que dizem que só tenho uma, por ai. E não quero ser mal educado com todo mundo. Deixe os bobos pensarem que tenho uma só, mesmo. É mais engraçado. (Rindo). Olhe como me visto: meto os dois pés juntos numa calça com uma perna em vez de duas. E saio pulando, É meu truque.

A Aurora
(Rindo)

- Saci, Saci! É meio feio zombar dos outros.

O Saci
(Gaito)

Perepepê!
Poropopó!
Não tenha dó,
Seu Pererê!

(Sério). O Bem-ti-vi é o vigia da mata. Esse é o emprego dêle. Ver tudo, contar tudo. (Misteriosa) Ah! se você sou - besse o que êle me contou!

O Saci

- Que foi? Que foi?

A Aurora

- Que viu a Iara, imagine? E que a Iara vinha para cá!

Br DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 333

Superintendência Regional — D.P.F. — CENSURA FEDERAL — Natal - RN

O Saci

- Duvido ! Aquela Iara bonita, de cabeleira verde côr de limo? (A Aurora afirma de cabeça) A rainha das águas cantantes? Não pode ser. A Iara mora no fundo do rio. Ela só sai d'água uma vez por ano. Senta numa pedra coberta de musgo e fica se penteando com seu pente mágico (Confidenciando).É o pente mágico que faz ela bonita? Se não fosse o pente ficaria feia, feia.

A Aurora

- Naturalmente!.Onde se viu môça bonita de cabelo emaranhado? (Olhando para a esquerda) Psiu! Aí vem ela! Repare: até as árvores acordam e se mexem, encantadas. Vamos nos esconder.(As árvores começam a se espreguiçar, abrem os olhos, deslumbrados, e estendem os braços em direção à Iara. Escuta-se, acompanhado por música de arpejos, o recitativo da Iara que vem chegando, um espelho de prata e um pente cintilante na mão).

A Iara

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara

As Árvores

(Correndo, dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Viva o riso de alegria.
Rainha da floresta!

A Iara
(Afastando-as com um sorriso)

- Obrigado, árvores minhas súditas.Podeis voltar a vossos lugares. (Enquanto as árvores obedecem, a Iara senta-se numa grande pedra esverdeada, e começa a pentear-se, olhando-se no espelho... Preguiçosamente).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 334

O Saci
(À Aurora)

Superintendência Regional - RN — D.P.F. — CENSURA FEDERAL

- Por que as árvores estão contentes?

A Aurora

- Porque hoje é o dia do noivado da Iara. Vão chegar os pretendentes, cada qual com um presente mais bonito. O que souber agradar casará com ela.

O Saci

- Pois então vou pedir a mão da Iara em casamento antes que os outros cheguem. Nem preciso de presente, você vai ver! (Sai do esconderijo, pulando, e dirige-se à iara). Majestade!

A Iara
(Distraída)

- Sim?...

O Saci
(Estufando o peito)

Perepepê!
Poroporó!
Sou o Perepê
Da perna só!

(Curvando-se exagerado) Quereis casar comigo, Magestade?

A Iara
(Enfadada)

- Eu já conheço sua cantiga, Saci Pererê. É só isto que você sabe cantar?

O Saci

- Não. Sei esta, também: (Ameaçador)

Poropopó!
Perepepê!
Não tenho dó:
Sou o Pererê!

Que tal? Gostais?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.335

Superintendência — D. P. F. — CENSURA FEDERAL — RN

A Iara
(Impressionada)

- Mas você não tem dó mesmo, Saci? Não tem pena de ninguém? Você só quer viver por ai fazendo travessura e zombando dos outros?

O Saci
(Fátuo)

Só, só, só, só.
Não tenho dó.
Não tenho dó.

A Iara
(Desgostosa)

- Você é prosa demais para ser meu noivo. Sinto muito, Saci , mas não posso casar com você.

O Saci
(Zangado)

- Ah, é assim! não é Majestade? Não quereis casar comigo? Vossa Majestade vai se arrepender! Hei-de fazer uma travessura e de pregar uma boa peça!

(Afasta-se pulando e a Iara dá de ombros e recomeça a penter-se. As árvores abafam risinhos com as mãos).

A Aurora
(Ao Saci)

- Saci,Saci, tenha juízo, Saci!

O Saci
(Amolado)

Ora, ora,
Mana Aurora!
Guarde só:
Vou-me embora.
Mas sem dó.

A Aurora
(Detendo-o pelo braço)

- Não vai já, não. Espere que estão chegando dois pretendentes à mão de Iara.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 336

O Saci
(Interessado)

- Ah! ẽ? Vou ficar espiando. Já que a Iara não quis casar comigo tomara que dẽ o fora nêles! (Espiando) Onde estão os pretendentes? Quem são os pretendentes?

A Aurora

- Calma, calma. Um ẽ o Curupira verde, de cabelo encarnado o Curupira que toma conta das ãrvores. O outro, deixe ver ... Ah! O outro ẽ o Boitatã côr de fogo, que dã susto nos bobos e medrosos. (Enquanto a Aurora e o Saci espreitam, antram Curupira e Boitatã, de braços dados. O Curupira vestindo malha inteiriça verde, tanga de fôlhas, cabeleira encarnada. O Boitatã vestindo malha inteiriça alaranjada, cabeleira azul, cobra verde enrolada do torso).

CURUPIRA E BOITATÃ
(Juntos)

- Nós vamos, vamos, vamos
Casar por bem ou mal.

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

- O Prĩncipe dos Ramos!

O BOITATÃ
(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal!

CURUPIRA E BOITATÃ
(Curvando-se diante de Iara)

_ Majestade!

A Iara
(Distraĩda)

- Sim?...

O CURUPIRA

- Quereis casar comigo?

O BOITATÃ

- Quereis casar comigo?

A Iara
(Aos dois)

- Que me trazeis de presente?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 337

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

O CURUPIRA

(Adiantando-se)

Um favo de mel
Roubado da abelha.

O BOITATÁ

(Adiantando-se)

A cobra coral
Pretinha e vermelha.

A Iara

(Desgostosa)

- Sinto muito, meus senhores: Não posso me casar com nenhum dos dois.(Ao Curupira) Estou farta de mel. Há mel demais em minha voz. De mais a mais, Seu Curupira, o senhor que toma conta das árvores, não devia ter roubado a pobre abelha. Isto não se faz. (Ao Boitatá) E o senhor, Seu Boitatá, teve muito mau gôsto. Que idéia dar cobras de presente!

O CURUPIRA

(Zangado, ao Boitatá)

- Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de roubar o favo de mel!

O BOITATÁ

(Zangado, ao Curupira)

- Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente a cobra coral. (Engalfinham-se. A Iara leva as mãos aos olhos e as árvores levam as mãos às bôcas).

A Aurora

_ Corre, Saci! Vai apartar a briga!

O Saci

(Chegando-se aos que brigam)

Poropopó
Perepepê!
Me escutem só!
(Tocando no ombro do Curupira) Você! (Tocando no ombro do Boitatá) Você!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, P.338

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

CURUPIRA E BOITATÁ

(Juntos)

(Interrompendo a briga e avançando para o Saci)

Que perepepê
Que poropopó
Não se meta, Pererê'.
Tome, tome, tome só!

Nós vamos, vamos, vamos
Lutar por bem ou mal.

O CURUPIRA

(Batendo no peito)

- O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal!
(Avançam para o Saci , de novo).

O Saci

(Pulando e fugindo)

Ui, ui, ui, ui!
Que bôbo fui!

CURUPIRA E BOITATÁ

(Rindo)

Oi, oi, oi, oi!
Que bôbo foi!
(Atracam-se de novo).

A Iara

(Gemendo)

- Ai! ai! ai! Deixai de briga
Que quero ser vossa amiga!

CURUPIRA E BOITATÁ

(Parando, incontinenti)

- Vamos fazer as pazes? Vamos fazer as pazes?

A AURORA

(Do Esconderijo)

- Façam logo, meus rapazes!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 339

O CURUPIRA
(Ã Iara)

- Me dai um beijinho, então'. (Estica o rosto e fecha os olhos)

CENSURA FEDERAL — D. P. F. — Delegacia Regional - RN

O BOITATÃ
(Ã Iara)

- Me dai um beijinho, então! (Estica o rosto e fecha os olhos) (A Iara beija os dois, na testa)

A Iara
(Brejeira)

- Dou beijinhos. A mão, não.

A Voz do Bem-Ti-Vi

Ri! ri! ri!
Bem-ti-vi!
Bem-ti-vi!

CURUPIRA E BOITATÃ
(Dando-se os braços)

Vamos, vamos, vamos, vamos.
Antes por bem que por mal.

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

- Eu sou o Príncipe dos Ramos!

O BOITATÃ
(Batendo no peito)

- Eu sou o Rei do Pantanal!
(Somem nos bastidores. A Iara recomeça a pentear-se).

A AURORA
(Pegando o balde e a brocha)

- Também tenho de ir.

O SACI

- Que pena!

A AURORA

- Meu tempo aqui se acabou, Saci. Já pintei a última nuvem que precisava ser pintada, sinto o calor do sol. Sempre que o sol pisa o mundo a Aurora parte. Até à vista! (Sai, apressada).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 340

O SACI

(Acenando)

- Até à vista! (Põe as mãos nos olhos, como se estivesse ofuscado e fixa a platéia) A Aurora tem razão. Lá vem o Sol! Todo dourado, com seu arco e suas flechas de ouro! (O Sol, vestido como um orqueiro de túnica curta de lamê e cabeleira de ouro reluzindo, entra pelo centro da platéia com uma luz focando-o).

D. P. F. Superintendência Regional - RN CENSURA FEDERAL

O SOL

(Dirigindo-se ao palco)

Que cante o rouxinol
Outro dia de festa!
Que se alegre a floresta
À chegada do Sol!

A IARA

(Avistando-o e levando a mão ao coração)

Minhalma é um girassol
Qua à luz do sol se cresta!
Meu sonho, num rouxinol
Cantando na floresta!

O SOL

(Subindo ao palco e dirigindo-se à Iara)

Que cante o rouxinol
Outro dia de festa!
Que se alegre a floresta
À chegada do Sol!

O SACI

(Despeitado, do esconderijo)

Isto parece namôro.
Pudera: êle tem tanto ouro!...

O SOL

(À Iara)

Quem sois vós, princesa clara,
Cabelos côr de esperança?

A IARA

Sou rainha d'água mansa.

O SOL

Já sei: vosso nome é Iara. (Ajoelha-se e beija-lhe a mão)
Quereis casar comigo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.341

A Iara
(Alegre)

- Com muito prazer, amigo!

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

O SOL

(Tirando do bôlso um anel e enfiando-o no dedo da Iara)
. Eis um raio de sol como anel de noivado!

As Árvores

(Correndo, dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara e do Sol)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa !
Há um noivado de poesia!
Há um noivado na floresta!

(O Curupira e o Boitatá reaparecem, um com uma coroa de fô - lhas, outro com um lírio)

CURUPIRA E BOITATÁ
(Juntos)

Vamos, vamos, vamos, vamos.
Não aplaudir fica mal.

O Curupira
(Oferecendo o que traz)

Uma coroa de ramos!

O Boitatá
(Oferecendo o que traz)

Um lírio do pantanal!

(Os dois entram na roda, de mãos dadas com as árvores e ciran dam, cantando. O Sol e a Iara, ao centro, se olham, embeveci - dos, êle segurando com a mão livre a coroa de ramos; ela, o lírio)

TODOS

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Há um noivado de poesia!
Há um noivado na floresta!

O SOL
(Risonho)

- Obrigado, amigas árvores! Obrigado, amigo Curupira! Obrigado, amigo Boitatá! Só o Saci não veio nos felicitar. (Chamando) Sa ci! Onde é que você está escondido?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p.342

Superintendência Regional - RN — DPF — CENSURA FEDERAL

As Árvores

(Juntas, cada qual numa direção)

- Saciiiii!?...

Curupira e Boitatá

(Afastando-se, um à direita e outro à esquerda)

- Saciiiii!?...

O SOL

(Examinando a platéia)

- Saciii!... Algum de vocês pode me informar onde se escondeu o Saci? (Fingindo que ouviu informação) Obrigado, amigo! (Ao Saci) Ouça, Saci Pererê! Se você não quer sair daí já, já, atiro uma flecha de luz!

O Saci

(Cômico, saindo do escoderijo)

Oh! oh! oh! oh!
Eh! eh! eh! eh!
Tem dó, dó, dó
Do Pererê!

A Iara

(Intervindo, benevolente)

- Não se assuste, Saci. Meu noivo falou de brincadeira. Flecha de sol não fere ninguém.

O Saci

(Piscando o ôlho para o público)

- Mas arte. E hoje, então, que seu noivo está ardente... (A Iara sorri, suspira e senta na pedra contemplando o anel, em bevecida)

O SOL

(Intrigado, ao Saci)

- Diga-me uma coisa: por que você estava escondido em vez de vir me dar os parabéns pelo meu noivado? Com certeza anda inventando uma travessura qualquer.

O SACI

(Fingindo-se inocente)

- Eu, Rei Sol? Eu, Majestade? Eu não pensava em travessura, não. (Ao Público) Êle me paga! A Iara não quis casar comigo e ficou noiva dêle. (Ao Sol) Me escondi naquêle canto porque a luz de Vossa Majestade é tão forte que cega e queima a gente. Imagine eu, que nem gente sou! (Humilde)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.343

Perepepẽ
Poropopõ:
Sou o Pererẽ
Da perna sõ.



O SOL

- Ah, ẽ mesmo! Você não ẽ gente: ẽ um gênio da floresta. Um gênio travêsso: por isso não gosta da minha luz. Chego clareando logo as suas idẽias! (Olhando a Iara, encantado) Mas que eu sou brilhante sou, não ẽ?

As ARVORES
(Em côro)

- Ẽẽẽẽẽẽ!...

O SOL

- Rei tão nobre e brilhante feito eu não existe neste mundo. Veja como a Iara se apaixonou por mim! (Apruma-se, orgulhoso) Foi muito curto o namõro.

O SACI
(Despeitado, ao pũblico)

- Pudera! Êle tem tanto ouro!

O SOL
(Virando-se, ao Saci)

- Que foi que você disse?

O SACI
(Assustado)

- Nada, Majestade!

A VOZ DO BEM-TI-VI

Ri! ri! ri!
Bem que ouvi!
Bem que ouvi!

O SOL
(Desconfiado)

- Que foi que o Bem-ti-vi ouviu?

O SACI
(Assustado)

- Ora! Que podia ser, Majestade? Que eu e todas as ãrvores da floresta andamos dizendo: como o Sol ẽ brilhante! Rei tão nobre e tão brilhante não existe neste mundo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0245,P:344

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Seu Saci:
Não foi isto
O que ouvi!

Superintendência — D. P. F. — RN
CENSURA FEDERAL

(As árvores começam a rir)

O SOL
(Ao Saci)

- Acho que você não está dizendo a verdade. O Bem-te-vi disse que êle ouviu outra coisa. Que foi?

O SACI
(Atrapalhado)

- Neste caso deve ter sido a voz da Iara quando saiu do fundo d'água. Ah, que voz doce, Majestade!

O SOL
(Encantado)

- Fala, minha noiva. Como é tua fala quando sais do fundo d'água? (A Iara levanta-se, ajudado pelo Sol. Ouve-se a mesma música de arpejos e a voz da Iara recitando)

A Iara

Reino no reino das águas mensas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

O SOL

Tens cabeleira côr de esperança,
Dás esperança a quem te depara!

A Iara

Sou a rainha das águas mansas.

O SOL

Teu reino é de água cantante e clara.

O SACI
(Saliente)

- Vossa Magestade, ó Sol, conhece o reino de sua nouva?

O SOL

- Um pouco. Tenho passeado por cima da correnteza, dormido entre as pedras da beira do rio e atirado algumas flechas douradas nos lugares fundos para ver os peixinhos dançarem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.345

O SACI
(Fingindo-se indignado)

- Vossa Majestade tem coragem de matar os peixinhos?

Superintendência Regional - RN — D.P.F. — CENSURA FEDERAL

O SOL
(Protestando)

- Mas eu não mato. Flecha de sol não mata ninguém.

A Iara
(Ao Sol)

- Ah, meu noivo, como você é bom! É você que ajuda a crescer as plantas, desabrochar as flôres e a amadurecer os frutos. É você' que traz alegria ao céu e à terra. (O Sol inclina-se, agradecido e sorridente)

O SACI
(Ao público)

- Mas só eu é que sei o segrêdo da beleza da Iara. Só eu é que sei que sem o pente mágico a Iara perde a beleza. Vou dar um susto nela. (Ao Sol) Já que Vossa Mejestade conhece tão bem o reino da Iara pode me responder qual é o mistério que a Iara tem?

O SOL

- Um reino fascinante!

O SACI

- Não, não é.

O SOL

- Uma vida fascinante!

O SACI

- Não, não é.

O SOL

Uma voz fascinante!

O SACI

- Não, não é.

O SOL

- Uma beleza fascinante!

O SACI

- Está esquentando, está esquentando. Mas ainda não é.

A IARA
(Ao Saci)

- Não diga, Saci, não diga!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.346

O SACI
(À Iara)

- Pois então me entregue o pente!

A AIRA
(Aflita)

- Você me devolve o pente, depois?

O SACI

- Dou minha palavra de Saci! (Ao público) Vocês já viram Saci ter palavra?

Perepepê
Poropopô?
O Pererê
Da perna só?

A IARA
(Lutando)

- Se você diz que me devolve...

AS ÁRVORES
(Aflitas, agitando os braços)

- Não entregue o pente! Não entregue o pente! Vossa Majestade não vê que o Saci está com raiva? Quer se vingar porque Vossa Majestade não quis casar com êle?

A IARA
(As árvores)

- Tenho de entregar o pente, senão o Saci conta a meu noivo o segrêdo de minha beleza e como sou mulher sou vaidosa: não quero que o Sol descubra que devo meu feitiço ao pente, que minha beleza não é tão natural.

AS ÁRVORES
(Zangadas)

- Saci malvado! Você não tem dó de ninguém?

O SACI
(Escondendo o pente da Iara no bôlso)

Poropopô!
Perepepê!
Não tenha dó,
Seu Pererê!

O SOL
(Que estava completamente absorto, pensando na resposta)

- Então: qual é o mistério que a Iara tem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.347

O SACI
(Bajulador)

- Uma graça fascinante, Majestade!

O SOL
(Satisfeito)

- É certo. Antes de tudo minha noiva tem uma graça fascinante. E a graça na mulher é um mistério maravilhoso.

O SACI
(Ao público)

- Posso ser mentiroso mas que a Iara é a graça em pessoa é, não acham?

AS ÁRVORES

- *Éééééé!... Mesmo sem pente a Iara é graciosa.*

O SOL
(Oferecendo o braço a Iara)

- Vem, minha noiva! Vamos dar um passeio pela floresta encantada. De hoje em diante o mundo inteiro há-de chamar a Iara não sòmente Vossa Alteza mas Vossa Graça porque a graça da Iara é real. Viva Vossa Graça!

AS ÁRVORES
(Aplaudindo)

- Vivaaa!... Viva Vossa Graça Reaaaal!...

A IARA
(Nervosa, ao Saci)

- Saci, meu amigo Saci!

O SACI
(Irônico)

- Amigo, hein, Majestade? Não posso ser seu amigo. Como é que posso ser seu amigo se tenho paixão por Vossa Majestade, e Vossa Majestade, Senhora, me desprezou?

A IARA
(Altiva)

- Se você não tem coração tenha ao menos palavra! Vou dar um passeio. Na volta exijo meu pento mágico! Combinado?

O SACI
(Curvando-se, amável)

- Pois não! (Ao público) Pois sim! Devolvo coisa nenhuma!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 348

O SOL

(AO Saci)

- Como ē?!... Que foi que você resmungou, Saci?

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

O SACI

(Assustado)

- Eu? Que foi que resmunguei? Bem, eu... Ah! Foi: atē breve!

O SOL

(De braço com a Iara)

- Atē breve!

O SACI

(Danado, por entre dentes)

- Atē nunca!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Bem que ouvi!
Bem que ouvi!

(As ārvores acenam, risonhas, aos noivos que se afastam. O Sol e a Iara vão sumindo)

O SACI

(Interpelando a platēia, sarcāstico)

- Vocēs pensam que vou devolver o pente da Iara? (Fingindo que ouve qualquer coisa) Que sim? Hum! Veremos!

(Sai e o cenārio escurece)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.349

E N T R E A T O

(Entram os dois pirilampos, apressados, de um lado do palco, à frente da cortina aberta e do cenário escurecido)

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

Dr. PIRIPLAMPO
(Nervoso)

- Ai, que aflição! Que aflição enormessíssima!

PIRILAMPINHA
(Nervosa)

- Que foi, Dr. Pirilampo? Que foi que aconteceu?

Dr. PIRILAMPO
(Tateante)

- Caiu pólen dourado nos meus olhos. Não enxergo um milímetro adiante do nariz. Me ajude, minha aluna! Você não tem um lencinho de pétala de lírio que me empreste?

PIRILAMPINHA
(Solícita)

- Tenho sim. (Põe a lanterna no chão e tira um lenço da bolsa) Abra os olhos, Dr. Pirilampo, que vou tirar os ciscos já! (Fica na ponta dos pés e tenta) não se mexa! Não se mexa! Assim. Pronto?...

Dr. PIRILAMPO
(Gemendo)

- Não, Pirilampinha. Continuo cego. Como é que se tira cisco da vista? Meu "Dicionário Pirilampesco" não ensina.

PIRILAMPINHA
(Pedante)

- Pois olhe, nunca abri nenhum dicionário mas vou lhe ensinar. O senhor esfrega primeiro o ôlho esquerdo bem devagarinho, depois o ôlho direito, e vai dizendo:

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixei meu olhinho
Olhar sossegado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p: 350

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

Dr. PIRILAMPO
(Esfregando um ôlho)

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

OS PIRILAMPOS
(JUNTOS)

(Dr. Pirilampo esfregando o outro ôlho)

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

PIRILAMPINHA

- Saîram os ciscos?

Dr. PIRILAMPO

- Continuo cego.

PIRILAMPINHA
(Espantada)

- Os ciscos não saîram?

Dr. PIRILAMPO

- Saîram, sim. Muitissîmo obrigado, Pirilampinha. Dos olhos fiquei bom. O que me cega ê meu amor por você. Um amor cego!

PIRILAMPINHA

- Mas que bobagem, professor! Se seu amor ê cego como ê que me pode ver? E logo eu que adoro que me vejam bem e me achem elegante(Brejeira) Sabe o que me disse o Zê Besouro na outra noite?

Pirilampa, lampa, lampa.
Pirilampinha dengosa,
Nem na serra nem no pampa
Vi nenhuma tão graciosa!

Dr. PIRILAMPO
(Enciumado)

- Quem foi que disse isto? Aquêle besourão barrigudo que nunca consegui ler a cartilha nem decorar a tabuada?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 351

Superintendência Regional — D. P. F. — RN
CENSURA FEDERAL

PIRILAMPINHA
(Despeitada)

- Êle pode ser barrigudo, êle pode ler mal e se atrapalhar nas contas. Mas que é poeta é. Tôda mulher gosta de versos. O senhor, Dr. Pirilampo, com tôda sua pirilampiência e sua ciência pirilampológica nunca me fêz um verso de pé quebrado.

Dr. PIRILAMPO
(Indignado)

- Naturalmente! Os versos que faço são sempre de pés perfeitos, perfeitissíssimos! Escute só: (Amoroso)

Pirilampa, flor do campo,
Pirilampinha faceira!
Meu amor de pirilampo
Será teu a vida inteira!

PIRILAMPINHA
(Batento palma)

- Ah, que poesia mais linda!

Dr. PIRILAMPO
(Prosa)

- Você não viu nada, ainda! (Recitando)

Estrêla verde do campo!
Pirilampinha bonita!
Meu amor de pirilampo
Reluz com luz infinita!

PIRILAMPINHA

- Que maravilha, professor! Como é mesmo? (Tentando lembrar) Estrêla verde do campo...(Interrompendo-se) Por falar em campo me lembrei dos outros versos:

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam-piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?

Dr. PIRILAMPO
(Terminando)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA
(Intrigada, ao público)

- É preciso descobrir êste mistério. Descobrir de uma vez. Não entendo(Ao pirilampo) Por que o senhor interrompeu a histôria

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 352

de repente? Que é que nós, pirilampos, temos de ver com isto? ' Ainda não vi nenhum pirilampo entrar na história.

Dr. PIRILAMPO

- Você vai ver. Nem eu nem você, é claro, mas nossos... deixe ' ver: nem bi, nem tri, nem tetravós. Mais, mais velhos: os pri - meiros pirilampos do mundo. Os avós pirilampos que nos deixa - ram estas lanterninhas de presente.

D. P. F. — Superint. CENSURA FEDERAL Natal - RN

PIRILAMPINHAS

- Conte, conte, professor! O Saci devolveu o pente da Iara afinal?

Dr. PIRILAMPO

(Entregando-lhe a lanterna que estava no chão)

- Bem, o Saci...(Dando o braço à Pirilampinha) Vamos continuar ' nosso passeio. Preste atenção, Pirilampinha. (Para o público) E vocês prestem também que as peripécias continuam. (À Pirilam - pinha) Pois é, minha aluna. O Sol e a Iara se afastaram e o Sa- ci guardou o pente mágico mas...

(Afastam-se até sumirem de um lado e a cena continua, incontinente, com o 2º ATO).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p.353

2º ATO

(As árvores se espreguiçam e bocejam na penumbra)



A AURORA
(Entrando com o balde e a brocha)

- Boa-madrugada, árvores!

As ÁRVORES

- Boa-madrugada, Aurora!

(A Aurora faz que sacode o pincel e luzes rosadas claream o cenário)

A AURORA
(Às árvores)

- Quais são as novidades da floresta? (As árvores sacodem as cabeças, desanimadas) Mas como vocês estão tristes!

A QUARESMEIRA
(Suspirando)

- De uma tristeza mais roxa que o roxo das minhas flôres.

A AURORA

- Por quê? A Iara e o Sol não ficaram noivos? Não foi um noivado feliz?

A PAINEIRA

- Foi: mais feliz e côr de rosa que o rosa côr das minhas flô - res.

A AURORA

- Então deixem-se de tristeza! O Sol não deu um anel à noiva?

O IPÊ

- Deu. Deu um anel de ouro puro, mais puro que a côr de ouro das minhas flôres.

A AURORA

- Mas então não compreendo! O amor dos noivos um pelo outro acabou?

O GUARABU

- Ao contrário. O amor dêles continua vico. Mais vivo e vermelho que o vermelho vivo das minhas flôres.

A AURORA

- Quem é que está atrapalhando o noivado, árvores?

As ÁRVORES
(Juntas)

- O Saci.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p-354

A AURORA

- Que foi que o Saci fêz?

D. P. F. — Superintendência Regional - RN — CENSURA FEDERAL

AS ÁRVORES
(Juntas)

- Está com o pente da noiva, o pente mágico.

A AURORA
(Surpresa)

- Não digam! Coitada da Iara! Nunca pensei que o Saci pudesse ser tão mau. Que brincadeira de mau gôsto! (Procurando) Saciiii? Saciii?!

O SACI
(Aparecendo, prosa)

Perepepê
Poropopô!
Sou o Pererê
Sem dô, sem dô!

A AURORA
(Severa)

- Sua cantiga não tem a menos graça.

AS ÁRVORES
(Juntas)

- A menor graça.

O SACI
(Fazendo uma careta e tapando os ouvidos)

- A propósito de graça: onde anda Sua Graça Real, a Iara?

A AURORA
(Aborrecida)

- Deixe a Iara em paz. A Iara não pode perder tempo com um palhaço feito você. Devolva-lhe logo o pente e desista de fazer a côrte, seu bôbo!

O SACI
(Ao público)

- Vocês me acham com ar de palhaço? (Como que ouvindo a resposta) Quê? Ah! Com ar de bôbo da côrte?(Zangado) Pois bem, até os palhaços e os bôbos da côrte se apaixonam. (Escusando-se, dolorosamente) Que culpa tenho de me haver apaixonado por uma rainha?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.355

A AURORA

- E que culpa tem a Iara de ter paixão por um rei? o Rei Sol! ' Devolva o pente, Saci!

Sup — D. P. F. — CENSURA FEDERAL — ncia Regional - RN

As ÁRVORES
(Juntas)

- Devolva!

O SACI
(Ao Público)

- Vocês acham que devo devolver? (Fingindo que ouve conselho) Depende, depende. Talves eu devolva se ela me pedir e...

A AURORA
(Puxando o Saci)

- Psiu! Lá vem a Iara!
(O Saci e a Iara se escondem. Escuta-se a música de arpejos e a Iara entra)

A IARA
(Triste)

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

As ÁRVORES
(Juntas)

- Boa-madrugada, Rainha. Boa-madrugada, Vossa Graça!

A IARA

- Boa? Quem me dera! minha madrugada de hoje é triste.(Levando' a mão peito) Se ao menos eu tivesse um amigo, alguém que convencesse o Saci a me devolver o pente mágico...(O Curupira e o Boitatá surgem, de braços dados)

CURUPIRA E BOITATÁ
(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Tentar por bem ou mal.

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.356

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

O Rei do pantanal! (Confabulam)

O CURUPIRA

(Curvando-se ante a Iara)

- Majestade!

O BOITATÁ

(Curvando-se ante a Iara)

- Majestade!

A Iara

(Animando-se)

- Sim?

O CURUPIRA

- Vou convencer o Saci a devolver o pente.

O BOITATÁ

- Vou convencer o Saci a devolver o pente.

A IARA

- Obrigada, amigo Curupira. Obrigada, amigo Boitatá.

O BOITATÁ

(Procurando)

- Onde se meteu o Saci?

(Bota as mãos nos olhos e encara a platêia)

O CURUPIRA

(Procurando)

- Onde se meteu o Sací?

(Bota as mãos nos olhos e encara a platêia)

O SACI

(Aparecendo, gaiato)

Perepepê
Poropopô!
Sou o Pererê
Da perna sô!

O CURUPIRA

(Enérgico)

- Devolva o pente!

D.P.F. — CENSURA FEDERAL — Superintendencia Regional - RN

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.357

O BOITATÁ
(Enérgico)

- Devolva o pente!

O SACI
(Zombateiro)

- Se eu devolver que é que vocês me dão em troca?

D.P.F. — Superintendência Regional - RN — CENSURA FEDERAL

O CURUPIRA
(Adiantando-se e oferecendo)

Um favo de mel
Roubado da abelha.

O BOITATÁ
(Adiantando-se e oferecendo)

A cobra coral
Pretinha e vermelha.

O SACI

(Chupando o favo, gulosamente, e enrolando a cobra no pulso) '
- Hum! Êste mel não presta! E esta cobra não serve nem para pulseira de relógio. (Ao público) Êste tal de Curupira, e êste ' tal de Boitatá são dois bocós. O mel está muito gostoso e a cobra coral é uma jóia linda. (Ao Curupira e ao Boitatá) Sinto ' muito, meus senhores. Não posso fazer nenhum negócio com nenhum dos dois.

O CURUPIRA
(Zangado, ao Boitatá)

- Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente o favo de mel!

O BOITATÁ
(Zangado ao Curupira)

- Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente a cobra coral!
(Enquanto o Saci torna ao esconderijo, engalfinham-se)

A IARA
(Aflita)

- Parem, parem! Vocês não devem brigar por causa do Saci! É isto o que êle quer: confusão.

O CURUPIRA
(Coçando a cabeça)

- É mesmo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 358

O BOITATÁ
(Coçando a cebeça)

- É mesmo.

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

O CURUPIRA

- Enquanto nós brigávamos o Saci fugiu.

O BOITATÁ

- Enquanto nós brigávamos o Saci se escondeu.

O CURUPIRA
(Ao Boitatá)

- Vamos fazer as pazes?

O BOITATÁ

- Vamos procurar o Saci?

(Apertam-se as mãos e dão-se os braços)

CURUPIRA E BOITATÁ
(juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Achar por bem ou mal!

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ
(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal! (Saem)

A IARA
(Pensativa)

- Coitados: êles são bonzinhos mas não têm um pingo de esperteza. (Levanta.se da pedra, olhando á vonta) Saciii?!... Saci - zinhoooo?!...

A VOS DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Ah! ah! ah!
Bem que vi:
Está lá!

A IARA
(Como que seguindo uma pista)

- Obrigada, Bem-te-vi! (Ao Saci, implorando) Sacizinho, devolva o pente! (Dando com a Aurora) Aurora, minha amiga, ajude-me (Ás árvores) árvores, minhas súditas e amigas, ajudem-me!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0295, p.359

A AURORA
(Ao Saci)

- Saci Pererê, se você devolver o pente da Iara eu lhe dou meu pincel de luz e meu balde de tinta encantada.

O SACI
(Fazendo pouco)

- Não quero. Sou muito preguiçoso. Só sei pintar o sete: as nuvens, não.

A QUARESMEIRA

- Saci Pererê, se você devolver o pente da Iara eu lhe dou minha cabeleira de flôes roxas.

O SACI

- Não quero.

A PAINEIRA

- E eu lhe dou meus sonhos de flôres côr de rosa.

O SACI

Não quero.

O IPÊ

- E eu lhe dou meu manto dourado de flôres.

O SACI

- Não quero,

O GUARABU

- E eu lhe dou minha alegria, vermelha e florida.

O SACI

Não quero.

A AURORA

- Saci, Saci, quem tudo quer tudo perde. Que é que você quer em troca do pente mágico. Saci?

O SACI
(Ao público)

- Tenho um plano. Vou pedir o anel de noivado da Iara. Assim o Sol vai brigar com a noiva e é até capaz de não casar com ela. Se não casar estou vingando. (Esfregando as mãos) Ah! que vingança boa! Que vingancinha venenosa! (A Iara) Sabe, Vossa Majestade que desejo em troca do pente mágico? O seu anel de noivado!

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p-360

A IARA
(Alarmada)

- O meu raio de sol? O raio de sol mais precioso da minha vida?

O SACI

- O mesmíssimo, Rainha.



A IARA
(Lutando)

- É impossivel!

A AURORA
(Indignada)

- É impossivel!

As ÁRVORES
(Juntas)

- É impossovel!

O SACI
(Sarcástico)

- Neste caso, Iara, diga adeus ao pente mágico. Fique bem feia o resto da vida, com os cabelos verdes todos emaranhados. E quando o Sol chegar e avistar Vossa Majestade quero ver se Vossa Majestade canta: (Arremedando a Iara)

Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

Quero ver se o Sol repete: (Arremedando o Sol)

Tens cabeleira côr de esperança.
Dás esperança a quem te depara.

Quero ver, Vossa Graça! Vossa Graça, hein? Mas custa!

A IARA
(Em pânico, tirando o anel e entregando-o)

- Me dá o pente, Saci! Prefiro morrer a ficar feia. E se eu ficar feia o Sol será o primeiro a não gostar de mim.

O SACI
(Pegando o anel, rápido, e enfiando-o no bôlso)

- Tome o pente, Majestade! (Devolve o pente)
(Ao público) O azar das mulheres é serem tão vaidosas. (Vendo a Iara chorar)

Poropopó
Perepepê!
Não tenho dó:
Sou o Pererê!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 361

A AURORA
(Severa)

- Você vai se arrepender dessa maldade, Saci!

AS ÁRVORES
(Juntas, gemendo)

- Você vai se arrepdender!

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

O SACI
(Desafiante)

- Me contem como!

A AURORA
(Pegando o balde e a brocha)

- Não tenho mais tempo. Só direi que o raio de sol é mágico , também, e que fora do dedo da Iara...(Olhando o céu) É hora do Sol chegar ao mundo. Vou me embora correndo. (Sai, apressada)

O SACI
(Maldoso, gritando à Aurora)

- Não quer me contar, não é? Pois tropece no balde de tinta e quebre uma perna, Aurora! (Ao público) Tomara que o Sol rompa' o noivado com a Iara agora mesmo. (Olhando a platéia, ansiosamente) Estou sentido o calor do Sol mas não vejo o Sol brilhar (Espantado) Uê! Não é o Sol quem vem chegando! É o empregado' dêle, o Mormaço. (Pelo lado oposto da platéia entra o Mormaço, um arqueiro vestido de amarelo e cinza, com arco e flechas côr de chumbo)

O MORMAÇO
(Declamando, alto)

Abram alas, me dêem passo!
Sou do Sol o mensageiro,
Do Rei Sol do mundo inteiro.
Abram alas ao Mormaço!

A IARA
(Reani,a-se enxiga os olhos e interpela o Mormaço)

Que faz meu noivo no espaço?
Respondei-se mensageiro;
Ide ficar o dia inteiro
Sem vir me dar um abraço?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.362

O MORMAÇO

(Encaminhando-se ao palco)

Vosso noivo está no paço
Dando audiência, sobranceiro.
Por isso manda Mormaço
Lhe servir de mensageiro.

Dizer que não há no espaço,
Que não há no mundo inteiro
Um amor tão feiticeiro
Feito o vosso. Me dêem passo!

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

(Sobe ao palco e se ajoelha aos pés da Iara)

Permiti que beije sua mão, Majestade? Sua mão real onde meu amo, o Sol, colocou um anel de noivado?

A IARA

(Escondendo a mão)

- Não posso. Machuquei a mão.

O MORMAÇO

(Levantando-se)

- Oh, que pena! como foi isto, Vossa Graça?

O SACI

(Aparecendo, zombateiro)

- Conte Vossa Graça! Conte como é que vossa Graça machucou a mão! Conte como é que Vossa Graça perdeu o anel!

O MORMAÇO

(Penalizado)

- O anel? O anel maravilhoso que vosso noivo, o Sol, vos deu ontem?

A IARA

(Transtornada)

- Bem, eu...(Súbitamente resoluta) Vou contar. Vou contar a verdade.(O Saci põe a mão na bôca, admirado) A gente não deve nunca esconder a verdade. aconteça o que acontecer! (Ao Mormaço) Dizei a vosso amo que o Saci me enganou. Como eu não quiz casar com êle prometeu se vingar de mim e a melhor vingança que achou foi ameaçar de contar a meu noivo que tenho um pente mágico que me faz bonita.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.363

O MORMAÇO
(Ao Saci)

- Seu malandro! Você o que merece é uma boa surra!

O SACI
(Assustado)

Oh! oh! oh! oh!
Eh! eh! eh! eh!
Tem dó, dó, dó
Do Pererê!

(Sai pulando)

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

A IARA
(Prosseguindo)

- Aí fiquei com mêdo que o Sol descobrisse o segrêdo do pente e entregeui-o.

O MORMAÇO

- E que foi que o malandro do Saci pediu em troca do pente?

A IARA

- O anel de noivado! O raio de sol mais precioso da minha vida

O MORMAÇO
(Consolando a Iara)

- Não se desespere, Vossa Graça. Logo que o Sol souber vai ficar tão triste que haverá de repente noite no mundo. Mas depois tenho a certeza que compreenderá sua tristeza e lhe perdoará porque o amor dêle é enorme, Meu amo virá vê-la de novo' e dar-lhe-á outro anel, ainda mais lindo. Uma coisa apenas digo: o Saci será castigado! (Inclina-se e se afasta pelo fundo)

Abram alas! Me dêem passo!
Sou do Sol o mensageiro,
Do Rei Sol do mundo inteiro.
Abram alas ao Mormaço!

A IARA
(Feliz)

- Que bom, que bom, que bom! Mal posso acreditar em tanta felicidade!

As ÁRVORES
(Dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Viva o riso de alegria,
Rainha da floresta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 364

A IARA

- Obrigada, obrigada. MAs primeiro vai ficar tudo escuro.(A - pontando o cenário, cujas luzes empalidecem) Estão vendo? A estas horas meu noivo, o Sol, anda triste ao saber que entre - guei meu anel ao Saci.

A QUARESMEIRA E A PAINEIRA

(Juntas)

- Mas depois vos dará outro raio de sol.

O IPÊ E O GUARABÚ
(Juntos)

- E depois o Saci será castigado.

(As árvores afastam-se aos risinhos para seus respectivos lugares) O cenário sombrio fica iluminado apenas por uma luz azul, como se fôsse de luar. A Iara senta na pedra e começa a canta, risonha.

A IARA

Reino no reino das águas claras...

(Vendo que o Saci se aproxima cala e finge que está chorando)

O SACI
(Solícito)

- Não chorais, Iarinha, não chorais não!

A IARA
(Altiva)

- Com que direito você me chama de Iarinha? Mais respeito, por favor!

O SACI
(Saliente)

- Ora! Para que tanta cerimônia? Vossa Majestade vai acabar mesmo é casando comigo...

Perepepê
Poropopó!
Com pererê
Da perna só!...

(Curvando-se, cômico) Quereis casar comigo? Ah, Ah, ah, Já tenho o anel de noivado! (Apalpa os bolsos, com espanto) Uê!... Que é do raio de sol? Que é do raio de sol que estava aqui? (vira o bôlso pelo avêsso, desesperado) Perdi o raio de sol! Perdi o raio de sol!

Superintendência Regional - RN — D. P. F. — CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 365

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri, ri, ri!
Não tem jeito.
Bem-te-vi!
É bem feito!

ÀS ARVORES
(Em côro)

- Bem feito! Bem feito! (Batendo palmas, juntas)

Viva, viva! Viva, viva!
O Saci foi castigado!
Viva, viva! Viva, viva!
Perdeu o anel de noivado!

Superintendência Regional - RN — D P F — CENSURA FEDERAL

O SACI
(Furioso)

- Calem- se bôbas! Nem tôda a floresta é amiga da Iara. Fiquem sabendo que tenho amigos, também. Há uns insetos pretos e vadios que são meus amigos e não gostam de vocês nem da rainha das águas.(Chamando) Insetos pretooos!... Insetos pretooos!... Venham cá! (Entram os pirilampos mas sem lanterna: Êle de barbas e ela de cabeleira, completamente brancas)

O SACI
(Aos insetos)

- Não é verdade que vocês são meus amigos?

OS INSETOS
(Juntos)

- Somos.

O SACI

- Não é verdade que vocês não suportam a Iara?

OS INSETOS
(Juntos)

- Não suportamos.

O SACI

- Pois provem, se têm coragem!

OS INSETOS
(Juntos)

- Temos.

O INSETO
(À companheira inseto)

- Vamos rogar uma praga?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P 36.6

A COMPANHEIRA INSETO

- Uma praga bem rogada. Uma praga para a Iara.

O INSETO

(Marcando o compasso como se estivesse regendo orquestra)

Tomara, tomara
Que a Iara enrouqueça!
Que tôda água clara
De lôdo escureça!

A COMPANHEIRA INSETO
(Terminando)

Tomara que a Iara
Depressa envelheça!

OS INSETOS
(Juntos)

Tomara, tomara
Que a Iara enrouqueça!
Que tôda água clara
De lôdo escureça!
Tomara que a Iara
Depressa envelheça!

Superint. — D. P. F. — 10ª Região — RN
CENSURA FEDERAL

AS ÁRVORES
(Furiosas)

- Estes insetos pretos merecem castigo! Castigai-os, Majestade! Castigai-os!

A IARA
(Pensativa)

- Tendes razão.

(Ao público) Ao Saci não posso castigar porque o Saci não é meu súdito: é um gênio da floresta. Demais a mais jão foi castigado . Mas aos insetos pretos posso. Posso e devo porque são uns invejosos e meus inimigos, à toa, à toa. (Às árvores) Qual é o castigo que devo dar aos insetos pretos?

AS ÁRVORES
(Juntas)

- Mandai-os procurar tôda a noite, a vida inteira, o raio de sol que o Saci perdeu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.367

A IARA

(Aos insetos, severa e majestosamente)

De hoje em diante, enquanto o mundo fôr mundo, todos os pirilam - pos estão condenados a procurar tôda a noite, a vida inteira, meu anel de noivado: o meu raio de sol que foi perdido! (Os pirilam - pos abaixam a cabeça, saem correndo, voltam com lanterninhas ver - des e começam a correr como se estivessem em busca de algo)

A IARA

(Afastando-se, altiva, sob a música de arpejos)

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

Superintendência Regional — D. P. F. — RN
CENSURA FEDERAL

(A cortina vai fechando e aparece Dr. Pirilampo, já sem barba , que lembra ao público)

DR: PIRILAMPO

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?

(Pirilampinha aparece)

OS PIRILAMPOS

(Juntos)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 368

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/RN
SCDP/SR/DPF/RN

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

AUTOR: ESTELA LEONARDO
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

PEÇA DESTINADA AO ENTRETENIMENTO DO PÚBLICO INFANTIL, PODENDO SER LIBERADA SEM RESTRIÇÕES.

NATAL, 6 DE AGOSTO DE 1982

CREUSA DE CASTRO CAMELIER
TC-MAT. 2.324.381

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 369

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/RN
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 05/82

TITULO: "O CASO DOS PIRILAMPINHOS"
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: "LIVRE"
AUTOR: Estela Leonardo

Peça infantil que narra a lenda da origem dos pirilampos, que vivem procurando todas as noites, a vida inteira, por vales e campos pelo raio de sol da Iara que o Saci perdeu.

Opino pela liberação para Censura Livre

Natal, 05 de agôsto de 1982.

Bernadete Moura Queiroz
Técnica de Censura
Mat. 022.428

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.370

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 006

PEÇA O CASO DOS PIRILAMPINHOS

ORIGINAL DE ESTELA LEONARDO

VÁLIDO ATÉ 14 de SETEMBRO de 19 82

CLASSIFICAÇÃO

Natal, 14 de JULHO de 19 82

JOÃO CAMELIER
CHEFE DO SCDP/SR/RN

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 371

M. J — D.P.F

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CASO DOS PIRILAMPINHOS

Original de ESTELA LEONARDO

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por FRANCISCO CANINDE DIAS

Tendo sido censurada em 14 de JULHO de 19 82 e recebido a seguinte classificação: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA SCDP/SR/RN.

Natal, 14 de julho de 19 82

João Candido

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 372

TEATRO

TÍTULO O CASO DOS PIRILAMPINHOS

AUTORA: STELLA LEONARDOS

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça SCDP/SR/RN

Obs.:

DF. 18 / 08 / 82 /

Consolação
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Em ... com requerimento de censura e com a classificação: ~~Imprópria para menores de~~ livre ~~anos~~ sem cortes, condicionado ao exame do ensaio.

Obs.: Cert. Provisório SR/RN

Brasília, 19 de 8 de 1982

Maria Antonieta Pinheiro
Técnico de Censura
Mat. 2.415.804

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor ~~da~~ DCDP, tendo em vista tratar-se ~~de~~ P. P. para o qual os censores propõem a classificação etária de Livre

Brasília-DF, 20 de 08 de 1982

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 20 / 08 / 1982

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.373

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 577

PEÇA "O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

ORIGINAL DE STELLA LEONARDOS

VÁLIDO ATÉ 20 de AGOSTO de 19 87

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

BRASÍLIA, 20 de AGOSTO de 19 82

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 374

M. J – D.P.F

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CASO DOS PIRILAMPINHOS

Original de ESTELLA LEONARDOS

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por FRANCISCO CANINDÉ DIAS - NATAL - RN -

Tendo sido censurada em 14 de JULHO de 19 82 e recebido a seguinte classificação: LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

BSB, 20 de AGOSTO de 19 82

NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.375

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Brasília, 25 de agosto de 1982
Nº 1.922/82-SE/DCDP
Do Chefe do Serviço de Censura da DCDP
Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/RN

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao(s) ofício(s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias de(s) certificado(s) de censura da(s) peça(s) teatral(is): "TUCUI" de Aprigio Gomes da Costa Filho; "CIRCO RATAPLAN" de Pedro Veiga", "QUE MULESTA DE VIDA" de Águida Ferreira; "O VASO SUSPIRADO" de Francisco Pereira da Silva; "AS BRUXAS QUE VIRARAM FADAS" de Selma Ramos de Lima e Antonio Alves de LIma; "O CASO DOS PIRILAMPINHOS" de Stella Leonardos.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

DPF – 258

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 376

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
COMISSÃO - 00202

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

6 AGO 11 18 85 005529

Ofício nº 048/84-SCDP/SR/DPF/AM Manaus, Em 03 de agosto de 1984.

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas no Amazonas

Ao Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Processos de Textos Teatrais (encaminha)

Em anexo, estamos encaminhando a V.Sa., três Processos contendo os textos teatrais a seguir discriminados.

Processo nº 009/84 - "O Caso dos Pirilampinhos - autoria de Stella Leonardos; Processo nº 008/84 - "OS MORCEGOS" - autoria de Antonio Paulo Graça e Processo nº 10/84 - "OTELO, O MOURO DE VENEZA" de Willian Shakespeare.

Solicitamos a expedição dos Certificados de Censura para os texto em referência, em nome dos grupos requerentes.

Atenciosamente

Ivanreide Moraes de Souza
Chefe do S.D./SR/DPF/AM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.377

ILMA. SRA. DIRETORA DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

LUIZ CABRAL DE HOLANDA,
Requerente

BRASILEIRA, AUTÔNOMO,
nacionalidade profissão

Carteira de Identidade 163.899 - SESEG,
nº e órgão expedidor

residente e domiciliado à RUA BRANCA E SILVA, Nº 112

BAIRRO DE SANTA LUZIA, vem,

mui respeitosamente, requerer a V. Sa. que se digne mandar examinar de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) TEXTO
espécie

abaixo relacionada(s), de autoria de STELLA LEONARDO

"PIRILAMPOS" - O Caso dos Pirilampentos"
Título(s)

MJ - D.P.F. - SR/AM - S.C.D.P.
PROTOCOLO Nº 054/84
DATA 16/07/84 HORA ... h
Prometido p/ 18/07/84 Hora ... h

Nestes termos,

Pede deferimento,

MANAUS, 04 DE JULHO DE 1984
LOCAL E DATA

Luiz Cabral de Holanda
ASSINATURA DO REQUERENTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 378

1 - EMPRESA OU GRUPO (se houver)

Nome: PIRILAMPOS CGC: _____

Sede: _____ CPF: _____

Diretor ou Respensável: LUIZ CABRAL DE HOLANDA

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: ESTELLA LEONARDO

Psudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nascimento: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____ Profissão: _____

Endereço: _____ CEP: _____

3 - PARCERIA:

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nascimento: _____ Identificação: _____

Estado civil: _____ Profissão: _____

Endereço: _____ CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nascimento: _____ Identificação: _____

Estado civil: _____ Profissão: _____

Endereço: _____ CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nascimento: _____ Identificação: _____

Estado civil: _____ Profissão: _____

Endereço: _____ CEP: _____

DECLARO que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 04 de julho de 1984

ASSINATURA: Luiz Cabral de Holanda

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 379

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SIR Am. 4609

O CASO DOS PIRILAMPINHOS

PRÓLOGO

(Cada pirilampo entra por um lado do palco, diante da cortina descida, na ponta dos pés, segurando uma lanterna acesa. Olham para os lados, procurando alguma coisa. De repente esbarram).

DR. PIRILAMPO

(Vestindo malha preta, colete verde. Às costas, um par de asas. À cabeça, uma cartola).

— Oh!

PIRILAMPINHA

(Vestindo malha preta, colete verde, saia de tarlatana preta. Às costas, um par de asas. À cabeça, um chapéuzinho de [illegible])

— Que susto!

DR. PIRILAMPO

(Tirando a cartola, galante)

— Ah, é você, Pirilampinha?

PIRILAMPINHA

— Boa-noite, Dr. Pirilampo.

DR. PIRILAMPO

(Encantado)

— Bom-dia!

PIRILAMPINHA

— Mas, professor, é Boa-noite. Boa-noite!

DR. PIRILAMPO

— Eu disse Bom-dia? Que distração! Foi um lapso de memória. Você é culpada, minha aluna. Sua beleza me enlouquece. De tôdas as pirilampinhas vôce é o "bróto" mais bonito!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P. 380

PIRILAMPINHA

(Envergonhada, balançando a cabeça)

— O senhor me encabula, Dr. Pirilampo. Como é que posso acreditar? O senhor, um sabe-tudo e eu uma cabeça-oca?

DR. PIRILAMPO

— Mas você é uma gracinha! Inteligência, sapiência e pirilampiência tenho de sobra para nós dois. (Impetuoso) Diga que está louquinha por mim! Que você perdeu a cabeça.

PIRILAMPINHA

(Apalpando o pescoço)

— Ah, não posso! Perder a cabeça, não. Gosto muito da minha cabeça e não sou nada distraída.

DR. PIRILAMPO

(Triste)

— Então você não gosta de mim? Nem um bocadinho? De que vale minha pirilampiência?

PIRILAMPINHA

(Encabulada)

— Gosto, sim. Um bocadinho. O senhor não está contente?

DR. PIRILAMPO

(Desconsolado)

— Você me quer um bocadinho e eu queria que você me quizesse um bocadão.

PIRILAMPINHA

— De que tamanho?

DR. PIRILAMPO

(Pensativo)

— Do tamanho... de uma caixa de sapato. Daquela caixa de sapato furadinha onde o menino queria me guardar.

PIRILAMPINHA

(Assustada)

— Que menino! Onde está o menino? Não quero ficar prêsa numa caixa de sapato.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 381

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

DR. PIRILAMPO
(Aproveitando-se para abraçá-la)

— Sossegue, Pirilampinha. Despistei êle, lá no campo. (*Em tom declamatório*).

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?
Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA
(Intrigada)

— De quem são êstes versos que o senhor recitou?

DR. PIRILAMPO
(Doutoral)

— Ah, isto é o último capítulo da "História dos Pirilampos", um ensaio que ando escrevendo. Quero ser Professor Catedrático em Pirilampologia. (*Tossindo, afetado*). Dias atrás mo ia dizendo, há meninos bons, também. Outro dia, uma meninazinha me viu passar e gritou: "Mamãe, olha que vagalume lindo!"

PIRILAMPINHA

— *Vagalume?* Como professor? O senhor não se chama *Pirilampo?*

DR. PIRILAMPO
(Doutoral)

— Bem, Pirilampo ou Vagalume é a mesma coisa. Uma das palavras vem do Grego e a outra do Latim. Tanto faz.

PIRILAMPINHA
(Ingênua)

— Pois eu pensei que me chamasse Pirilampinha por causa da minha lampinha verde, que minha mãe me deu.

DR. PIRILAMPO

— Ah, minha aluna, como sua ignorância é encantadora! (*Confidenciando.*) Pelo que vejo você não sabe nada do segrêdo de nossas luzes mágicas, nem de nossa misteriosa missão. Não sabe que foi por causa da Iara, que nos deu ordem de irmos procurar o raio de sol: um raio de sol que era dela e foi perdido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 382

PIRILAMPINHA
(Deslumbrada)

— Professor! O senhor como é sabido! Que cultura pirilampeante!

DR. PIRILAMPO
(Satisfeito)

— Vamos passear pelo campo? *(Repetindo com ênfase)*. Já viram como à noite os pirilampos...

PIRILAMPINHA
(Impaciente)

— Já sei. *(Apressadamente, como se soubesse de cor)*.

Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura"

DR. PIRILAMPO
(Enfático)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA

— Acho que não vou passear com o senhor, não. O campo é comprido: vou ficar cansadississima.

DR. PIRILAMPO

— Mas se eu contar uma história o tempo passará depressississimo.

PIRILAMPINHA
(Tentada)

— Está bem: mas só se o senhor contar o caso dos pirilampinhos. Por que foi que a Iara mandou os pirilampos buscarem o raio de sol? Que raio de sol é êsse?

DR. PIRILAMPO
(Terno)

— Escute, meu bem. *(Piscando o ôlho para o público)*. Será a aula mais pirilampesca de minha vida! *(Puxa Pirilampinha pela mão)*. Foi há muito, muito tempo. Um dia...
(Vão se afastando para um lado e a cortina se abre sôbre o 1.º ATO).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 383

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

1.º ATO

Clareira na floresta. Em primeiro plano, as árvores (Negros e môças com malhas inteiriças castanhas e cabeleiras cheias de flôres coloridas). O ipê ao lado da quaresmeira e o guarabu ao lado da paineira. Ao fundo, surge lépida, quase dansando, uma adolescente de túnica leve e rosa, passando uma brocha dourada numa nuvem.

O SACI

(Vestindo malha escura, barrete vermelho. À bôca um cachimbo)

— Olá, Aurora! Por que você se apressa tanto?

A AURORA

(Interrompendo-se)

— Sonhei demais e levantei tarde. Agora preciso pintar esta nuvenzinha antes do sol chegar. Meu pincel de luz está meio gasto.

O SACI

— Eu, se fôsse você, entornava o resto de tinta em vez de ficar puxando o pincel, de cima para baixo, de baixo para cima.

A AURORA

(Satisfeita)

— Que boa idéia! Fica até mais bonito. Umas nuvens manchadas de côr de rosa, outras de alaranjado, outras de amarelo. Você é um artista, Saci! Amanhã vou fazer como você disse. Hoje não posso porque o Bem-te-vi anda nos espiando. Êle conta tôdas as travessuras que vê. Começa cantando assim:

Ri! ri! ri!
Bem-te-vi!
Bem-te-vi!

Depois conta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 384

O SACI

— Pois eu também sei cantar. Quer ver? *(Gaiato)*

Perepepê!
Poropopó!
Saci Pererê
De uma perna só!

A AURORA
(Espantada)

— Você não tem duas pernas?

O SACI

— Lógico!

A AURORA

— Então por que grita que tem uma perna só?

O SACI

— Porque dizem que só tenho uma, por aí. E não quero ser mal educado com todo mundo. Deixe os bobos pensarem que tenho uma só, mesmo. É mais engraçado. *(Rindo)*. Olhe como me visto: meto os dois pés juntos numa calça com *uma* perna em vez de duas. E saio pulando. É meu truque.

A AURORA
(Rindo)

— Saci, Saci! É muito feio zombar dos outros.

O SACI
(Gaiato)

Perepepê!
Poropopó!
Não tenha dó,
Seu Pererê!

(Sério). O Bem-te-vi também canta e zomba.

A AURORA

— Mas o Bem-te-vi é o vigia da mata. Êsse é o emprêgo dêle. Ver tudo, contar tudo. *(Misteriosa)* Ah! se você soubesse o que êle me contou!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.385

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

O SACI

— Que foi? Que foi?

A AURORA

— Que viu a Iara, imagine? E que a Iara vinha para cá!

O SACI

— Duvido! Aquela Iara bonita, de cabeleira verde côr de limo? *(A Aurora afirma de cabeça)* A rainha das águas cantantes? Não pode ser. A Iara mora no fundo do rio. Ela só sai d'água uma vez por ano. Senta numa pedra coberta de musgo e fica se penteando com seu pente mágico *(Confidenciando)*. É o pente mágico que faz ela bonita, sabe? Se não fôsse o pente ficaria feia, feia.

A AURORA

— Naturalmente! Onde se viu uma môça bonita de cabelo emaranhado? *(Olhando para a esquerda)* Psiu! Aí vem ela! Repare: até as árvores acordam e se mexem, encantadas. Vamos nos esconder. *(As árvores começam a se espreguiçar, abrem os olhos, deslumbradas, e estendem os braços em atenção à Iara. Escuta-se, acompanhado por música de arpejos, o recitativo da Iara que vem chegando, um espêlho de prata e um pente cintilante na mão).*

A IARA

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

AS ÁRVORES

(Correndo, dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Viva o riso de alegria.
Rainha da floresta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 386

A IARA

(Afastando-as com um sorriso)

— Obrigada, árvores minhas súditas. Podeis voltar a vossos lugares. *(Enquanto as árvores obedecem, a Iara senta-se numa grande pedra esverdeada, e começa a pentear-se, olhando-se no espêlho...Preguiçosamente).*

O SACI

(À Aurora)

— Por que as árvores estão contentes?

A AURORA

— Porque hoje é o dia do noivado da Iara. Vão chegar os pretendentes, cada qual com um presente mais bonito. O que souber agradar casará com ela.

O SACI

— Pois então vou pedir a mão da Iara em casamento antes que os outros cheguem. Nem preciso de presente, você vai ver! *(Sai do esconderijo, pulando, e dirige-se à iara).* Majestade!

A IARA

(Distraída)

— Sim?...

O SACI

(Estufando o peito)

Perepepê!
Porepopó!
Sou o Pererê
Da perna só!

(Curvando-se exagerado) Quereis casar comigo, Majestade?

A IARA

(Enfadada)

— Eu já conheço sua cantiga, Saci Pererê. É só isto que você sabe cantar?

O SACI

— Não. Sei esta, também: *(Ameaçador)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p-387

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

Poropopó!
Perepepê!
Não tenho dó:
Sou o Pererê!

Que tal? Gostais?

A IARA
(*Impressionada*)

— Mas você não tem dó mesmo, Saci? Não tem pena de ninguém? Você só quer viver por aí fazendo travessura e zombando dos outros?

O SACI
(*Fátuo*)

Só, só, só, só.
Não tenho dó.
Não tenho dó.

A IARA
(*Desgostosa*)

— Você é prosa demais para ser meu noivo. Sinto muito, Saci, mas não posso casar com você.

O SACI
(*Zangado*)

— Ah, é assim! não é, Majestade? Não quereis casar comigo? Vossa Majestade vai se arrepender! Hei-de fazer uma travessura e de pregar uma boa peça!

(*Afasta-se pulando e a Iara dá de ombros e recomeça a pentear-se. As árvores abafam risinhos com as mãos*).

A AURORA
(*Ao Saci*)

— Saci, Saci, tenha juizo, Saci!

O SACI
(*Amolado*)

Ora, ora,
Mana Aurora!
Guarde só:
Vou-me embora.
Mas sem dó.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 388

A AURORA

(Detendo-o pelo braço)

— Não vai já, não. Espere que estão chegando dois pretendentes à mão da Iara.

O SACI

(Interessado)

— Ah! é? Vou ficar espiando. Já que a Iara não quis casar comigo tomara que dê o fora nêles! *(Espiando)* Onde estão os pretendentes? Quem são os pretendentes?

A AURORA

— Calma, calma. Um é o Curupira verde, de cabelo encarnado, o Curupira que toma conta das árvores. O outro, deixe ver... Ah! O outro é o Boitatá côr de fogo, que dá susto nos bobos e medrosos. *(Enquanto a Aurora e o Saci espreitam, entram Curupira e Boitatá, de braços dados. O Curupira vestindo malha inteiriça verde, tanga de fôlhas, cabeleira encarnada. O Boitatá vestindo malha inteiriça alaranjada, cabeleira azul, cobra verde enrolada no torso).*

CURUPIRA e BOITATÁ

(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Casar por bem ou mal.

O CURUPIRA

(Batendo no peito)

O Principe dos Ramos!

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal!

CURUPIRA e BOITATÁ

(Curvando-se diante da Iara)

— Majestade!

A IARA HELMA

(Distraída)

— Sim?...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.389

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

O CURUPIRA

— Quereis casar comigo?

O BOITATÁ

— Quereis casar comigo?

A IARA
(Aos dois)

— Que me trazeis de presente?

O CURUPIRA
(Adiantando-se)

Um favo de mel
Roubado da abelha.

O BOITATÁ
(Adiantando-se)

A cobra coral
Pretinha e vermelha.

A IARA
(Desgostosa)

— Sinto muito, meus senhores: não posso me casar com nenhum dos dois. (*Ao Curupira*) Estou farta de mel, mel demais em minha voz. De mais a mais, Seu Curupira, o senhor que toma conta das árvores, não devia ter roubado a pobre abelha. Isto não se faz. (*Ao Boitatá*) E o senhor, Seu Boitatá, teve muito mau gôsto. Que idéia dar cobra de presente!

O CURUPIRA
(Zangado, ao Boitatá)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de roubar o favo de mel!

O BOITATÁ
(Zangado, ao Curupira)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente a cobra coral. (*Engalfinham-se. A Iara leva as mãos aos olhos e as árvores levam as mãos às bôcas).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 390

A AURORA

— Corre, Saci! Vai apartar a briga!

O SACI
(Chegando-se aos que brigam)

Poropopó
Perepepê!
Me escutem só!

(*Tocando no ombro do Curupira*) Você! (*Tocando no ombro do Boitatá*) Você!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Juntos)

(Interrompendo a briga e avançando para o Saci)

Que perepepê
Que poropopó:
Não se meta, Pererê!
Tome, tome, tome só!

Nós vamos, vamos, vamos
Lutar por bem ou mal.

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

O Principe dos Ramos!

O BOITATÁ
(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal!
(Avançam para o Saci, de novo).

O SACI
(Pulando e fugindo)

Ui, ui, ui, ui!
Que bôbo fui!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Rindo)

Oi, oi, oi, oi!
Que bôbo foi!

(Atracam-se de novo).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.391

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

A IARA
(Gemendo)

Ai! ai! ai! Deixai de briga
Que quero ser vossa amiga!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Parando, incontinenti)

— Vamos fazer as pazes? Vamos fazer as pazes?

A AURORA
(Do esconderijo)

— Façam logo, meus rapazes!

O CURUPIRA
(À Iara)

— Me dai um beijinho, então! *(Estica o rosto e fecha os olhos)*

O BOITATÁ
(À Iara)

— Me dai um beijinho, então! *(Estica o rosto e fecha os olhos)*
(A Iara beija os dois, na testa)

A IARA
(Brejeira)

— Dou beijinhos. A mão, não.

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Bem-te-vi!
Bem-te-vi!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Dando-se os braços)

Vamos, vamos, vamos, vamos.
Antes por bem que por mal.

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

Eu sou o Principe dos Ramos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P 392

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

Eu sou o Rei do Pantanal!

(Somem nos bastidores. A Iara recomeça a pentear-se).

A AURORA

(Pegando o balde e a brocha)

— Também tenho de ir.

O SACI

— Que pena!

A AURORA

— Meu tempo aqui se acabou, Saci. Já pintei a última nuvem que precisava ser pintada. Sinto o calor do sol. Sempre que o sol pisa o mundo a Aurora parte. Até à vista! *(Sai, apressada)*

O SACI

(Acenando)

— Até à vista! *(Põe as mãos nos olhos, como se estivesse ofuscado e fixa a platéia)* A Aurora tem razão. Lá vem o Sol! Todo dourado, com seu arco e suas flechas de ouro! *(O Sol, vestido como um arqueiro de túnica curta de lamê e cabeleira de ouro reluzindo, entra pelo centro da platéia com uma luz focando-o).*

O SOL

(Dirigindo-se ao palco)

Que cante o rouxinol
Outro dia de festa!
Que se alegre a floresta
À chegada do Sol!

A IARA

(Avistando-o e levando a mão ao coração)

Minhalma é um girassol
Que à luz do sol se cresta!
Meu sonho, um rouxinol
Cantando na floresta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 393

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

O SOL
(Subindo ao palco e dirigindo-se à Iara)

Que cante o rouxinol
Outro dia de festa!
Que se alegre a floresta
À chegada do Sol!

O SACI
(Despeitado, do esconderijo)

Isto parece namôro.
Pudera: êle tem tanto ouro!...

O SOL
(À Iara)

Quem sois vós, princesa clara,
Cabelos côr de esperança?

A IARA

Sou rainha d'água mansa.

O SOL

Já sei: vosso nome é Iara. *(Ajoelha-se e beija-lhe a mão)* Quereis casar comigo?

A IARA
(Alegre)

— Com muito prazer, amigo!

O SOL

(Tirando do bôlso um anel e enfiando-o no dedo da Iara)
— Eis um raio de sol como anel de noivado!

AS ÁRVORES

(Correndo, dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara e do Sol)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Há um noivado de poesia!
Há um noivado na floresta!

(O Curupira e o Boitatá reaparecem, um com uma coroa de fôlhas, outro com um lírio)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 394

CURUPIRA e BOITATÁ
(Juntos)

Vamos, vamos, vamos, vamos.
Não aplaudir fica mal.

O CURUPIRA
(Oferecendo o que traz)

Uma coroa de ramos!

O BOITATÁ
(Oferecendo o que traz)

Um lírio do pantanal!
(Os dois entram na roda, de mãos dadas com as árvores e cirandam, cantando. O Sol e a Iara, ao centro, se olham, embevecidos, êle segurando com a mão livre a coroa de ramos; ela, o lírio)

TODOS

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Há um noivado de poesia!
Há um noivado na floresta!

O SOL
(Risonho)

— Obrigado, amigas árvores! Obrigado, amigo Curupira! Obrigado, amigo Boitatá! Só o Saci não veio nos felicitar. *(Chamando)* Saci! Onde é que você está escondido?

AS ÁRVORES
(Juntas, cada qual numa direção)

— Saciiiii!?...

CURUPIRA e BOITATÁ
(Afastando-se, um à direita e outro à esquerda)

— Saciiiii!?...

O SOL
(Examinando a platéia)

— Saciii!... Algum de vocês pode me informar onde se escondeu o Saci? *(Fingindo que ouviu informação)* Obrigado, amigo! *(Ao Saci)* Ouça, Saci Pererê! Se você não quer sair daí já, já, atiro uma flecha de luz!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 395

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

O SACI

(Cômico, saindo do esconderijo)

Oh! oh! oh! oh!
Eh! eh! eh! eh!
Tem dó, dó, dó
Do Pererê!

A IARA HELMA

(Intervindo, benevolente)

— Não se assuste, Saci. Meu noivo falou de brincadeira. Flecha de sol não fere ninguém.

O SACI

(Piscando o ôlho para o público)

— Mas arde. E hoje, então, que seu noivo está ardente... *(A Iara sorri, suspira e senta na pedra contemplando o anel, embevecida)*

O SOL

(Intrigado, ao Saci)

— Diga-me uma coisa: por que você estava escondido em vez de vir me dar os parabéns pelo meu noivado? Com certeza anda inventando uma travessura qualquer.

O SACI

(Fingindo-se inocente)

— Eu, Rei Sol? Eu, Majestade? Eu não pensava [em] travessura, não. *(Ao público)* Êle me paga! A Iara [vai] casar comigo e ficou noiva dêle. *(Ao Sol)* Mo[mento] quêle canto porque a luz de Vossa Majestade [me] cega e queima a gente. Imagine eu, que [sou] *(Humilde)*

Perepepê
Poropopó:
Sou o Pererê
Da perna só.

O SOL

— Ah, é mesmo! Você não é gente: é um gênio da fl[echa]. Um gênio travêsso: por isso não gosta da minha luz. [Vou] clareando logo as suas idéias! *(Olhando a Iara, encant[ado])* Mas que eu sou brilhante sou, não é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0245, p 396

AS ÁRVORES
(Em córo)

— Éééééé!...

O SOL

— Rei tão nobre e brilhante feito eu não existe neste mundo. Veja como a Iara se apaixonou por mim! *(Apruma-se, orgulhoso)* Foi muito curto o namôro.

O SACI
(Despeitado, ao público)

— Pudera! Êle tem tanto ouro!

O SOL
(Virando-se, ao Saci)

— Que foi que você disse?

O SACI
(Assustado)

— Nada, Majestade!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Bem que ouvi!
Bem que ouvi!

O SOL
(Desconfiado)

— Que foi que o Bem-te-vi ouviu?

O SACI
(Assustado)

— Ora! Que podia ser, Majestade? Que eu e todas as árvores da floresta andamos dizendo: como o Sol é brilhante! Rei tão nobre e tão brilhante não existe neste mundo! —

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Seu Saci:
Não foi isto
O que ouvi!

(As árvores começam a rir)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 397

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

O SOL
(Ao Saci)

— Acho que você não está dizendo a verdade. O Bem-te-vi disse que êle ouviu outra coisa. Que foi?

O SACI
(Atrapalhado)

— Neste caso deve ter sido a voz da Iara quando saiu do fundo d'água. Ah, que voz doce, Majestade!

O SOL
(Encantado)

— Fala, minha noiva. Como é tua fala quando sais do fundo d'água? *(A Iara levanta-se, ajudada pelo Sol. Ouve-se a mesma música de arpejos e a voz da Iara recitando)*

A IARA HELENA

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

O SOL

Tens cabeleira côr de esperança,
Dás esperança a quem te depara!

A IARA HELENA

Sou a rainha das águas mansas.

O SOL

Teu reino é de água cantante e clara.

O SACI
(Saliente)

— Vossa Majestade, ó sol, conhece o reino de sua [illegible]

O SOL

— Um pouco. Tenho passeado por cima da corrente[illegible] mido entre as pedras da beira do rio e atirado algum[illegible] chas douradas nos lugares fundos para ver os peixinh[illegible] çarem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.398

AS ÁRVORES

(Zangadas)

— Saci malvado! Você não tem dó de ninguém?

O SACI

(Escondendo o pente da Iara no bôlso)

Poropopó!
Perepepê!
Não tenha dó,
Seu Pererê!

O SOL

(Que estava completamente absorto, pensando na resposta)
— Então: qual é o mistério que a Iara tem?

O SACI

(Bajulador)

— Uma graça fascinante, Majestade!

O SOL

(Satisfeito)

— É certo. Antes de tudo minha noiva tem uma graça fascinante. E a graça na mulher é um mistério maravilhoso.

O SACI

(Ao público)

— Posso ser mentiroso mas que a Iara é a graça em pessoa é, não acham?

AS ÁRVORES

— Éééééé!... Mesmo sem pente a Iara é graciosa.

O SOL

(Oferecendo o braço à Iara)

— Vem, minha noiva! Vamos dar um passeio pela floresta encantada. De hoje em diante o mundo inteiro há-de chamar a Iara não sòmente Vossa Alteza mas Vossa Graça porque a graça da Iara é real. Viva Vossa Graça!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.399

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

O SACI

— Está esquentando, está esquentando. Mas ainda não é.

A IARA HELMA
(A Saci)

— Não diga, Saci, não diga!

O SACI
(À Iara)

— Pois então me entregue o pente!

A IARA HELMA
(Aflita)

— Você me devolve o pente, depois?

O SACI

— Dou minha palavra de Saci! *(Ao público)* Vocês já viram Saci ter palavra?

Percepepê
Poropopó?
O Pererê
Da perna só?

A IARA HELMA
(Lutando)

— Se você diz que me devolve...

AS ÁRVORES
(Aflitas, agitando os braços)

— Não entregue o pente! Não entregue o pente! Vossa Majestade não vê que o Saci está com raiva? Quer se vingar porque Vossa Majestade não quis casar com êle?

A IARA HELMA
(Às árvores)

— Tenho de entregar o pente, senão o Saci conta a meu noivo o segrêdo de minha beleza e como sou mulher sou vaidosa: não quero que o Sol descubra que devo meu feitiço ao pente, que minha beleza não é tão natural.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.400

O SACI

(Fingindo-se indignado)

— Vossa Majestade tem coragem de matar os peixinhos?

O SOL

(Protestando)

— Mas eu não mato. Flecha de sol não mata ninguém.

A IARA HELMA

(Ao Sol)

— Ah, meu noivo, como você é bom! É você que ajuda a crescer as plantas, desabrochar as flôres e a amadurecer os frutos. É você que traz alegria ao céu e à terra. *(O Sol inclina-se, agradecido e sorridente)*

O SACI

(Ao público)

— Mas só eu é que sei o segrêdo da beleza da Iara. Só eu é que sei que sem o pente mágico a Iara perde a beleza. Vou dar um susto nela. *(Ao Sol)* Já que Vossa Majestade conhece tão bem o reino da Iara pode me responder qual é o mistério que a Iara tem?

O SOL

— Um reino fascinante!

O SACI

— Não, não é.

O SOL

— Uma vida fascinante!

O SACI

— Não, não é.

O SOL

— Uma voz fascinante!

O SACI

— Não, não é.

O SOL

— Uma beleza fascinante!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 401

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

AS ÁRVORES
(Aplaudindo)

— Vivaaa!... Viva Vossa Graça Reaaaa!!...

A IARA HELENA
(Nervosa, ao Saci)

— Saci, meu amigo Saci!

O SACI
(Irônico)

— Amigo, hein, Majestade? Não posso ser seu amigo. Como é que posso ser seu amigo se tenho paixão por Vossa Majestade, e Vossa Majestade, senhora, me desprezou?

A IARA HELENA
(Altiva)

— Se você não tem coração tenha ao menos palavra! Vou dar um passeio. Na volta exijo meu pente mágico! Combinado?

O SACI
(Curvando-se, amável)

— Pois não! *(Ao público)* Pois sim! Devolvo coisa nenhum

O SOL
(Ao Saci)

— Como é?!... Que foi que você resmungou, Saci?

O SACI
(Assustado)

— Eu? Que foi que resmunguei? Bem, eu... Ah! F até breve!

O SOL
(De braço com a Iara)

— Até breve!

O SACI
(Danado, por entre dentes)

— Até nunca!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.402

A Voz do Bem-te-vi

Ri! ri! ri!
Bem que ouvi!
Bem que ouvi!

(As árvores acenam, risonhas, aos noivos que se afastam. O Sol e a Iara vão sumindo)

O Saci

(Interpelando a platéia, sarcástico)

— Vocês pensam que vou devolver o pente da Iara? *(Fingindo que ouve qualquer coisa)* Que sim? Hum! Veremos!

(Sai e o cenário escurece)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 403

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

ENTREATO

(Entram os dois pirilampos, apressados, de um lado do palco, à frente da cortina aberta e do cenário escurecido)

DR. PIRILAMPO
(Nervoso)

— Ai, que aflição! Que aflição enormessissima!

PIRILAMPINHA
(Nervosa)

— Que foi, Dr. Pirilampo? Que foi que aconteceu?

DR. PIRILAMPO
(Tateante)

— Caiu pólen dourado nos meus olhos. Não enxergo um milímetro adiante do nariz. Me ajude, minha aluna! Você não tem um lencinho de pétala de lírio que me empreste?

PIRILAMPINHA
(Solícita)

— Tenho, sim. *(Põe a lanterna no chão e tira um lenço da bolsa)* Abra os olhos, Dr. Pirilampo, que vou tirar os ciscos já! *(Fica na ponta dos pés e tenta)* Não se mexa! Não se mexa! Assim! Pronto?...

DR. PIRILAMPO
(Gemendo)

— Não, Pirilampinha. Continuo cego. Como é que se tira cisco da vista? Meu "Dicionário Pirilampoesco" não ensina.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.404

PIRILAMPINHA

(Pedante)

— Pois olhe, nunca abri nenhum dicionário mas vou lhe ensinar. O senhor esfrega primeiro o ôlho esquerdo bem devagarinho, depois o ôlho direito, e vai dizendo:

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

DR. PIRILAMPO

(Esfregando um ôlho)

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

OS PIRILAMPOS

(Juntos)

(Dr. Pirilampo esfregando o outro ôlho)

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

PIRILAMPINHA

— Saíram os ciscos?

DR. PIRILAMPO

— Continuo cego.

PIRILAMPINHA

(Espantada)

— Os ciscos não saíram?

DR. PIRILAMPO

— Saíram, sim. Muitissíssimo obrigado, Pirilampinha. Dos olhos fiquei bom. O que me cega é meu amor por você. Um amor cego!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.405

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

PIRILAMPINHA

— Mas que bobagem, professor! Se seu amor é cego como é que me pode ver? E logo eu que adoro que me vejam bem e me achem elegante! *(Brejeira)* Sabe o que me disse o Zé Besouro na outra noite?

Pirilampa, lampa, lampa.
Pirilampinha dengosa,
Nem na serra nem no pampa
Vi nenhuma tão graciosa!

DR. PIRILAMPO
(Enciumado)

— Quem foi que disse isto? Aquêle besourão barrigudo que nunca conseguiu ler a cartilha nem decorar a tabuada?

PIRILAMPINHA
(Despeitada)

— Êle pode ser barrigudo, êle pode ler mal e se atrapalhar nas contas. Mas que é poeta é. Tôda mulher gosta de versos. O senhor, Dr. Pirilampo, com tôda sua pirilampiência e sua ciência pirilampológica nunca me fêz um verso de pé quebrado.

DR. PIRILAMPO
(Indignado)

— Naturalmente! Os versos que faço são sempre de pés perfeitos, perfeitissíssimos! Escute só: *(Amoroso)*

Pirilampa, flor do campo,
Pirilampinha faceira!
Meu amor de pirilampo
Será teu a vida inteira!

PIRILAMPINHA
(Batendo palmas)

— Ah, que poesia mais linda!

DR. PIRILAMPO
(Prosa)

— Você não viu nada, ainda! *(Recitando)*

Estrêla verde do campo!
Pirilampinha bonita!
Meu amor de pirilampo
Reluz com luz infinita!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 406

PIRILAMPINHA

— Que maravilha, professor! Como é mesmo? *(Tentando lembrar)* Estrêla verde do campo... *(Interrompendo-se)* Por falar em campo me lembrei dos outros versos:

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam-piscam nos vales e nos campos,
Feito olhos verdes numa noite escura?

DR. PIRILAMPO
(Terminando)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA
(Intrigada, ao público)

— É preciso descobrir êste mistério. Descobrir de uma vez. Não entendo. *(Ao pirilampo)* Por que o senhor interrompeu a história de repente? Que é que nós, pirilampos, temos de ver com isto? Ainda não vi nenhum pirilampo entrar na história.

DR. PIRILAMPO

— Você vai ver. Nem eu nem você, é claro, mas nossos... deixe ver: nem bi, nem tri, nem tetravós. Mais, mais velhos: os primeiros pirilampos do mundo. Os avós pirilampos que nos deixaram estas lanterninhas de presente.

PIRILAMPINHA

— Conte, conte, professor! O Saci devolveu o pente da Iara, afinal?

DR. PIRILAMPO
(Entregando-lhe a lanterna que estava no chão)

— Bem, o Saci... *(Dando o braço à Pirilampinha)* Vamos continuar nosso passeio. Preste atenção, Pirilampinha. *(Para o público)* E vocês prestem também que as peripécias continuam. *(À Pirilampinha)* Pois é, minha aluna. O Sol e a Iara se afastaram e o Saci guardou o pente mágico mas...

(Afastam-se até sumirem de um lado e a cena continua, incontinenti, com o 2.º ATO).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.407

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

2.º ATO

(As árvores se espreguiçam e bocejam na penumbra)

A AURORA
(Entrando com o balde e a brocha)

— Boa-madrugada, árvores!

AS ÁRVORES

— Boa-madrugada, Aurora!
(A Aurora faz que sacode o pincel e luzes rosadas clareiam o cenário)

A AURORA
(Às árvores)

— Quais são as novidades da floresta? *(As árvores sacodem as cabeças, desanimadas)* Mas como vocês estão tristes!

A QUARESMEIRA
(Suspirando)

— De uma tristeza mais roxa que o roxo das minhas flôres.

A AURORA

— Por quê? A Iara e o Sol não ficaram noivos? Não foi noivado feliz?

A PAINEIRA

— Foi: mais feliz e côr de rosa que o rosa côr das minhas flôres.

A AURORA

— Então deixem-se de tristeza! O Sol não deu um anel de noiva?

O IPÊ

— Deu. Deu um anel de ouro puro, mais puro que a côr de ouro das minhas flôres.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.408.

A AURORA

— Mas então não compreendo! O amor dos noivos um pelo outro acabou?

O GUARABU

— Ao contrário. O amor dêles continua vivo. Mais vivo e vermelho que o vermelho vivo das minhas flôres.

A AURORA

— Quem é que está atrapalhando o noivado, árvores?

AS ÁRVORES
(Juntas)

— O Saci.

A AURORA

— Que foi que o Saci fêz?

AS ÁRVORES
(Juntas)

— Está com o pente da noiva, o pente mágico.

A AURORA
(Surpresa)

— Não digam! Coitada da Iara! Nunca pensei que o Saci pudesse ser tão mau. Que brincadeira de mau gôsto! *(Procurando)* Saciiii?!... Saciii?!

O SACI
(Aparecendo, prosa)

Perepepê
Poropopó!
Sou o Pererê
Sem dó, sem dó!

A AURORA
(Severa)

— Sua cantiga não tem a menor graça.

AS ÁRVORES
(Juntas)

— A menor graça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.409

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

O SACI

(Fazendo uma careta e tapando os ouvidos)

— A propósito de graça: onde anda Sua Graça Real, a Iara?

A AURORA

(Aborrecida)

— Deixe a Iara em paz. A Iara não pode perder tempo com um palhaço feito você. Devolva-lhe logo o pente e desista de fazer a côrte, seu bôbo!

O SACI

(Ao público)

— Vocês me acham com ar de palhaço? *(Como que ouvindo a resposta)* Quê? Ah! Com ar de bôbo da côrte? *(Zangado)* Pois bem, até os palhaços e os bôbos da côrte se apaixonam. *(Escusando-se, dolorosamente)* Que culpa tenho de me haver apaixonado por uma rainha?

A AURORA

— E que culpa tem a Iara de ter paixão por um rei? o Rei Sol! Devolva o pente, Saci!

AS ÁRVORES

(Juntas)

— Devolva!

O SACI

(Ao público)

— Vocês acham que devo devolver? *(Fingindo que ouve conselho)* Depende, depende. Talvez eu devolva se ela me pedir e...

A AURORA

(Puxando o Saci)

— Psiu! Lá vem a Iara!

(O Saci e a Iara se escondem. Escuta-se a música de arpejos e a Iara entra)

A IARA HELMA

(Triste)

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p. 410

AS ÁRVORES

(Juntas)

— Boa-madrugada, Rainha. Boa-madrugada, Vossa Graça!

A IARA

— Boa? Quem me dera! Minha madrugada de hoje é triste. *(Levando a mão ao peito)* Se ao menos eu tivesse um amigo, alguém que convencesse o Saci a me devolver o pente mágico... *(O Curupira e o Boitatá surgem, de braços dados)*

CURUPIRA e BOITATÁ

(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Tentar por bem ou mal.

O CURUPIRA

(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

O Rei do pantanal! *(Confabulam)*

O CURUPIRA

(Curvando-se ante a Iara)

— Majestade!

O BOITATÁ

(Curvando-se ante a Iara)

— Majestade!

A IARA

(Animando-se)

— Sim?

O CURUPIRA

— Vou convencer o Saci a devolver o pente.

O BOITATÁ

— Vou convencer o Saci a devolver o pente.

A IARA

— Obrigada, amigo Curupira. Obrigada, amigo Boitatá.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 411

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

O BOITATÁ
(Procurando)

— Onde se meteu o Saci?
(Bota as mãos nos olhos e encara a platéia)

O CURUPIRA
(Procurando)

— Onde se meteu o Saci?
(Bota as mãos nos olhos e encara a platéia)

O SACI
(Aparecendo, gaiato)

Perepepê
Poropopó!
Sou o Pererê
Da perna só!

O CURUPIRA
(Enérgico)

— Devolva o pente!

O BOITATÁ
(Enérgico)

— Devolva o pente!

O SACI
(Zombeteiro)

— Se eu devolver que é que vocês me dão em troca?

O CURUPIRA
(Adiantando-se e oferecendo)

Um favo de mel
Roubado da abelha.

O BOITATÁ
(Adiantando-se e oferecendo)

A cobra coral
Pretinha e vermelha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.412

O SACI

(Chupando o favo, gulosamente, e enrolando a cobra no pulso) — Hum! Êste mel não presta! E esta cobra não serve nem para pulseira de relógio. *(Ao público)* Êste tal de Curupira, e êste tal de Boitatá são dois bocós. O mel está muito gostoso e a cobra coral é uma jóia linda. *(Ao Curupira e ao Boitatá)* Sinto muito, meus senhores. Não posso fazer nenhum negócio com nenhum dos dois.

O CURUPIRA
(Zangado, ao Boitatá)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente o favo de mel!

O BOITATÁ
(Zangado, ao Curupira)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente a cobra coral!

(Enquanto o Saci torna ao esconderijo, engalfinham-se)

A IARA
(Aflita) HELENA

— Parem, parem! Vocês não devem brigar por causa do Saci! É isto o que êle quer: confusão.

O CURUPIRA
(Coçando a cabeça)

— É mesmo.

O BOITATÁ
(Coçando a cabeça)

— É mesmo.

O CURUPIRA

— Enquanto nós brigávamos o Saci fugiu.

O BOITATÁ

— Enquanto nós brigávamos o Saci se escondeu.

O CURUPIRA
(Ao Boitatá)

— Vamos fazer as pazes?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 413

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

O BOITATÁ

— Vamos procurar o Saci?
(Apertam-se as mãos e dão-se os braços)

CURUPIRA e BOITATÁ
(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Achar por bem ou mal!

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ
(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal! *(Saem)*

A IARA HELENA
(Pensativa)

— Coitados: êles são bonzinhos mas não têm um pingo de esperteza. *(Levanta-se da pedra, olhando à volta)* Saciii?!... Sacizinhoooo?!....

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Ah! ah! ah!
Bem que vi:
Está lá!

A IARA HELENA
(Como que seguindo uma pista)

— Obrigada, Bem-te-vi! *(Ao Saci, implorante)* Sacizinho, devolva o pente! *(Dando com a Aurora)* Aurora, minha amiga, ajude-me! *(Às árvores)* Árvores, minhas súditas e amigas, ajudem-me!

A AURORA
(Ao Saci)

— Saci Pererê, se você devolver o pente da Iara eu lhe dou meu pincel de luz e meu balde de tinta encantada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 414

O SACI
(Fazendo pouco)

— Não quero. Sou muito preguiçoso. Só sei pintar o sete: as nuvens, não.

A QUARESMEIRA

— Saci Pererê, se você devolver o pente da Iara eu lhe dou minha cabeleira de flôres roxas.

O SACI

— Não quero.

A PAINEIRA

— E eu lhe dou meus sonhos de flôres côr de rosa.

O SACI

— Não quero.

O IPÊ

— E eu lhe dou meu manto dourado de flôres.

O SACI

— Não quero.

O GUARABU

— E eu lhe dou minha alegria, vermelha e florida.

O SACI

— Não quero.

A AURORA

— Saci, Saci, quem tudo quer tudo perde. Que é que você quer em troca do pente mágico, Saci?

O SACI
(Ao público)

— Tenho um plano. Vou pedir o anel de noivado da Iara. Assim o Sol vai brigar com a noiva e é até capaz de não casar com ela. Se não casar estou vingado. *(Esfregando as mãos)* Ah! que vingança boa! Que vingancinha venenosa! *(À Iara)* Sabe, Vossa Majestade que desejo em troca do pente mágico? O seu anel de noivado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 415

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

A IARA HELENA
(Alarmada)

— O meu raio de sol? O raio de sol mais precioso da minha vida?

O SACI

— O mesmíssimo, Rainha.

A IARA HELENA
(Lutando)

— É impossível!

A AURORA
(Indignada)

— É impossível!

AS ÁRVORES
(Juntas)

— É impossível!

O SACI
(Sarcástico)

— Neste caso, Iara, diga adeus ao pente mágico. Fique bem feia o resto da vida, com os cabelos verdes todos emaranhados. E quando o Sol chegar e avistar Vossa Majestade quero ver se Vossa Majestade canta: *(Arremedando a Iara)*

Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

Quero ver se o Sol repete: *(Arremedando o Sol)*

Tens cabeleira côr de esperança.
Dás esperança a quem te depara.

Quero ver, Vossa Graça! Vossa Graça, hein? Mas custa!

A IARA HELENA
(Em pânico, tirando o anel e entregando-o)

— Me dá o pente, Saci! Prefiro morrer a ficar feia. E se eu ficar feia o Sol será o primeiro a não gostar de mim.

O SACI
(Pegando o anel, rápido, e enfiando-o no bôlso)

— Tome o pente, Majestade! *(Devolve o pente)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 416

(Ao público) O azar das mulheres é serem tão vaidosas. *(Vendo a Iara chorar)*

Poropopó
Perepepê!
Não tenho dó:
Sou o Pererê!

A AURORA
(Severa)

— Você vai se arrepender dessa maldade, Saci!

AS ÁRVORES
(Juntas, gemendo)

— Você vai se arrepender!

O SACI
(Desafiante)

— Me contem como!

A AURORA
(Pegando o balde e a brocha)

— Não tenho mais tempo. Só direi que o raio de sol é mágico, também, e que fora do dedo da Iara... *(Olhando o céu)* É hora do Sol chegar ao mundo. Vou me embora correndo. *(Sai, apressada)*

O SACI
(Maldoso, gritando à Aurora)

— Não quer me contar, não é? Pois tropece no balde de tinta e quebre uma perna, Aurora! *(Ao público)* Tomara que o Sol rompa o noivado com a Iara agora mesmo. *(Olhando a platéia, ansiosamente)* Estou sentindo o calor do Sol mas não vejo o Sol brilhar! *(Espantado)* Ué! Não é o Sol quem vem chegando! É o empregado dêle, o Mormaço. *(Pelo lado oposto da platéia entra o Mormaço, um arqueiro vestido de amarelo e cinza, com arco e flechas côr de chumbo)*

O MORMAÇO
(Declamando, alto)

Abram alas, me dêem passo!
Sou do Sol o mensageiro,
Do Rei Sol do mundo inteiro.
Abram alas ao Mormaço!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 417

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

A IARA

(Reanima-se, enxuga os olhos e interpela o Mormaço)

Que faz meu noivo no espaço?
Respondei-me, mensageiro:
Ide ficar o dia inteiro
Sem vir me dar um abraço?

O MORMAÇO

(Encaminhando-se ao palco)

Vosso noivo está no paço
Dando audiência, sobranceiro.
Por isso manda Mormaço
Lhe servir de mensageiro.

Dizer que não há no espaço,
Que não há no mundo inteiro
Um amor tão feiticeiro
Feito o vosso. Me dêem passo!

(Sobe ao palco e se ajoelha aos pés da Iara)

Permiti que beije sua mão, Majestade? Sua mão real onde meu amo, o Sol, colocou um anel de noivado?

A IARA

(Escondendo a mão)

— Não posso. Machuquei a mão.

O MORMAÇO

(Levantando-se)

— Oh, que pena! Como foi isto, Vossa Graça?

O SACI

(Aparecendo, zombeteiro)

— Conte Vossa Graça! Conte como é que Vossa Graça machucou a mão! Conte como é que Vossa Graça perdeu o anel!

O MORMAÇO

(Penalizado)

— O anel? O anel maravilhoso que vosso noivo, o Sol, vos deu ontem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 418

A IARA

(Transtornada)

— Bem, eu... *(Subitamente resoluta)* Vou contar. Vou contar a verdade. *(O Saci põe a mão na bôca, admirado)* A gente não deve nunca esconder a verdade, aconteça o que acontecer! *(Ao Mormaço)* Dizei a vosso amo que o Saci me enganou. Como eu não quiz casar com êle prometeu se vingar de mim e a melhor vingança que achou foi ameaçar de contar a meu noivo que tenho um pente mágico que me faz bonita.

O MORMAÇO

(Ao Saci)

— Seu malandro! Você o que merece é uma boa surra!

O SACI

(Assustado)

Oh! oh! oh! oh!
Eh! eh! eh! eh!
Tem dó, dó, dó
Do Pererê!

(Sai pulando)

A IARA

(Prosseguindo)

— Aí fiquei com mêdo que o Sol descobrisse o segrêdo do pente e entreguei-o.

O MORMAÇO

— E que foi que o malandro do Saci pediu em troca do pente?

A IARA

— O anel de noivado! O raio de sol mais precioso da minha vida!

O MORMAÇO

(Consolando a Iara)

— Não se desespere, Vossa Graça. Logo que o Sol souber vai ficar tão triste que haverá de repente noite no mundo. Mas depois tenho a certeza que compreenderá sua tristeza e lhe perdoará porque o amor dêle é enorme. Meu amo virá

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 419

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

vê-la de novo e dar-lhe-á outro anel, ainda mais lindo. Uma coisa apenas digo: o Saci será castigado! *(Inclina-se e se afasta pelo fundo)*

Abram alas! Me dêem passo!
Sou do Sol o mensageiro,
Do Rei Sol do mundo inteiro.
Abram alas ao Mormaço!

A IARA
(Feliz)

— Que bom, que bom, que bom! Mal posso acreditar em tanta felicidade!

AS ÁRVORES

(Dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Viva o riso de alegria,
Rainha da floresta!

A IARA

— Obrigada, obrigada. Mas primeiro vai ficar tudo escuro. *(Apontando o cenário, cujas luzes empalidecem)* Estão vendo? A estas horas meu noivo, o Sol, anda triste ao saber que entreguei meu anel ao Saci.

A QUARESMEIRA e a PAINEIRA
(Juntas)

— Mas depois vos dará outro raio de sol.

O IPÊ e o GUARABÚ
(Juntos)

— E depois o Saci será castigado.
(As árvores afastam-se aos risinhos para seus respectivos lugares) O cenário sombrio fica iluminado apenas por uma luz azul, como se fôsse de luar. A Iara senta na pedra e começa a cantar, risonha.

A IARA

Reino no reino das águas claras...
(Vendo que o Saci se aproxima cala e finge que está chorando)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.420

O SACI
(Solícito)

— Não choreis, Iarinha, não choreis não!

A IARA
(Altiva)

— Com que direito você me chama de Iarinha? Mais respeito, por favor!

O SACI
(Saliente)

— Ora! Para que tanta cerimônia? Vossa Majestade vai acabar mesmo é casando camigo...

Perepepê
Poropopó!
Com Pererê
Da perna só!...

(Curvando-se, cômico) Quereis casar comigo? Ah! ah! ah! Já tenho o anel de noivado! *(Apalpa os bolsos com espanto)* Ué!... Que é do raio de sol? Que é do raio de sol que estava aqui? *(Vira o bôlso pelo avêsso, desesperado)* Perdi o raio de sol! Perdi o raio de sol!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri, ri, ri!
Não tem jeito.
Bem-te-vi!
É bem feito!

AS ÁRVORES
(Em côro)

— Bem feito! Bem feito! *(Batendo palmas, juntas)*

Viva, viva! Viva, viva!
O Saci foi castigado!
Viva, viva! Viva, viva!
Perdeu o anel de noivado!

O SACI
(Furioso)

— Calem-se, bôbas! Nem tôda a floresta é amiga da Iara. Fiquem sabendo que tenho amigos, também. Há uns insetos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 421

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

pretos e vadios que são meus amigos e não gostam de vocês nem da rainha das águas. *(Chamando)* Insetos pretooos!... Insetos pretooos!... Venham cá! *(Entram os pirilampos mas sem lanterna: êle de barbas e ela de cabeleira, completamente brancas)*

O SACI
(Aos insetos)

— Não é verdade que vocês são meus amigos?

OS INSETOS
(Juntos)

— Somos.

O SACI

— Não é verdade que vocês não suportam a Iara?

OS INSETOS
(Juntos)

— Não suportamos.

O SACI

— Pois provem, se têm coragem!

OS INSETOS
(Juntos)

— Temos.

O INSETO
(À companheira inseto)

— Vamos rogar uma praga?

A COMPANHEIRA INSETO

— Uma praga bem rogada. Uma praga para a Iara.

O INSETO
(Marcando o compasso como se estivesse regendo orquestra)

Tomara, tomara
Que a Iara enrouqueça!
Que tôda água clara
De lôdo escureça!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,p. 422

A COMPANHEIRA INSETO
(Terminando)

Tomara que a Iara
Depressa envelheça!

OS INSETOS
(Juntos)

Tomara, tomara
Que a Iara enrouqueça!
Que tôda água clara
De lôdo escureça!
Tomara que a Iara
Depressa envelheça!

AS ÁRVORES
(Furiosas)

— Estes insetos pretos merecem castigo! Castigai-os, Majestade! Castigai-os!

A IARA
(Pensativa)

— Tendes razão.
(Ao público) Ao Saci não posso castigar porque o Saci não é meu súdito: é um gênio da floresta. Demais a mais já foi castigado. Mas aos insetos pretos posso. Posso e devo porque são uns invejosos e meus inimigos, à toa, à toa. *(Às árvores)* Qual é o castigo que devo dar aos insetos pretos?

AS ÁRVORES
(Juntas)

— Mandai-os procurar tôda a noite, a vida inteira, o raio de sol que o Saci perdeu!

A IARA
(Aos insetos, severa e majestosamente)

De hoje em diante, enquanto o mundo fôr mundo, todos os pirilampos estão condenados a procurar tôda a noite, a vida inteira, meu anel de noivado: o meu raio de sol que foi perdido! *(Os pirilampos abaixam a cabeça, saem correndo, voltam com lanterninhas verdes e começam a correr como se estivessem em busca de algo)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,p 423
REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

IARA

(Afastando-se, altiva, sob a musica de arpejos)

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

(A cortina vai fechando e aparece Dr. Pirilampo, já sem barba, que lembra ao público)

DR. PIRILAMPO

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?

(Pirilampinha aparece)

OS PIRILAMPOS

(Juntos)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 424

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPF NO AMAZONAS

RELATÓRIO DE ENSAIO-GERAL Nº 11/84

Peça Teatral: "O Caso dos Pirilampinhos"

Autora: Stella Leonardo

Classificação Etária: LIVRE

Grupo: Pirilampos

No dia 17 de julho últimos, às 9 horas, no Teatro Álvaro Braga, assistimos o ensaio-geral da peça acima especificada.

Trata-se de um texto infantil que versa sobre uma lenda alusiva à origem dos pirilampos. Além dos pirilampos propriamente ditos, há outros personagens como por exemplo a Iara, o Saci, a Aurora e o Sol, todos moldados bem ao gosto do público mirim.

As mensagens são simples e visam o entretenimento sadio das crianças.

A linguagem é clara e objetiva.

Quanto à composição cênica, os recursos de iluminação e som são usados com parcimônia. O guarda-roupa utilizado está de acordo com o descrito no "script".

A peça não apresenta nenhum inconveniente do ponto de vista censório, razão pela qual opinamos pela sua liberação com a chancela "LIVRE".

É o relatório.

Manaus, 18 de julho de 1984.

Raimundo Nonato de Araújo Souza

Técnico de Censura

Mat. 2.407.589

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.425

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SCDP/SR/DPF/AM

RELATÓRIO CENSÓRIO DE PEÇA TEATRAL (Confronto)

Título: "O CASO DOS PIRILAMPINHOS"
Autora: STELLA LEONARDOS
Classificação: LIVRE
Grupo: PIRILAMPOS

Procedemos ao confronto do texto acima referido com outro existente em nossos arquivos liberado com a classificação Livre por este SCDP, constatando identidade de conteudo emtre ambos. Por esta razão, sugerimos a liberação do mesmo com a mesma classificação dada ao anterior e, solicitamos seja expedido certificado de censura definitivo em nome do grupo requerente.

Manaus, 18 de julho de 1984

TC Ivaneide Moraes de Souza

TC Áurea de Lavor Torres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.426

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 09/84-SCDP/SR/AM (PROVISÓRIO)

PEÇA "O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

ORIGINAL DE STELLA LEONARDOS

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 18 de SETEMBRO de 1984

Manaus,
~~Brasília~~, 18 de julho de 1984

Ivanei de Moraes de Souza
Chefe do S.D.P./SR/DPF/AM
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P. 427

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

Original de Stella Leonardos

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por Luiz Cabral de Holanda

Tendo sido censurada em 17 de julho de 1984 e recebido a seguinte classificação: LIVRE

Manaus,
Brasília, 18 de julho de 1984

Chefe do Serviço de Censura

DPF—150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.428

PRÓLOGO

(Cai pirilampo entra pela [illegible] esquerda do palco, na ponta dos pés, segurando uma lanterna. Olha para os lados, procurando alguma coisa. De repente encontra.)

DR. PIRILAMPO

(Vestindo malha preta, colete [illegible] de cobre, um [illegible] às costas. À [illegible] um enorme [illegible])

— Oh!

PIRILAMPINHA

(Vestindo malha preta, colete [illegible] de pirilampo [illegible] às costas uma par de asas. À [illegible] um enorme [illegible])

— Que susto!

DR. PIRILAMPO

(Tapando a [illegible] com a [illegible])

— Ah, é você Pirilampinha?

PIRILAMPINHA

— Boa-noite, Dr. Pirilampo.

DR. PIRILAMPO

(Encon[illegible])

— Bom-dia!

PIRILAMPINHA

— Mas, professor, é Boa-noite. Boa-noite.

DR. PIRILAMPO

— Eu disse Bom-dia? Que distração! Foi um lapso de memória. Você é culpada, minha aluna. Sua beleza me enlouquece. De tôdas as pirilampinhas vôce é a "brilho" mais bonito!

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245,IP 429

PIRILAMPINHA
(Envergonhada, abaixando a cabeça)

— O senhor me encabula, Dr. Pirilampo. Como é que posso acreditar? O senhor, um sabe-tudo e eu uma cabeça-oca?

DR. PIRILAMPO

— Mas você é uma gracinha! Inteligência, sapiência e pirilampiência tenho de sobra para nós dois. (Impetuoso) Diga que está louquinha por mim! Que você perdeu a cabeça.

PIRILAMPINHA
(Apalpando o pescoço)

— Ah, não posso! Perder a cabeça, não. Gosto muito da minha cabeça e não sou nada distraída.

DR. PIRILAMPO
(Triste)

— Então você não gosta de mim.? Nem um bocadinho? De que vale minha pirilampiência?

PIRILAMPINHA
(Encabulada)

— Gosto, sim. Um bocadinho. O senhor não está contente?

DR. PIRILAMPO
(Desconsolado)

— Você me quer um bocadinho e eu queria que você me quisesse um bocadão.

PIRILAMPINHA

— De que tamanho?

DR. PIRILAMPO
(Pensativo)

— Do tamanho... de uma caixa de sapato. Daquela caixa de sapato furadinha onde o menino queria me guardar.

PIRILAMPINHA
(Assustada)

— Que menino? Onde está o menino? Não quero ficar prêsa numa caixa de sapato.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.430

DR. PIRILAMPO
(Aproveitando-se para abraçá-la)

— Sossegue, Pirilampinha. Despist[illegible] lá no campo. *(Em tom declamatório).*

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?
Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA
(Intrigada)

— De quem são êstes versos que o senhor recitou?

DR. PIRILAMPO
(Doutoral)

— Ah, isto é o último capítulo da "História dos Pirilampos", um ensaio que ando escrevendo. Quero ser Professor Catedrático em Pirilampologia. *(Tossindo, afetado).* Mas como ia dizendo, há meninos bons, também. Ontem à noite uma meninazinha me viu passar e gritou: "Mamãe, olhe que vagalume lindo!"

PIRILAMPINHA

— *Vagalume?* Como, professor? O senhor não se chama *Pirilampo?*

DR. PIRILAMPO
(Doutoral)

— Bem... Pirilampo ou Vagalume é a mesma coisa. As palavras vem do Grego e a outra do Latim. Tenho [illegible]

PIRILAMPINHA
(Ingênua)

— Pois eu pensei que me chamasse Pirilampinha por causa da minha lampinha verde, que minha mãe me deu.

DR. PIRILAMPO

— Ah, minha aluna, como sua ignorância é encantadora! *(Confidenciando.)* Pelo que vejo você não sabe nada do segrêdo de nossas luzes mágicas, nem de nossa misteriosa missão. Não sabe que foi por causa da lara, que nos deu ordem de irmos procurar o raio de sol: um raio de sol que era dela e foi perdido.

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P.431

PIRILAMPINHA
(Deslumbrada)

— Professor! O senhor como é sabido! Que cultura pirilampeante!

DR. PIRILAMPO
(Satisfeito)

— Vamos passear pelo campo? *(Repetindo com ênfase)*. Já viram como à noite os pirilampos...

PIRILAMPINHA
(Impaciente)

— Já sei. *(Apressadamente, como se soubesse de cor)*.

Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?

DR. PIRILAMPO
(Enfático)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA

— Acho que não vou passear com o senhor, não. O campo é comprido: vou ficar cansadississima.

DR. PIRILAMPO

— Mas se eu contar uma história o tempo passará depressississimo.

PIRILAMPINHA
(Tentada)

— Está bem: mas só se o senhor contar o caso dos pirilampinhos. Por que foi que a Iara mandou os pirilampos buscarem o raio de sol? Que raio de sol é esse?

DR. PIRILAMPO
(Terno)

— Escute, meu bem. *(Piscando o ôlho para o público)*. Será a aula mais pirilampesca de minha vida! *(Puxa Pirilampinha pela mão)*. Foi há muito, muito tempo. Um dia...
(Vão se afastando para um lado e a cortina se abre sôbre o 1.º ATO).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 432

1.º ATO

Clareira na floresta. Em primeiro plano, as árvores (Negros e môças com malhas inteiriças castanhas e cabeleiras ornadas de flôres coloridas). O ipê ao lado da quaresmeira e o guarabu ao lado da paineira. Ao fundo, surge lépida, quase dansando, uma adolescente de túnica leve e rosa, passando uma brocha dourada numa nuvem.

O SACI

(Vestindo malha escura, barrete vermelho. À bôca, um cachimbo)

— Olá, Aurora! Por que você se apressa tanto?

A AURORA

(Interrompendo-se)

— Sonhei demais e levantei tarde. Agora preciso pintar esta nuvenzinha antes do sol chegar. Meu pincel de luz está meio gasto.

O SACI

— Eu, se fôsse você, entornava o resto de tinta em voz de ficar puxando o pincel, de cima para baixo, de baixo para cima.

A AURORA

(Satisfeita)

— Que boa idéia! Fica até mais bonito. Umas nuvens manchadas de côr de rosa, outras de alaranjado, outras de amarelo. Você é um artista, Saci! Amanhã vou fazer como você disse. Hoje não posso porque o Bem-te-vi anda nos espiando. Êle conta tôdas as travessuras que vê. Começa cantando assim:

Ri! ri! ri!
Bem-te-vi!
Bem-te-vi!

Depois conta.

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 433

O SACI

— Pois eu também sei cantar. Quer ver? *(Gaiato)*

Perepepê!
Poropopó!
Saci Pererê
De uma perna só!

A AURORA
(Espantada)

— Você não tem duas pernas?

O SACI

— Lógico!

A AURORA

— Então por que grita que tem uma perna só?

O SACI

— Porque dizem que só tenho uma, por aí. E não quero ser mal educado com todo mundo. Deixe os bobos pensarem que tenho uma só, mesmo. É mais engraçado. *(Rindo)*. Olhe como me visto: meto os dois pés juntos numa calça com *uma* perna em vez de duas. E saio pulando. É meu truque.

A AURORA
(Rindo)

— Saci, Saci! É muito feio zombar dos outros.

O SACI
(Gaiato)

Perepepê!
Poropopó!
Não tenha dó.
Seu Pererê!

(Sério). O Bem-te-vi também canta e zomba.

A AURORA

— Mas o Bem-te-vi é o vigia da mata. Êsse é o emprêgo dêle. Ver tudo, contar tudo. *(Misteriosa)* Ah! se você soubesse o que êle me contou!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 434

O SACI

— Que foi? Que foi?

A AURORA

— Que viu a Iara, imagine! E que a Iara vinha para cá!

O SACI

— Duvido! Aquela Iara bonita, de cabeleira verde cor de limo? *(A Aurora afirma de cabeça)* A rainha das águas cantantes? Não pode ser. A Iara mora no fundo do rio. Ela só sai d'água uma vez por ano. Senta numa pedra coberta de musgo e fica se penteando com seu pente mágico *(Confidenciando)*. É o pente mágico que faz ela bonita, sabe? Se não fôsse o pente ficaria feia, feia.

A AURORA

— Naturalmente! Onde se viu uma môça bonita de cabelo emaranhado? *(Olhando para a esquerda)* Psiu! Aí vem ela! Repare: até as árvores acordam e se mexem, encantadas. Vamos nos esconder. *(As árvores começam a se espreguiçar, abrem os olhos, deslumbradas, e estendem os braços em direção à Iara. Escuta-se, acompanhado por música de atabaque, o vocitativo da Iara que vem chegando, um espêlho de prata e um pente cintilante na mão).*

A IARA

Reino no reino das águas mansas
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

AS ÁRVORES

(Correndo, dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Viva o riso de alegria.
Rainha da floresta!

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 435

A IARA

(Afastando-as com um sorriso)

— Obrigada, árvores minhas súditas. Podeis voltar a vossos lugares. *(Enquanto as árvores obedecem, a Iara senta-se numa grande pedra esverdeada, e começa a pentear-se, olhando-se no espêlho... Preguiçosamente)*

O SACI

(À Aurora)

— Por que as árvores estão contentes?

A AURORA

— Porque hoje é o dia do noivado da Iara. Vão chegar os pretendentes, cada qual com um presente mais bonito. O que souber agradar casará com ela.

O SACI

— Pois então vou pedir a mão da Iara em casamento antes que os outros cheguem. Nem preciso de presente, você vai ver! *(Sai do esconderijo, pulando, e dirige-se à Iara)*. Majestade!

A IARA

(Distraída)

— Sim?...

O SACI

(Estufando o peito)

Perepepê!
Poropopó!
Sou o Pererê
Da perna só!

(Curvando-se exageradamente) Quereis casar comigo, Majestade?

A IARA

(Enfadada)

— Eu já conheço sua cantiga, Saci Pererê. É só isto que você sabe cantar?

O SACI

— Não. Sei esta, também: *(Ameaçador)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 436

Poropopó!
Perepepê!
Não tenho dó:
Sou o Pererê!

Que tal? Gostais?

A IARA
(Impressionada)

— Mas você não tem dó mesmo, Saci? Não tem pena de ninguem? Você só quer viver por aí fazendo travessura e zombando dos outros?

O SACI
(Fátuo)

Só, só, só, só.
Não tenho dó.
Não tenho dó.

A IARA
(Desgostosa)

— Você é prosa demais para ser meu noivo. Sinto muito, Saci, mas não posso casar com você.

O SACI
(Zangado)

— Ah, é assim! não é, Majestade? Não quereis casar comigo? Vossa Majestade vai se arrepender! Hei-de fazer uma travessura e de pregar uma boa peça!

(Afasta-se pulando e a Iara dá de ombros e recomeça a pentear-se. As árvores abafam risinhos com as mãos).

A AURORA
(Ao Saci)

— Saci, Saci, tenha juizo, Saci!

O SACI
(Amolado)

Ora, ora,
Mana Aurora!
Guarde só:
Vou-me embora.
Mas sem dó.

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p 437

A AURORA

(Detendo-o pelo braço)

— Não vai já, não. Espere que estão chegando dois pretendentes à mão da Iara.

O SACI

(Interessado)

— Ah! é? Vou ficar espiando. Já que a Iara não quis casar comigo tomara que dê o fora nêles! *(Espiando)* Onde estão os pretendentes? Quem são os pretendentes?

A AURORA

— Calma, calma. Um é o Curupira verde, de cabelo encarnado, o Curupira que toma conta das árvores. O outro, deixe ver... Ah! O outro é o Boitatá côr de fogo, que dá susto nos bobos e medrosos. *(Enquanto a Aurora e o Saci espreitam, entram Curupira e Boitatá, de braços dados. O Curupira vestindo malha inteiriça verde, tanga de fôlhas, cabeleira encarnada. O Boitatá vestindo malha inteiriça alaranjada, cabeleira azul, cobra verde enrolada no torso).*

CURUPIRA e BOITATÁ

(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Casar por bem ou mal.

O CURUPIRA

(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal!

CURUPIRA e BOITATÁ

(Curvando-se diante da Iara)

— Majestade!

A IARA

(Distraída)

— Sim?...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 438

A AURORA

— Corre, Saci! Vai apartar a briga!

O SACI
(Chegando-se aos que brigam)

Poropopó
Perepepê!
Me escutem só!

(Tocando no ombro do Curupira) Você! *(Tocando no ombro do Boitatá)* Você!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Juntos)

(Interrompendo a briga e avançando para o Saci)

Que perepepê
Que poropopó:
Não se meta, Pererê!
Tome, tome, tome só!

Nós vamos, vamos, vamos
Lutar por bem ou mal.

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

O Principe dos Ramos!

O BOITATÁ
(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal!
(Avançam para o Saci, de novo).

O SACI
(Pulando e fugindo)

Ui, ui, ui, ui!
Que bôbo fui!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Rindo)

Oi, oi, oi, oi!
Que bôbo foi!

(Atracam-se de novo).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p-439

O CURUPIRA

— Quereis casar comigo?

O BOITATÁ

— Quereis casar comigo?

A IARA
(Aos dois)

— Que me trazeis de presente?

O CURUPIRA
(Adiantando-se)

Um favo de mel
Roubado da abelha.

O BOITATÁ
(Adiantando-se)

A cobra coral
Pretinha e vermelha.

A IARA
(Desgostosa)

— Sinto muito, meus senhores: não posso me casar com nenhum dos dois. *(Ao Curupira)* Estou farta de ouvir falar mel demais em minha voz. De mais a mais, Seu Curupira, o senhor que toma conta das árvores, não devia tirar mel a pobre abelha. Isto não se faz. *(Ao Boitatá)* E o senhor, Seu Boitatá, teve muito mau gôsto. Que idéia de dar de presente!

O CURUPIRA
(Zangado, ao Boitatá)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de roubar o favo de mel!

O BOITATÁ
(Zangado, ao Curupira)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente a cobra coral. *(Engalfinham-se. A Iara leva as mãos aos olhos e as árvores levam as mãos às bôcas).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 440

A IARA
(Gemendo)

Ai! ai! ai! Deixai de briga
Que quero ser vossa amiga!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Parando, incontinenti)

— Vamos fazer as pazes? Vamos fazer as pazes?

A AURORA
(Do esconderijo)

— Façam logo, meus rapazes!

O CURUPIRA
(À Iara)

— Me dai um beijinho, então! *(Estica o rosto e fecha os olhos)*

O BOITATÁ
(À Iara)

— Me dai um beijinho, então! *(Estica o rosto e fecha os olhos)*
(A Iara beija os dois, na testa)

A IARA
(Brejeira)

— Dou beijinhos. A mão, não.

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Bem-te-vi!
Bem-te-vi!

CURUPIRA e BOITATÁ
(Dando-se os braços)

Vamos, vamos, vamos, vamos.
Antes por bem que por mal.

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

Eu sou o Príncipe dos Ramos!

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P 441

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

Eu sou o Rei do Pantanal!

(Somem nos bastidores. A Iara recomeça a pentear-se).

A AURORA

(Pegando o balde e a brocha)

— Também tenho de ir.

O SACI

— Que pena!

A AURORA

— Meu tempo aqui se acabou, Saci. Já pintei a última nuvem que precisava ser pintada. Sinto o calor do sol. Sempre que o sol pisa o mundo a Aurora parte. Até à vista! *(Sai, apressada)*

O SACI

(Acenando)

— Até à vista! *(Põe as mãos nos olhos, como se estivesse ofuscado e fixa a platéia)* A Aurora tem razão. Lá vem o Sol! Todo dourado, com seu arco e suas flechas de ouro! *(O Sol, vestido como um arqueiro de túnica curta de lamê e cabeleira de ouro reluzindo, entra pelo centro da platéia com uma luz focando-o).*

O SOL

(Dirigindo-se ao palco)

Que cante o rouxinol
Outro dia de festa!
Que se alegre a floresta
À chegada do Sol!

A IARA

(Avistando-o e levando a mão ao coração)

Minhalma é um girassol
Que à luz do sol se cresta!
Meu sonho, um rouxinol
Cantando na floresta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0245, p. 442

O SOL

(Subindo ao palco e dirigindo-se a Iara)

Que cante o rouxinol
Outro dia de festa!
Que se alegre a floresta
À chegada do Sol!

O SACI

(Despeitado, do esconderijo)

Isto parece namôro.
Pudera: êle tem tanto ouro!...

O SOL

(À Iara)

Quem sois vós, princesa clara,
Cabelos côr de esperança?

A IARA

Sou rainha d'água mansa.

O SOL

Já sei: vosso nome é Iara. *(Ajoelha-se e beija-lhe a mão)* Quereis casar comigo?

A IARA

(Alegre)

— Com muito prazer, amigo!

O SOL

(Tirando do bôlso um anel e enfiando-o no dedo da Iara)

— Eis um raio de sol como anel de noivado!

AS ÁRVORES

(Correndo, dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara e do Sol)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Há um noivado de poesia!
Há um noivado na floresta!

(O Curupira e o Boitatá reaparecem, um com uma coroa de fôlhas, outro com um lírio)

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 443

CURUPIRA e BOITATÁ

(Juntos)

Vamos, vamos, vamos, vamos.
Não aplaudir fica mal.

O CURUPIRA

(Oferecendo o que traz)

Uma coroa de ramos!

O BOITATÁ

(Oferecendo o que traz)

Um lírio do pantanal!

(Os dois entram na roda, de mãos dadas com as árvores e cirandam, cantando. O Sol e a Iara, ao centro, se olham, embevecidos, êle segurando com a mão livre a coroa de ramos; ela, o lírio)

TODOS

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Há um noivado de poesia!
Há um noivado na floresta!

O SOL

(Risonho)

— Obrigado, amigas árvores! Obrigado, amigo Curupira! Obrigado, amigo Boitatá! Só o Saci não veio nos felicitar. *(Chamando)* Saci! Onde é que você está escondido?

AS ÁRVORES

(Juntas, cada qual numa direção)

— Saciiii!?...

CURUPIRA e BOITATÁ

(Afastando-se, um à direita e outro à esquerda)

— Saciiii!?...

O SOL

(Examinando a platéia)

— Saciii!... Algum de vocês pode me informar onde se escondeu o Saci? *(Fingindo que ouviu informação)* Obrigado, amigo! *(Ao Saci)* Ouça, Saci Pererê! Se você não quer sair daí já, já, atiro uma flecha de luz!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 444

O Saci
(Cômico, saindo do esconderijo)

Oh! oh! oh! oh!
Eh! eh! eh! eh!
Tem dó, dó, dó
Do Pererê!

A Iara
(Intervindo, benevolente)

— Não se assuste, Saci. Meu noivo falou de brincadeira. Flecha de sol não fere ninguém.

O Saci
(Piscando o ôlho para o público)

— Mas arde. E hoje, então, que seu noivo está ardente... *(A Iara sorri, suspira e senta na pedra contemplando o ar, embevecida)*

O Sol
(Intrigado, ao Saci)

— Diga-me uma coisa: por que você estava escondido em vez de vir me dar os parabéns pelo meu noivado? Com certeza anda inventando uma travessura qualquer.

O Saci
(Fingindo-se inocente)

— Eu, Rei Sol? Eu, Majestade? Eu não pensava em travessura, não. *(Ao público)* Êle me paga! A Iara vai casar comigo e ficou noiva dêle. *(Ao Sol)* Mas... aquêle canto porque a luz de Vossa Majestade... cega e queima a gente. Imagine eu, que sou... *(Humilde)*

Perepepê
Poropopó:
Sou o Pererê
Da perna só.

O Sol

— Ah, é mesmo! Você não é gente: é um gênio da flo... Um gênio travêsso: por isso não gosta da minha luz. ... clareando logo as suas idéias! *(Olhando a Iara, encan...)* Mas que eu sou brilhante sou, não é?

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 445

AS ÁRVORES
(Em côro)

— Éééééé!...

O SOL

— Rei tão nobre e brilhante feito eu não existe neste mundo. Veja como a Iara se apaixonou por mim! *(Apruma-se, orgulhoso)* Foi muito curto o namôro.

O SACI
(Despeitado, ao público)

— Pudera! Êle tem tanto ouro!

O SOL
(Virando-se, ao Saci)

— Que foi que você disse?

O SACI
(Assustado)

— Nada, Majestade!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Bem que ouvi!
Bem que ouvi!

O SOL
(Desconfiado)

— Que foi que o Bem-te-vi ouviu?

O SACI
(Assustado)

— Ora! Que podia ser, Majestade? Que eu e todas as árvores da floresta andamos dizendo: como o Sol é brilhante! Rei tão nobre e tão brilhante não existe neste mundo! —

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Seu Saci:
Não foi isto
O que ouvi!

(As árvores começam a rir)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.446

O SACI

— Está esquentando, está esquentando. Mas ainda não é.

A IARA
(A Saci)

— Não diga, Saci, não diga!

O SACI
(À Iara)

— Pois então me entregue o pente!

A IARA
(Aflita)

— Você me devolve o pente, depois?

O SACI

— Dou minha palavra de Saci! *(Ao público)* Vocês já viram Saci ter palavra?

Perepepê
Poropopó?
O Pererê
Da perna só?

A IARA
(Lutando)

— Se você diz que me devolve...

AS ÁRVORES
(Aflitas, agitando os braços)

— Não entregue o pente! Não entregue o pente! Vossa Majestade não vê que o Saci está com raiva? Quer se vingar porque Vossa Majestade não quis casar com êle?

A IARA
(Às árvores)

— Tenho de entregar o pente, senão o Saci conta a meu noivo o segrêdo de minha beleza e como sou mulher sou vaidosa: não quero que o Sol descubra que devo meu feitiço ao pente, que minha beleza não é tão natural.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,IP.447

O SACI
(Fingindo-se indignado)

— Vossa Majestade tem coragem de matar os peixinhos?

O SOL
(Protestando)

— Mas eu não mato. Flecha de sol não mata ninguém.

A IARA
(Ao Sol)

— Ah, meu noivo, como você é bom! É você que ajuda a crescer as plantas, desabrochar as flôres e a amadurecer os frutos. É você que traz alegria ao céu e à terra. *(O Sol inclina-se, agradecido e sorridente)*

O SACI
(Ao público)

— Mas só eu é que sei o segrêdo da beleza da Iara. Só eu é que sei que sem o pente mágico a Iara perde a beleza. Vou dar um susto nela. *(Ao Sol)* Já que Vossa Majestade conhece tão bem o reino da Iara pode me responder qual é o mistério que a Iara tem?

O SOL

— Um reino fascinante!

O SACI

— Não, não é.

O SOL

— Uma vida fascinante!

O SACI

— Não, não é.

O SOL

— Uma voz fascinante!

O SACI

— Não, não é.

O SOL

— Uma beleza fascinante!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.448

AS ÁRVORES

(Zangadas)

— Saci malvado! Você não tem dó de ninguém?

O SACI

(Escondendo o pente da Iara no bôlso)

Poropopó!
Perepepê!
Não tenha dó,
Seu Pererê!

O SOL

(Que estava completamente absorto, pensando na resposta)
— Então: qual é o mistério que a Iara tem?

O SACI

(Bajulador)

— Uma graça fascinante, Majestade!

O SOL

(Satisfeito)

— É certo. Antes de tudo minha noiva tem uma graça fascinante. E a graça na mulher é um mistério maravilhoso.

O SACI

(Ao público)

— Posso ser mentiroso mas que a Iara é a graça em pessoa é, não acham?

AS ÁRVORES

— Éééééé!... Mesmo sem pente a Iara é graciosa.

O SOL

(Oferecendo o braço à Iara)

— Vem, minha noiva! Vamos dar um passeio pela floresta encantada. De hoje em diante o mundo inteiro há-de chamar a Iara não sòmente Vossa Alteza mas Vossa Graça porque a graça da Iara é real. Viva Vossa Graça!

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p.449

O Sol

(Ao Saci.)

— Acho que você não está dizendo a verdade. O Bem-te-vi disse que êle ouviu outra coisa. Que foi?

O Saci

(Atrapalhado)

— Neste caso deve ter sido a voz da Iara quando saiu do fundo d'água. Ah, que voz doce, Majestade!

O Sol

(Encantado)

— Fala, minha noiva. Como é tua fala quando sais do fundo d'água? *(A Iara levanta-se, ajudada pelo Sol. Ouve-se a mesma música de arpejos e a voz da Iara recitando)*

A Iara

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

O Sol

Tens cabeleira côr de esperança.
Dás esperança a quem te depara!

A Iara

Sou a rainha das águas mansas.

O Sol

Teu reino é de água cantante e clara.

O Saci

(Saliente)

— Vossa Majestade, ó sol, conhece o reino de sua [illegible]

O Sol

— Um pouco. Tenho passeado por cima da corrente[illegible] mido entre as pedras da beira do rio e atirado algu[illegible] chas douradas nos lugares fundos para ver os peixinh[illegible] çarem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 450

AS ÁRVORES
(Aplaudindo)

— Vivaaa!... Viva Vossa Graça Reaaaa!!...

A IARA
(Nervosa, ao Saci)

— Saci, meu amigo Saci!

O SACI
(Irônico)

— Amigo, hein, Majestade? Não posso ser seu amigo. Como é que posso ser seu amigo se tenho paixão por Vossa Majestade, e Vossa Majestade, senhora, me desprezou?

A IARA
(Altiva)

— Se você não tem coração tenha ao menos palavra! Vou dar um passeio. Na volta exijo meu pente mágico! Combinado?

O SACI
(Curvando-se, amável)

— Pois não! *(Ao público)* Pois sim! Devolvo coisa nenhuma!

O SOL
(Ao Saci)

— Como é?!... Que foi que você resmungou, Saci?

O SACI
(Assustado)

— Eu? Que foi que resmunguei? Bem, eu... Ah! F... até breve!

O SOL
(De braço com a Iara)

— Até breve!

O SACI
(Danado, por entre dentes)

— Até nunca!

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.451

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Bem que ouvi!
Bem que ouvi!

(As árvores acenam, risonhas, aos noivos que se afastam. O Sol e a Iara vão sumindo)

O SACI

(Interpelando a platéia, sarcástico)

— Vocês pensam que vou devolver o pente da Iara? *(Fingindo que ouve qualquer coisa)* Que sim? Hum! Veremos!

(Sai e o cenário escurece)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.452

ENTREATO

(Entram os dois pirilampos, apressados, de um lado do palco, à frente da cortina aberta e do cenário escurecido)

DR. PIRILAMPO
(Nervoso)

— Ai, que aflição! Que aflição enormessissima!

PIRILAMPINHA
(Nervosa)

— Que foi, Dr. Pirilampo? Que foi que aconteceu?

DR. PIRILAMPO
(Tateante)

— Caiu pólen dourado nos meus olhos. Não enxergo um milímetro adiante do nariz. Me ajude, minha aluna! Você não tem um lencinho de pétala de lírio que me empreste?

PIRILAMPINHA
(Solícita)

— Tenho, sim. *(Põe a lanterna no chão e tira um lenço da bolsa)* Abra os olhos, Dr. Pirilampo, que vou tirar os ciscos já! *(Fica na ponta dos pés e tenta)* Não se mexa! Não se mexa! Assim! Pronto?...

DR. PIRILAMPO
(Gemendo)

— Não, Pirilampinha. Continuo cego. Como é que se tira cisco da vista? Meu "Dicionário Pirilampoesco" não ensina.

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 453

PIRILAMPINHA

(Pedante)

— Pois olhe, nunca abri nenhum dicionário mas vou lhe ensinar. O senhor esfrega primeiro o ôlho esquerdo bem devagarinho, depois o ôlho direito, e vai dizendo:

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

DR. PIRILAMPO

(Esfregando um ôlho)

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

OS PIRILAMPOS

(Juntos)

(Dr. Pirilampo esfregando o outro ôlho)

Cisco, cisquinho,
Cisco levado,
Deixai meu olhinho
Olhar sossegado.

PIRILAMPINHA

— Saíram os ciscos?

DR. PIRILAMPO

— Continuo cego.

PIRILAMPINHA

(Espantada)

— Os ciscos não saíram?

DR. PIRILAMPO

— Saíram, sim. Muitíssimo obrigado, Pirilampinha. Dos olhos fiquei bom. O que me cega é meu amor por você. Um amor cego!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0245, p.454

PIRILAMPINHA

— Mas que bobagem, professor! Se seu amor é cego como é que me pode ver? E logo eu que adoro que me vejam bem e me achem elegante! *(Brejeira)* Sabe o que me disse o Zé Besouro na outra noite?

Pirilampa, lampa, lampa.
Pirilampinha dengosa,
Nem na serra nem no pampa
Vi nenhuma tão graciosa!

DR. PIRILAMPO
(Enciumado)

— Quem foi que disse isto? Aquêle besourão barrigudo que nunca conseguiu ler a cartilha nem decorar a tabuada?

PIRILAMPINHA
(Despeitada)

— Êle pode ser barrigudo, êle pode ler mal e se atrapalhar nas contas. Mas que é poeta é. Tôda mulher gosta de versos. O senhor, Dr. Pirilampo, com tôda sua pirilampiência e sua ciência pirilampológica nunca me fêz um verso de pé quebrado.

DR. PIRILAMPO
(Indignado)

— Naturalmente! Os versos que faço são sempre de pés perfeitos, perfeitississimos! Escute só: *(Amoroso)*

Pirilampa, flor do campo,
Pirilampinha faceira!
Meu amor de pirilampo
Será teu a vida inteira!

PIRILAMPINHA
(Batendo palmas)

— Ah, que poesia mais linda!

DR. PIRILAMPO
(Prosa)

— Você não viu nada, ainda! *(Recitando)*

Estrêla verde do campo!
Pirilampinha bonita!
Meu amor de pirilampo
Reluz com luz infinita!

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.455

PIRILAMPINHA

— Que maravilha, professor! Como é mesmo? *(Tentando lembrar)* Estrêla verde do campo... *(Interrompendo-se)* Por falar em campo me lembrei dos outros versos:

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam-piscam nos vales e nos campos,
Feito olhos verdes numa noite escura?

DR. PIRILAMPO
(Terminando)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

PIRILAMPINHA
(Intrigada, ao público)

— É preciso descobrir êste mistério. Descobrir de uma vez. Não entendo. *(Ao pirilampo)* Por que o senhor interrompeu a história de repente? Que é que nós, pirilampos, temos de ver com isto? Ainda não vi nenhum pirilampo entrar na história.

DR. PIRILAMPO

— Você vai ver. Nem eu nem você, é claro, mas nossos... deixe ver: nem bi, nem tri, nem tetravós. Mais, mais velhos: os primeiros pirilampos do mundo. Os avós pirilampos que nos deixaram estas lanterninhas de presente.

PIRILAMPINHA

— Conte, conte, professor! O Saci devolveu o pente da Iara, afinal?

DR. PIRILAMPO
(Entregando-lhe a lanterna que estava no chão)

— Bem, o Saci... *(Dando o braço à Pirilampinha)* Vamos continuar nosso passeio. Preste atenção, Pirilampinha. *(Para o público)* E vocês prestem também que as peripécias continuam. *(À Pirilampinha)* Pois é, minha aluna. O Sol e a Iara se afastaram e o Saci guardou o pente mágico mas...

(Afastam-se até sumirem de um lado e a cena continua, incontinenti, com o 2.º ATO).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 456

2.º ATO

(As árvores se espreguiçam e bocejam na penumbra)

A AURORA
(Entrando com o balde e a brocha)

— Boa-madrugada, árvores!

AS ÁRVORES

— Boa-madrugada, Aurora!
(A Aurora faz que sacode o pincel e luzes rosadas clareiam o cenário)

A AURORA
(Às árvores)

— Quais são as novidades da floresta? *(As árvores sacudem as cabeças, desanimadas)* Mas como vocês estão tristes!

A QUARESMEIRA
(Suspirando)

— De uma tristeza mais roxa que o roxo das minhas flôres.

A AURORA

— Por quê? A Iara e o Sol não ficaram noivos? Não foi noivado feliz?

A PAINEIRA

— Foi: mais feliz e côr de rosa que o rosa côr das minhas flôres.

A AURORA

— Então deixem-se de tristeza! O Sol não deu um anel à noiva?

O IPÊ

— Deu. Deu um anel de ouro puro, mais puro que a côr do ouro das minhas flôres.

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245 ip.457

A AURORA

— Mas então não compreendo! O amor dos noivos um pelo outro acabou?

O GUARABU

— Ao contrário. O amor dêles continua vivo. Mais vivo e vermelho que o vermelho vivo das minhas flôres.

A AURORA

— Quem é que está atrapalhando o noivado, árvores?

AS ÁRVORES
(Juntas)

— O Saci.

A AURORA

— Que foi que o Saci fêz?

AS ÁRVORES
(Juntas)

— Está com o pente da noiva, o pente mágico.

A AURORA
(Surpresa)

— Não digam! Coitada da Iara! Nunca pensei que o Saci pudesse ser tão mau. Que brincadeira de mau gôsto! *(Procurando)* Saciiii?!... Saciii?!

O SACI
(Aparecendo, prosa)

Perepepê
Poropopó!
Sou o Pererê
Sem dó, sem dó!

A AURORA
(Severa)

— Sua cantiga não tem a menor graça.

AS ÁRVORES
(Juntas)

— A menor graça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.458

O SACI

(Fazendo uma careta e tapando os ouvidos)

— A propósito de graça: onde anda Sua Graça Real, a Iara?

A AURORA

(Aborrecida)

— Deixe a Iara em paz. A Iara não pode perder tempo com um palhaço feito você. Devolva-lhe logo o pente e desista de fazer a côrte, seu bôbo!

O SACI

(Ao público)

— Vocês me acham com ar de palhaço? *(Como que ouvindo a resposta)* Quê? Ah! Com ar de bôbo da côrte? *(Zangado)* Pois bem, até os palhaços e os bôbos da côrte se apaixonam. *(Escusando-se, dolorosamente)* Que culpa tenho de me haver apaixonado por uma rainha?

A AURORA

— E que culpa tem a Iara de ter paixão por um rei? o Rei Sol! Devolva o pente, Saci!

AS ÁRVORES

(Juntas)

— Devolva!

O SACI

(Ao público)

— Vocês acham que devo devolver? *(Fingindo que ouve conselho)* Depende, depende. Talvez eu devolva se ela me pedir e...

A AURORA

(Puxando o Saci)

— Psiu! Lá vem a Iara!

(O Saci e a Iara se escondem. Escuta-se a música de arpejos e a Iara entra)

A IARA

(Triste)

Reino no reino das águas mansas.
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 459

AS ÁRVORES

(Juntas)

— Boa-madrugada, Rainha. Boa-madrugada, Vossa Graça!

A IARA

— Boa? Quem me dera! Minha madrugada de hoje é triste. *(Levando a mão ao peito)* Se ao menos eu tivesse um amigo, alguém que convencesse o Saci a me devolver o pente mágico... *(O Curupira e o Boitatá surgem, de braços dados)*

CURUPIRA e BOITATÁ

(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Tentar por bem ou mal.

O CURUPIRA

(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ

(Batendo no peito)

O Rei do pantanal! *(Confabulam)*

O CURUPIRA

(Curvando-se ante a Iara)

— Majestade!

O BOITATÁ

(Curvando-se ante a Iara)

— Majestade!

A IARA

(Animando-se)

— Sim?

O CURUPIRA

— Vou convencer o Saci a devolver o pente.

O BOITATÁ

— Vou convencer o Saci a devolver o pente.

A IARA

— Obrigada, amigo Curupira. Obrigada, amigo Boitatá.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245/P.460

O BOITATÁ
(Procurando)

— Onde se meteu o Saci?
(Bota as mãos nos olhos e encara a platéia)

O CURUPIRA
(Procurando)

— Onde se meteu o Saci?
(Bota as mãos nos olhos e encara a platéia)

O SACI
(Aparecendo, gaiato)

Perepepê
Poropopó!
Sou o Pererê
Da perna só!

O CURUPIRA
(Enérgico)

— Devolva o pente!

O BOITATÁ
(Enérgico)

— Devolva o pente!

O SACI
(Zombeteiro)

— Se eu devolver que é que vocês me dão em troca?

O CURUPIRA
(Adiantando-se e oferecendo)

Um favo de mel
Roubado da abelha.

O BOITATÁ
(Adiantando-se e oferecendo)

A cobra coral
Pretinha e vermelha.

REPRESENTAÇÃO DA
SBAT
AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 461

O SACI

(Chupando o favo, gulosamente, e enrolando a cobra no pulso) — Hum! Êste mel não presta! E esta cobra não serve nem para pulseira de relógio. *(Ao público)* Êste tal de Curupira, e êste tal de Boitatá são dois bocós. O mel está muito gostoso e a cobra coral é uma jóia linda. *(Ao Curupira e ao Boitatá)* Sinto muito, meus senhores. Não posso fazer nenhum negócio com nenhum dos dois.

O CURUPIRA
(Zangado, ao Boitatá)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente o favo de mel!

O BOITATÁ
(Zangado, ao Curupira)

— Você me paga! Foi você quem me deu a idéia de dar de presente a cobra coral!

(Enquanto o Saci torna ao esconderijo, engalfinham-se)

A IARA
(Aflita)

— Parem, parem! Vocês não devem brigar por causa do Saci! É isto o que êle quer: confusão.

O CURUPIRA
(Coçando a cabeça)

— É mesmo.

O BOITATÁ
(Coçando a cabeça)

— É mesmo.

O CURUPIRA

— Enquanto nós brigávamos o Saci fugiu.

O BOITATÁ

— Enquanto nós brigávamos o Saci se escondeu.

O CURUPIRA
(Ao Boitatá)

— Vamos fazer as pazes?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 462

O BOITATÁ

— Vamos procurar o Saci?
(Apertam-se as mãos e dão-se os braços)

CURUPIRA e BOITATÁ
(Juntos)

Nós vamos, vamos, vamos
Achar por bem ou mal!

O CURUPIRA
(Batendo no peito)

O Príncipe dos Ramos!

O BOITATÁ
(Batendo no peito)

O Rei do Pantanal! *(Saem)*

A IARA
(Pensativa)

— Coitados: êles são bonzinhos mas não têm um pingo de esperteza. *(Levanta-se da pedra, olhando à volta)* Saciii?!... Sacizinhoooo?!....

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri! ri! ri!
Ah! ah! ah!
Bem que vi:
Está lá!

A IARA
(Como que seguindo uma pista)

— Obrigada, Bem-te-vi! *(Ao Saci, implorante)* Sacizinho, devolva o pente! *(Dando com a Aurora)* Aurora, minha amiga, ajude-me! *(Às árvores)* Árvores, minhas súditas e amigas, ajudem-me!

A AURORA
(Ao Saci)

— Saci Pererê, se você devolver o pente da Iara eu lhe dou meu pincel de luz e meu balde de tinta encantada.

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 463

O SACI
(Fazendo pouco)

— Não quero. Sou muito preguiçoso. Só sei pintar o sete: as nuvens, não.

A QUARESMEIRA

— Saci Pererê, se você devolver o pente da Iara eu lhe dou minha cabeleira de flôres roxas.

O SACI

— Não quero.

A PAINEIRA

— E eu lhe dou meus sonhos de flôres côr de rosa.

O SACI

— Não quero.

O IPÊ

— E eu lhe dou meu manto dourado de flôres.

O SACI

— Não quero.

O GUARABU

— E eu lhe dou minha alegria, vermelha e florida.

O SACI

— Não quero.

A AURORA

— Saci, Saci, quem tudo quer tudo perde. Que é que você quer em troca do pente mágico, Saci?

O SACI
(Ao público)

— Tenho um plano. Vou pedir o anel de noivado da Iara. Assim o Sol vai brigar com a noiva e é até capaz de não casar com ela. Se não casar estou vingado. *(Esfregando as mãos)* Ah! que vingança boa! Que vingancinha venenosa! *(À Iara)* Sabe, Vossa Majestade que desejo em troca do pente mágico? O seu anel de noivado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 464

(Ao público) O azar das mulheres é serem tão vaidosas. *(Vendo a Iara chorar)*

Poropopó
Perepepê!
Não tenho dó:
Sou o Pererê!

A AURORA
(Sevcra)

— Você vai se arrepender dessa maldade, Saci!

AS ÁRVORES
(Juntas, gemendo)

— Você vai se arrepender!

O SACI
(Desafiante)

— Me contem como!

A AURORA
(Pegando o balde e a brocha)

— Não tenho mais tempo. Só direi que o raio de sol é mágico, também, e que fora do dedo da Iara... *(Olhando o céu)* É hora do Sol chegar ao mundo. Vou me embora correndo. *(Sai, apressada)*

O SACI
(Maldoso, gritando à Aurora)

— Não quer me contar, não é? Pois tropece no balde de tinta e quebre uma perna, Aurora! *(Ao público)* Tomara que o Sol rompa o noivado com a Iara agora mesmo. *(Olhando a platéia, ansiosamente)* Estou sentindo o calor do Sol mas não vejo o Sol brilhar! *(Espantado)* Ué! Não é o Sol quem vem chegando! É o empregado dêle, o Mormaço. *(Pelo lado oposto da platéia entra o Mormaço, um arqueiro vestido de amarelo e cinza, com arco e flechas côr de chumbo)*

O MORMAÇO
(Declamando, alto)

Abram alas, me dêem passo!
Sou do Sol o mensageiro,
Do Rei Sol do mundo inteiro.
Abram alas ao Mormaço!

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 465

A IARA
(Alarmada)

— O meu raio de sol? O raio de sol mais precioso da minha vida?

O SACI

— O mesmissimo, Rainha.

A IARA
(Lutando)

— É impossível!

A AURORA
(Indignada)

— É impossível!

AS ÁRVORES
(Juntas)

— É impossível!

O SACI
(Sarcástico)

— Neste caso, Iara, diga adeus ao pente mágico. Fique bem feia o resto da vida, com os cabelos verdes todos emaranhados. E quando o Sol chegar e avistar Vossa Majestade quero ver se Vossa Majestade canta: *(Arremedando a Iara)*

Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

Quero ver se o Sol repete: *(Arremedando o Sol)*

Tens cabeleira côr de esperança.
Dás esperança a quem te depara.

Quero ver, Vossa Graça! Vossa Graça, hein? Mas custa!

A IARA
(Em pânico, tirando o anel e entregando-o)

— Me dá o pente, Saci! Prefiro morrer a ficar feia. E se eu ficar feia o Sol será o primeiro a não gostar de mim.

O SACI
(Pegando o anel, rápido, e enfiando-o no bôlso)

— Tome o pente, Majestade! *(Devolve o pente)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 46

A IARA

(Reanima-se, enxuga os olhos e interpela o Mormaço)

Que faz meu noivo no espaço?
Respondei-me, mensageiro:
Ide ficar o dia inteiro
Sem vir me dar um abraço?

O MORMAÇO

(Encaminhando-se ao palco)

Vosso noivo está no paço
Dando audiência, sobranceiro.
Por isso manda Mormaço
Lhe servir de mensageiro.

Dizer que não há no espaço,
Que não há no mundo inteiro
Um amor tão feiticeiro
Feito o vosso. Me dêem passo!

(Sobe ao palco e se ajoelha aos pés da Iara)

Permiti que beije sua mão, Majestade? Sua mão real onde meu amo, o Sol, colocou um anel de noivado?

A IARA

(Escondendo a mão)

— Não posso. Machuquei a mão.

O MORMAÇO

(Levantando-se)

— Oh, que pena! Como foi isto, Vossa Graça?

O SACI

(Aparecendo, zombeteiro)

— Conte Vossa Graça! Conte como é que Vossa Graça machucou a mão! Conte como é que Vossa Graça perdeu o anel!

O MORMAÇO

(Penalizado)

— O anel? O anel maravilhoso que vosso noivo, o Sol, vos deu ontem?

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZON

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 467

A IARA

(Transtornada)

— Bem, eu... *(Sùbitamente resoluta)* Vou contar. Vou contar a verdade. *(O Saci põe a mão na bôca, admirado)* A gente não deve nunca esconder a verdade, aconteça o que acontecer! *(Ao Mormaço)* Dizei a vosso amo que o Saci me enganou. Como eu não quiz casar com êle prometeu se vingar de mim e a melhor vingança que achou foi ameaçar de contar a meu noivo que tenho um pente mágico que me faz bonita.

O MORMAÇO

(Ao Saci)

— Seu malandro! Você o que merece é uma boa surra!

O SACI

(Assustado)

Oh! oh! oh! oh!
Eh! eh! eh! eh!
Tem dó, dó, dó
Do Pererê!

(Sai pulando)

A IARA

(Prosseguindo)

— Aí fiquei com mêdo que o Sol descobrisse o segrêdo do pente e entreguei-o.

O MORMAÇO

— E que foi que o malandro do Saci pediu em troca do pente?

A IARA

— O anel de noivado! O raio de sol mais precioso da minha vida!

O MORMAÇO

(Consolando a Iara)

— Não se desespere, Vossa Graça. Logo que o Sol souber vai ficar tão triste que haverá de repente noite no mundo. Mas depois tenho a certeza que compreenderá sua tristeza e lhe perdoará porque o amor dêle é enorme. Meu amo virá

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, P. 468

vê-la de novo e dar-lhe-á outro anel, ainda mais lindo. Uma coisa apenas digo: o Saci será castigado! *(Inclina-se e se afasta pelo fundo)*

Abram alas! Me dêem passo!
Sou do Sol o mensageiro,
Do Rei Sol do mundo inteiro.
Abram alas ao Mormaço!

A IARA
(Feliz)

— Que bom, que bom, que bom! Mal posso acreditar em tanta felicidade!

AS ÁRVORES
(Dando-se as mãos e cirandando em tôrno da Iara)

Hoje é dia, hoje é dia,
Hoje é dia de festa!
Viva o riso de alegria,
Rainha da floresta!

A IARA

— Obrigada, obrigada. Mas primeiro vai ficar tudo escuro. *(Apontando o cenário, cujas luzes empalidecem)* Estão vendo? A estas horas meu noivo, o Sol, anda triste ao saber que entreguei meu anel ao Saci.

A QUARESMEIRA e a PAINEIRA
(Juntas)

— Mas depois vos dará outro raio de sol.

O IPÊ e o GUARABÚ
(Juntos)

— E depois o Saci será castigado.
(As árvores afastam-se aos risinhos para seus respectivos lugares) O cenário sombrio fica iluminado apenas por uma luz azul, como se fôsse de luar. A Iara senta na pedra e começa a cantar, risonha.

A IARA

Reino no reino das águas claras...
(Vendo que o Saci se aproxima cala e finge que está chorando)

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 469

O SACI
(Solícito)

— Não choreis, Iarinha, não choreis não!

A IARA
(Altiva)

— Com que direito você me chama de Iarinha? Mais respeito, por favor!

O SACI
(Saliente)

— Ora! Para que tanta cerimônia? Vossa Majestade vai acabar mesmo é casando camigo...

Perepepê
Poropopó!
Com Pererê
Da perna só!...

(Curvando-se, cômico) Quereis casar comigo? Ah! ah! ah! Já tenho o anel de noivado! *(Apalpa os bolsos com espanto)* Ué!... Que é do raio de sol? Que é do raio de sol que estava aqui? *(Vira o bôlso pelo avêsso, desesperado)* Perdi o raio de sol! Perdi o raio de sol!

A VOZ DO BEM-TE-VI

Ri, ri, ri!
Não tem jeito.
Bem-te-vi!
É bem feito!

AS ÁRVORES
(Em côro)

— Bem feito! Bem feito! *(Batendo palmas, juntas)*

Viva, viva! Viva, viva!
O Saci foi castigado!
Viva, viva! Viva, viva!
Perdeu o anel de noivado!

O SACI
(Furioso)

— Calem-se, bôbas! Nem tôda a floresta é amiga da Iara. Fiquem sabendo que tenho amigos, também. Há uns insetos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 470

pretos e vadios que são meus amigos e não gostam de você nem da rainha das águas. *(Chamando)* Insetos pretooos! Insetos pretooos!... Venham cá! *(Entram os pirilampos mas sem lanterna: êle de barbas e ela de cabeleira, completamente brancas)*

O SACI
(Aos insetos)

— Não é verdade que vocês são meus amigos?

OS INSETOS
(Juntos)

— Somos.

O SACI

— Não é verdade que vocês não suportam a Iara?

OS INSETOS
(Juntos)

— Não suportamos.

O SACI

— Pois provem, se têm coragem!

OS INSETOS
(Juntos)

— Temos.

O INSETO
(À companheira inseto)

— Vamos rogar uma praga?

A COMPANHEIRA INSETO

— Uma praga bem rogada. Uma praga para a Iara.

O INSETO
(Marcando o compasso como se estivesse regendo orquestra)

Tomara, tomara
Que a Iara enrouqueça!
Que tôda água clara
De lôdo escureça!

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 471

A Companheira Inseto
(Terminando)

Tomara que a Iara
Depressa envelheça!

Os Insetos
(Juntos)

Tomara, tomara
Que a Iara enrouqueça!
Que tôda água clara
De lôdo escureça!
Tomara que a Iara
Depressa envelheça!

As Árvores
(Furiosas)

— Êstes insetos pretos merecem castigo! Castigai-os, Majestade! Castigai-os!

A Iara
(Pensativa)

— Tendes razão.
(Ao público) Ao Saci não posso castigar porque o Saci não é meu súdito: é um gênio da floresta. Demais a mais já foi castigado. Mas aos insetos pretos posso. Posso e devo porque são uns invejosos e meus inimigos, à toa, à toa. *(Às árvores)* Qual é o castigo que devo dar aos insetos pretos?

As Árvores
(Juntas)

— Mandai-os procurar tôda a noite, a vida inteira, o raio de sol que o Saci perdeu!

A Iara
(Aos insetos, severa e majestosamente)

De hoje em diante, enquanto o mundo fôr mundo, todos os pirilampos estão condenados a procurar tôda a noite, a vida inteira, meu anel de noivado: o meu raio de sol que foi perdido! *(Os pirilampos abaixam a cabeça, saem correndo, voltam com lanterninhas verdes e começam a correr como se estivessem em busca de algo)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245, p-472

IARA

(Afastando-se, altiva, sob a música de arpejos)

Reino no reino das águas mansas
Meu reino é de água cantante e clara.
Verde poesia trago nas tranças.
Verde cantiga no canto de Iara.

(A cortina vai fechando e aparece Dr. Pirilampo, já sem barba, que lembra ao público)

DR. PIRILAMPO

Já viram como à noite os pirilampos
Piscam, piscam nos vales e nos campos
Feito olhos verdes numa noite escura?

(Pirilampinha aparece)

OS PIRILAMPOS

(Juntos)

Nenhum há-de encontrar o que procura!

FIM

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0245,p.473

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
577	08 DE AGOSTO 1984	08 DE AGOSTO 1989

TÍTULO: "O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

AUTOR (ES): STELA LEONARDOS

CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE:

Solange M. F. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: "O CASO DOS PIRILAMPINHOS"

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL CERTIFICADO Nº 577

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: LUIZ CABRAL DE HOLANDA *MANAUS/AM*

DECISÃO: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

Brasília , 08 DE AGOSTO DE 19 84.

GRC SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p 474

09 de agosto de 1984

1.402/84-SE/DCDP

AM

"O CASO DOS PIRILAMPINHOS", de autoria de Stella Leonardos.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 475

TEATRO

TÍTULO O CASO DOS PIRILAMPINHOS

AUTOR: STELA LEONARDOS

1) ARQUIVO

Clas. Anterior L I V R E

Praça SCDP/SR/AM

Obs.:

DF. 07 / Agosto / de / 1984

Resp. pela elaboração do Processo

RAUMIR ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado de acordo com requerimento de censura e com a classificação: impróprio para menores de LIVRE anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.:

Brasília-DF, 08 de agosto de 19 84

Elisio M. Pinto
TC - Mat. 1977

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE.

Brasília-DF, 08 de 08 de 19 84

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 08 / 08 / 1984

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.476

Recebi às 10:00
Em 30/09/86
mat. 6190636

29 SET 14 56 SR - DMG 470.087

BELO HORIZONTE 3534 25 291135A

DCDP/BSA

106/86/SCDP/290986 PT SOL INFO SIT PEÇA TEATRAL ''O CASO DOS PI-RILAMPINHOS'' VG AUT STELLA LEONARDOS PT

SR/MG

NNNN
TR AF-290986
REC POR+?../
((PL))AS291156

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.477

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

2ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data: 20 SET 1551 86

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

000127

POSIÇÃO:

ENDEREÇO

SCDP/SR/MG

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 746/DCDP de 30 _ 09 _ 86 ___ RERA NR 106/86-SCDP/MG VG INFO PEÇA "O CASO DOS PIRILAMPINHOS" CLASS LIVRE CERT VAL 080889 PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor: Raymundo Cubaquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p. 478

DE RIO/RJ 06949 25 180955

18 AGO 1954 007288

37781

DCDP/BSB

RD NR 261/87-SCDP/SR/RJ 170887 PT
SOL INF PEÇA TEATRAL APASPAS O CASO DOS PIRILAMPINHOS ASPAS AUT
ESTELA LEONARDOS PT

SR/RJ

DCDP

NNNN
TR POR ZM
REC POR

/
DITEL BSA
DPF SR RJ

18/10/87

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0245, p.479/479

RADIOGRAMA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....
Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

ENDEREÇO

SCDP/SR/RJO/RJ

TEXTO A TRANSMITIR

Nº481/DCDP de 20_ 08 _ 87___ RERA NR 256 ET 257 DT 130887 NR 261 DT 170887 SCDP/RJ VC INFO PEÇAS " NOH DE QUATROS PERNAS" LIB DEZOITO ANOS CERT VENC 180385 J.I. N/C "SONHE COM OS RATINHOS" CLASS LIVRE CERT VENC 150486 "O CASO DOS PIRILAMPINHOS" CLASS LIVRE CERT VAL 080889 PT DCDP

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

Assinatura ou rubrica do expedidor Ulmo. Heleno. Simão. Domingos.....
Chefe do SC - DCDP
Substituto

DPF—84

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF